

TCHIAGO INAGUE RODRIGUES

**AS PÁGINAS DE RUBEM BRAGA NA REVISTA *MANCHETE*
(1953-1957)**

ASSIS

2018

TCHIAGO INAGUE RODRIGUES

**AS PÁGINAS DE RUBEM BRAGA NA REVISTA *MANCHETE*
(1953-1957)**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).
Orientador: Alvaro Santos Simões Junior.

ASSIS

2018

B869.4
R696p

Rodrigues, Tchiago Inague.

As páginas de Rubem Braga na Revista Manchete (1953-1957) / Tchiago Inague Rodrigues.
– Assis, 2018.

223f.: il.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, SP, 2018.

Bibliografia.

Orientador: Alvaro Santos Simões Junior.

1. Crônicas brasileiras. 2. Rubem Braga. 3. Jornalismo e Literatura. I. Título.

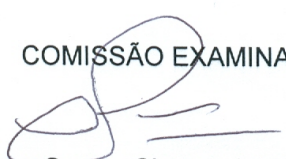
TCHIAGO INAGUE RODRIGUES

AS PÁGINAS DE RUBEM BRAGA NA REVISTA MANCHETE (1953-1957)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em LETRAS. (Área de Conhecimento: LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 31/01/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



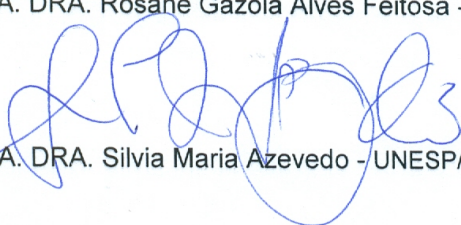
PRESIDENTE: PROF. DR. Álvaro Santos Simões Junior - UNESP/ASSIS



MEMBROS: PROF. DR. Luiz Carlos Santos Simon - UEL/Londrina



PROFA. DRA. Rosane Gazola Alves Feitosa - UNESP/ASSIS



PROFA. DRA. Sílvia Maria Azevedo - UNESP/ASSIS



PROF. DR. Mauro Nicola Póvoas - FURG/Rio Grande-RS

Às minhas tias-avós Célia e Neide Shiraishi

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Alvaro Santos Simões Junior, por todo o saber, respeito e, principalmente, conhecimento que me transmitiu nesses anos de orientação.

Aos meus queridos pais, eternos prefeito e primeira-dama de minha cidade natal, Presidente Bernardes, São Paulo.

Aos meus avós, irmãos e a todos familiares, especialmente, a minha querida tia Marinez.

Aos meus amados primos Omar e Yasmin Algazal por me ajudarem na coleta das edições da revista *Manchete* em Assis e São Paulo.

À família Denardi, pelo apoio e suporte em minhas estadias em São Paulo.

Ao professor Dr. Benedito Antunes pelos apontamentos tecidos na banca de qualificação e à professora Dra. Silvia Maria Azevedo pela contribuição ímpar na banca de defesa e de qualificação.

Aos professores Dr. Mauro Nicola Póvoas, Dr. Luis Carlos Santos Simon e Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa pelas considerações e os sábios apontamentos apresentados na banca de defesa.

Aos professores do programa de pós-graduação em Letras da Unesp de Assis, especialmente aos professores Dra. Ana Maria Carlos e Dr. Antonio Roberto Esteves.

À professora Dra. Renata Junqueira de Souza, pela oportunidade de cursar a sua disciplina na área de Educação e conhecer os diálogos que estabelecem com a Literatura.

Aos mantenedores da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), especialmente ao pró-reitor Guilherme de Oliveira Lima Carapeba.

Aos professores da Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente (FACOPP), especialmente ao casal Roberto e Carolina Mancuzo.

Às professoras queridas Luciane Cachefo Ribeiro e Marilani Soares Vanalli.

Aos meus colegas da Pró-Reitoria Acadêmica da Unoeste, especialmente à brilhante professora dona Darcy Alessi Delfim.

Aos todos os meus amigos, especialmente à Silvia, Arthur, Eurico, Hugo, Gabriel e Samuel;

A todos os meus amigos da pós-graduação;

Aos funcionários do setor de Pós-Graduação, sempre solícitos e prestativos.

Compreendeu que aquela máscara era, ou ficara sendo, sua única verdade, embora ela própria fosse falsa; se a sua própria vida era uma contrafação, a máscara era legítima. Vivera antes talvez com uma noção vaga, quase inconsciente, de que havia em si mesmo duas pessoas – uma era aquela de uso diário, a outra era a autêntica. Foi naquele instante que teve a intuição de que a autêntica não existia, ou existia tão misturada com a outra que não era mais possível separar: perdera-se, gastara-se em antigas lutas, em antigas paixões, no longo hábito de viver. (Rubem Braga - *Manchete*, edição n. 214 de 26 de maio de 1956).

RODRIGUES, Tchiago Inague. **As páginas de Rubem Braga na revista *Manchete*(1953-1957)**. 223f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho consiste em abordar de modo analítico-interpretativo os textos verbais e não-verbais inseridos na seção que Rubem Braga (1913-1990) manteve na revista *Manchete* (1952-2000) durante os anos de 1953 a 1957. Para tanto, buscamos retomar as fontes primárias e, assim, promovemos o levantamento, a indexação e a análise crítica. O trabalho teve o intuito de estudar e evidenciar o modo como as produções textuais que compõem o *corpus* dialogam entre si na coluna de Braga e constroem um sentido único ao leitor. Constatamos que tais produções, além de retratarem determinado período da história do Brasil, exercem um papel fundamental, pois desnudam e possibilitam compreender mais intimamente os aspectos sociais, culturais, políticos e intelectuais que nortearam o cronista capixaba durante a segunda metade do século XX. Esta tese também contribui para evidenciar outras facetas de Rubem Braga, visto não apenas como cronista, função com a qual alcançou sucesso de público e crítica, mas também no exercício do ofício de redator, colunista de hebdomadário, comentarista e importante intelectual da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Rubem Braga; Crônicas; revista *Manchete*; Jornalismo e Literatura.

RODRIGUES, Tchiago Inague. **The pages of Rubem Braga in *Manchete* magazine (1953-1957).** 223f. Thesis (Doctorate in Literature) - Faculty of Sciences and Languages and Literature. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

ABSTRACT

The main objective of this study is to investigate in an analytic-interpretative way the verbal and non-verbal texts inserted in the section that Rubem Braga (1913-1990) kept in *Manchete* magazine (1952-2000) from 1953 to 1957. For this purpose, we sought to resume reading the primary sources and, thus, promote data collection, indexing and critical analysis. The aim of this research was to study and highlight how the textual productions that make up the *corpus* interact with each other in the column of Braga and construct a unique meaning for the reader. We have found that such productions, in addition to portraying a certain period of the Brazilian history, play a fundamental role, since they unravel and make it possible to understand more closely the social, cultural, political and intellectual aspects that guided the chronicler from Espírito Santo State during the second half of the twentieth century. This thesis also contributes to point out other facets of Rubem Braga, seen not only as a chronicler, a role in which he achieved success with the public and critics, but also as editor, weekly columnist, commentator and important intellectual of the Brazilian society.

Keywords: Rubem Braga; Chronicles; Manchete magazine; Journalism and Literature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Modelo de catalogação.....	15
FIGURA 2 - Estreia de Rubem Braga na revista <i>Manchete</i>	17
FIGURA 3 - Capa da primeira edição da revista <i>Manchete</i>	23
FIGURA 4- Publicidade da revista <i>Manchete</i>	26
FIGURA 5 - A poesia é necessária.....	68
FIGURA 6- Intersecções dos campos de atuação dos perfilados.....	80
FIGURA 7 - Vem escrito nos livros.....	93
FIGURA 8 - Eduardo Anahory	105
FIGURA 9 - Carlos Thiré.....	106
FIGURA 10 - Eduardo Anahory - cosmopolitismo.....	107
FIGURA 11 - Eduardo Anahory - tradução intersemiótica.....	108
FIGURA 12 - Eduardo Anahory: Transpondo a cordilheira	111
FIGURA 13 - Carlos Thiré: o vaso de flores	113
FIGURA 14 - Eduardo Anahory: abstrato.....	114
FIGURA 15 - Carybé	115
FIGURA 16 - Maria Teresa Vieira.....	116
FIGURA 17 - Fernando Lemos.....	117
FIGURA 18 - Borjalo.....	118
FIGURA 19 - Augusto Rodrigues.....	119
FIGURA 20 - <i>Selfie</i> Rubem Braga	120
FIGURA 21 - Vitória de Samotrácia.....	122
FIGURA 22 - Sacha, o pianista.....	124
FIGURA 23 - Carybé e Newton Freitas.....	125
FIGURA 24 - Discurso de paraninfo.....	126
FIGURA 25 - Retratos <i>mug-shot</i>	128
FIGURA 26 - Gente da Cidade: <i>portraits</i>	129
FIGURA 27 - Carlos Thiré - <i>assemblage</i>	133
FIGURA 28 - Gente da cidade: <i>portraits</i> II	135

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Publicações dos perfis	79
--	----

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1 O PERIÓDICO: A REVISTA <i>MANCHETE</i>	19
2 FRACTAIS: A FORTUNA CRÍTICA.....	30
3 CRÔNICAS E INTERGENERICIDADE.....	39
3.1 Crônica e reportagem.....	44
3.2 Epistolar.....	52
3.3 Contos.....	59
4 ALÉM DAS CRÔNICAS: POEMAS, PERFIS, TRADUÇÕES E LIVROS.....	67
4.1 A poesia é necessária.....	67
4.2 Gente da Cidade.....	74
4.3 Concursos de traduções.....	85
4.4 Vem escrito nos livros.....	92
5 OS TEXTOS NÃO VERBAIS NA REVISTA <i>MANCHETE</i>	97
5.1 Desenhos e grafismos.....	103
5.2 Fotografias.....	119
CONCLUSÃO.....	138
FONTES PRIMÁRIAS.....	141
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	212

INTRODUÇÃO

É relevante iniciarmos esta tese ressaltando o fato de Rubem Braga, ao longo das décadas de 1930 a 1990, ter escrito inúmeros textos, basicamente crônicas, em diversos periódicos brasileiros. A partir da produção literária do cronista, elegemos como objeto de estudo os textos inseridos na coluna que o escritor possuía na revista *Manchete*(1952-2000) durante os anos de 1953 a 1957.

Esse recorte temporal foi devidamente selecionado, pois abrange publicações da revista a partir da estreia da coluna de Rubem Braga na edição nº 67, de 1º de agosto de 1953 à edição n. 272, de 6 de julho de 1957. Trata-se de um período em que o escritor publicou textos que vão além das famosas crônicas, pois há em suas páginas, inicialmente intituladas “Duas páginas de Braga”, uma miscelânea textual e visual, composta por poemas, perfis, concursos de tradução, pinturas e ilustrações. Após a edição nº272, o escritor capixaba passa a publicar semanalmente em sua coluna apenas uma crônica, algo que manteve até 1967, o seu último ano na revista.

Ao debruçarmos sobre esse determinado período, foi possível compreender o modo como o escritor percebeu e representou a realidade daquela época em seus textos. Tal fato proporcionou uma visão ímpar de um dos cronistas mais famosos do Brasil. Soma-se a isso a possibilidade de fornecer a futuros pesquisadores a indexação desta fonte primária, contendo a análise resumida e descritiva do conteúdo dos textos inseridos na referida seção.

Sendo assim, defendemos a tese que *esta seção teve o escopo de evidenciar um agrupamento artístico e literário*. Nessa seção Rubem Braga também buscou promover-se, criando em torno desse grupo uma aura de refinamento e sofisticação cultural.

Outra questão a ser destacada é o ineditismo do trabalho e do *corpus* selecionado. Ao promovermos o levantamento bibliográfico a respeito da fortuna crítica do escritor, encontramos apenas uma pesquisa que estabeleceu diálogos com o objeto de estudo desta tese. Trata-se da dissertação de mestrado defendida por Ana Maria de Souza em 2012, intitulada *No doce das crônicas de Rubem Braga, o testemunho de um narrador de alguns fatos de 1964 a 1967, nas páginas da revista Manchete*. Nesse estudo a pesquisadora coletou dados nas fontes primárias da década de 1960 e também trabalhou a maneira como os narradores do poeta bissexto abordaram o golpe de Estado nas páginas da revista. Assim sendo, esta pesquisa se justifica pela escassez de estudos e busca contribuir para o

enriquecimento da fortuna crítica do cronista. Há também a preocupação de compreender a produção literária de Rubem Braga, que não fica apenas marcada pela égide da crônica e do lirismo. Devemos vê-lo como um intelectual que percorre outras modalidades textuais e consegue muito bem transitar entre o jornalismo e a literatura.

A escolha e o desenvolvimento dessa temática é o reflexo de pesquisas anteriores realizadas pelo autor da tese, as quais começaram a partir de uma Iniciação Científica realizada em 2009, durante a graduação do curso de Jornalismo que buscou estudar as relações entre o Jornalismo e a Literatura nas crônicas de Rubem Braga, sob orientação da professora Dra. Édima de Souza Mattos (Universidade do Oeste Paulista - Unoeste). Posteriormente, foi defendida a dissertação de mestrado intitulada *As crônicas de Rubem Braga: a simbiose jornalística e literária*, em 2012, na Universidade Estadual Paulista de Assis, orientada pela professora Dra. Ana Maria Carlos. A dissertação, em linhas gerais, estudou as relações existentes entre jornalismo, literatura e crítica social a partir do primeiro livro publicado pelo escritor, *O conde e o passarinho* (1936).

Devemos ressaltar que o objetivo principal desta tese foi analisar de modo crítico-interpretativo os textos verbais e não-verbais inseridos na coluna de Rubem Braga na revista *Manchete* correspondente ao período de 1953 a 1957. Os objetivos específicos foram resgatar as fontes primárias e sistematizá-las; estudar as crônicas, perfis e ilustrações fornecidos nas páginas de Braga quanto à linguagem e quanto à presença da realidade histórica; destacar e analisar elementos estéticos, temáticos e estruturais que conferem qualidade artística aos textos escolhidos; observar como o escritor reconstrói a realidade da ficção em suas crônicas e, por fim, estabelecer as relações dialógicas entre o texto jornalístico e a literatura.

No tocante à metodologia do trabalho, é importante expor que o método de abordagem empregado foi o dedutivo, e utilizamos, como método de procedimento, duas modalidades atinentes às ciências sociais, que são: o histórico, que “[...] consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 106) e o comparativo, o qual promove a “investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles.” (GIL, 1999, p. 34).

Convém ressaltar que o processo de estudo foi segmentado em cinco grandes fases, a saber: a pesquisa bibliográfica sobre o tema escolhido; o estabelecimento das técnicas de registro de dados; a sistematização das crônicas de Braga escritas entre 1953 a 1957 na revista *Manchete*; a definição de técnicas de sua análise e, por fim, a análise propriamente dita.

O desenvolvimento desta tese teve início no segundo semestre de 2013, momento em que buscamos coletar, indexar e organizar as fontes primárias. Inicialmente pretendíamos estudar as páginas de Braga na revista *Manchete* correspondentes ao período de 1954 a 1964, recorte histórico que está localizado entre duas conjunturas políticas: de 1954, ano da morte do presidente Getúlio Vargas, até o ano de 1964, com a deposição política de João Goulart. Porém, conforme dissemos anteriormente, o escritor em meados de 1957 passou a publicar em sua coluna apenas uma crônica semanal, desse modo, a tese iria contemplar um período de transição no qual não seria possível ter uma visão holística dos poemas, perfis, ilustrações e outros textos publicados, uma vez que se estudaria apenas uma parte dessas produções e não o todo. Assim, buscamos priorizar o primeiro momento, estudar a produção literária desde o início da coluna, isto é, de agosto de 1953 a julho de 1957, totalizando 201 edições catalogadas.

É importante ressaltar que o acesso às páginas da revista *Manchete* não está disponível *on-line*; a coleção não foi sequer microfilmada e digitalizada. Desse modo, foi necessário realizar a coleta desse material. Primeiramente, entramos em contato com a Biblioteca Nacional; porém, os trâmites, os prazos, a distância e os custos inviabilizaram que a coleta fosse feita pela instituição.

Realizamos uma pesquisa *on-line* e identificamos alguns locais do estado de São Paulo que continham catálogo com edições da revista, porém nunca completos. Em julho de 2013 coletamos na capital do estado, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, alguns exemplares entre os anos de 1954 a 1964. Posteriormente recolhemos a maior parte do material em dezembro de 2013 no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), pertencente à Unesp, *campus* de Assis. Porém, o catálogo do CEDAP, apesar de conter boa parte dos exemplares da revista *Manchete*, não está totalmente completo. Após a leitura e indexação do material coletado, em reunião com o orientador, filtramos o período estudado e fomos atrás das edições ausentes. Faltavam doze edições que foram coletadas (fotografadas) na Hemeroteca da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo, em julho de 2015.

As páginas de Rubem Braga foram fotografadas a partir de um *ipad* (tablet). Para facilitar a coleta, no processo de fotografia, confeccionamos pequenas etiquetas de papel sulfite (impressas) contendo a edição, dia, mês e ano da publicação. A cada edição pesquisada, ao folhearmos e identificarmos a coluna do escritor nas páginas da revista *Manchete*, era destacada a etiqueta correspondente e, logo em seguida, colocada na parte superior da página da seção do escritor para, assim, realizar a captura da imagem. Após a coleta, os arquivos fotográficos selecionados foram renomeados e separados em pastas a partir do ano e data das

edições. A coleta demandou muito tempo, pois foi necessário manusear o material pesquisado (publicado há mais de seis décadas) com cuidado, vestindo luvas e máscaras. Todas as páginas estudadas foram lidas, analisadas e descritas na indexação da tese.

FIGURA 1 - Modelo de catalogação



O exemplo acima demonstra o método empregado na catalogação das edições da revista *Manchete*. Na parte superior da imagem é possível ver a etiqueta contendo a edição, dia, mês e ano da publicação que era inserida (sobreposta, sem qualquer emprego de fixador, cola ou adesivo) no momento da realização da fotografia e, logo em seguida, descartada. O manuseio das edições da revista foi feito com todo cuidado no intuito de evitar qualquer dano. Fotografia. *Manchete*, edição n.97, 27 de fevereiro de 1954. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis

Acreditamos que ter entrado em contato com centenas de exemplares da revista foi muito enriquecedor e benéfico para o desenvolvimento da tese. Ao folhear as páginas, observar as capas, os colunistas, o *layout*, a qualidade do papel e da impressão, as

publicidades e os assuntos veiculados, despertaram-se no pesquisador percepções únicas, pois se originaram de contato direto com o objeto de estudo. Também cremos que essa revista é um terreno fértil para promover outras pesquisas das mais diversas áreas do conhecimento como no campo da Comunicação Social, Design Gráfico e, especialmente, em estudos literários. A revista *Manchete*, eminentemente caracterizada como uma publicação de amenidades, colunismo social, associada ao forte apelo visual (fotografia e diagramação), também recepcionou escritores brasileiros que publicaram semanalmente em suas colunas ou esporadicamente textos literários. O hebdomadário nos remete à revista *Kosmos* (1905-1909) uma vez que buscou mesclar conteúdo noticioso com entretenimento.

Uma das inúmeras facetas da revista foi abordar um conteúdo mundano, focado nas personalidades da *high society* carioca e brasileira que frequentavam os lugares mais famosos e badalados daquela época. Acreditamos que a revista *Cruzeiro* (1928-1975) tenha sido a precursora nessas coberturas e, posteriormente, tal conduta foi adotada pela *Manchete*. Atualmente encontramos laivos desta prática do colunismo social e o forte apelo fotográfico na revista *Caras*.

Paralelamente à indexação, buscamos subsídios teóricos para que fosse possível escrever os capítulos desta tese. Esta é composta por cinco capítulos.

O primeiro, intitulado “O periódico: a revista *Manchete*”, busca, em linhas gerais, trazer elementos importantes para que seja possível compreender o estudo proposto. Para tanto, apresentamos a origem da revista *Manchete*, liderada por Adolfo Bloch, desde a criação, o apogeu e a falência, decretada em 2000.

FIGURA 2 - Estreia de Rubem Braga na revista *Manchete*



Estreia da página de Rubem Braga na revista *Manchete*. Fotografia. *Manchete*, edição n.67, p.52-3, 1º de agosto de 1953. Fotografia. Acervo Hemeroteca da biblioteca Mário de Andrade, São Paulo.

No segundo capítulo, intitulado “Fractais: a fortuna crítica”, abordam-se os principais estudos existentes em torno da obra e do escritor. Destacamos a escassez do material existente sobre o cronista referente ao período estudado e ao *corpus* escolhido.

No terceiro capítulo, intitulado “Crônicas e Intergenericidade”, evidenciamos as relações que as crônicas de Rubem Braga estabelecem com outros gêneros textuais como o conto, a reportagem e as cartas. Sabemos que essa modalidade textual é ampla, transita explicitamente nas esferas do jornalismo e da literatura e possibilita hibridizações com diversos gêneros. Os resultados dessas combinações podem gerar artefatos artísticos muito bem construídos.

O autor desta tese também se preocupou em estudar e discorrer a respeito dos outros textos inseridos na coluna do escritor. Sendo assim, no quarto capítulo, intitulado “Além das crônicas: poemas, perfis, traduções e livros”, foram feitas considerações a respeito dos poemas publicados sob a rubrica “A poesia é necessária”, os perfis escritos no item “Gente da Cidade”, os concursos de traduções e, por fim, os trechos de livros inseridos no tópico “Vem escrito nos livros”. Ao evidenciar esses outros textos, buscamos trazer à luz outras possibilidades de estudos a respeito de Rubem Braga e construir uma visão ampla de um intelectual perante a sociedade que vivia.

O capítulo cinco, intitulado “Os textos não verbais na revista *Manchete*”, teve o intuito de evidenciar de modo crítico-interpretativo o vasto repertório iconográfico publicado ao longo dos anos estudados nas edições da revista. Ao longo do capítulo são expostas ilustrações, pinturas e fotografias. A partir disso, podemos perceber Rubem Braga como um artista não apenas atento às questões literárias, mas também ligado no campo das artes plásticas. De modo geral, as ilustrações se coadunam com os textos impressos e transmitem, muitas vezes, ao leitor o zelo do cronista em transmitir uma uniformidade, equilíbrio entre os artefatos que eram publicados na revista.

Nas considerações finais, arrematamos os assuntos exteriorizados nos capítulos anteriores e tecemos observações a respeito da importância da coluna de Rubem Braga nas páginas da revista *Manchete* tanto para a fortuna crítica quanto para a cultura brasileira.

É importante destacar que do anexo intitulado “Fontes Primárias” constam detalhadamente o resumo das edições da coluna de Rubem Braga publicadas na revista *Manchete* que foram objetos de estudo desta tese.

Por fim, elaboramos o índice onomástico no intuito de facilitar a consulta e a pesquisa das personagens citadas nas páginas de Rubem Braga referente ao período selecionado para o estudo.

1 O PERIÓDICO: A REVISTA *MANCHETE*

Antes de ingressarmos especificamente no estudo das páginas da coluna de Rubem Braga, é imprescindível elucidar e explicitar algumas características peculiares desse tipo de veículo de comunicação e tratar da criação e do desenvolvimento da revista *Manchete* ao longo de sua existência.

O *corpus* selecionado para esta tese (1953-1957) compreende alguns anos da década de 1950, período situado entre o fim da Era Vargas e o início do governo de Juscelino Kubitschek durante o qual o país gozou de certa liberdade política e democrática. Essa época foi caracterizada pelo fomento às indústrias nacionais, a abertura para o capital externo e um investimento maciço em elementos de infraestrutura como aeroportos, rodovias, hidrelétricas e indústrias de base. A edição comemorativa dos 25 de anos da revista *Manchete* elencou inúmeros fatos ocorridos nesse período ao redor do mundo; entre eles, podemos citar a coroação da rainha britânica Elizabeth II, a queda do ditador argentino Juan Perón, o lançamento da nave russa Sputnik, as olimpíadas em Melbourne (Austrália) e o sucesso das canções de Elvis Presley.

Os hebdomadários, de modo geral, não diferem muito dos demais meios de comunicação. Porém, podemos afirmar que eles são mais segmentados e seletivos quanto ao público que pretendem atingir. Geralmente possuem um custo de produção menor se comparados aos outros meios como os televisivos e os jornais impressos diários (MIRA, 2008).

Além do público e preço, Fatima Ali (2009) elenca as principais características dos periódicos como a periodicidade (semanal, quinzenal, mensal ou por qualquer outro intervalo regular), durabilidade (as páginas são presas por grampos e o papel é de qualidade), beleza (o visual é bem cuidado, possuem capas com chamadas intrigantes, fotos elaboradas), identidade própria (os leitores se acostumam como o estilo da revista, sabem o que irão encontrar em suas colunas e seções fixas), é informativa, instrutiva e divertida (é um meio de aquisição de conhecimento e compreensão dos fatos da vida cotidiana), estabelece uma relação com o leitor (sendo renovada a cada edição), distrai e faz sonhar (ao entrar em contato com o periódico, o leitor anseia por experiências emocionais, estéticas e prazerosas). *Manchete* trabalhou na década de 1950 com todos esses aspectos ao máximo e marcou a vida dos brasileiros.

A maior dificuldade do editor/proprietário é a de manter a revista viva e, para conseguir esta proeza, faz-se necessário acompanhar rapidamente as mudanças e os anseios dos leitores. No caso da revista *Manchete*, conforme será visto nas páginas a seguir, coube ao seu proprietário e aos diretores muito esforço e empenho para que o periódico pudesse conquistar o público e, conseqüentemente, obter uma saúde financeira positiva.

De forma geral, as revistas são destinadas ao público com maior poder aquisitivo¹, pois são veículos que demandam familiaridade com a leitura e são consideradas como gastos supérfluos (MIRA, 2008). Tais asserções são pertinentes quando folheamos as páginas da *Manchete* no tocante às edições selecionadas pelo *corpus*. Notamos que as publicidades veiculadas versavam sobre diversos assuntos, como bancos privados, automóveis, cigarros, joias, eletrodomésticos e cosméticos. Estes produtos e serviços eram voltados aos consumidores das classes sociais mais elevadas. Aos seus leitores, também demandava maior proficiência e compreensão da língua, uma vez que o material jornalístico e literário publicado era sofisticado e elaborado.

Manchete foi um importante veículo de comunicação impresso do Brasil. Durante décadas influenciou e encantou seus leitores com as belíssimas fotografias e textos produzidos por grandes expoentes da literatura e do jornalismo brasileiro daquela época.

A revista pertenceu à família Bloch, judeus originários da Ucrânia que vieram refugiados para as terras brasileiras em dezembro de 1921, após a ascensão do regime comunista em Moscou. O patriarca do clã, Joseph, possuía uma gráfica em seu país e buscou abrir um estabelecimento no mesmo segmento assim que chegou ao Brasil. Teve nove filhos e coube aos três meninos, Bóris, Arnaldo e Adolpho, dar continuidade aos negócios do pai. Porém, os dois primeiros faleceram precocemente, e coube ao caçula, Adolpho, ao longo das décadas, comandar e ditar os rumos da empresa familiar.

Conforme dissemos acima, os Bloch, antes do lançamento da *Manchete*, trabalhavam no setor gráfico, administrando uma empresa situada na então capital do país, Rio de Janeiro. Através de suas poderosas máquinas, imprimiam uma miríade de produtos como gibis para o jornalista Roberto Marinho, títulos infantis editados por Adolfo Aizen e diversas revistas pouco expressivas naquela época (BLOCH, 2008). Também eram impressos rótulos, bulas, cartazes e embalagens industriais.

¹ É interessante ressaltarmos o fato de que apenas décadas após a criação da revista *Manchete*, mais especificamente em meados de 1990, os estratos sociais menos favorecidos financeiramente da população brasileira começaram a consumir revistas de preço baixo com assuntos relacionados à televisão e à vida doméstica: “Com a estabilidade da moeda, a população das classes C e D experimentou um aumento real dos rendimentos (pelo menos nos primeiros anos do Plano) e conseguiu, ainda que timidamente, entrar no chamado mercado consumidor.” (SCALZO, 2009, p.47).

O periódico não surgiu a partir de um percurso grandioso bem pensado e planejado, mas, sim, em decorrência do parque gráfico que possuíam, pois, mesmo com muitas encomendas, as rotativas ficavam ociosas nos finais de semana. Desta forma, “as luzes apagadas, a ausência dos zumbidos do equipamento, a falta do ruído seco da guilhotina em ação, toda essa trilha sonora industrial em *off* incomodava Adolpho Bloch” (GONÇALVES; MUGGIATI, 2008, p.27). Assim, a criação da revista está atrelada mais a questões de gestão e produtividade do que propriamente à propagação de determinadas correntes ideológicas.

Adolpho Bloch, em seu livro *O Pilão* (1978)², aponta como surgiu o interesse em criar uma revista:

Cansado da lupa, cansado da revisão, cansado de ser apenas impressor para os outros, eu tinha vontade de ser editor. Julgava que conhecia todos os segredos de uma empresa jornalística. Conhecia bem o meu trabalho, desde a fabricação do papel até o seu uso e impressão. Naquela época, tive oportunidade de fazer uma grande fábrica de papel e celulose. Minha sorte é que acreditava naquilo a que me dedicava. (BLOCH, 1978, p.19)

Antes mesmo de possuir um nome, o futuro veículo de comunicação impresso, tão sonhado e almejado por Adolpho Bloch, foi elaborado gradativamente a partir dos banhos diários de sol na orla carioca, mais especificamente no Posto 3, realizados pelo empresário em companhia de sua esposa Lucy e seu amigo Henrique Pongetti (BLOCH, 2008). Este o ajudou a compor o escrete de intelectuais da revista e, Lucy, dama da *high society* carioca e lisboeta, a partir de suas relações de amizade, angariou recursos para o marido e foi responsável por comprar imóveis e montar os escritórios da revista pelo país.

O nome *Manchete* surgiu a partir de ideia do primo do empresário, Pedro Bloch. A expressão é um jargão comumente empregado pela imprensa e leitores. A grafia fazia alusão à revista ilustrada francesa *Paris Match*, líder no mercado europeu naquela época. Esta, também, era o modelo de linha editorial segundo a qual Adolpho Bloch pensava em elaborar seu futuro veículo de comunicação. Em sua primeira edição, é apresentada ao leitor a origem para o título do periódico:

²Adolpho Bloch publica em 1978 seu livro contendo inúmeros artigos escritos para a revista ao longo dos anos. Na obra, há diversas fotografias sobre a trajetória do empresário. Além dos artigos, há o prefácio escrito por Otto Lara Resende e a entrevista realizada por Carlos Lacerda, intitulada “Bloch sobre Bloch” em 14 de novembro de 1970. O título do livro faz referência ao único bem que a família conseguiu trazer de sua terra natal. É importante salientar que a obra foi reeditada em 1988. Intitulada *O Pilão, 2º Volume*, além de apresentar novos artigos, foram publicados discursos, depoimentos de pessoas que conviveram com o empresário e muitas fotografias. O prefácio foi escrito por Arnaldo Niskier.

Um momento, leitor. Antes de tudo, o título. Na certa alguém dirá que nunca devíamos ter escolhido uma palavra estrangeira. Sobretudo, uma palavra francesa, com aquela terminação em *ette*, tão característica. O velhíssimo e sempre *Nouveau Dictionnaire Français-Portugais* revela o significado de nota marginal, entre outros. O *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, revisto pelo nosso maior coletor de brasileirismos, não inclui o usadíssimo termo *manchette* nem em seu apêndice de expressões estrangeiras frequentemente usadas por nós. Portanto, diante de silêncio tão estranhável quanto ilustre, não somente consideramos ‘Manchete’ uma palavra incorporada a nossa linguagem como resolvemos dispensá-la de carregar um *t* redundante que a fonética eliminou. Resta-nos dizer que o sentido tipográfico de Manchete (a nossa, agora com um só *t*) passou a ser sinônimo de cabeçalho, de grito gráfico, de valorização visual dos assuntos pela escolha de tamanho e tipo das letras. Passou a ter o significado de primeiro plano. (MANCHETE, 1952, p.3)

A primeira edição do periódico foi lançada numa quarta-feira, dia 23 de abril de 1952, embora a data impressa na capa fosse sábado, dia 26. Tal fato se repetiu ao longo de toda a sua existência, pois frequentemente a Redação concluía a edição às segundas-feiras. Durante as terças-feiras a gráfica imprimia as inúmeras cópias e o leitor recebia a edição sempre às quartas-feiras (GONÇALVES; MUGGIATI, 2008).

A primeira capa foi ilustrada pela bailarina do Teatro Municipal, Inês Litowski. A fotografia foi realizada no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, onde a bela jovem posa ao lado de um coche do século XVIII (MANCHETE, 1977). Ainda na capa da primeira edição há o destaque para dois textos jornalísticos intitolados “Uma grande reportagem de Jean Mazon” e “A verdadeira vida amorosa de Ingrid Bergman”. Esta edição trouxe a crônica “Cultive seu neto” escrita por Carlos Drummond de Andrade.

FIGURA 3 - Capa da primeira edição da revista Manchete.



Fonte: revista *Manchete*, edição n.1, 26 de abril de 1952. Fotografia. Google imagens.

A primeira edição elencava um seleto grupo de colaboradores, jornalistas e literatos, como Joel Silveira, Jean Manzon, Rui Pena, Otto Maria Carpeaux, Antonio Callado, Orígenes Lessa, Marques Rabelo, Manuel Bandeira, Cyro dos Anjos, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Pietro Maria Bardi, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. No entanto, o escritor capixaba, embora citado como colaborador em diversas edições, compõe a equipe de Adolpho Bloch apenas no segundo semestre de 1953, com a sua coluna “Duas Páginas de Braga”. Em diversas edições, ao longo das páginas, os escritores citados acima dividiram espaço com o autor de *O conde e o passarinho* (1936).

Cremos que a revista, ao fazer referência ao nome do cronista mesmo sem ele ter escrito sequer uma linha, tornava clara a intenção de engrandecer e enaltecer a publicação, pois é válido ressaltar que, no início dos anos 1950, Rubem Braga já tinha publicado livros e

escrito diversas crônicas para os principais veículos de comunicação e gozava de prestígio e admiração da sociedade brasileira. Outro ponto a ser destacado é a lista de intelectuais anunciados na primeira edição; muitos eram amigos íntimos e colegas de Rubem Braga. Eles frequentavam os mesmos ambientes e nutriam amizade de longa data. A partir disso, acreditamos que a entrada de Rubem Braga nas páginas da revista *Manchete* foi devido a dois principais fatores: o reconhecimento de seu trabalho e *ometier* intelectual do qual fazia parte.

A revista de Adolpho Bloch contou com muitos colunistas; entre eles, podemos citar o escritor e compositor Antonio Maria que, em meados da década de 1950, manteve a coluna intitulada “Pernoite”; Fernando Sabino durante quinze anos, a contar da primeira edição, manteve a coluna semanal inicialmente intitulada “Damas e Cavalheiros”, sendo posteriormente renomeada por “Sala de Espera” e, por fim, “Aventuras do Cotidiano”; Clarice Lispector com a coluna intitulada “Diálogos possíveis com Clarice Lispector” publicou entrevistas com grandes personalidades da época de maio de 1968 a outubro de 1969.

Manchete também possuía escritores/jornalistas consagrados trabalhando na Redação diariamente; entre eles, Raimundo Magalhães Jr., Carlos Heitor Cony, Macedo Miranda, Murilo Melo Filho, Lêdo Ivo, Joel Silveira e Cícero Sandroni.

O primeiro diretor-editor da publicação foi Henrique Pongetti. Ao desenhista industrial Wilson Passos coube diagramar e cuidar dos aspectos gráficos das páginas. O setor publicitário foi comandado por Dirceu Torres Nascimento.

Manchete estreia timidamente perante o mercado editorial de revistas. A primeira edição contou com 40 páginas e apenas quatro anúncios publicitários. Estima-se que a tiragem não tenha ultrapassado 30 mil exemplares, distribuídos no Rio de Janeiro e em São Paulo (GONÇALVES; MUGIATTI, 2008). Enquanto isso, a revista *O Cruzeiro*, publicação pertencente aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, fundada 1928, estava no auge, líder no segmento com tiragem de 550 mil exemplares semanais (NISKIER, 2012). Adolpho Bloch passou por diversas dificuldades no primeiro ano do lançamento do hebdomadário³.

Em 1953 a revista tomou fôlego e, a partir de 1954, a tiragem e as vendas subiram vertiginosamente. No início da década de 1960, *O Cruzeiro*, aos poucos, foi cedendo lugar a matérias pagas e isso refletiu na vendagem. Com o passar do tempo, o veículo impresso de “Chatô” sofreu o êxodo de importantes colaboradores e deixou de ser publicado com tiragens

³ “No primeiro ano, foram vendidos 1.146.329 exemplares de *Manchete*, cerca de 79% do total impresso. Embora não fosse expressivo para uma revista que dá os primeiros passos, o chamado encalhe – 308.276 – incomodava Adolpho. Para um gráfico, isso era puro desperdício de papel e tinta. Em 1953, foram impressos 2.868.374 exemplares e comercializados 2.672.899. O percentual de vendas sobre tiragens pulou para 93%. A partir de 1954, tiragem e vendas não paravam de subir.” (GONÇALVES; MUGGIATI, 2008, p.30).

semanais, algo que fazia desde a sua criação e, para agravar o problema, arcava com os prejuízos produzidos por *O Cruzeiro Internacional* (MORAIS, 2006). A *Manchete*, aos poucos, assume a liderança do segmento e consagra-se como a coqueluche da família brasileira.

Para compreendermos as páginas de Rubem Braga, é muito importante identificarmos a linha editorial que a revista adotou e seguiu como norte ao longo de sua existência. Podemos afirmar que se trata da coluna vertebral do periódico, a estrutura que norteará o limite e a liberdade dos jornalistas e escritores no momento da confecção, edição e publicação de seus inúmeros produtos (colunas, fotorreportagens, reportagens, notícias, entrevistas, publicidade, crônicas, artigos). Ali (2009) intitula esses preceitos por missão editorial e mostra que o texto que deslinda sobre ela é o mais difícil de escrever, pois concretizará a sua razão de ser. Afirma ainda que todos integrantes da equipe deveriam conhecer de cor a missão editorial e repeti-la como se fosse um mantra. Nesse sentido, a jornalista esclarece:

A missão é o fio condutor, o que mantém o editorial nos trilhos, um guia ao longo da existência da publicação. É como uma bússola que os navegadores consultam em busca de direção. Sem ela, o barco pode parar em terras estranhas ou bater nas pedras. Se os navegadores da redação não se guiarem pela missão, a revista pode se desviar do foco e se perder. Tudo pode mudar: o diretor de redação, a equipe, a tecnologia, o projeto gráfico, mas a missão tem de permanecer constante. Leia de novo. Isso é importante. A missão clara evita correções e mudanças de rumo que, em geral, custam tempo, dinheiro e desgaste das pessoas envolvidas. (ALI, 2009, p. 47)

É interessante observarmos o anúncio publicitário veiculado no jornal *Última Hora* em 23 de abril de 1952, dias antes do lançamento nas bancas de *Manchete*. Nele são abordados ao leitor os futuros caminhos que a revista pretendia seguir:

MANCHETE – NOVA REVISTA SEMANAL DO BRASIL.

O leitor pediu e nós fizemos:

- * Uma revista que fosse escrita para o Brasil, livre de compromissos com indivíduos ou com partidos, e que, embora contendo publicidade, não fosse apenas um veículo de matéria paga.
- * Que pudesse ser lida, sem as restrições da censura prévia, pela família brasileira;
- * Que não precisasse se transformar em púlpito para ensinamentos de moral, nem se confundisse com tribuna para defesa de ideais políticos.
- * Que não se especializasse neste ou naquele assunto, mas contivesse uma contribuição valiosa à educação, à cultura e à diversão de seus leitores.
- * Que, enfim, sem falsear a verdade, não fosse um repositório de lamúrias e de pessimismo.

Antes de traçar seu programa de trabalho **Manchete** consultou futuros leitores sobre o tipo de Revista ideal, e obteve, por maioria quase absoluta, as 5 respostas que passaram a ser o fundamento de sua própria orientação.

Dia 26 em todas as bancas – Cr\$ 5,00 Bloch Editores Ltda.

Rua Frei Caneca, 511 – fones 32-4655 e 32-0300 (ÚLTIMA HORA, 1952, p.2)

FIGURA 4- Publicidade da revista *Manchete*.

Manchete
A NOVA REVISTA SEMANAL PARA O BRASIL

O leitor pediu e nós fizemos:

- Uma Revista que fosse escrita para o Brasil, livre de compromissos com indivíduos ou partidos, e que, embora contendo publicidade, não fosse apenas um veículo de matéria paga;
- que pudesse ser lida, sem as restrições da censura prévia, pela família brasileira;
- que não precisasse transformar-se em púlpito para ensinamentos de moral, nem se confundisse com tribuna para a defesa de ideais políticos;
- que não se especializasse neste ou naquele assunto, mas contivesse uma contribuição valiosa a educação, à cultura e à diversão de seus leitores;
- que, enfim, sem falsear a verdade, não fosse um repatório de lamúrias ou de pessimismo.

* Antes de traçar seu programa de trabalho *Manchete* consultou seus futuros leitores sobre o tipo da Revista ideal, e obteve, por maioria quase absoluta, as 5 respostas que passaram a ser o fundamento de sua própria orientação.

DIA 26
EM TODAS AS BANCAS
CR\$ 5,00

Manchete

Bloch Editores Ltda.
RUA FREI CANECA 111 TELEFONE 32-4355 RIO DE JANEIRO

Fonte: *Última Hora*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1952, ano 2, Segunda Seção, edição n. 264, p.2. Acervo digitalizado do periódico disponível *on-line*.

A partir das asserções presentes no anúncio publicitário, percebemos claramente a linha editorial do impresso: uma publicação neutra, diplomática, distante de ideais políticos, com o intuito de retratar as coisas belas da vida a partir de inúmeras fotografias. Não há o escopo de confrontar ou denunciar os problemas que cingem a sociedade brasileira em seus inúmeros matizes. É definida por Niskier (2012) como um periódico alegre, comunicativo, sem qualquer intuito de agredir a quem quer que seja.

Tais pensamentos, salvo raras exceções, foram seguidos à risca ao longo de suas décadas de existência. O editorial da primeira edição discorre acerca dos ideais da publicação de Adolpho Bloch ao abordar o viés positivo sobre as belezas do nosso país:

Em todos os números, daremos páginas em cores e faremos o possível para que essas cores se ponham sistematicamente a serviço da beleza deste país e das

manifestações de seu progresso. O Brasil cresceu muito, e suas mil faces reclamam muitas revistas como a nossa, para mostrá-las. Ela será o espelho escrupuloso das faces positivas deste nosso país, assim como do mundo trepidante em que vivemos, e da hora assombrosa que atravessamos. (MANCHETE, 1952, p.3)

Essa visão otimista do Brasil impressa nas páginas da *Manchete* é fruto dos ideais de Adolpho Bloch, pois, ao lermos seus artigos publicados ao longo dos anos na revista, percebemos que o empresário concebe o país que o acolheu como uma terra produtiva, predestinada a um futuro promissor. No excerto abaixo, é possível identificar o ufanismo explicitamente:

[...] o Brasil continuou a sua marcha, assumindo o papel de grande potência. As obras que realizamos são necessariamente gigantescas. Somos um país-continente. Temos estados que são maiores do que a França com seus séculos de tradição e cultura. A indústria nacional é hoje uma realidade. A agricultura está caminhando para fazer do Brasil o celeiro do mundo. (BLOCH, 1978, p.209)

A história da imprensa brasileira está amalgamada à história do poder. Percebemos que os magnatas da comunicação sempre estabeleceram relações um tanto promíscuas com os representantes dos Poderes Judiciário, Legislativo e, principalmente, Executivo. A influência exercida pela imprensa no tocante à formação e manipulação das massas é tão intensa que muitos a intitulam como a detentora do “quarto poder”.

Essas aproximações ocorrem em decorrência da satisfação de interesses particulares e não em prol da sociedade. Com Adolpho Bloch a situação não foi diferente, pois desde a fundação da *Manchete* sempre buscou construir laços de amizade com os governantes. Algo que se iniciou no governo de Getúlio Vargas e foi mantido ao longo das décadas. Tal fato ficou evidente quando o presidente João Figueiredo transferiu ao empresário as concessões das extintas TV Tupi (Canal 6, Rio de Janeiro) e TV Excelsior (Canal 9, São Paulo), transformadas na TV Manchete (PENA, 2010). Entre os inúmeros concorrentes, a escolha do governo em conceder o canal de televisão a Adolpho Bloch foi justificada oficialmente de modo mambembe⁴, nesse sentido:

O ministro das Comunicações, Haroldo de Matos, garante que o critério da concorrência não é político. Segundo ele, o julgamento baseia-se no retrospecto dos candidatos em serviços de radiodifusão, avaliado entre as propostas que melhor atendem aos termos do edital. Mas o ministro não consegue enumerar os motivos da

⁴ No entanto, sabemos que neste período o país vivia sob a égide do regime ditatorial e era contraproducente disponibilizar um veículo de comunicação de massa para indivíduos dotados de ideologias avessas à ditadura. Adolpho Bloch não era partidário e, assim como a sua revista, não tinha o intuito de produzir conteúdos que afrontassem o governo.

derrota do Jornal do Brasil e da Editora Abril, uma vez que ambos apresentam condições técnicas para vencer o pleito. (PENA, 2010, p.221)

É interessante ressaltar que houve um momento em que o hebdomadário fugiu dos preceitos estabelecidos pelo empresário. A partir da edição nº25, de 11 de outubro de 1952, Hélio Fernandes, que já comandara *O Cruzeiro*, assume a direção geral da *Manchete*, sob a condição de poder trabalhar com total independência editorial. Adolpho Bloch confiou no trabalho do jornalista, uma vez que a revista não estava dando lucro.

Hélio inovou a revista em muitos aspectos editoriais, uma vez que substituiu as grandes reportagens por matérias mais sucintas acompanhadas de fotografias bem elaboradas; passou a publicar na capa, além de belas mulheres, figuras masculinas viris. Nesse período, há a estreia da coluna do cronista Rubem Braga (prestes a completar quarenta anos, era o mais velho dos colaboradores), da coluna social de Ibrahim Sued, do humor de Leon Eliachar. Tais estratégias fizeram alavancar as vendas. Porém, ao mesmo tempo, *Manchete* passou a se posicionar criticamente e a denunciar procedimentos irregulares de diversos setores da sociedade, como as Forças Armadas e as instituições de ensino privadas.

As inúmeras reportagens-denúncia fizeram com que a revista se tornasse “temida entre os poderosos e detestada por muitos, o que não estava nos planos. Assim que o alarme soou, Adolpho como um tubarão, passou a rondar a redação, falando sozinho” (BLOCH, 2008, p.180). Hélio, pouco tempo depois, sentindo-se tolhido pelas exigências do dono, pediu demissão e, logo em seguida, quem assumiu a direção, em meados de 1954, foi o mineiro Otto Lara Resende. *Manchete* volta a sua linha editorial inicial, encerra o jornalismo investigativo e passa a registrar eminentemente as belezas da natureza e da cultura do povo brasileiro.

Dessa forma, percebemos que, a partir da leitura do *corpus* selecionado, Rubem Braga se coaduna aos preceitos epistemológicos de Adolpho Bloch. São publicadas em suas páginas belas crônicas, poemas, perfis, concursos e ilustrações, a grande maioria discorre sobre amenidades, coisas simples e belas da vida. Quando tece algum comentário crítico, o faz de modo generalizado, sem especificar determinada pessoa, salvo em raras exceções quando critica o governo de Getúlio Vargas.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, por trás dos preceitos, das aspirações e da gestão da família Bloch, o sucesso da revista *Manchete* também se deve aos inúmeros jornalistas, escritores e fotógrafos que contribuíram e dedicaram parte de suas vidas ao veículo. Os créditos do êxito do hebdomadário divergem dependendo do ponto de vista assumido, conforme esclarece Carvalho (2007):

Há quem afirme, por exemplo, que foi sob o comando de Nahum Sirotsky que *Manchete* se tornou um sucesso; há quem diga que foi a chegada de Justino Martins e seu conhecimento da fotografia que transformou a revista; foi Alberto Dines quem mudou tudo, afirmam seus simpatizantes; Niskier acredita que foi a morte de Kennedy, já nos anos 1960, que atraiu a atenção para as páginas grandes e coloridas do semanário; fãs de Otto Lara Resende juram que foi sua passagem pela publicação dos Bloch e o convite aos cronistas que deu personalidade à revista; e Hélio⁵ acredita que, ao colocar as mãos na revista, salvou-a do desaparecimento. (CARVALHO, 2007, p.367-368)

A partir da citação acima, é interessante refletirmos que não foi apenas um indivíduo ou um fato isolado gerador do sucesso de *Manchete*, mas, sim, a conjuntura desses e muitos outros. Nesse sentido, a contribuição de Rubem Braga também foi importante, pois o cronista se manteve incólume, anos a fio, à sucessão dos diversos diretores da revista, às crises econômicas, aos acontecimentos políticos e sociais. Não permaneceu por acaso e sorte; sua colaboração reside, através da escrita, no enriquecimento cultural dos leitores, no fortalecimento de determinado grupo intelectual do qual fazia parte, na divulgação de seus textos. O próprio escritor, diversas vezes em seus textos, se intitula como um “simples cronista”, definição um tanto humilde, pois ao debruçarmos nesta tese sobre a sua coluna na revista, notamos que transcende esse ofício e se firma como um importante intelectual de seu tempo.

Dentre as seções e colunas inseridas na revista *Manchete*, ao longo dos anos estudados, identificamos que a seção do cronista capixaba não possuía um lugar específico. Podemos afirmar que as páginas de Rubem Braga, no decorrer das edições, transitavam entre os textos inseridos no meio da revista. Sua coluna não era publicada na primeira e nem na última página. Em algumas edições a seção foi publicada nas páginas que dividem a revista ao meio, ou seja, no miolo onde se coloca o grampo para prender as folhas.

Para melhor compreensão da forma e do conteúdo empregado nos textos do poeta bissexto, é relevante nos debruçarmos sobre a sua fortuna crítica, que será abordada no próximo capítulo.

⁵ O texto faz referência ao jornalista Hélio Fernandes que assumiu o cargo de diretor-geral da revista *Manchete* no início da década de 1950.

2 FRACTAIS: A FORTUNA CRÍTICA

Conforme dissemos no capítulo anterior, para o entendimento desta tese é imprescindível trazer à luz os estudos promovidos por pesquisadores brasileiros que abordaram como tema central o escritor Rubem Braga e seus textos literários, privilegiando, no caso em questão, os que versam exclusivamente sobre suas inúmeras crônicas publicadas ao longo das décadas do século XX em periódicos ou que foram posteriormente recolhidas em antologias.

Davi Arrigucci Jr., no ensaio “Onde andarás o velho Braga” (1979), sintetiza o peso que todo crítico literário carrega ao se debruçar sobre os textos do cronista capixaba. Em sua opinião, “Rubem Braga é um autor de acesso fácil e imediato para quem o lê, mas extraordinariamente difícil para quem quer falar criticamente do que leu” (ARRIGUCCI JR., p.159).

Tal asserção é pertinente, pois, ao promover o estudo crítico dos textos bragueanos, identifica-se o paradoxo existente entre a forma e o conteúdo. Ao mesmo tempo em que notamos a recorrência de temas simples, relacionados ao cotidiano, universais, os quais o escritor empregou ao longo da vida, como a natureza, o mar, as mulheres, o campo, a infância, a cidade do Rio de Janeiro e Cachoeiro do Itapemirim, sua cidade natal. Há também a presença de construções textuais complexas, marcadas por recursos estilísticos literários devidamente engendrados ao longo do texto⁶.

Os escritores/jornalistas reiteradamente recorreram e recorrem à factualidade, aos acontecimentos rotineiros como matéria-prima para tecer suas crônicas. Tal peculiaridade é intrínseca à natureza do gênero. Rubem Braga não foge à regra; porém, o tratamento concedido aos fatos corriqueiros do cotidiano ganha outra dimensão e valoração quando são abordados por ele. Nesse sentido, o professor Davi Arrigucci Jr na obra *Enigma e comentário* (1987) ressalta o estilo literário único do cronista capixaba, uma vez que mescla elementos variados que vão desde a tradicional oralidade dos antigos narradores (contadores de histórias) à bagagem dos cronistas modernos associados à imprensa e ao árduo trabalho nas

⁶ “[...] uma prosa cheia de achados de linguagem, conseguida a custo, pelejando-se com as palavras: um vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato; uma frase em geral curta, com preferência para a coordenação, sem temer, porém, curvas e enlaces dos períodos mais longos e complicados; uma sintaxe, enfim, leve e flexível, que tomava liberdades e cadências da língua coloquial, propiciando um ritmo de uma soltura sem par na literatura brasileira contemporânea.” (ARRIGUCCI JR. 1987, p.30)

metrópoles. Carlos Nejar (2007) também tece considerações a respeito do estilo empregado pelo cronista e o descreve da seguinte forma:

Seu estilo é, por natureza, substantivo, catando as essencialidades do cotidiano e tornando mágico este novo breve tempo de amar, sofrer, viver. Não perde palavras pelo caminho – para não correr o risco de, como migalhas de pão, serem comidas pelos pássaros. Nem deixa que se percam pelo seu amor incansável a elas, que o amam e sempre amaram. Nele o adjetivo é ouro, qualificando os seres e coisas com parcimônia e beleza. (NEJAR, 2007, p.430)

A escritora Lygia Marina Moraes, na obra *Conheça o escritor brasileiro Rubem Braga* (1979), discorre a respeito de aspectos biográficos e literários do cronista. Em certo momento, a autora também discorre sobre o estilo da escrita do poeta bissexto. Aponta que ele não possui um estilo literário, porém um modo único de escrever. Tal genuinidade no ato da escrita reflete-se na adoção de um caráter lírico marcante. Este lirismo é evidenciado e respaldado de modo majoritário por críticos literários como Arrigucci Jr. (1979), Moisés (1979), Sá (1999) e Simon (2011).

Jorge de Sá, em *A crônica* (1999), ressalta que as crônicas bragueanas são lírico-reflexivas e mesclam a razão e a emoção num compasso do constante processo de pensar e repensar. Na obra *A criação literária* (1979), Massaud Moisés discorre sobre a crônica e os diálogos que ela estabelece com outros gêneros literários como o poema, o ensaio e o conto. Para o professor, muitos textos de Braga constituem relações com o poema e ele os intitula como prosa poética ou poesia em prosa. Por sua vez, Simon, em *Duas ou três páginas desprentensiosas* (2011), aponta que o lirismo do cronista transcende a sua obra, pois se trata de uma prática recorrente adotada por outros escritores coetâneos como Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Antônio Maria.

Para promover essa pesquisa bibliográfica da fortuna crítica no tocante às teses e dissertações, buscamos como ponto de partida e referência o livro *Cadernos de Literatura Brasileira* n. 26 (2011), publicado pelo Instituto Moreira Salles, e a dissertação de Mestrado *Rubem Braga: a simbiose jornalística e literária* (RODRIGUES, 2012). As primeiras publicações (teses e dissertações) a respeito da produção literária do cronista foram confeccionadas a partir do início da década de 1990. Entre os estudos, está a dissertação de Maria de Lourdes Patrini, intitulada *Rubem Braga: um cronista de guerra e paz* (1991), que tem como *corpus* o livro *Crônicas da guerra (com a FEB na Itália)*. Nesse trabalho, encontramos a análise aprofundada de crônicas escritas durante as viagens realizadas por Rubem Braga, inclusive aquelas escritas nodecorrer da Segunda Guerra Mundial. Patrini

(1991) aponta que o cronista discorreu a respeito de assuntos sociais e políticos e, a partir de tais textos, é possível esboçar um perfil da história do nosso país. Ainda neste estudo, são pertinentes os apontamentos da autora em relação ao narrador dessas crônicas, uma vez que nelas predomina a conversa informal, intimista, na qual procede da seguinte maneira:

[...] simulando a conversa com alguém, inventando um personagem, entremeando de diálogos a narrativa, semeando no texto a presença de personagens a quem ele empresta a voz, intercalando em meio à primeira pessoa uma terceira pessoa, identificando-se ou não, com tais personagens, apresentando-se em primeira pessoa e nomeando-se na mistura de sua fala com uma terceira pessoa que parece acompanhá-lo no seu relato. E, às vezes, fazendo apresentações formais: “mas vamos contar uma história que aconteceu uma noite com ele”. (1991, p.208)

Ao longo das décadas, em alguns estudos, o tema contemplado foi o lirismo, a poeticidade das crônicas de Braga; entre eles, podemos citar a tese de doutoramento de Vera Márcia Paráoli Silva Vidigal Milanesi, intitulada *Poética da crônica de Rubem Braga* (1995). No capítulo intitulado “A musicalidade discreta: um poder encantatório”, a autora estuda a textura sonora (poeticidade e musicalidade) dos textos do cronista. Ela aponta que tais estratégias são exercidas e evidenciadas de modo muito pessoal pelo autor, pois a prosa poética de Rubem Braga é identificada a partir de reiterações imagéticas segmentadas em três grandes eixos: as imagens da casa, da infância e do outro.

A dissertação de Mestrado de Maria do Carmo Molina Dias, intitulada *A crônica de Rubem Braga: exercício de sedução* (1996), também trabalha com o lirismo nos textos do escritor e expõe que as suas crônicas possuem elementos discursivos que promovem a sedução do leitor. Para explicar essa relação simbiótica e sedutora entre o escritor e o leitor, são evidenciados ao longo do estudo crítico conceitos semióticos. A “sedução” ocorre a partir do modo como o cronista redige e desenvolve os temas:

[...] há na crônica de Braga uma espécie de assédio verbal ao leitor, que vai de simples apóstrofes a confidências sobre as mazelas do ofício de cronista. O destinatário é frequentemente interpelado, sugerindo-se assim que exerça influência no discurso. Esse procedimento pode levar o leitor, ainda que de forma não consciente, a crer-se competente para comungar ideias e, consequentemente, merecer deferências da voz que se manifesta no texto. Então, mais facilmente entrega-se a ela. (1996, p. 14-15)

A poeticidade da crônica bragueana também foi objeto de estudo na dissertação de Mestrado de Ana Maria Junqueira Fabrino, intitulada *Rubem Braga e a transformação do gênero: a crônica poética* (2001). Neste trabalho a autora define o objeto de estudo a partir de crônicas eminentemente poéticas, mostra que esses textos ultrapassam o gênero que os

definem e, conseqüentemente, estabelecem comunicação com outros dois gêneros, o conto e a poesia, e assim, “[...] por mesclar esses aspectos, ela desfaz fronteiras e permite abrir novos caminhos, impondo uma revisão do conceito desse gênero” (2001, p.14).

Ainda no ano de 2001, com Ricardo Luis Meirelles dos Santos, na dissertação *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*, a temática bélica voltou a ser objeto de estudo. O pesquisador estudou textos escritos por Rubem Braga para o jornal *Diário Carioca* de fevereiro de 1944 a abril de 1945. Foram estudados e indexados textos inéditos da coluna que o cronista possuía no periódico, intitulada “Ordem do dia”. Santos (2001) analisou o contexto social e histórico que permeava a imprensa brasileira daquele período. Assim como Patrini (1991), constatou o discurso intimista utilizado pelo cronista com os seus leitores, podendo ser identificado, por exemplo, no emprego reiterado da primeira pessoa do plural. Conclui que os textos de Braga produzidos enquanto esteve na Itália como correspondente de guerra estavam mais relacionados aos fatos e acontecimentos do cotidiano *dospracinhas* do que aos desdobramentos e resultados *dofront* e da própria guerra: “A construção da intimidade, nesse caso, parece contribuir para dar, a seu relato sobre a atuação dos soldados brasileiros na Europa, um caráter menos de campanha nacional do que de aventuras de certa maneira individuais” (2001, p.136-137).

As imagens dos horrores gerados a partir da Segunda Guerra, presenciados por Rubem Braga, estão registradas em diversas crônicas, entre elas, “A menina Silvana” e “Cristo Morto”. É interessante ressaltar que tais fatos bélicos foram tão marcantes que, posteriormente, ao longo de sua carreira literária, *flashes* desse conflito foram reiteradamente pauta de suas crônicas, muitas construídas nos formatos de diário (reminiscências), contos e notícias. Porém, paralelamente à recorrência temática desse evento, havia outros assuntos que apetreçavam o escritor de modo positivo e com os quais ele expunha todo o lirismo que possuía; entre eles, destaca-se a fascinação pelo mar. Nesse sentido, a dissertação de Mestrado de Ana Paula Ramão da Silva, *Imagens do mar nas crônicas de Rubem Braga* (2005) discute essa relação. Segundo a autora, o mar, para o poeta-bissexto, representa:

[...] a possibilidade da experiência com que lhe é mais caro: o inefável, o lírico, o humano. Muitas são as imagens que se retiram das crônicas que trazem o mar em primeiro plano. Essas imagens dialogam com as existentes em outras obras. Nesse diálogo, há afirmação, cumplicidade, complementaridade, negação, superação. (2005, p. 114).

Para Silva (2005), a partir das crônicas que versam sobre esse tema é possível obter um olhar único no qual muitas estabelecem diálogos com outros grandes escritores; relaciona-

se, por exemplo, com o tom heroico de Camões, o exacerbamento de Castro Alves, o mítico de Fernando Pessoa e a sensualidade de Jorge Amado.

Com mais um estudo sobre a presença poética nas crônicas do escritor, publicou-se a dissertação de Edanne Madza de Almeida Cunha, intitulada *Rubem Braga: uma poética do cotidiano* (2005). A autora busca traçar marcas poéticas recorrentes nas crônicas de Braga, as quais são responsáveis por promoverem a transição do jornalismo para a literatura. Para isso, o *corpus* selecionado são algumas crônicas que compõem a antologia *200 Crônicas Escolhidas*.

Alexandre Bonafim Felizardo apresenta em sua dissertação de Mestrado intitulada, *A graça poética do instante: poesia e memória na obra de Rubem Braga* (2006), o modo como Rubem Braga aborda a memória e as relações que os seus textos estabelecem com a poesia. Destaca que as reminiscências, inseridas nas crônicas a partir dos relatos dos pequenos atos rotineiros do dia a dia, transformam-se em fonte fecunda da poesia. Esses fatos do cotidiano, de acordo com o autor, promoveriam a epifania no receptor/leitor. De acordo com o autor, essa manifestação “sempre será uma chave de acesso ao universo braguiano, pois serão esses momentos intensos de existência, em que o real se revela em seu êxtase e iluminação [...]” (p. 160).

Ainda no ano de 2006, José Geraldo Batista defendeu em sua dissertação de Mestrado, intitulada *Casa dos Braga, de Rubem Braga: retratos de uma morte feliz* (2006), as relações entre a obra *Casa dos Braga: memória de infância* (1997) com a fotografia, uma vez que o livro, segundo o estudioso, pode ser interpretado como algo fragmentado, composto por recortes de personagens e paisagens.

Na dissertação de Mestrado intitulada *Os espaços poéticos de um cronista contador* (2009), de Joana Leopoldina de Melo Oliveira, estudam-se as crônicas publicadas por Rubem Braga no jornal *O Estado de São Paulo* entre os anos de 1988 e 1990. Nesses textos, a autora afirma que há a mesma recorrência temática adotada pelo cronista ao longo da vida; porém, ressalta que as viagens e os espaços vividos ou sonhados agora são poéticos, sendo retratados a partir da memória, na qual ele “[...] explora os espaços do interior, por isso fala de assuntos que sempre fizeram parte de sua vida e do seu ofício como cronista, mas eles agora são vistos poeticamente através da memória” (OLIVEIRA, 2009, p.108).

A partir dos estudos mencionados acima, podemos notar a comprovação da expressiva relação do cronista em conceder, ao longo dos textos, um tom lírico e poético aos seus textos. A construção de suas crônicas poéticas tem por trás a influência do pós-simbolismo (ARRIGUCCI JR, 1987), evidenciado na imagem do grande poeta da primeira fase

modernista, Manuel Bandeira. Tal fato foi posteriormente confirmado pelo próprio escritor em 1966. Essas relações entre os dois escritores foram estudadas em 2009 por Aline Rezende de Almeida Lima, na dissertação de Mestrado intitulada *Uma poética da naturalidade: ecos de Manuel Bandeira nas crônicas de Rubem Braga*. A pesquisa em questão evidencia que, enquanto as crônicas do escritor capixaba se aproximavam da poesia, os poemas de Bandeira se relacionavam com a prosa, uma vez que o escritor pernambucano empregava recursos típicos da narrativa como enredo, diálogos e personagens, descentralizando, desse modo, a voz poética. Assim, ambos se aproximavam, nesse sentido:

Bandeira e Braga falam de coisas pequenas, praticam uma “poesia despoetizada” que, embora aparentemente simples, a exemplo do *haikai* japonês, conserva um alto grau de complexidade. Uma leitura mais atenta, revelou, por trás da linguagem “descompromissada”, um esmero na seleção dos vocábulos, no trabalho com elementos sonoros e sintáticos que conferem uma profunda carga expressiva ao discurso de ambos os escritores, acabando por elevá-los à esfera do sublime (LIMA, 2009, p. 97).

A interação do homem com a cidade foi o tema de estudo da dissertação de Mestrado de Luciano Antonio, *A cidade de Rubem Braga: o espaço urbano nas crônicas* (2010). Nessa pesquisa é relevante evidenciarmos a relação que o autor estabelece entre Rubem Braga com outros três grandes escritores brasileiros, Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto. Todos escreveram algumas crônicas que tinham como foco a cidade. Antonio considera ser esse assunto reiterado por todos eles no que se refere à divisão geográfica e socioeconômica. Porém, de acordo com o pesquisador, o cronista capixaba também insere em seus textos o tratamento ficcional eo aspecto lírico, não assumindo o papel de um observador distante, pois, ao discorrer sobre a cidade, encontra-se amalgamado a ela, atuando de diversas maneiras:

[...] o cronista imprime no texto ângulos diferentes como resultado da projeção dos personagens vivenciando esses conflitos e não simplesmente exemplificando situações generalizadas, comuns dentro dos espaços da cidade. Por isso, a expressão da subjetividade do “eu” que fala no texto, ao invés de reduzir o foco na cidade ao plano de quem a observa, na crônica de Rubem Braga tem efeito contrário, pois aprofunda nos detalhes vistos por quem está imerso nos inúmeros espaços urbanos. Desse modo, o cronista capixaba cristaliza o caráter lírico-confessional da crônica, e, com isso, também se afasta do ritmo de comentarista, seja do tom mais analítico de Alencar ou mais irônico e corrosivo identificados nos textos de Machado, distanciando, também daquela tendência autobiográfica comum aos textos de Lima Barreto. (p. 179)

A tese de Doutorado intitulada *A grande dor das coisas que passaram: a recordação contemplativa na crônica de Rubem Braga* (2012), elaborada por Cícero Nicácio do Nascimento Lopes, emprega como *corpus* a obra *A borboleta amarela* (1955) e nela

demonstra que a temporalidade é a recorrência temática na qual há a presença de um narrador que revisita o passado, embebido pela instauração de um momento poético, sendo determinado por fatos externos (efeitos e sensações sinestésicas) e internos (subjetivos e idiossincráticos).

Ana Maria Souza, na dissertação de Mestrado intitulada *No doce das crônicas de Rubem Braga, o testemunho de um narrador de alguns fatos de 1964 a 1967, nas páginas da revista Manchete* (2012), buscou estudar crônicas publicadas pelo escritor na *Manchete* no período político marcado pelo início do regime militar no Brasil. A partir desse contexto, estudou o modo como os narradores de Braga deram enfoque ao golpe de Estado nas páginas da revista. Tais relatos foram tecidos a partir de um olhar crítico acerca do contexto da época e o depoimento sobre assuntos relacionados à censura, greve, corrupção e subversão.

Ainda em 2012 foi defendida a tese de Doutorado intitulada *Rubem Braga com a FEB na Itália: crônicas-reportagens, literatura de notícia*, de José Geraldo Batista, que elegeu como *corpus* a antologia de crônicas *Com a FEB na Itália*, que também fora estudada por outros críticos literários décadas atrás. O autor buscou pesquisar o valor de registro histórico desta obra e evidenciar as marcas da subjetividade do narrador, pois sustenta o pensamento de que existe uma tensão entre os focos narrativos clássico, moderno e pós-moderno. Ainda destaca que foi possível encontrar nessas crônicas, em que o escritor revela a vivência da Segunda Guerra, a narrativa de cunho jornalístico, “[...] próxima da reportagem, na medida em que a experiência *in loco* parece favorecer a afirmação da atualidade, da objetividade e da imparcialidade jornalísticas” (BATISTA, 2012, p.139).

Em 2014, Anelize Vergara defendeu a dissertação de Mestrado intitulada *Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939)*. Neste estudo, a autora buscou analisar quais foram as principais questões e problemáticas levantadas pelo escritor. Também promoveu um mapeamento de seu posicionamento político e intelectual durante os primeiros anos do Estado Novo. Para realizar tal pesquisa, Vergara estudou os textos do cronista que foram escritos simultaneamente em três periódicos: o jornal *O Imparcial* (1935-1942) e as revistas *Diretrizes* (1939-1944) e *Revista Acadêmica* (1933-1948). Apesar do escritor nesse período não defender explicitamente nenhum partido, é possível identificar que:

Braga mostrava clara oposição aos regimes de extrema direita e inquietação diante dos caminhos seguidos pelo regime político recém-instaurado entre nós, haja vista o elogio aos países democráticos, ao nacionalismo e à preocupação com as camadas mais pobres. É possível indicar forte disposição do cronista a um liberalismo mais à esquerda. (VERGARA, 2014, p.150).

Recentemente a editora Autêntica publicou uma coletânea de três livros reunindo textos inéditos, veiculados em diversos periódicos, de autoria de Rubem Braga. Convém ressaltar que essas publicações vão além das crônicas e apresentam outras modalidades textuais. Na obra *Os segredos todos de Djanira & outras crônicas sobre Arte e Artistas* (2016), organizado por André Seffrin, são, com efeito, apresentados perfis de diversos artistas publicados na seção “Gente da Cidade” da revista *Manchete* entre os anos de 1953 a 1956. Também foram arroladas crônicas e outros textos publicados em diversos veículos de comunicação⁷, nos quais o escritor redigiu comentários sobre inúmeros intelectuais. Assim, o organizador da coletânea expôs o importante papel que o cronista exerceu no campo das artes:

[...] denunciou ameaças à livre criação dos artistas, teorias e métodos estranhos à arte, comprometimentos com modas ou políticas escusas. Nessa gangorra de um sistema de arte por vezes burocrático demais e de pouca confiabilidade, registrou o que, por conveniência ou falta de coragem, era silenciado pela maioria: a deficiência dos salões oficiais, os júris suspeitos, os governos que não honravam prêmios e outros idênticos escândalos que, embora em novas plataformas e mentalidades do meio artístico, ainda nos perseguem. (SEFFRIN, 2016, p.254-5)

Compondo a coleção mencionada no parágrafo acima encontramos o livro *Bilhete a um candidato & outras crônicas sobre política brasileira* (2016), organizado por Bernardo Buarque de Hollanda. O autor discorre sobre 108 crônicas escritas em um período que engloba as décadas de 1940 a 1980, que estão circunscritas em torno do tema política. O escritor aborda com mestria essa atmosfera e evidencia apontamentos únicos sobre os desdobramentos da política brasileira ao longo do século XX. A respeito desse livro, é relevante trazer à luz o pensamento do organizador da obra sobre o papel exercido pelo escritor no âmbito político: “atuou ao longo de sua existência como um fiscal do poder, em prol das causas que lhe pareciam legítimas ao povo. Pode-se dizer que a política foi constitutiva de sua vivência” (HOLLANDA, 2016, p.250).

Por fim, a antologia *Os moços cantam & outras crônicas sobre música* (2016), organizado por Carlos Didier, é composta por crônicas e perfis de inúmeros compositores, intérpretes e cantores, principalmente brasileiros. O repertório musical apresentado por Rubem Braga, ao longo das décadas de 1930 a 1990, é amplo e diversificado, pois abrange cantores e compositores desde Noel Rosa, Villa-Lobos e Dorival Caymmi até Rita Lee.

⁷ Os textos indexados foram publicados em diversos periódicos, entre eles, podemos citar *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Diário de Minas*, *Manchete*, *O Globo*, *Visão*, *Última Hora*, *Ele & Ela*, *Revista Nacional* e para o *Jornal Hoje* da emissora Rede Globo. Os textos coletados abrangem o período de 26 de setembro de 1948 a 14 de outubro de 1990.

Assim, a partir da fortuna crítica apresentada, vimos o caleidoscópio que se compõe dos estudos da produção literária do escritor quando observados por diversas perspectivas, seja pelo modo como ele seduzia o leitor, a temática da Segunda Guerra, a maneira de imprimir aspectos poéticos em suas crônicas, entre outros. Porém, é importante destacarmos que a sua obra carece de muitas outras pesquisas, tanto em torno do material publicado, que foi previamente selecionado e recolhido em antologia, quanto daqueles veiculados em diversas revistas (além das páginas da *Manchete*) e inúmeros jornais espalhados pelo Brasil afora que ainda não foram revisitados e avaliados sob o olhar crítico dos estudiosos na área.

A propósito, é importante ressaltar o fato de que há estimativas do escritor, no decorrer da vida, de ter escrito mais de quinze mil crônicas. Todo esse material ainda requer mais estudos, pois esses textos, principalmente as crônicas publicadas em livros e pesquisas representam uma importante, porém pequena parcela de suas produções. Essa quantidade de material “esquecido” e perdido na memória dos leitores brasileiros é de suma importância, pois, ao longo da vida, o escritor empregou bem a sua função de cronista e retratou nessa infinidade de textos, reflexos e sentimentos do seu tempo vivido. Porém, Rubem Braga transcendeu papel de cronista e se evidenciou como um importante intelectual brasileiro associado a grupos modernistas de pensadores dos quais também fazia parte. Cabe aos futuros pesquisadores, assim como no trabalho realizado na coletânea recém-lançada sobre textos inéditos do cronista (2016), procurar produções que vão além do lirismo e da crônica, questões reiteradamente estudadas e apontadas pela fortuna crítica. É necessário identificar e estudar de forma mais sistemática outras facetas de Rubem Braga ainda ocultas para o leitor contemporâneo.

3 CRÔNICAS E INTERGENERICIDADE

Neste capítulo, buscamos promover a análise crítico-interpretativa das crônicas inseridas nas páginas de Rubem Braga na revista *Manchete* a partir dos diálogos que elas estabelecem com os diversos gêneros textuais existentes; entre eles, a reportagem, a epístola e o conto. Para tanto, partimos dos ensinamentos do intelectual Mikhail Bakhtin (1997) ao discorrer sobre essa pluralidade de gêneros:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p.280)

Assim, de acordo com o autor, podemos pensar que a língua estabelece uma relação simbiótica com a vida, na qual uma influencia a outra. O escritor russo ainda destaca que os enunciados concretos desnudam as finalidades e as peculiaridades de determinado campo do conhecimento humano, a partir do conteúdo temático, do estilo da linguagem (seleção lexical, fraseológicas, gramaticais) e por sua construção composicional.

Nesse sentido, sabemos que a crônica, ao longo dos tempos, foi-se transmutando e ganhando contornos específicos que a defina tal qual a conhecemos na contemporaneidade. Acreditamos que se trata de um gênero que transita entre as esferas do jornalismo e da literatura⁸ e, por possibilitar esse intercâmbio, buscaremos evidenciar, a partir das crônicas de Rubem Braga, as relações de intergenericidade que esses textos estabelecem com outros gêneros.

Entendemos que os gêneros textuais são conjuntos de enunciados escritos e orais, frutos das inúmeras e complexas relações sociais humanas, inseridas tanto em âmbito público quanto privado. São suscetíveis às mudanças em decorrência do tempo e de questões sociais e culturais. Nesse sentido, compartilhamos da conceituação proposta por Marcuschi:

⁸Nesse sentido, convém expor o pensamento do professor Marcelo Bulhões: “A crônica é considerada um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário. Uma forma híbrida, portanto, vivendo uma condição ambivalente. Pelo menos no Brasil esse é o conceito moderno triunfante. Embora ainda pare sobre ela algum menosprezo, como se se tratasse de uma filha bastarda da literatura, é inegável que a crônica foi e continua sendo um gênero amado e muito praticado” (BULHÕES, 2007, p. 47)

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

Estabelecer relações entre as crônicas de Rubem Braga com diversos tipos textuais existentes é relevante, pois teóricos tanto da área da Literatura quanto do Jornalismo, ao classificá-las as associam a outros gêneros textuais. A partir disso, é interessante expor o pensamento do professor Carlos Ribeiro (2001):

[...] as crônicas de Rubem Braga não se ajustam à uma classificação estática e intransigente dos gêneros, nem à hierarquização que alguns querem lhes impor. Diversos críticos têm alertado para a flexibilidade das crônicas do autor capixaba, que algumas vezes se aproxima da estrutura formal do conto e, em outras, dos chamados poemas em prosa. Aproximações estas que não se realizam apenas do ponto de vista formal, mas também, sobretudo, no aspecto de qualidade estética dos textos, que se equiparam, muitas vezes, ao que de melhor já se produziu na literatura brasileira. (RIBEIRO, 2001, p.64)

Para compreendermos melhor esse gênero eminentemente brasileiro, é interessante ressaltarmos que a crônica possui os periódicos, jornais e revistas, como veículo original, sendo posteriormente em parte transportadas para os livros em antologias editadas por críticos, editoras ou pelo próprio escritor. O foco narrativo, em muitos casos, corresponde-a em primeira pessoa do singular, em narrativas que representam os fatos do dia a dia de modo simples e informal. A temática empregada é muito ampla, pois nela se englobam fatos noticiosos, acontecimentos corriqueiros e emoções pessoais. Nesses textos os escritores traçam perfis de todo tipo de coisas, animais e pessoas. Eles também discorrem sobre sentimentos, desejos, elementos que retratam de certo modo o cotidiano ou os anseios e medos da sociedade em que vivem. Essas narrativas são essencialmente subjetivas, buscam se aproximar do leitor através da pessoalidade; para isso, muitas vezes, promovem diálogos entre o eu do cronista e o eu do leitor. São textos relativamente breves, inseridos em espaços pré-selecionados nos periódicos, no que José de Alencar intitularia “ao correr da pena”. Ao refletir sobre algumas das principais características, podemos concluir que se trata de um gênero simples de ser estudado, porém, por ser amplo e híbrido, torna-se complexo. A este propósito, convém expor um excerto da apresentação da obra *História em cousas miúdas* (2005):

Tão complexas quanto romances ou contos, as crônicas apresentam também características específicas que devem ser levadas em conta para sua análise. A bem da verdade, muitas dessas características são comuns a outros gêneros, o que reflete a fluidez e artificialidade das separações estanques entre eles, e sublinha

entrecruzamentos e interseções que embaralham definitivamente qualquer tentativa de taxionomia positiva a esse respeito. (CHALHOUB, S; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M., 2005, p. 12)

Eduardo Portella (1977) ao discorrer sobre crônicas aponta que elas não possuem fronteiras claramente especificadas e, desse modo, estabelece diversas conexões entre as esferas do jornalismo e da literatura. Aponta que esse gênero pode-se aproximar do conto, ensaio ou até mesmo do poema em prosa. Ressalta, porém, que, entre todos esses gêneros que dialogam com a crônica, o ensaio é aquele mais divergente à índole desse tipo textual, pois o ensaísta trabalha com estrutura e vocabulário diversos da crônica, e muitos que tentaram associar os dois gêneros tiveram produções infelizes. Para Portella (1977), há apenas um escritor ensaísta que, ao praticar/dedicar-se à crônica, obteve êxito: Gilberto Freyre. Notamos que em poucos textos de Rubem Braga da revista *Manchete* há nuances desse tom ensaísta; porém, acreditamos que suas crônicas fogem desse perfil e se aventuram em outras searas.

O professor Massaud Moisés (1979) também aponta conexões entre a crônica e outros gêneros literários. Para o teórico, essa modalidade textual atinge o *status* eminentemente literário quando “deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo. De onde surgem os dois tipos fundamentais de crônica: a crônica-poema e a crônica-conto” (MOISÉS, 1979, p.250). Neste capítulo iremos abordar em um subitem específico a segunda modalidade conceituada pelo estudioso, pois há muitos textos de Rubem Braga que transitam entre essas duas esferas.

As crônicas brasileiras são classificadas por Afrânio Coutinho (1986) em cinco grandes modalidades: a crônica poema-em-prosa, evidenciada por seu caráter lírico, no qual, segundo o autor, se enquadrariam os textos do cronista capixaba; a crônica narrativa, caracterizada por estabelecer diálogos com o conto; a crônica comentário, marcada por abordar criticamente os fatos do cotidiano; a crônica-informação, composta por fatos jornalísticos que são ressaltados e comentados pelo cronista, e, por fim, a crônica metafísica, composta por elementos antropológicos e filosóficos. Essa classificação, de acordo com o autor, não é hermética, pois é recorrente que cronistas promovam a miscelânea de gêneros em um mesmo texto, não se prendendo a nenhum deles de modo permanente, uma vez que é da própria natureza do gênero ter mobilidade, ser irregular e flexível.

Na mesma linha de raciocínio, Antonio Candido (1992) aponta a transitividade do gênero entre a Literatura e o Jornalismo, exercendo o papel de principal produto *sui generis* do jornalismo literário no Brasil. O professor destaca que o escritor, ao redigir uma crônica capaz de transmitir amadurecimento e conhecimento, recorre a diversas modalidades textuais

como o diálogo, o conto, a narrativa, a anedota, a poesia e a biografia, ou seja, a uma pluralidade de discursos que se imbricam no intuito de proporcionar uma boa crônica. Na produção cronística de Rubem Braga também são encontradas essas modalidades imiscuídas em várias publicações veiculadas nas páginas da revista *Manchete*.

É válido ressaltar que o estudo das crônicas não está atrelado apenas aos teóricos do campo das Letras, pois também são estudadas por comunicólogos. Nesse âmbito, encontra-se a obra de Luiz Beltrão (1980), *Jornalismo Opinativo*, que classifica esses textos como eminentemente jornalísticos. As crônicas devem ser analisadas quanto à natureza temática e o enfoque dado. Entre os aspectos temáticos encontramos a crônica geral, que adota uma temática ampla e generalizada; a crônica local, configurada por ser restrita aos espaços urbanos em que o cronista retrata os fatos do dia a dia e exerce o papel de “porta-voz” da população e, por fim, há a crônica especializada, intitulada crônica-comentário, que consiste em abordar determinado assunto de alguma área específica do conhecimento humano. No tocante ao tratamento do tema, a crônica pode ser “sentimental”, quando desperta a emoção, a sensibilidade do leitor ao trabalhar questões épicas, líricas e pitorescas numa linguagem ágil. Nesse sentido, empregam-se mais gerúndios e não há no tratamento temático a densidade dialética. Há as crônicas “analíticas”, que empregam uma linguagem rebuscada, sóbria, semelhante ao ensaio científico; nelas adotam-se a brevidade e a objetividade na exposição dos fatos; as “satírico-humorísticas”, caracterizadas pelo emprego da ironia, por ridicularizar e criticar seres, coisas e fatos com a intenção de advertir ou entreter o receptor. A partir de sua teoria, é importante destacar que discordamos do teórico ao classificar as crônicas como um gênero eminentemente jornalístico, uma vez que elas também dialogam expressamente com a Literatura ao trabalhar com a escolha das palavras, a subjetividade e todos os outros recursos que são pertinentes à arte da palavra.

José Marques de Melo (1994) assinala que a crônica transita pelas esferas do Jornalismo e da Literatura por ser constituída de várias espécies; porém, o teórico a classifica como gênero eminentemente jornalístico, uma vez que tem o caráter opinativo. É relevante também apontar os estudos promovidos por esse pesquisador em obra posterior, na qual discorreu sobre o modo como as crônicas são compostas e estruturadas pelos países vizinhos de língua hispânica. Melo (2005) conclui que essa modalidade textual em território luso-brasileiro é um gênero jornalístico opinativo; já nos países de língua hispânica assume o papel de gênero jornalístico informativo⁹.

⁹ O professor peruano Juan Gargurevich, na obra *Nuevo Manual de Periodismo* (1987), apresenta importantes definições do gênero, pois acredita que as crônicas fazem parte do gênero informativo, escrito em ordem

Uma vez exposta essa variedade de classificação da crônica tanto na esfera do Jornalismo quanto no campo da Literatura, é interessante salientar o fato de que os diálogos entre os gêneros evidenciados nas páginas a seguir buscaram respaldo a partir das teorias expostas acima. Temos o intuito de evidenciar a volatilidade e a capacidade das crônicas de Rubem Braga de dialogar com as diversas modalidades textuais.

Também é importante para este estudo, além de evidenciarmos os conceitos pertinentes à classificação e as relações que a crônica estabelece com outros gêneros textuais, observarmos algumas questões atinentes às análises interpretativas e os diálogos que as crônicas constituem entre si. Para isso, recorreremos aos ensinamentos de Umberto Eco.

De acordo com o teórico italiano, é necessário compreender o artista, o cronista, como um indivíduo que constrói a sua obra de modo fechado, acabada em si, com o escopo de que seja compreendida e aceita da maneira como a produziu. Porém, o escritor ressalta:

[...] no ato de reação à teia dos estímulos e de compreensão de suas relações, cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual. (ECO, 1971, p. 40)

Assim, a análise interpretativa das crônicas também está sujeita ao conhecimento de mundo e as experiências vividas pelo “intérprete”; desse modo, o resultado torna-se único e peculiar. É também pertinente destacar o posicionamento do teórico em questão em outra obra, momento em que esclarece que o texto “é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões” (ECO, 2005, p.45). Porém, cabe a esse “tradutor”, imerso em um universo de possibilidades, ter extrema cautela no momento da análise, no intuito de coibir distorções graves que resultem em superinterpretação, ou seja, ir além do que o texto realmente exprime.

cronológica e se diferenciando da nota informativa uma vez que esta não prescinde de acontecimentos da atualidade imediata, mas, sim, apenas a forma estética jornalística. O teórico em seu livro também apresenta os conceitos sobre crônica a partir de grandes pensadores latino-americanos. “Martín Vivaldi propone: ‘La crónica periodística es, en esencia, una información interpretativa y valorativa de hechos noticiosos, actuales o actualizados, donde se narra algo al propio tiempo que se juzga lo narrado’. Así pues, Vivaldi coloca a la crónica como género híbrido, entre informativo y de opinión. [...] María Julia Sierra, en cambio, coloca a la crónica dentro de los géneros informativos. Esta es su definición ‘La crónica es um género de la literatura periodística eminentemente informativo, y por lo tanto, con una colocación lógica dentro del periodismo, por cuanto em toda narración hay siempre una tendencia informativa’. [...] Raúl Rivadeneira explica: ‘La palabra crónica sugiere inmediatamente la expresión cronología, relación en la que el elemento tiempo o más precisamente la sucesión temporal de un hecho, determina la estructura de la noticia. Acontecimientos deportivos, viajes, sucesos políticos y otros, son aptos para la crónica periodística. No se trata de una sujeción de incidentes relevantes del mismo, dentro de una sucesión ordenada’.” (1987, p. 112-113).

Desse modo, Umberto Eco (2005) defende que todo intérprete deve sempre usar a justa medida no intuito de coibir a excessiva e infinita plussignificação textual, assim comonão ficar restrito e atrelado a um único significado.

As análises a seguir estabelecem diálogos com alguns gêneros textuais. A partir dessas relações é possível ter acesso às crônicas de Rubem Braga na revista *Manchete* a determinados dados políticos, econômicos, históricos, sociais e culturais daquele período no Brasil, ou seja, meados da década de 1950. Soma-se a isso o papel exercido pelo cronista como um agente que promove e valoriza determinados segmentos da intelectualidade brasileira, transmitindo e construindo uma imagem culta e sofisticada aos seus leitores.

3.1 Crônica e reportagem

A partir da indexação e interpretação do *corpus* eleito, foi possível identificar a relação dialógica de algumas das crônicas de Rubem Braga com a reportagem, gênero jornalístico que pode ser conceituado da seguinte forma:

A reportagem é o gênero jornalístico que, ao explorar os meandros de determinada realidade, tenta descobrir, se não a verdade, uma aproximação equiprovável de veracidade entre o fato e o sistema que o gerou, com o papel de discutir e questionar a incidência e as consequências do distúrbio que se produz em forma de texto. Um texto que é, em essência, mais rico e mais trabalhado. (GUIRADO, 2004, p. 110)

Sabemos que as crônicas são eminentemente ficcionais, porém muitas são construídas a partir de fatos oriundos do cotidiano; nesse sentido, o escritor capixaba lança mão desses acontecimentos e os emprega com mestria em seus textos a partir de uma linguagem literária.

De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), o namoro entre o Jornalismo e a Literatura resultou em algumas produções textuais peculiares como o livro-reportagem, o conto jornalístico e a reportagem-crônica. Esta última pode ser configurada como um texto com caráter mais circunstancial e ambiental, próximo à crítica social e à opinião velada¹⁰. Assim sendo, encontramos, no *corpus* selecionado, muitas crônicas que se enquadram na categoria, principalmente com o intuito de denunciar e opinar a respeito de

¹⁰“Talvez possamos estabelecer assim a distinção entre reportagem e crônica: a primeira *mostra* fatos e faz com que o olho do leitor penetre, através do repórter, em espaços desconhecidos; a segunda não pretende que o leitor apenas *veja* os fatos: quer fazer enxergar o que está por trás deles.” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.94)

questões que envolvem a sociedade brasileira, tais como a enorme desigualdade social e os problemas de urbanização da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a crônica “Morro”, publicada na edição n.95, de 13 de fevereiro de 1954, retrata o descaso da sociedade com os menos favorecidos, que vivem em condições precárias. O autor opina e adota o tom crítico, emprega a primeira pessoa do plural e se encaixa nos preceitos da reportagem-crônica proposta pelos teóricos citados acima:

Pois ficaria claro que o problema não é apenas do morro; é de toda a cidade. Não podemos pretender uma vida limpa e sadia ao sopé de milhares de famílias doentes e sujas. O morro se vinga do desprezo da cidade cusindo-lhe em cima, para usar uma expressão extremamente delicada. O remédio, portanto, é higienizar os morros. E um bom negócio para nós. (E “um bom negócio” é uma expressão que comove mais facilmente os corações do asfalto que “uma boa ação”). (BRAGA, 1953, p.58)

Ao analisar o *corpus*, também identificamos um escritor atento ao ambiente físico, que apresenta em suas narrativas detalhadamente o tempo e o espaço da ação, nos remetendo à figura do jornalista João do Rio (1881-1921), que tão bem retratou a sociedade carioca durante as primeiras duas décadas do século XX. Investido no papel de repórter-*flâneur*, buscou *in loco*, como fonte de inspiração, servindo também de matéria-prima para escrever seus textos, as ruas do Rio de Janeiro. Foi do lixo ao luxo, frequentava festas em barracos de favela e palácios luxuosos, entrevistando de pessoas anônimas a celebridades da época. Em muitas crônicas-reportagens, Rubem Braga exerceu o papel de repórter-*flâneur* no sentido de observar o meio que o cinge sem pressão e grandes comprometimentos; “o *flâneur* se deixa mover pelo acaso e não disfarça o deslumbramento diante do que vê” (BULHÕES, 2007, p.111).

Em alguns momentos, essa função exercida pelo escritor é explicitada no próprio texto, como, por exemplo, na crônica “O aventureiro”, publicada na edição n. 80 em 31 out. 1953. O cronista vai a São Paulo a trabalho e, ao perambular pelas ruas, encontra-se sozinho e “perdido” em meio à grande quantidade de prédios e à multidão de pessoas. Esse ato de andar e registrar as ações que o rodeia é impressa de modo um tanto peculiar que somente o poeta bissexto consegue transmitir:

Entro em um bar ao acaso, mas também não vejo nenhum conhecido; e beber sozinho seria mais triste do que tudo. Agora não procuro mais ninguém; estou apenas vagando pelas ruas, integrado nesse fluir infindável de homens – um homem calado no meio deles, um desconhecido entre desconhecidos, apenas amparado por essa vaga solidariedade feita de alguma coisa frágil e ao mesmo tempo de hostil, de prevenção e de identidade, que une os transeuntes da mesma rua. (BRAGA, 1953, p.45)

Outro ponto a ser destacado é o fato de que João do Rio e Rubem Braga, mesmo em épocas diferentes, buscaram retratar o tempo em que viveram, porém com abordagens estéticas distintas. João do Rio usou ingredientes “de noturnismo decadentista de fins do século XIX” (BULHÕES, 2007, p.109); já Rubem Braga foi influenciado pelo movimento modernista da década de 1930 e o emprego recorrente do lirismo em seus textos ao longo da trajetória literária.

O Braga *flâneur*, investido na figura de escritor-repórter, é evidenciado na revista *Manchete* em muitas crônicas que abordam a cidade como tema principal. Porém, essa característica não está presente apenas nos textos selecionados, pois notamos que, ao longo da vida, o escritor capixaba muitas vezes teceu crônicas dialogadas com a reportagem ao descrever e transmitir as sensações que sentia ao conhecer novas paisagens. É válido ressaltar que o cronista residiu e visitou inúmeros lugares dentro e fora do país como, por exemplo, França, Chile e Marrocos (de 1961 a 1963 foi o embaixador do Brasil). Posteriormente, se estabeleceu definitivamente na cobertura do edifício Barão de Gravatá, no bairro Ipanema, Rio de Janeiro, local em que construiu literalmente um jardim suspenso, assinado pelo paisagista Roberto Burle Marx, onde viveu por décadas.

Pelos lugares que conheceu, visitou e residiu, o escritor Rubem Braga sempre escreveu crônicas ou reportagens narrando suas percepções. Em 1928, ingressa no campo do jornalismo ao atuar como colaborador do jornal *Correio do Sul*, publicação ligada ao Partido Republicano, destinada aos moradores de sua cidade natal, Cachoeiro do Itapemirim. Esses primeiros textos foram crônicas ou artigos de opinião na área da economia e política. Com uma alma cigana, percorrendo inúmeros lugares, o escritor atuou como jornalista para diversos veículos de norte ao sul do país. No intuito de respaldar tal asserção, tomemos como exemplo, a peregrinação do jovem cronista no início da década de 1930, nos veículos de comunicação de Assis Chateaubriand, os *Diários Associados*, nos quais exerceu o ofício de repórter. Para esta empresa, trabalhou nos jornais mineiros o *Diário da Tarde* e o *Estado de Minas*; depois se mudou para São Paulo e escreveu para o *Diário de São Paulo*. Em seguida, morou no Rio de Janeiro e colaborou nos periódicos *O Jornal*, *Diário da Noite* e revista *O Cruzeiro*. Pouco tempo depois, foi trabalhar no *Diário de Pernambuco*, do Recife.

Devemos ressaltar que o escritor, ao longo da vida, trabalhou e enriqueceu com seus belos textos as páginas dos principais periódicos espalhados pelo Brasil escrevendo até os últimos dias de sua vida, encerrando sua contribuição à sociedade brasileira no jornal o *Estado de São Paulo*, em 18 de dezembro de 1990, um dia antes de sua morte.

A relação simbiótica entre a literatura e o jornalismo encontrada nos textos bragueanos é constante. Porém, em alguns momentos, há a predominância do jornalista sobre o escritor e vice-versa. Acreditamos que, em três antologias, há a prevalência do cronista investido na função de repórter de viagem em detrimento ao seu estilo marcado pela poesia em prosa: *Uma fada no front* (1994), *Crônicas de Guerra na Itália* (2014) e *Dois repórteres no Paraná* (2001). No primeiro livro, antologia organizada e selecionada por Carlos Reverbel, foram publicados textos datados de 11 de julho a 28 de outubro de 1939 para dois jornais do Rio Grande do Sul; a saber: *Correio do Povo*, no qual exercia a função de redator, e *Folha da Tarde*, onde atuava como colaborador. Posteriormente, em 1945, após participar da Segunda Guerra Mundial, ao acompanhar a ação dos soldados brasileiros em solo italiano, o cronista reúne diversos textos e publica o livro inicialmente intitulado nas primeiras edições por *Com a FEB na Itália*. E, por fim, no terceiro livro, *Dois repórteres no Paraná*, publicado originalmente em 1953, Rubem Braga e o jornalista e artista plástico paulista Arnaldo Pedroso d'Horta narram as impressões que tiveram ao conhecer o estado do Paraná, acompanhados pelo então governador paranaense, Bento Munhoz da Rocha.

A partir dos anos estudados no hebdomadário objeto desta pesquisa, podemos destacar algumas crônicas que estabelecem diálogos com a reportagem; entre elas, “Santa Teresa”, publicada na edição n.105, de 24 de abril de 1954, que discorre sobre uma tarde de sábado e comenta as principais características do bairro Santa Teresa. Em “Nota sobre ruas”, veiculada na edição n.130, em 16 de outubro de 1954, o cronista critica a rápida expansão desordenada de prédios na Rua Álvaro Alvim, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Em “Cidade”, inserida na edição n.174, de 4 de agosto de 1955, descreve com admiração a cidade e os habitantes da capital do Chile. É pertinente ressaltar que, em maio de 1955, o escritor mudou-se para Santiago do Chile devido ao aceite do convite feito pelo então presidente do Brasil na época, Café Filho, para assumir o cargo diplomático de chefe de Escritório Comercial do Brasil. O escritor pediu demissão no ano seguinte a partir do início do mandato presidencial de Juscelino Kubitschek. Vejamos um trecho do texto “Cidade”:

A cidade não terá muito mais de um milhão e meio de habitantes me parece viva, gostei da agitação de suas calçadas, senti prazer nos salões dos hotéis de luxo e na barafunda laboriosa do Mercado Central e de La Veja, cheio de peixe, até baleia aos quilos, de carne, até charque de cavalo, de ostras e mariscos e coisas do mar, até algas que parecem de borracha, cebolas imensas, rabanetes de palmo, as maiores abóboras do mundo, cego cantando, vendedores gritando “venga, Caballero, venga, señora linda!” casas de nomes pitorescos ou sonhadores, “El Diablo Roto”, “El Negro Bueno”, “Empresa Pesquera Antártica”, e tantos coelhos, perdizes, cabeças de carneiro com olhos vidrados e tristes, chouriços e uma infinita charcuteria, carroças puxadas por três cavalos, e essa gente do povo de fala boa, dizendo a cada

instante, “claro, claro”, de vez em quando “claro, pues”, fechando o negócio com um “giá” que não se sabe se é de origem alemã ou italiana, camelôs da mais alta eloquência (que língua esplêndida para camelôs!). (BRAGA, 1955)

Notamos que a cidade é a grande protagonista, retratada pelo cronista sob um olhar imiscuído com a perspicácia de apuração e descrição dos fatos de um jornalista e a composição estética de um escritor. O parágrafo acima é a junção de diversas facetas, *flashes* de Santiago. Identificamos um narrador (*flâneur*) afoito no sentido de tentar transmitir em poucas palavras as sensações vividas ao transitar pelas ruas dessa cidade e conviver com os habitantes que nela residem.

Essas crônicas selecionadas acima estabelecem conexões com o jornalismo moderno, reverberadas a partir do gênero reportagem. Tal asserção é comprovada a partir do momento em que o cronista emprega estratégias textuais relacionadas a esse gênero jornalístico em suas produções. Entre tais estratégias, pode-se mencionar, como, por exemplo, a estruturação da redação do texto, a adoção de uma linguagem coesa e simplificada, a narrativa de fatos circunscritos ao cotidiano e a função de informar a sociedade de que faz parte. Há também outro elemento imprescindível, porém algo recorrente tanto para escritores, quanto para jornalistas: a necessidade de garantir um público fiel de leitores. Assim, percebemos que o escritor capixaba busca constantemente em suas crônicas estabelecer e criar vínculos com o leitor (fidelização) através da prosa intimista e por meio do discurso mesclado com tons de coloquialidade e oralidade. Por exemplo, a crônica “Futebol de rua”, publicada na edição n.85, de 5 de dezembro de 1953, relata o pedido de um cidadão feito ao jornal em que reclama e pede para proibirem que operários joguem futebol na rua em horário de almoço. A partir deste fato casual, o cronista exerce a função de jornalista, como formador de opinião, que escuta e dá voz às massas, ao leitor. No texto, Rubem Braga discorre sobre o problema e discordada solicitação do leitor. Outro fato relevante é a reiteração da figura do repórter *flâneur* que descreve detalhadamente e observa *in loco* tal prática esportiva como se nota no seguinte fragmento:

Ainda hoje me sentei no braço de uma poltrona, junto à janela, para assistir o jogo. Uns vinte jogadores descalços travam a peleja num pequeno campo de asfalto de uns quinze metros de comprimento, entre os dois “goals” assinalados a tamancos e chapéus. A bolinha de borracha vermelha desaparece entre aquele monte de pés. Aqueles homens que já trabalharam três horas, e têm pela frente mais cinco, esvaziam depressa suas marmitas para chutar bola. São negros, mulatos e brancos que trocam bravas caneladas, correm, gritam, dão risadas. Um ou outro operário mais velho ou arredio fica sentado no meio-fio a apreciar a “pelada”, que é ao mesmo tempo alegre e violenta. De repente bate a sineta do meio-dia – e eles voltam para o batente. (BRAGA, 1953, p.55)

De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), as características da reportagem são compostas a partir de alguns elementos fundamentais, sendo que em alguns momentos um pode se sobressair ao outro; porém, todos devem estar presentes, principalmente a predominância da forma narrativa, caso contrário não será reportagem. As outras especificidades são: o texto de natureza impressionista, a objetividade dos fatos narrados e a humanização do relato. Esta última está relacionada à emotividade que “se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.15).

A crônica, por ser volúvel e abarcar inúmeras possibilidades de composição, pode ser norteada e mesclada com as características elencadas no parágrafo acima, dependendo da intencionalidade do escritor. Em alguns dos textos de Rubem Braga, notamos pitadas desse tempero que produz muitas vezes um resultado único. No trecho a seguir, extraído da crônica intitulada “Lavoura”, publicada na edição n.198, de 4 de fevereiro de 1956, o cronista remete ao leitor a ideia de assumir a função de repórter ao entrevistar um agricultor a fim de obter as informações necessárias para construir a sua reportagem:

Olho sua cara queimada de sol; parece com a minha, é esse mesmo tipo de feiúra triste do interior. Conversamos sobre pescaria de robalo, piau, traíra. Volta a falar de sua terra e desconfia que eu sou do governo, diz que precisa passar a escritura. Não sabe ler, mas sabe que essas coisas escritas em um papel valem muito. Pergunta pela minha profissão, e tenho vergonha de contar que vivo de escrever papeis que não valem nada; digo que sou comerciante em Vitória, tenho um negocinho. (BRAGA, 1956, p.62)

No fragmento acima identificamos que o escritor atua de modo semelhante à figura do repórter, uma vez que transmite a sensação de coletar o material para a sua crônica diretamente da fonte e expõe de modo descritivo e realista tudo aquilo que vivenciou. Em outros trechos, encontramos a presença de discursos diretos e indiretos, tal prática é recorrente nas reportagens, pois ao dar voz ao entrevistado promove a humanização do relato, torna o texto mais verossímil. A entrevista, nesse sentido, é crucial para que o leitor seja envolvido na trama e compactue, sensibilize-se com o que o autor propõe; trata-se de uma técnica evidenciada por um intercâmbio sociocultural com a veiculação do conteúdo informativo¹¹ (MEDINA, 2008).

¹¹ A respeito da entrevista é interessante expor o conceito proposto por Cremilda Medina: “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio

Tal prática humanizante é reforçada a partir da oralidade, uma vez que o escritor a ressalta quando insere fragmentos e palavras que sua fonte (agricultor) empregou: “empiribiu” (proibiu), “pissui” (possui), “fio” (filho). Soma-se a isso o aspecto crítico-social impresso no texto, característica também recorrente nos produtos jornalísticos, uma vez que foi exibida a situação de pauperismo e o abismo social e cultural daqueles que vivem nas áreas rurais do país.

Nesse intuito de trazer características e especificidades do povo brasileiro, citamos outro exemplo, a crônica “Nuvem, Buda, Seringueiro”, publicada na edição n.143 da revista *Manchete* em 15 de janeiro de 1954. No texto, o cronista relata uma viagem feita na floresta amazônica e descreve os lugares por onde passou, como a floresta, o aeroporto e, principalmente, a casa em que ficou hospedado:

A segunda metade é ocupada por quarto e cozinha, com fogão de barro. Feita apenas de palmeiras completamente vegetal, essa casa é uma obra prima de adaptação ao meio. E que colchões suntuosos de que palácios me darão jamais o infinito bem-estar da rede branca que armou para mim, na sua “varanda” pela madrugada, o caboclo Chico Pedro, veterano da revolução do Acre, quando subimos a barranca do rio até o seu rancho no fim de uma pescaria noturna? Que vinhos e que pratos valerão essa cachaça e esse peixe moqueado que ele me trouxe na rede imensa em que eu abandonara, feliz, o corpo cansado; Chico Pedro ou Chico Antônio? Esqueci o nome: o homem, o amigo, o mágico, o irmão, esse jamais esquecerei. (BRAGA, 1954, p.52)

É interessante notar no excerto acima o ponto de vista adotado pelo repórter-narrador, pois a todo instante evidencia que as experiências vividas, como dormir na rede, beber cachaça e comer peixe moqueado, coisas simples, típicas dos habitantes da região norte do Brasil, são para ele muito mais preciosas do que os objetos sofisticados inseridos nos palácios. Quanto ao fato de não recordar perfeitamente o nome do anfitrião que tão bem o recebeu, acreditamos se tratar de uma estratégia do cronista. Os dois nomes compostos apresentados são de origens bíblicas e muito comuns em nosso país. Assim sendo, acreditamos que o narrador faz referência à coletividade, ao perfil do povo brasileiro, relacionando ao fato de ser acolhedor e hospitaleiro.

Outra faceta visível nas reportagens-crônicas de Rubem Braga encontradas nos textos selecionados são os *fait divers* (assuntos diversos). Eles são caracterizados como produções

cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências” (MEDINA, 2008, p.8).

jornalísticas que interessam por si mesmos. Os demais produtos jornalísticos, como as notícias e reportagens, para que sejam compreendidos, necessitam de um contexto prévio determinado (social, político, artístico, esportivo). Nesse sentido, disserta Nilson Lage sobre os *fait divers* e os caracteriza como: “um conto, não depende de nada exterior, nem passado, e é inconsequente. Qualquer interpretação – sociológica, psicanalítica – que venha a ser feita de um *fait divers* será exercício inteiramente desligado do consumo da notícia” (2006, p.59). Citamos, por exemplo, as seguintes crônicas do escritor capixaba publicadas na revista *Manchete*: “O sino de ouro” e “Amor, amor”. Em “O sino de ouro”, publicada na edição n.228, de 1º de setembro de 1956, o cronista narra a história de um sino de ouro de uma igreja pertencente a um pequeno e pobre vilarejo de Goiás. O *fait divers* reside no próprio objeto composto por metal nobre inserido em um povoado de pessoas desprovidas e sofridas. O cronista ainda ressalta o som emitido pelo objeto retratado:

É apenas um sino, mas é de ouro. De tarde seu som vai voando em ondas mansas sobre as matas e os cerrados, e as veredas de buritis, e a melancolia do chapadão, e chega ao distante e deserto carrascal, e avança em ondas mansas sobre os campos imensos o som do sino de ouro. E a cada um daqueles homens pobres ele dá cada dia sua ração de alegria. (BRAGA, 1956, p.60)

A partir do trecho selecionado, percebemos o tom crítico social adotado pelo cronista mesclado com poeticidade. Percebemos que um resistente e duro objeto de metal paradoxalmente produz um som manso. Esta “melodia” singra as paisagens caracterizadas pelo clima quente e árido que castiga a população daquele povoado, porém atua como um bálsamo, uma esperança aos moradores no sentido amainar as dores do corpo e da alma através da fé. Sendo assim, o sino feito de ouro atua como a exteriorização física e a representação daqueles cidadãos no tocante à fé e à crença nos preceitos do catolicismo.

No texto “Amor, amor”, veiculado na edição n.236, de 27 de outubro de 1956, o cronista afirma ter retirado curiosos dados noticiosos publicados nos jornais (*fait divers*) e constrói sua crônica a partir desses fatos insólitos, como um homem que, ao sofrer uma desilusão amorosa, ateia fogo a seu próprio corpo e, depois, arrependido, se atira em um poço de água. Logo abaixo, há o trecho do primeiro parágrafo em que o cronista relata o fato apresentando ao leitor informações jornalísticas diretas, breves, sendo possível identificar a construção do parágrafo a partir de elementos constitutivos do lide (quem, o quê, quando, onde, como e o porquê). O lide no campo jornalístico tem o principal objetivo de introduzir o leitor na reportagem, promover o debate público e despertar seu interesse logo nas primeiras

linhas do texto¹². Rubem Braga utiliza-se desse artifício para construir suas crônicas-reportagens, amalgamando-as com recursos literários:

“Minha querida Elza, isto é demais, eu vou me matar, adeus”. Depois de escrever isso, o taifeiro Antunes derrubou um litro de álcool na roupa e tacou fogo. Quando começou a arder, saiu correndo pelo quintal e se jogou dentro de um poço. Está no hospital, onde também está (outra notícia) Maria Angélica, residente na Travessa dos Prazeres, s/n. Travessa dos Prazeres Sem Número! Maria Angélica brigara com um tal de Antônio e também ateara fogo às vestes. (BRAGA, 1956)

Ainda nesse texto, apresenta a história de uma mulher que em um momento de discussão com o seu cônjuge, o empurra e este vem a falecer ao bater a cabeça em uma pedra. Nesse sentido, ao abordar essas informações de modo superficial ou incompleto, aguça a curiosidade do leitor em querer compreender toda a história que está lendo e, assim, “desmontar o enigma, recompor o equilíbrio, consumindo a interpretação de realidade que lhe é oferecida” (LAGE, 2006, p.60). Nesses textos, entendemos que o escritor busca seduzir o leitor não apenas através das palavras, uma vez que recorre a fatos curiosos noticiosos e estratégias textuais jornalísticas no sentido de estimulá-lo e torná-lo fiel a seus textos publicados semanalmente na revista.

3.2 Epistolar

O gênero epistolar é uma modalidade textual marcada por ser redigida contendo uma mensagem com a assinatura do remetente. O texto pode ser direcionado a um ou a vários destinatários e o seu conteúdo é abrangente, podendo englobar desde manifestos e discussões de ideias até questões eminentemente restritas à vida privada (fatos corriqueiros, desabafos, reclamações, intimidades amorosas). As cartas geralmente são escritas em primeira pessoa e o tom do discurso empregado pelo enunciador é variável, uma vez que depende do contexto, tempo, espaço e público a quem se destina a mensagem. A respeito dessa modalidade textual é pertinente expor as considerações de Malatian (2015), que afirmou tratar-se de uma “*escrita*

¹² De acordo com o *Manual da Redação da Folha de S. Paulo* (2008), o lide é “imprescindível à valorização da reportagem e útil à dinâmica da leitura contemporânea – por ser uma síntese da notícia e da reportagem -, não existe, no entanto, um modelo para a redação do texto do lide. Nem pode ser realizado de maneira automática com escrita burocrática. Se assim for feito, mesmo que ele contenha o núcleo da reportagem, poderá gerar desinteresse instantâneo ou provocar no leitor a impressão de irrelevância da notícia” (2008, p.28-9).

de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (2015, p.195). A autora também ressalta que através das palavras inseridas nesses documentos é possível ter acesso as atitudes e representações do sujeito.

Ao ler e indexar os textos selecionados para esta tese percebemos que o escritor ao elaborar algumas de suas crônicas recorre aos moldes do gênero epistolar, direcionando o discurso em alguns momentos a uma única pessoa, como, por exemplo, a um amigo intitulado por “velho Zico” presente na crônica “Lembranças” (publicada na edição n. 196, de 21 de janeiro de 1956), ou a um grupo como em “O manifesto” (publicada na edição n. 104, de 17 de abril de 1954), em que o cronista se dirige aos operários da construção civil.

A epístola, de acordo com Foucault (2004), revela muito mais que a própria informação inserida em suas páginas, pois torna o remetente, ou seja, o escritor, “presente” para aquele que a recebe semelhante a uma presença física e imediata. É um processo de mão dupla, o recebedor se sente observado e, ao mesmo tempo, aquele que emite a informação olha não apenas para o conteúdo, mas sobre si mesmo. Sendo assim, é relevante expor o pensamento do teórico francês:

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma “introspecção”; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004, p.157)

Nas crônicas de Rubem Braga escritas dentro dos moldes epistolares, percebemos o seu esforço em estabelecer esse tipo de contato “presencial” com o leitor, no intuito de fidelizar o público leitor e, conseqüentemente, garantir a sobrevivência de sua coluna nas páginas da revista *Manchete*. Somando-se a isso, é possível identificar mesmo nessas crônicas ficcionais traços biográficos e temáticos do cronista capixaba.

De acordo com Marcos Antonio de Moraes (2007), as correspondências de escritores, músicos, artistas e intelectuais vêm despertando grande interesse editorial no país e, atualmente, são três grandes perspectivas de estudo. A primeira busca estudar a função testemunhal que a carta exerce na definição de um perfil biográfico; nesse sentido, procura compreender os caminhos de criação da obra. A segunda modalidade tem o escopo de analisar o *metier*, os bastidores que permeiam a vida artística em certo período temporal a partir das cartas; sendo assim, estabelece uma importante relação entre a obra de arte e a influência que os bastidores exercem no sentido de nortear o movimento estético e o pensamento do artista.

E, por fim, a terceiro viés interpretativo compreende as epístolas como “arquivo da criação”, local onde é possível identificar a gênese e os estágios de produção de uma obra artística, “desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração. A carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica da obra de arte” (MORAES, 2007, p.30). Acreditamos que essas três perspectivas identificadas nas cartas com caráter historiográfico podem ser transferidas e aplicadas aos textos ficcionais, ou seja, literários.

Por esse ângulo, é possível estabelecer relações entre estas crônicas em formato de carta escritas por Rubem Braga a partir da primeira perspectiva explicitada, uma vez que, apesar de empregar o escritor a ficcionalidade e todos os recursos estilísticos disponíveis no campo da Literatura em seus textos, é possível deslindar aspectos biográficos de um intelectual que influenciava e discorria a respeito do meio jornalístico-literário em que vivia.

A partir desta primeira perspectiva sobre o *corpus* estudado, notamos aspectos biográficos do escritor ao escrever essas crônicas em formato de cartas a fim de evidenciar de modo reiterado a necessidade de que, para se viver no Rio de Janeiro, era necessário morar em um local que tivesse vista, mesmo que ínfima, para o céu e o mar. Tal informação pode precipitadamente parecer banal, porém, ao traçar um paralelo com fatos concretos ocorridos com o escritor (como a cobertura em Ipanema já mencionada no subitem anterior) e os textos que escreveu ao longo de sua carreira, identificamos a existência desse interesse de estar em contato com o mar, que exerceu muitas vezes a função de válvula de escape, refúgio físico e emocional das dores causadas pela vida, como, por exemplo, o texto escrito após a morte de seu amigo Vinícius de Moraes, “Recado de Primavera”, publicado em setembro de 1980. Nas crônicas em formato de carta, entre as produções indexadas, identificamos em “Ao senhor corretor”, publicada na edição n.133, de 6 de novembro de 1954, essa reiteração:

Não ousou exigir uma janela dando para o mar, onde meus olhos e meus sonhos navegassem além. Ah, senhor corretor, eu sou muito pobre, eu não mereço o mar, nem sequer a montanha com arvoredos, quaresmeiras arroxeadas, embaúbas de prata – eu não mereço não. Me arranje uma janela que dê para um canto qualquer, um pedaço de rua, mas por favor uma janela alta de onde eu possa ver pelo menos um pedaço de céu. (BRAGA, 1954)

Essa temática recorrente em algumas epístolas do *corpus* analisado transpõe os textos do escritor e reflete o seu estilo de vida. Sabemos que o cronista em inúmeros textos pregou o *carpe diem*, a valoração das coisas simples do dia a dia, rodeado pela exuberância da flora e fauna brasileiras. Em “Notícia Urgente”, edição n.150, de 5 de março de 1955, o cronista se

dirige a uma amiga que está doente e a aconselha o repouso para que possa, futuramente, contemplar as coisas mais simples da vida:

[...] fique bem quieta e paciente, num canto da cama, ouvindo as músicas do rádio, e sabendo que logo haverá também, para você dias de sol, cálidos e alegres, com espumas brilhando e lá atrás, além da praia, cigarras nas árvores a cantar. Daqui eu lhe mando esse canto, e o dos pássaros que esvoaçam entre os telhados e as amendoeiras. É um canto de ternura e de esperança sobre o grave marulho de minha praia – desta praia longe, longe, onde há um homem pensando, com muito afeto, em você. (BRAGA, 1955, p.50)

É notório que, assim como a transitividade existente entre o ficcional e o real, o Jornalismo e a Literatura estão presentes nas crônicas; cremos que o mesmo ocorre com as epístolas. Nesse sentido, de acordo com Vasconcellos (2008), quando as cartas são direcionadas a um destinatário real elas se configuram em dois aspectos: o documental e o literário, pois “apesar de não haver na correspondência intenção artística, ela pode ser considerada um gênero literário, isto é, ganha uma pátina estético-literária” (p.281). Outro ponto interessante que merece ser ressaltado é o fato de que as cartas, mesmo as não ficcionais, podem conter conteúdos falaciosos e serem desacreditadas, pois o emissor pode simplesmente mentir ou então afirmar algo e futuramente mudar o ponto de vista sobre determinado assunto, refutando o pensamento exteriorizado tempos outrora. Vasconcellos ressalta que, quando as epístolas são aceitas como “documento, elas devem ser comparadas a outras cartas e a outros documentos, porque se deve desconfiar sempre da sinceridade epistolar” (VASCONCELLOS, 2008, p.381).

Se as cartas “reais” trocadas entre os intelectuais e artistas ao longo dos séculos devem ser interpretadas com ressalvas, devido ao questionamento da veracidade do conteúdo exposto, no campo da Literatura essa obrigatoriedade não é relevante, pois emprega a ficcionalidade, o lúdico, o poético e, por não ter esse compromisso, cremos que muitos textos literários, sejam crônicas ou romances epistolares, conseguem ser algumas vezes mais fidedignos e retratar com mestria determinado tempo e espaço, superando as cartas propriamente históricas. Nesse sentido, encontramos a crônica “O manifesto”. Trata-se de uma carta com alto teor crítico e social ao denunciar a desvalorização do trabalhador braçal e as frágeis leis que o “protegem”. O cronista, através do emprego da ficcionalidade, desnuda a realidade de modo tão explícito que nos leva a crer que talvez um texto jornalístico não tivesse o mesmo impacto como aquele causado a partir da crônica. Vejamos um trecho do texto:

E ficará aqui um edifício alto e branco, feito por vós. Voltai uma semana depois e tentai entrar nele; um homem de uniforme vos barrará o passo e perguntará a que vindes e vos olhará com desconfiança e desdém. Aquele homem representa outro homem que se chama o proprietário; poderoso senhor que se apoia na mais sólida das ficções, a que se chama propriedade. O homem da serra circular estará, certamente, com o ouvido embotado; em vossos pulmões haverá a lembrança de muita serragem e muito pó, e se algum de vós despencou do alto, sua viúva receberá o suficiente para morrer de fome um pouco mais devagar. (BRAGA, 1954)

No excerto acima, notamos o tom profético e crítico adotado pelo narrador. O cronista-remetente do manifesto ressalta um paradoxo, pois esses operários passam, ao longo da vida, construindo dezenas de prédios que jamais poderão frequentar e muito menos residir, pois trabalham para homens ricos, os “proprietários”. A contraprestação de todo o esforço vem através de um parco salário sob o risco de sofrerem um acidente de trabalho e/ou contraírem alguma enfermidade decorrente das péssimas condições de trabalho. Assim, esta crônica-carta, ao denunciar o descaso da sociedade perante esses trabalhadores braçais em favor do capital e da propriedade, mesmo que envolva de ficcionalidade, ganha contornos que transpõem a literatura e propõem questionamentos a respeito desse tema perante a sociedade daquele tempo (momento da veiculação da publicação em meados da década de 1950) e fornecem subsídios para que estudiosos desenvolvam uma noção holística tanto do contexto histórico quanto do engajamento social do escritor a partir dos textos ficcionais.

Na prática do jornalismo é comum encontrarmos cartas publicadas na seção “Carta do leitor”, espaço destinado aos leitores, que nele podem manifestar-se, comentar, criticar, opinar a respeito de alguma matéria publicada ou assunto relacionado às edições anteriores do período. De acordo com José Marques de Melo (1994), a seção de cartas é considerada um gênero opinativo do jornalismo; é um espaço curto no qual o leitor que queira participar precisa ajustar-se a textos sucintos:

Escrever para o jornal, mesmo que não encontre abrigo, representa o último alento de muitos cidadãos que querem dizer alguma coisa aos seus contemporâneos, que querem influir nas decisões dos governantes, que querem participar dos destinos da sua sociedade. (MELO, 1994, p.177)

Conforme vimos em “O manifesto”, há o engajamento social, a necessidade de comentar a respeito dos fatos do cotidiano, características que se enquadram nos preceitos afirmados acima por Melo (1994). Porém, as opiniões crítico-sociais emitidas por Rubem Braga não ficam atreladas apenas nesse texto, uma vez que identificamos em outras crônicas-cartas o cronista exercendo ao mesmo tempo os papéis de leitor e escritor, os quais se

concentram em uma mesma finalidade: a de querer transformar a realidade vivida através de uma única arma, as palavras.

Outro aspecto relevante que encontramos em algumas crônicas-cartas de Rubem Braga são as respostas dadas aos leitores de sua coluna, por exemplo, o texto intitulado “Carta a um jovem autor que mandou seu livro e pede minha opinião”, publicado na edição n.93, de 30 de janeiro de 1954. Nesse texto, em linhas gerais, o cronista versa a respeito de um livro que ganhou e foi escrito por um escritor iniciante e este pede uma opinião crítica. O cronista afirma que não leu e provavelmente não irá ler tal obra, pois não possui tempo suficiente. Porém, o interessante da narrativa reside no fato de o velho Braga citar outros livros que estava lendo naquela época; há referências intertextuais explícitas de várias obras. Entre elas, destacamos *Sagarana*, de Guimarães Rosa (1908-1967), *A história da capitania de São Vicente*, de Pedro Taques de Almeida Pais Leme (1714-1777), e *Gaspar de la Nuit*, composto por poemas em prosa de autoria do francês Aloysius Bertrand (1807-1841). Esclarece em um tom bem humorado que os livros e manuais são apresentados pelas mãos de sua faxineira, pois ao realizar a limpeza da casa “seleciona” algumas obras e esconde outras. A respeito desse repertório eclético, o escritor se justifica:

Não há o que fazer. Submeto-me a seu gosto, que é extravagante; ainda não descobri porque motivo me serviu durante uma quinzena, em dias alternados, um “Manual de La História Argentina” que fiquei exausto de ler, nem porque sabota sistematicamente D. H. Lawrence e Clarice Lispector. (BRAGA, 1954, p.56)

Não convém aqui questionar se tais obras realmente foram ou não lidas. Porém, podemos afirmar que, de certo modo, o escritor ao fazer referências a esses livros e escritores, transcende o próprio texto e busca transmitir determinada imagem ou perfil de um intelectual perante a sociedade em que vivia. Para que essa construção imagética se consubstancie, o escritor recorre a um rico repertório literário que abrange tanto a literatura brasileira quanto a estrangeira (a inglesa e francesa). No trecho acima o escritor afirma querer ler obras de David Herbert Lawrence (1885-1930) e Clarice Lispector (1920-1977), porém sua faxineira “insiste” em esconder tais livros. O primeiro escritor é caracterizado em suas obras por discorrer e denunciar a exploração causada pela industrialização e a desumanização do homem; já a escritora é adepta da prosa intimista, discorre sobre a dimensão humana e conflituosa de suas personagens, emprega o monólogo interior, o fluxo de consciência e trabalha com o tempo psicológico. Nessa mesma perspectiva, entendemos que o escritor Rubem Braga foi um intelectual atento às transformações do homem interna e externamente; em muitos textos, identificamos a crítica social em defesa dos menos favorecidos e, paralelamente, é possível

encontrarmos crônicas com narradores introspectivos, personagens solitários e infelizes nos relacionamentos, que muitas vezes se indagam a respeito da própria existência.

Um fato interessante a ser exposto é a amizade entre o cronista e a escritora modernista, pois ao longo de décadas, trocaram inúmeras correspondências, principalmente quando ele foi embaixador do Brasil em Marrocos. A biografia escrita por Marco Antonio de Carvalho, intitulada *Rubem Braga um cigano fazendeiro do ar* (2007), apresenta cartas escritas pelo escritor destinadas a Clarice e, numa enviada em março de 1957, ressalta-se a admiração que possuía pelo trabalho literário da escritora:

Acabo de ler agora os nove contos que não conhecia; você não imagina como gostei; saio meio crispado da leitura. É engraçado como tendo um jeito tão diferente de sentir as coisas (você pega mil ondas que eu não capto, eu me sinto como um rádio vagabundo, de galena, só pegando estação da esquina e você de radar, televisão, ondas curtas) é engraçado como você me atinge e me enriquece ao mesmo tempo em que faz um certo mal, me faz sentir menos sólido e seguro. Leio o que você escreve com verdadeira emoção e não resisto a lhe dizer muito e muito obrigado por causa disso. (CARVALHO, 2007, p.400)

Há crônicas-cartas em que Rubem Braga percorre e discorre sobre o campo da Literatura; aborda, por exemplo, o ato de responder cartas num sentido metalinguístico e ressalta a importância da poesia não apenas na esfera da arte da palavra, mas também na relevância que ela adquire perante a sociedade. No texto intitulado “O poeta”, publicado na edição n.96, de 20 de fevereiro de 1954, o escritor responde a carta destinada a uma mulher mencionada como “uma velha amiga”, a qual se encontra decepcionada por ter conhecido um grande escritor e, durante a conversa, não ter sido citado ou lembrado nenhum outro autor ou obra literária, pois a pauta do bate-papo foi sobre sapatos masculinos e o desgaste de automóveis. O escritor aconselha sua “velha amiga” a não ficar desapontada, uma vez que o poeta exerce uma profissão como qualquer outro homem e o seu material de trabalho é coletado a partir das ações do cotidiano vividas e presenciadas por ele. A partir disso, o cronista disserta a respeito do que é ser poeta:

[...] é ser um homem a quem tudo concerne e de tudo tira seu mel e seu fel. Esse menino que passa com um barulhento carrinho feito de caixotes, a trazer verduras da feira; aqueles operários da construção, que, depois de almoçar no botequim da esquina com uma cerveja preta, ficam um pouco sentados na calçada, conversando à toa, à espera do sinal para o trabalho; e o próprio carrinho de tábuas de caixote, e a própria garrafa de cerveja preta – tudo é matéria do poeta. (BRAGA, 1954, p.59)

No excerto acima identificamos a função do poeta semelhante ao *flâneur* que ronda pelas ruas coletando material para produzir seu texto. É interessante notarmos a comparação

efetuada por Rubem Braga entre o cronista e o poeta, uma vez que ambos buscam o mesmo alimento para produzir literatura e, a partir daí, trilhar veredas textuais distintas. Acreditamos que a mensagem e o conselho transmitidos à “velha amiga” sejam interpretados no sentido de que essa conversa, um tanto quanto “banal” sobre assuntos corriqueiros que manteve com o poeta, deveser vista como algo único e grandioso, pois tal ato poderia servir como subsídio para que ele escrevesse um belo poema no qual, quem sabe, ela estaria representada liricamente e, por fim, imortalizada em seus versos.

3.3 Contos

As relações que as crônicas de Rubem Braga na revista *Manchete* estabelecem com os contos são frequentese, diante de tal constatação, é relevante apresentar algumas considerações sobre esse diálogo nesta tese.

O conto, gênero literário, ficcional, constrói universos com seres e acontecimentos que podem ser excepcionais ou triviais, sendo que a sua densidade e qualidade dependem muito das habilidades de quem o escreve. É interessante observarmos as reflexões formuladas para o pensamento do escritor argentino Julio Cortázar com a intenção de tentar desvendar e conceituar essa modalidade textual:

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização do seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceptualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 1974, p.150-151)

Acreditamos que não apenas o conto seja o resultado dessa batalha fraternal entre criador e criatura. Nesse ponto de vista encontra-se a crônica, uma vez que ambos são abertos a diálogos com outros gêneros, a forma e o conteúdo não são herméticos, pois oscilam a partir das intenções do escritor ao construir o seu texto. São gêneros receptivos que estabelecem conexões entre si.

Conforme apresentamos no início deste capítulo, tais relações repercutem na produção de textos únicos, que podemos intitulá-los a partir dos ensinamentos de Afrânio Coutinho (1986) como crônica narrativa e, de acordo com Massaud Moisés (1979), como crônicas-contos. Neste, a modalidade textual “mista” é concebida a partir do momento em que a crônica assume o caráter eminentemente literário e narrativo. Nos textos selecionados identificamos diversas crônicas que se encaixam nessa modalidade e muitas foram publicadas em antologias elaboradas pelo próprio cronista, principalmente aquelas inseridas nos livros *O homem rouco* e *A cidade e a roça*. A temática das crônicas analisadas é ampla e não segue apenas um assunto, uma vez que o escritor trabalha com reminiscências da infância, histórias da juventude, sentimentos como o amor e a paixão, o cotidiano e a natureza.

A crônica-conto intitulada “História incoerente mas autêntica. De homem, cachorro, negócios e telegrama”, publicada na edição n. 91, de 16 de janeiro de 1954, é um texto que possui características que o aproximam do conto, pois é breve, conciso, em prosa e se assemelha muito a um relato oral nos moldes das antigas tradições. A temática apresentada é simples e narra um fato que poderia acontecer com qualquer pessoa. Em linhas gerais, relata o cotidiano de um homem cidadão e a sua relação com um cachorro velho, doente e abandonado, que buscava refúgio todos os dias na varanda de sua casa. Identificamos a densidade na escrita ao condensar e associar a história das duas personagens, o homem e o cachorro. O tempo e o espaço, também exíguos, estão inseridos no dia a dia da personagem (a casa e o escritório), dentro de um período temporal que corresponde, de acordo com o narrador, a cinco ou seis dias. O escritor recorre a ferramentas específicas do conto, que busca “construir com a linguagem quase que o efeito de um *flash*, conduz a narrativa de modo que o princípio da economia opere a máxima profundidade, alcançando a dimensão vertical” (MARIA, 2004, p.24-25); ao empregar tais instrumentos, o resultado obtido é o de uma crônica densa e bem construída.

Tal densidade é identificada no último parágrafo da narrativa, onde se apresenta a personagem imersa em um turbilhão de pensamentos a partir do momento em que não presencia mais o pobre animal na porta de sua casa. Notamos a densidade, o fluxo de consciência que desnuda a personagem a partir de um tom angustiante e melancólico:

Pegou no telegrama, sentou-se numa cadeira, sua mão estava tremendo, lembrou-se de repente do amigo esquecido que lhe pediria ajuda, sentiu um mal estar, pensou na morte, não quis abrir o telegrama (“acho que estou bebendo demais; eu sou um idiota, estou com medo; o cachorro pode estar morto na minha cama, meu amigo pode estar morto na minha cama, com os sapatos sujos”) e de repente abriu o telegrama, era a mulher pedindo para ele mandar mais dinheiro, o que aliás já

providenciara na véspera; e ficou com aquele inútil telegrama na mão, chorando como um menino, chorando com muitas lágrimas, chorando. (BRAGA, 1954, p.58)

No final deste texto percebemos a mensagem transmitida pelo escritor refletida na personagem, em que o excesso de trabalho, a correria do cotidiano, a necessidade de ganhar dinheiro consome o indivíduo gradativamente a ponto de torná-lo insensível, apático, egoísta, sem tempo para se preocupar com os seres vivos que estão à sua volta. Isso resulta em relações afetivas frágeis como a que se denuncia pelo simples telegrama no qual a esposa, ao invés de demonstrar amor e afeto, pede pela única coisa que ele pode dar: dinheiro. O choro, o reflexo do desnudamento da própria identidade, de modo direto e cru, atua no sentido de refletir e perceber o que se tornou. É interessante ressaltar que esse mesmo texto foi reeditado na mesma coluna de Rubem Braga anos depois com o nome de “Homem, cachorro, telegrama”, mais exatamente na edição de 23 de setembro de 1961; porém, não foi publicado em antologia.

O professor Alfredo Bosi (1978) ressalta que o conto, por ser breve e menor que a novela e o romance, condensa e potencializa no seu espaço as possibilidades ficcionais, trabalha com técnicas de invenção, de elocução e estruturação da sintaxe. Também destaca a transitividade e o caráter plural que assume ao percorrer diversas áreas da linguagem:

O conto cumpre a seu modo o destino de ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem. (BOSI, 1978, p.7)

Sendo assim, ao estudarmos as crônicas-contos do poeta bissexto, percebemos que a diversidade temática e as técnicas de construção textual estão em consonância com os apontamentos do estudioso citado acima. Nesse sentido, Bosi (1978) destacou que o conto contemporâneo brasileiro foi enriquecido no tocante à forma, a partir das experiências estéticas do movimento modernista. Inicialmente vieram os modernistas da primeira geração que empregaram técnicas de vanguardas artísticas como o futurismo e o expressionismo, representadas por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Alcântara Machado. Posteriormente, após 1930, o conto passou a ter um tratamento realista inédito, depurado, representado, por exemplo, através das crônicas de Rubem Braga e da prosa de Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e Marques Rebelo. São esses dois movimentos, de acordo com o autor, que estruturaram e influenciaram os diversos modos de

narrar do conto contemporâneo. Assim se expressa o consagrado crítico: “Rubem Braga, Graciliano e Marques Rebelo me parecem representar os modelos de uma forte concisão no arranjo da frase e de uma alta vigilância na escolha do vocabulário, marcas da sua modernidade em termos de um Realismo crítico” (BOSI, 1978, p.15).

Concordamos com o teórico citado acima no sentido de evidenciar as importantes contribuições modernistas a partir da escrita de Rubem Braga para o conto brasileiro. Conforme dissemos anteriormente, diversas crônicas do escritor estão embrenhadas no formato e características do conto. Em “A velha italiana”, crônica publicada na revista *Manchete*, n. 213, de 19 de maio de 1956, exemplificam-se essas características apontadas por Alfredo Bosi. Em linhas gerais, encontramos no texto um narrador em primeira pessoa que discorre melancolicamente sobre o dia das mães. Descreve uma senhora que viu lavando roupa em uma pedra num vilarejo italiano durante a Segunda Guerra Mundial. O aspecto físico da mulher era muito semelhante ao da mãe do cronista e isso o entristece e o remete a muitas lembranças do passado. Há no decorrer da narrativa a descrição realista de uma atmosfera densa, marcada pelos horrores da guerra. Vejamos abaixo um fragmento do texto:

Uma mulher gorda e vermelha, a seu lado, falava alto e batia a roupa com força; ela se encolhia mais para junto da parede, com ar de medo, como se fizessem muita caridade em deixá-la ocupar aquele pequeno espaço. Quanto mais eu a olhava, mais via a figura de minha mãe: toda a imensa fadiga física e nervosa da guerra desceu sobre meus ombros e por um instante temi desmaiar, meio tonto naquele ar abafado, quente e sujo diante daquela visão que me obcecava. Senti os olhos úmidos e uma pena infinita daquela mulher que parecia minha mãe; ela tossiu duas ou três vezes uma tosse baixa que logo se transformou em um pequeno acesso e a fez parar o trabalho um instante para levar a mão à boca. (BRAGA, 1956)

No excerto acima é interessante notarmos a escolha lexical um tanto quanto simples, porém com orações bem construídas, que possibilitam formular significados únicos, pontuados a partir do modo como o escritor concilia o que presencia com as emoções e os sentimentos gerados. Há uma combinação paradoxal entre a ação das personagens e a inércia do cronista envolto em meio a toda aquela situação.

Em algumas crônicas-conto do *corpus* selecionado encontramos a recorrência temática da desilusão amorosa. Esses textos, escritos em primeira pessoa, evocam ao leitor um tom denso e poético que mescla laivos de confissão com melancolia e desabafo em decorrência dos casos malfadados envolvendo o cronista. As personagens femininas retratadas nessas histórias ganham destaque e são apresentadas como seres únicos, envoltos de beleza e peculiaridades físicas que as distinguem das demais mulheres. A cada texto, uma mulher

diferente, descrita como se fosse o grande amor da vida do cronista. Vejamos, por exemplo, um excerto do texto “A tua lembrança”, publicado na edição n. 233 de 6 de outubro de 1956:

Assim estava meu coração desarmado na sua tristeza quando chegou a tua lembrança; e eu não pude enxotá-la, porque ela veio de manso, como trazida pelo vento cansado da tarde. Era doce e meiga, como às vezes foi a tua presença; e pousou em mim. Não fiz um gesto, nem murmurei uma palavra de ternura; fiquei quieto, sentindo o leve peso de tua lembrança como o homem que tem sobre o peito uma cabeça de mulher e fica imóvel para não despertá-la. Esse homem, por fim, adormece; e quando acorda ainda tem um vago cuidado em não perturbar a sua amada. E então vê que ela partiu. E sai pelos caminhos à sua procura, e ergue a voz nos ermos do campo, e não a encontra mais. (BRAGA, 1956)

No texto acima, o próprio título remete às reminiscências do autor. Há no decorrer da narrativa a melancolia e a saudade que o cronista sente por essa misteriosa mulher. É interessante observar que em muitos textos de Rubem Braga a mulher não é identificada pelo nome, mas através de seus traços físicos e de sua personalidade. Tal estratégia concede tons únicos às narrativas, pois mantém um tom de mistério e curiosidade a partir da personagem descrita. Vejamos por exemplo, a crônica intitulada “As luvas pretas”, publicada na edição n. 264 de 11 de maio de 1957. Nesse texto, o escritor descreve a respeito do par de luvas encontradas em seu apartamento, as quais pertencem a uma misteriosa mulher. Ao descrever essa peça de roupa, percebemos que a narrativa se afasta da crônica e fica muito mais próxima do conto:

Pego as pequenas luvas pretas. Tem um ar abandonado e infeliz, como toda luva esquecida pelas mãos. Os dedos assumem gestos sem alma e todavia tristes. É extraordinário como parecem coisas mortas e ao mesmo tempo ainda carregadas de toda a tristeza da vida. A parte do dorso é lisa; mas pelo lado de dentro ficaram marcadas as dobras das falanges, ficaram impressas, como em verônica, as fisionomias dos dedos. É um objeto inerte e lamentável, mas tem as linhas da vida, e também um vago perfume. (BRAGA, 1957).

Assim como o seu grande amigo, Vinicius de Moraes, o fascínio pelo sexo oposto era algo que os atraía e o modo de exteriorizar essas sensações era imprimi-las através das palavras, descrevendo as amadas como musas que nos remetem à estética das cantigas trovadorescas. Em muitos textos identificamos o ser amado como alguém distante, inacessível, repleto de idealizações. Citamos, por exemplo, a crônica-conto publicada na edição n. 73 de 12 de setembro de 1953, no intuito de corroborar essa asserção:

Foi em sonho que revi a longamente amada; entretanto, não era a mesma; seu sorriso, e sua beleza que me entontecia haviam vagamente incorporado, atravessando as camadas do tempo, outras doçuras, um nascimento dos cabelos acima da orelha onde passei meus dedos, a nuca suave, com o mistério e o sossego das noites antigas, os braços belos e serenos. (BRAGA, 1953, p.44)

Magalhães Júnior (1972) aponta que o conto apresenta como característica ser uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia das personagens, nem na motivação de suas ações; atua de modo contrário, por ser geralmente um texto breve; “procura explicar aquela psicologia e essas motivações pela conduta dos próprios personagens” (1972, p.10). Assim, as crônicas que estabelecem diálogos com os contos atuam nessa mesma sintonia. Citamos, por exemplo, a crônica-conto “Flores de papel” publicada na edição n.257, de 23 de março de 1957. É interessante o modo como o escritor inicia a narrativa, investido no papel de contador de histórias, “*causos*” que ouviu e repassa aos seus leitores. Trata-se de um artifício com o intuito de fígar o leitor e fazer com que ele tenha interesse pela história. Vejamos o primeiro parágrafo: “De uma senhora, amigo, me contaram um gesto, que, nem por ser de desdém, deixa de ser de justiça” (BRAGA, 1957, p.60).

O texto narra a história de uma socialite que durante alguns anos viveu no ostracismo, esquecida e afastada da mídia e dos altos círculos sociais. Porém, quis o destino colocá-la novamente nos holofotes e, neste momento, ela soube separar as amizades entre aqueles que nunca a esqueceram dos novos ou “velhos” amigos. Cabe destacar um fragmento do referido texto:

Pois a roda da fortuna vem agora colocar outra vez esse casal na luz. Outro dia foi o aniversário da bela dama; e então a sua casa chegaram cestas de flores, e mimos, e afetuosas mensagens. O que me contam é que a senhora olhou tudo aquilo com os olhos frios, e um sorriso triste. Sentou-se à mesa e passou os olhos, um a um, pelos cartões e telegramas que recebera. Separou apenas dois ou três: os que, todo ano, através de um lustro de ostracismo, continuara a receber; e só a esses agradeceu. Chamou a criada e lhe indicou com um gesto os presentes dos amigos novos, ou ressuscitados, e lhe disse apenas: “Isso é para você”. (BRAGA, 1957, p.60)

No excerto acima é possível associar os ensinamentos preconizados por Magalhães Júnior (1972) no tocante à caracterização do conto. Notamos que nesta crônica-conto o escritor discorre sobre as condutas da personagem e, assim, consequentemente, é possível entender as motivações e um pouco dos aspectos psicológicos da protagonista. O fato de doar quase todos os presentes de aniversário que recebeu para a sua funcionária, independentemente do valor, nos leva a crer que se trata de uma mulher orgulhosa, de personalidade forte, para a qual os valores que realmente importam são emocionais (carinho,

zelo, atenção) e vão muito além dos aspectos financeiros, pois, por ser uma mulher muito rica, a falta de dinheiro provavelmente nunca esteve em pauta na sua agenda. É algo que se contrapõem às preocupações da maior parcela das sociedades civilizadas, regidas pelo sistema capitalista, pautadas na obtenção constante do dinheiro e no acúmulo de patrimônio.

Também é interessante nos debruçarmos sobre conceitos veiculados na obra de Gotlib (1999) que, em determinado momento, teceu importantes considerações a respeito da teoria do conto; inseridas em cartas nas quais o médico e dramaturgo, Anton Tchekhov, respondeu a diversos escritores que lhe pediam conselhos sobre suas produções literárias. O escritor russo apontou algumas características do conto, entre elas, a *brevidade*, a *impressão total* (o efeito que causa no leitor após a leitura do texto), o *suspense*, a *clareza*, a *força* e a *compactação* (cabe ao autor condensar os elementos textuais, controlar os excessos e supérfluos em seu texto). A partir dessas características, podemos encontrá-las em algumas crônicas-conto de Rubem Braga inseridas nas páginas da *Manchete*. Citamos como exemplo o texto intitulado “Um senhor”, publicado na edição n. 251, de 9 de fevereiro de 1957. O título da crônica faz referência a um senhor, carrancudo, vestido de preto, que esperava impacientemente a abertura dos portões do parque, a partir das oito horas da manhã. O modo como Rubem Braga descreve a personagem e suas ações criam um suspense já no primeiro parágrafo:

Faltam vinte para as oito, e um senhor de preto, o ar muito sério, desce de um automóvel e se encaminha para o portão do Jardim Botânico. Está fechado; mas lá dentro, placidamente, um guarda lê seu jornal no banco. O senhor de preto quer entrar; o guarda explica que só abre às oito; em todo caso quem resolve, é um guarda mais importante, na portaria. Pela janela o senhor de preto consegue chamar o outro guarda, que dá a mesma informação. O senhor insiste: não tem muito tempo, seria bom se ele pudesse entrar logo. (BRAGA, 1957, p.48).

Após ambos conseguirem entrar no local, o cronista deixa em um segundo plano esse “misterioso” senhor e passa a comentar as belezas do Jardim Botânico. Descreve de modo cromático, breve, porém preciso e compacto, a riqueza da flora e da fauna brasileira e identifica o canto dos pássaros que lá habitam. São expostas em *flashes* cenas do ambiente que presencia: “sabiás-laranjeiras saltam em minha frente. Cotias, caxinguelês, pardais... Ouço um arrulho de juriti” (BRAGA, 1957, p.48). No entanto, logo em seguida, o olhar do cronista passa a acompanhar os passos do homem de preto. Esse senhor fica por pouco tempo sentado em um banco e logo depois vai embora.

O escritor, nesse texto, mantém as características do conto elencadas por Tchekhov como a brevidade, a condensação, a clareza e a força. O desfecho da narrativa é “frustrante”, pois nada acontece de extraordinário com o senhor retratado ao longo da crônica. Porém, é

nesse fato que reside a habilidade do cronista capixaba, pois consegue retirar material ficcional de fatos simples e corriqueiros do dia a dia e articulá-lo de modo único. Tal conduta também foi empregada em muitos contos do escritor russo, que conseguia contar histórias envolventes a partir de simples e banais ações do cotidiano. Assim, acreditamos que Rubem Braga, ao trabalhar com a factualidade e transpor em suas produções a densidade e brevidade, alcança com perfeição a categoria dos textos que intitulamos crônicas-contos.

A crônica “Um senhor” estabelece a oposição semântica entre o colorido e o preto e branco, entre a felicidade e a tristeza, sendo o cronista retratado como um ser que consegue ver e sentir prazer nas coisas simples que a vida proporciona. Já o senhor, vestido de preto, dono de um carro preto, mal humorado, representa sentimento antagônico ao do escritor, pois imerso naquele mesmo ambiente, colorido, vivo, sequer consegue absorver nada e a única saída é ir embora. A mensagem desse texto é clara, pois consiste em mostrar como diferentes pessoas enfrentam e vivem a realidade que as rodeiam. Para o escritor é nas pequenas coisas que a existência se torna menos árdua e infeliz.

4 ALÉM DAS CRÔNICAS: POEMAS, PERFIS, TRADUÇÕES E LIVROS

As páginas de Rubem Braga na revista *Manchete* foram compostas por diversos textos que transcendem as célebres crônicas escritas por ele durante toda a vida literária. Além deste gênero, destacou-se ao longo da seção estudada a presença de textos poéticos sob a rubrica “A poesia é necessária” e de construções biográficas, nos moldes dos perfis jornalísticos, inseridas no tópico “Gente da cidade”.

Somaram-se às produções outros textos publicados nas páginas do escritor de modo esparso e extraordinário como o concurso de traduções e a breve rubrica “Vem escrito nos livros” (apresentava excertos de obras de diversos intelectuais).

Ao longo das páginas, encontramos notas e comentários sobre os mais diversos assuntos. Entre eles, em muitas edições, há pequenos textos a respeito da vida do poeta que ilustrou a coluna “A poesia é necessária” da semana, semelhantes a pequenos perfis. Além dessas notas, há breves apontamentos a respeito da vida privada de algum amigo como a mudança de residência de Manuel Bandeira ou a viagem de férias de Eduardo Anahory. Também estão presentes considerações sobre os concursos de tradução e outras notas esparsas¹³ que discorreram sobre diversos assuntos. Novamente, convém ressaltar o intuito do cronista de se firmar perante o leitor como um fomentador e defensor de determinados grupos artísticos, impondo-se como um importante intelectual do tempo em que viveu.

Este capítulo está segmentado a partir das modalidades das rubricas citadas acima. Vejamos abaixo cada uma das categorias.

4.1 A poesia é necessária

¹³ Um exemplo de nota esparsa correspondeu ao lançamento da revista *Módulo*, na edição n. 151, 12 de março de 1955. Nela é possível notar o tom fortemente publicitário e encontrar nomes retratados nas seções “Gente da Cidade”. Tal fato demonstra as relações estabelecidas entre o escritor e os arquitetos. Vejamos a nota: “Não é para gabar, como se diz, mas a revista *Módulo* – Arquitetura e artes plásticas – está uma beleza. Hoje, mais de uma pessoa já teve oportunidade de ver essa publicação, de maneira que não é cabotismo falar bem de uma coisa que, de certa forma, nos pertence. A revista é boa, mesmo. Tem um artigo do poeta e engenheiro, Joaquim Cardoso, sobre as características atuais da arquitetura brasileira – tem Rodrigo M. F. de Andrade, escrevendo sobre ‘Capelas Rurais Brasileiras’. E, mais: Gastão Cruls descobre as bonecas dos índios carajás, Oscar Niemeyer fala sobre Le Corbusier, Flávio de Aquino escreve sobre o ‘Monumento do Soldado Desconhecido’ de José de Sousa Reis e Joaquim Cardoso volta com um texto sobre as casas sobre palafitas no Amazonas. Há uma reportagem sobre o Parque Ibirapuera e outra sobre as críticas da *Architectural Review*, de Londres, à moderna arquitetura brasileira. E há projetos de M.M.M. Roberto, Sérgio Bernardes, Bratke.” (BRAGA, 1955, p.52).

FIGURA 5 - A poesia é necessária



Fonte: Logotipo criado para a estreia da seção em agosto de 1953. Fotografia. Acervo Hemeroteca da biblioteca Mário de Andrade, São Paulo.

Ao longo do *corpus* estudado identificamos a relevância que o escritor concedeu aos textos poéticos em sua coluna; muitos são textos densos, complexos, destinados geralmente a periódicos específicos no campo das Letras. Porém, paradoxalmente esses poemas encontraram aporte em uma revista de abrangência nacional cujo foco era trabalhar com assuntos generalizados, principalmente da sociedade carioca, revestidos pela factualidade, leveza na escrita e o emprego potencializado dos recursos gráficos (fotografia e ilustrações).

Para Rubem Braga a poesia merecia espaço e atenção em suas páginas. Tal importância é notada no próprio título da seção; assim, poesia é necessária, obrigatória, por ser o gênero literário que trabalha ao máximo com os múltiplos significados da linguagem. Nesse sentido, compartilhamos do pensamento de Ezra Pound (2006), ao dispor a etimologia e os conceitos atinentes à poesia. O teórico resgata o significado da palavra na língua alemã, que em síntese possui o significado de condensar¹⁴. Sendo assim, a poesia é a modalidade textual capaz de concentrar ao máximo a forma de expressão verbal. Os inúmeros versos publicados nas edições das páginas de Braga se coadunam a esse conceito, pois retratam predileções do cronista, artefatos artísticos singulares, que enchem os olhos do leitor no quesito da máxima expressividade poética.

¹⁴ “*Dichen* é o verbo alemão correspondente ao substantivo *dichtung*, que significa poesia e o lexicógrafo traduziu-o pelo verbo italiano que significa condensar” (POUND, 2006, p.40).

Nessa mesma toada é imprescindível evidenciar o pensamento de Antonio Candido no tocante ao importante papel que a poesia exerce no campo da literatura:

[...] a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva. Por isso a atividade poética é revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta. Sobretudo levando em conta que a poesia foi até os tempos modernos a atividade criadora por excelência, pois todos os gêneros nobres eram cultivados em verso. Hoje, o desenvolvimento do romance e do teatro em prosa mudou este estado de coisas, mas mostra por isto mesmo como toda a literatura saiu da nebulosa criadora da poesia. (CANDIDO, 1996, p.12)

A partir da indexação das edições da coluna do escritor capixaba, não foi possível segmentar os poemas em apenas um grupo literário. Os poemas apresentados não seguem uma linha cronológica e nem uma reiteração estilística. Trata-se de uma miscelânea de textos confeccionados por escritores, principalmente brasileiros, que percorrem uma extensa faixa temporal que se inicia, por exemplo, a partir da segunda metade do século XVIII, com o Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814), representado por “Feito de improviso junto à sepultura de D. Inês de Castro”, passando pelo poeta da terceira geração romântica, Castro Alves (1847-1871), autor de “O vidente”, ao modernista Aníbal Machado (1894-1964), contemplado com “Na sacada barroca”.

O cronista também prestigiou textos de escritores coetâneos com poemas de Lúcio Cardoso (1912-1968), Manoel de Barros (1917-2014) e Paulo Mendes Campos (1922-1991). É válido ressaltar que Braga publicou entre os anos de 1953 a 1957 um único poema de sua autoria, na edição n. 92 de 23 de janeiro de 1954¹⁵, o texto foi recolhido e publicado posteriormente na obra *Livro de versos* (1980) Transcreve-se abaixo esse soneto:

E quando nós saímos era a lua,
Era o vento caído e o mar sereno
Azul e cinza-azul anoitecendo
A tarde ruiva das amendoeiras.

E respiramos, livres das ardências
Do sol que nos levava à sombra cauta
Tangidos pelo canto das cigarras
Dentro e fora de nós exasperadas.

Andamos em silêncio pela praia.
Nos corpos leves e levados ia
O sentimento do prazer cumprido.

¹⁵ Nesta edição, ao publicar o poema o escritor apresentou a seguinte nota: “Poeta bisonho, o cronista R. B. terá publicado no máximo uns seis poemas, dos quais o melhorzinho é o soneto acima, escrito em um momento de perfeita felicidade – R.B.” (BRAGA, 1954, p.52).

- Se mágoa me ficou na despedida
 Não fez mal que ficasse, nem doesse:
 Era bem doce, perto das antigas. (BRAGA, 1954, p.52)

Foi possível percebermos que o poeta bissexto, ao trazer determinados poemas de escritores dos mais diversos estilos literários, dialogou com os ensinamentos do norte-americano Ezra Pound (2006), no sentido de que os bons textos sempre resistiram e persistirão ao crivo do tempo e serão constantemente lidos, relidos e interpretados. Assim se expressa o poeta:

Há uma qualidade que une todos os grandes escritores: escolas e colégios são dispensáveis para que eles permaneçam vivos para sempre. Tirem-nos do currículo, lancem-nos à poeira das bibliotecas, não importa. Chegará um dia em que um leitor casual, não subvencionado nem corrompido, os desenterrará e os trará de novo à tona, sem pedir favores a ninguém. (POUND, 2006, p.47)

O cronista também trouxe textos inéditos de diversos escritores que posteriormente foram revistos e republicados em livros por eles. Recentemente o crítico literário André Seffrin publicou o livro *A poesia é necessária* (2015). A obra selecionou diversos poemas veiculados na coluna de Rubem Braga na revista *Manchete* entre os anos de 1953 a 1956 e, posteriormente, na coluna que recebeu o mesmo nome na *Revista Nacional*. Nela, foram publicados poemas entre os anos de 1979 a 1990. Seffrin (2015) tece considerações relevantes sobre a composição de ambas as seções ao destacar a preferência do cronista por sonetos e a recorrência temática em torno de poemas de amor e de protesto: “Desenhou assim um painel ao sabor de leituras cotidianas, à medida que os poetas e os livros apareciam no cenário ou as reedições dos clássicos facilitavam. Ou seja, de maneira um tanto aleatória” (SEFFRIN, 2015, p.11-2).

São escolhas aleatórias, é bem verdade; porém certamente os poemas selecionados para publicação passavam pelo crivo do escritor. Outro fato interessante é que, ao longo das edições, identificamos a relação simbiótica desenvolvida pelo cronista com dois poetas modernistas: Manuel Bandeira (textos publicados em sete edições) e Vinícius de Moraes (poemas publicados em seis edições). Tais vínculos transcendem a coluna e se prolongam por toda a vida do cronista. Ao estudarmos a biografia de Rubem Braga (CARVALHO, 2007), fica expressa a relação de amizade estabelecida entre os escritores. O autor de *A borboleta amarela* possuía grande admiração por Manuel Bandeira, de quem recebia inspiração artística, e uma amizade fraternal com Vinícius, como garante Affonso Romano de Sant’Anna:

Vinícius e Bandeira são irmãos literários de Rubem Braga: o fascínio pelas mulheres, o diálogo com a morte e a apreensão do cotidiano através de uma carioquice enternecedora. Ali estão as invocações em ritmo de ode e prece profana. (SANT'ANNA, 1998, p.11)

Laivos da relação fraternal do trio são encontrados em textos poéticos publicados ao longo das décadas em que conviveram. Por exemplo, na edição n. 230, de 15 de setembro de 1956, da revista *Manchete*, o cronista publicou; na seção “A poesia é necessária”, o texto de Manuel Bandeira intitulado “Saudações a Vinícius de Moraes”, veiculado anteriormente no *Jornal do Brasil*. Em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, Vinícius redigiu um poema em homenagem ao escritor capixaba, intitulado “Mensagem a Rubem Braga”¹⁶. Cinco anos mais tarde Rubem Braga apresentou a resposta literária com o poema “Bilhete para Los Angeles”¹⁷; nessa época, o “poetinha” assumia a sua primeira função como diplomata, nos Estados Unidos¹⁸.

Manuel Bandeira, além de ser homenageado com a publicação de textos na seção estudada, também integrou a comissão julgadora dos concursos de tradução de poemas promovidos pelo cronista. Isso evidencia o apreço e admiração que Rubem Braga nutria pelo modernista. Conforme veremos mais adiante, outros dois integrantes que compuseram a banca foi o escritor Onestaldo Pennafort e Cecília Meireles. Em algumas edições esparsas, os três intelectuais colaboraram com poemas para a seção “A poesia é necessária”. Interpretamos tal ação como forma de abalizar a capacidade poética de cada um e prestigiá-los como jurados do evento.

A partir do que explicamos nas linhas acima, a profusão de escritores inseridos em diversos eixos temporais que ilustraram “A poesia é necessária” dificulta a possibilidade de especificá-los em algum grupo literário. Porém, ao promovermos a indexação das edições do *corpus*, notamos que uma parcela considerável dos textos se enquadra entre os decênios de 1920 a 1950, período que corresponde basicamente às duas primeiras fases da estética modernista, identificada da seguinte forma:

[...] o Modernismo revela, no seu ritmo histórico, uma adesão profunda aos problemas da nossa terra e da nossa história contemporânea. De fato, nenhum outro momento da literatura brasileira é tão vivo sob este aspecto; nenhum outro reflete

¹⁶ O poema pode ser encontrado na seguinte obra: MORAES, Vinícius de. “Mensagem a Rubem Braga”. In: *O operário em construção*. São Paulo: Nova Fronteira, 1979.

¹⁷ O poema pode ser encontrado na obra: BRAGA, Rubem. *Livro de Versos*. 3. ed. São Paulo: Record, 1998.

¹⁸ Rubem Braga e Vinícius de Moraes foram amigos durante toda a vida. O “poetinha” faleceu em 1980. Braga ao saber da notícia, redigiu em homenagem à memória do escritor a crônica “Recado de primavera”, texto que posteriormente foi recolhido em antologia e deu nome a um dos livros do cronista.

com tamanha fidelidade, e ao mesmo tempo com tanta liberdade criadora, os movimentos da alma nacional. (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.11)

Podemos elencar alguns escritores modernistas que enriqueceram a coluna de Rubem Braga como, por exemplo, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho, Dante Milano, Mário de Andrade, Mário Quintana, Jorge de Lima, Henriqueta Lisboa, Augusto Meyer e Murilo Mendes. Os poetas desse período literário são caracterizados pelo emprego da junção de elementos diversos, a construção de imagens vívidas, a liberdade rítmica composta por todos os tipos de estrofe e verso. O cronista, ao trazer à baila esses inúmeros autores em sua coluna, mostra-se concatenado à fina flor da intelectualidade brasileira do seu tempo e, ao mesmo tempo, posiciona-se, também, como um escritor de vanguarda da estética modernista.

Alfredo Bosi (1973) ressalta as características da produção poética brasileira entre as décadas de 1930 e 1950, caracterizando-a por ser “universalizante, metafísica, hermética, ecoando as principais vozes da ‘poesia pura’ europeia de entre-guerras: Lorca, Rilke, Valéry, Eliot, Ungaretti, Machado, Pessoa...” (BOSI, 1973, p.435).

Ao lermos as edições da seção “A poesia é necessária”, notamos que alguns dos escritores citados por Bosi (1973), foram prestigiados por Rubem Braga e seus textos publicados. Citamos, por exemplo, o espanhol Federico García Lorca (1898-1936), pois em duas edições foram publicados os seus poemas “Toada de negros em Cuba” e “Um poema de Mariana Pineda”. Do austríaco Rainer Maria Rilke (1875-1926), publicaram-se quatro textos: “De uma noite de tempestade” (fragmentos deste poema), “Berceuse”, “A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke” e “Estrofes”; o norte-americano T. S. Eliot (1888-1965) enriqueceu a coluna com os textos “Animula” e “La figlia che piange”; e, por fim, Fernando Pessoa (1888-1935), contemplado com “Foi um momento” e “Dá surpresa de ser”. Assim, percebemos a conectividade do cronista com os grandes poetas que influenciavam a estética poética moderna daquele período e o empenho de trazer aos seus leitores poemas densos e sofisticados.

Além desses escritores, a coluna também contou com poetas das mais variadas nacionalidades como o mexicano Manuel Gutiérrez Nájera (1859-1895), autor de “Último Instante”; o italiano Giacomo Leopardi (1798-1837), representado por “O infinito”; a francesa Comtesse de Noailles (1876-1933), autora de “A imagem”; o irlandês William Butler Yeats (1865-1939), entre outros. Assim, é possível vislumbrar o extenso repertório poético do cronista, editor da coluna.

Outra observação relevante é quanto ao fato do escritor ter publicado diversos poemas de intelectuais chilenos. Tais publicações correspondem ao período em que o cronista viveu no Chile e trabalhou como diplomata brasileiro em 1955. Publicou poemas de Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Julio Barrenechea e Vicente Huidobro. Esta ação nos leva à possibilidade de engendrar duas observações. A primeira diz respeito ao contexto social, o tempo e o espaço moldando o pensar do escritor e influenciando significativamente suas escolhas literárias, algo que permaneceu ao longo da carreira literária. Citamos, por exemplo, as inúmeras crônicas que escreveu em 1950, período em que residiu por doze meses em Paris como correspondente do *Correio da Manhã*. Uma parcela desses textos foi recolhida em antologia póstuma intitulada *Retratos Parisienses* (2013). Nela, pudemos encontrar o cronista capixaba embebido na literatura francesa, antenado aos grandes escritores e debates literários da época, que “contempla desde a vanguarda heroica – André Breton ou Jean Cocteau – até nomes cujo prestígio se consolidou no pós-guerra, como Jean-Paul Sartre e Jacques Prévert” (MASSI, 2013, p.11).

A segunda observação nos leva a crer que as escolhas de todos os produtos textuais a serem publicados na coluna eram devidamente selecionados a dedo pelo próprio redator, ou seja, Rubem Braga, e não por produtores, estagiários ou editores. Tal fato exterioriza de certa forma o pensamento e as tendências ideológicas que o escritor pretendia transmitir ao leitor e, com isso, se firmar como intelectual.

O cronista também concedeu espaço em sua seção a escritores que naquela época estavam iniciando a vida literária. Citamos, por exemplo, o poeta Thiago de Mello, que teve o seu poema “As dádivas guardadas” publicado na edição n.197 de 28 de janeiro de 1956. Neste ano o escritor publicou a sua terceira obra *A lenda da Rosa*, sendo que as duas primeiras foram *Silêncio e palavra* (1950) e *Narciso cego* (1952).

É interessante ressaltarmos que o poeta amazonense e o cronista capixaba se conheceram na editora de José Olympio, apresentados por intermédio de José Lins do Rego, no início dos anos 1950, e desde então mantiveram uma sólida amizade até o fim da vida. A diferença de idade e a distância geográfica entre eles nunca foi empecilho para a manutenção dos laços de amizade. Carvalho (2007) aponta que os escritores conversavam por telefone e muitas vezes um ligava para o outro e sequer se identificavam, apenas diziam alguns versos e desligavam.

Na edição n. 188 de 24 de novembro de 1955, Thiago de Mello foi retratado na seção “Gente da cidade”. O cronista expõe neste texto algumas informações sobre o poeta como a origem e a formação acadêmica e evidencia alguns escritores pelos quais ele tem estima,

como José Lins do Rego, Odilon Ribeiro Coutinho, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Emanuel de Moraes e Otto Lara Resende.

Percebemos que a maior parte dos escritores elencados acima pertence ao círculo social do poeta bissexto. Sendo assim, notamos que a apresentação desses escritores não é gratuita, pois o cronista evidencia as influências literárias do perfilado conectadas e relacionadas ao seu círculo de amigos.

É relevante também destacarmos a forma dos poemas veiculados nas páginas de Rubem Braga. Percebemos que muitos textos poéticos da seção são sonetos. É interessante pensarmos a respeito desta escolha, pois o escritor marcado por crônicas de um caráter mais inovador, modernista, sendo considerado o responsável por consolidar esse gênero em meados da década de 1930, opta por publicar poemas a partir de uma estrutura clássica de composição poética. O aparente paradoxo é dirimido se pensarmos no vasto repertório cultural e literário que o poeta bissexto possuía e também o intuito de construir determinada imagem de intelectual perante a sociedade brasileira. Os sonetos apresentados englobam desde o período do Brasil colônia até a contemporaneidade do escritor, ou seja, é uma forma de estruturação poética clássica que se protraí através dos tempos e que Rubem Braga privilegia intencional e esteticamente em sua coluna.

Em 1980, o escritor lançou o seu único livro de poesia, *Livro de versos*. Nesta obra identificamos poemas escritos desde o final da década de 1930. É válido ressaltar que há apenas dois sonetos publicados, o primeiro intitulado “Soneto”, escrito em 1947, veiculado na edição n.92 de 23 de janeiro de 1954 na revista *Manchete*. O segundo, intitulado “Ao espelho”, datado de 1957. Sendo assim, reiteramos o pensamento de que o escritor prezou intencionalmente a forma do soneto em suas páginas na revista *Manchete* a partir de determinado projeto cultural e intelectual que buscou transmitir aos seus leitores. O formato predominante em seu livro seguiu preceitos estéticos modernistas da primeira e segunda fase como a oralidade, coloquialidade, versos brancos e livres.

4.2 Gente da Cidade

“Gente da Cidade” é o nome da seção das páginas de Rubem Braga que buscou retratar a vida de inúmeras personalidades de diversos estratos sociais, principalmente aquelas

inseridas na sociedade carioca na década de 1950. Entre as inúmeras definições, compreendemos perfil como “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe” (LIMA, 2009, p.427).

Considera-se o surgimento do perfil em 1925 com a criação da revista *The New Yorker* (VILAS BOAS, 2003). Posteriormente o gênero amadureceu e ganhou notoriedade em periódicos norte-americanos como *Esquire*, *Vanity Fair*, *Life* e *Harper's*; conquistou os leitores a partir de narrativas que debulharam a intimidade, a vida privada dos homens.

É relevante destacar os textos construídos no final da década de 1930, pelos jornalistas estadunidenses Joseph Mitchell (1908-1996), que inovou ao retratar anônimos (operários, pescadores, agricultores) e não apenas celebridades, e Lincoln Barnett (1909-1979), repórter da *Life*, que durante anos foi responsável por consolidar o gênero como modalidade jornalística. Em solo brasileiro, podemos destacar, anos mais tarde, a presença dos perfis em grandes revistas de circulação nacional, como *O Cruzeiro* e *Realidade*¹⁹.

Os perfis são produtos jornalísticos, e se enquadram na maioria dos casos na modalidade do gênero interpretativo, de acordo com o posicionamento dos estudiosos na área como Sodré e Ferrari (1986), Melo (1994), Kotscho (2009) e Vilas Boas (2003). Este último estudioso ressalta a importância do gênero em estabelecer diálogos com a arte da palavra: “O perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza” (2003, p.12).

Apesar do tom uníssono adotado pelos teóricos no tocante à classificação dos perfis, discordamos que eles sejam todos relacionados a esta categoria. Compartilhamos do pensamento de Maia (2013) ao defender que o perfil pode ser construído não apenas sob a égide da interpretação, mas a partir de todos os demais gêneros estabelecidos à luz dos preceitos teóricos de José Marques de Melo (1994)²⁰.

¹⁹ A revista *Realidade* possuía um *modus operandi* para produzir perfis: “[...] imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores. Não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável mas sempre fascinante personalidade humana” (VILAS BOAS, 2003, p.24).

²⁰ Os gêneros elaborados por José Marques de Melo são o informativo, o interpretativo, o utilitário, o diversional e opinativo. A construção do perfil pode recorrer a todos os gêneros, de acordo com Maia (2013): “Na perspectiva informativa, pode-se focar, prioritariamente, em dados, números e quantificações dos feitos das pessoas. Além disso, é possível voltar-se para a dimensão interpretativa dessa vida em destaque. A perspectiva utilitária também é passível de ser reproduzida quando a pessoa é vista como um instrumento portador de indicações a serem seguidas pelos leitores. O gênero diversional, que sugere a produção de uma escrita mais leve e de interesse humano, pode desdobrar-se em *perfil* mais comprometido com o entretenimento. A caracterização

Ao realizarmos a leitura dos textos escritos por Rubem Braga para a coluna na revista *Manchete*, notamos que eles vão além do aspecto interpretativo. É comum encontrarmos em um mesmo perfil diálogos entre os gêneros. Por exemplo, na edição n. 91, de 16 de janeiro de 1954, o entrevistado da semana foi o escritor e amigo do cronista, Fernando Sabino. No excerto abaixo, é possível identificarmos a confluência dos gêneros interpretativo, diversional e utilitário:

[...] é meio sangue mineiro e meio sangue italiano, e deste lado parece ter herdado entre outras coisas um certo gosto por novidades e invenções: o avô, italiano, foi o primeiro homem que fabricou sorvete no Brasil, fazendo vir o gelo, que então não se sabia fazer, do hemisfério norte, em navios; seu pai, brasileiro, foi o dono do primeiro automóvel de Belo Horizonte – e Fernando é dessas pessoas que adoram travar conhecimento com um novo tipo de isqueiro para automóvel.

Tem mesmo certo pendor para invenções, por exemplo: descobriu que o melhor meio de descascar abacaxi é usando a faca de cortar pão, e que para ter gelo fácil de tirar, a gente deve pôr no congelador a metade daquele negócio de matéria plástica em que se guardam os ovos na geladeira. Essa atração pelos novos implementos mecânicos, se manifesta por meio de marés, findas as quais abandona os novos aparelhos, possuído de uma sede de simplicidade. (BRAGA, 1954, p.58)

Ainda a respeito do gênero em que se enquadra o perfil, convém ressaltar o pensamento de Villanueva Chang (2010) ao classificá-lo como um “gênero de gêneros”. A produção e construção deste tipo de texto requer um esforço enorme do jornalista/escritor, pois é necessário recorrer a inúmeras outras funções como historiador, detetive, professor, ensaísta. Assim, o jornalista sintetiza os perfis estruturados na seguinte tríade: “1. Reportar e contextualizar a vida pública e privada de uma pessoa. 2. Ensaiai ideias sobre ela e sua comunidade. 3. Narrar e condensar sua história em cenas e resumos” (VILLANUEVA CHANG, 2010). Portanto, se há a miscelânea dos gêneros informativo, narrativo e o ensaístico, não podemos inserir o perfil somente na modalidade interpretativa, uma vez que vai além. Entendemos que os perfis de Braga são amplos e, conforme dissemos anteriormente, recorrem a todos os gêneros disponíveis para a sua construção.

A linha editorial do veículo de comunicação também é importante para nortear o escritor sobre quais aspectos da vida do perfilado serão evidenciados no texto. Todo perfil, ao ser engendrado, assemelha-se a um fractal, pois é impossível compreender e expor todos os ângulos e vieses que compõem o ser humano em alguns parágrafos. Sendo assim, há a seleção temática adotada em todas as fases de produção, desde o momento da elaboração do roteiro de perguntas, passando pela escrita, até chegar à edição final do texto. Villanueva Chang (2010)

positiva ou negativa de um perfilado irá aparecer no texto opinativo, em que não é dado ao sujeito o direito de se posicionar: o ponto de vista é apresentado pelo próprio jornalista” (MAIA, 2013, p.178).

ressalta o fato de que nenhum perfil é neutro; no entanto, é necessária cautela no momento em que for redigido para que não ocorram graves distorções interpretativas a respeito do perfilado:

O autor de um perfil caminha sobre uma corda-bamba cujos extremos são a piedade e a crueldade. O tempo todo enfrenta decisões éticas: o que contar e o que calar sobre a vida e a personalidade de alguém, o que iluminar e o que obscurecer. Um escritor de perfis não assume a postura de um fiscal ou de um advogado. Seu trabalho não é apresentar provas, e sim ensaiar explicações com a maior autoridade possível. Sem ela, um perfil pode acabar sendo uma cortesia, um linchamento ou apenas um mal-entendido. (VILLANUEVA CHANG, 2010)

Identificamos que nos perfis escritos por Rubem Braga há a adoção de um tom leve, sem ofensas e descrições pejorativas sobre a personalidade do retratado. Em muitos textos o cronista faz uso do humor e reiteradamente expõe ao leitor os gostos alimentares, musicais, literários, políticos do perfilado. Percebemos que todo momento o escritor busca estabelecer algum vínculo com o entrevistado. Tal estratégia transmite ao receptor maior veracidade ao que é narrado e, também, intimidade e proximidade por parte do escritor.

Outro ponto que merece destaque sobre essa modalidade textual são os conceitos atinentes à classificação. De acordo com Maia (2013), podemos classificar os perfis em duas grandes modalidades que variam a partir da perspectiva (angulação) adotada no momento da construção textual: *angulação ampliada*, o autor apresenta o perfilado a partir de uma perspectiva linear, objetiva, pautada na narrativa tradicional; *angulação difusa*, é uma narrativa não convencional, reflete difusamente sobre vários aspectos da vida do retratado, cabendo ao leitor construir a história a partir do material que leu. Em “Gente da Cidade” percebemos laivos de ambas ao longo das edições, porém, amalgamadas, formando uma terceira categoria que intitulamos *angulação mista*.

No decorrer da leitura do *corpus*, notamos que muitos perfis estão estruturados de modo semelhante: para tanto, usaremos como exemplo o texto que retrata o compositor e músico Ary Barroso, publicado na edição n. 143, 15 de janeiro de 1955. A estrutura reiterada geralmente inicia-se nos primeiros parágrafos com breves descrições sobre o local de nascimento, idade, árvore genealógica, curso superior que cursou e as principais dificuldades (emocionais, financeiras, sociais) enfrentadas no passado. A construção da narrativa é feita em ordem cronológica, coesa e ordenada, prevalecendo, assim, a angulação ampliada:

ARY Evangelista de Rezende BARROSO resolveu usar apenas o primeiro e o último desses nomes quando alguém lhe disse que o recheio dava azar; e reconhece que a mudança lhe deu sorte. Nasceu em 7 de novembro de 1903 em Ubá, Minas; o

pai, João Evangelista Barroso, que foi promotor e deputado estadual, era irmão de Sabino Barroso, ministro da Fazenda do governo Wenceslau Brás e, a certa altura, presidente da Câmara Federal. Mas João era civilista, boêmio e tocador de violão; não se dava bem com o irmão ilustre e hermista. A mãe, Angelina, da imensa família mineira dos Rezende, morreu aos 21 anos, do coração; João Evangelista apaixonou-se com isso e deixou-se consumir de fome.

Em menos de dois meses o menino Ary, de 8 anos, ficou órfão de pai e mãe e passou a ser criado pela avó materna e pela tia Ritinha, que lhe ensinou piano. (BRAGA, 1955, p. 52)

Posteriormente, ao qualificar brevemente o perfilado, o escritor seleciona e aprofunda determinado aspecto, podendo abordar questões culturais, familiares, memórias de infância ou o crescimento e amadurecimento profissional. No texto utilizado como exemplo, o cronista focaliza nos grandes sucessos musicais compostos por Ary Barroso:

Daqui para a frente seu nome se tornou conhecido e não há brasileiro digno que não se lembre de músicas tais como “Segura essa mulher”, “Rancho Fundo”, “Maria” (“o teu nome principia”), “Tabuleiro da Baiana”, “Os quindins de Yayá”... Querem mais? Tomem lá a “Baixa do Sapateiro”, “Grau Dez”, “Upa, Upa” (“meu cavalinho alazão”), “Tu” (“teu olhar é um sonho azul”), “Foi Ela”, “Aquarela do Brasil”, “Terra Seca”, “Inquietação” (“quem no acesso da paixão...”); “Como vais você!”, “Camisa Amarela”, “Risque”, “Boneca de Pixe”, “Faceira”... É na verdade, o maior dos maiores, o mais rico e numeroso de nossos compositores, esse tremendo criador de melodias e de ritmos que milhões de brasileiros repetem e às vezes invadem o resto do mundo – literalmente o resto do mundo, de New York a Moscou. (BRAGA, 1955, p.52)

No antepenúltimo e penúltimo parágrafo o escritor geralmente tece comentário sobre o cotidiano, o tempo presente, ou seja, contextualiza o leitor a respeito dos projetos atuais e futuros do entrevistado:

Locutor esportivo e humorista de rádio durante 18 anos (agora está em litígio com a Tupi) e ficou famosa sua gaitinha para marcar os “goals”, sempre mais alegre quando o “goal” era do Flamengo, sua voz de estranhos erres e vogais, com um sotaque que ele mesmo inventou [...]. Levou ao México uma orquestra de 24 figuras, e agora vai levá-la ao Prata.

A música que mais dinheiro lhe tem rendido é “Aquarela do Brasil”; à custa dele fez uma casa em uma ladeira do Leme que na ocasião lhe ficou em 1.100 contos e outra de onze quartos em um sítio em Araras, e ainda sobrou. Tem um filho de 23 anos e uma filha de 20 anos e entrega à esposa todo o dinheiro que recebe. (BRAGA, 1955, p.53)

Por fim, no último parágrafo, Rubem Braga discorre sobre diversas curiosidades da vida privada do perfilado a partir de uma densa carga emocional. A leitura de informações íntimas desperta no leitor a sensação de cumplicidade e intimidade com o retratado. Nesse último instante, há a construção do perfil nos moldes da angulação difusa, em que se exige do receptor a necessidade de elaborar, por conta própria, o que foi narrado:

Acha que combina bem com a mulher porque ela não gosta de futebol, nem de sambas nem da noite – as coisas que ele adora. Vai à praia, ouve Debussy, Brahms, Tchaikovsky, Gerswhin e acha que o samba se bolerizou, e em dezembro recebeu dos Estados Unidos 300 contos de seus direitos autorais durante o segundo semestre. Não é de comida, mas um de seus pratos prediletos dispensa o prato propriamente dito: é frango assado, que come inteiro e com a mão. Assim é o velho Ary, boêmio, discutidor, vaidoso, sentimental, esperto, ingênuo, infantil – e, sobretudo, grande. (BRAGA, 1955, p.53).

Muito além dos importantes aspectos históricos que tais narrativas podem proporcionar e auxiliar a construção cultural de determinada época da sociedade brasileira, é imprescindível identificarmos as relações simbióticas estabelecidas entre os perfilados e o “proprietário” da coluna.

Quando o cronista estreou “Duas páginas de Braga” na revista *Manchete* (edição n. 67 de 1º de agosto de 1953), nasceu também “Gente da cidade”, que trouxe impresso o perfil do pianista da boate *Vogue*, Sacha. Durante anos, publicaram-se perfis, sendo a última personalidade retratada o radialista Luís Vassalo (edição n. 209, de 21 de abril de 1956). Salvo em algumas edições, diversos perfilados ilustraram semanalmente as páginas de Rubem Braga, totalizando 127 perfis ao longo de quatro anos, sendo assim distribuídos:

TABELA 1- Publicações dos perfis

Ano	Edições (Gente da Cidade)
1953	20
1954	47
1955	50
1956	10

Fonte: revista *Manchete*.

Ao promovermos o levantamento das figuras perfiladas, percebemos que muitos entrevistados exerceram durante a vida diversas funções e circularam por vários grupos sociais. Sendo assim, classificá-los de modo hermético a partir de um único ofício ou habilidade implicaria em graves distorções interpretativas do material coletado. Por exemplo, há muitos escritores que para poderem sobreviver também atuavam como redatores, coordenadores, diretores de veículos impressos da época.

Outro fato relevante a ser destacado é o intuito do cronista em direcionar o olhar do leitor a partir de determinada perspectiva sobre o perfilado. Na maioria das vezes o escritor dava enfoque e confirmava o papel que o entrevistado exercia e representava perante toda a sociedade como, por exemplo, ao expor os perfis da cantora Elizete Cardoso e do compositor e cantor Dorival Caymmi. Neles Rubem Braga abaliza, ou seja, confirma o talento dos músicos e reforça a vida literária e artística presente no imaginário da coletividade dos brasileiros daquela época.

Porém, em alguns perfis, o escritor exterioriza pontos de vistas peculiares e diferentes, influenciando o leitor a construir uma perspectiva diferenciada sobre o perfilado. Por exemplo, no texto publicado na edição n. 158, 30 de abril de 1955, ao apresentar o perfil do empresário Chico Wright, o enfoque é a partir da relação que o entrevistado tem com a boa mesa, a gastronomia e não propriamente com os negócios que gerencia, sendo caracterizado como: “o mais famoso cozinheiro-amador do Brasil e sua criação preferida é ‘Ovos à la Chico’ (já em quatro edições, como diz)” (BRAGA, 1955, p.48).

Conforme dissemos acima, uma classificação rígida implicaria em distorções a respeito da inteligibilidade das complexas personalidades apresentadas em “Gente da cidade”. Sendo assim, ao analisarmos os perfis individualmente, notamos que o escritor teve o interesse em retratar pessoas que circularam e atuaram basicamente em três grandes áreas: o campo das artes, das comunicações e do setor terciário da economia (negócios e política).

FIGURA 6- Intersecções dos campos de atuação dos perfilados



Elaboração das intersecções a partir dos documentos indexados.

Rubem Braga, ao longo da existência de sua seção “Gente da cidade” buscou majoritariamente retratar indivíduos voltados ao campo das Artes. Esse setor corresponde a mais de 50% de todos os perfis publicados que englobamos escritores, críticos de arte, músicos, cantores, pintores, escultores, atores, dramaturgos, arquitetos e paisagistas. Percebemos o intuito do cronista de trazer para as suas páginas artistas coetâneos, que julgasse ser sofisticados, dotados de talento e conhecimento a partir da área em que atuavam.

Há implicitamente nesses textos o posicionamento de um intelectual com o intuito de transmitir aos seus leitores a valorização da cultura e da arte brasileira em suas inúmeras faces. Outro ponto relevante a destacar é o fato da maior parte dos perfis ser composta por brasileiros. Os estrangeiros retratados estabeleciam relações diretas com o Brasil e também com o escritor.

Rubem Braga também deu enfoque em “Gente da cidade” a comunicólogos, muitos colegas de profissão em jornais e revistas, inclusive na *Manchete*, como a colunista Elsie Lessa. Nesse grupo encontram-se jornalistas, colunistas, fotógrafos, repórteres, editores, radialistas, apresentadores de televisão, publicitários, assessores de imprensa e relações públicas. A veiculação desses perfis revela o *metier* no qual o escritor circulava e os laços profissionais e de amizade que firmava no campo midiático, meio fundamental para promoção, e garantia pública. Acreditamos que o cronista atuava através de uma relação simbiótica com esses profissionais, pois ao mesmo tempo em que concedia espaço, notoriedade em suas páginas, esperava também ter voz e representatividade perante as páginas ou colunas de seus colegas.

O terceiro grande eixo diz respeito aos perfis caracterizados como representativos do setor terciário da economia, ou seja, são retratados em “Gente da cidade” funcionários públicos do alto escalão, profissionais liberais como médicos e advogados, empresários, homens de negócio e políticos. A partir da publicação desses perfis, Rubem Braga busca construir a imagem que transcende o papel de um importante intelectual brasileiro no campo das artes e respeitado profissional nos meios de comunicação. O escritor vai além, pois demonstra que também transita nas esferas do poder e dos detentores de bens de produção e serviços.

Ao ler e indexar esses perfis, foi possível compreender e entender não apenas a respeito das personagens retratadas. A sombra do escritor está presente nas entrelinhas de todos os perfis e, de certo modo, a partir dessa “colcha de retalhos” é possível construirmos um perfil biográfico de Rubem Braga, no qual o escritor/jornalista torna-se o protagonista, o grande entrevistado.

O cronista, ao escolher determinadas personalidades (escritores, cantores, atores, músicos, comunicólogos, empresários, arquitetos, médicos, advogados) da época em detrimento de outras, desnuda aspectos da própria vida privada, uma vez que explicita os traços de sua ideologia política, gostos artísticos, culturais e afinidades com determinados grupos sociais e intelectuais.

Percebemos que o rol de entrevistados era amplo, porém não restrito apenas a pessoas ricas, mas a indivíduos que gozassem de prestígio perante a sociedade, principalmente a carioca da década de 1950. Sobre a produção de perfis e a escolha de entrevistados, convém ressaltar o pensamento de Villanueva Chang: “Nem todos merecem um perfil. Excentricidade, fama e tragédia não são condições suficientes para um perfil. O ideal é que o personagem alcance a estatura de um *símbolo*” (2010). A partir da análise desses textos, percebemos que Rubem Braga tinha predileção em perfilar homens e mulheres que considerava ícones para a sociedade de sua época, principalmente aqueles do campo das artes.

Quando o perfilado possui estreitos laços de amizade com o escritor, notamos no texto um discurso mais intimista, leve e informal, como ao discorrer a respeito do editor Joel Silveira, na edição n. 89, de 2 de janeiro de 1954:

Tem uma enorme capacidade de trabalho e de arranjar encrencas (briga e fica de bem), um humor altamente instável, dá grandes estouros terríveis e pitorescos, bebe uísque e seu grande refúgio é a música, principalmente Beethoven e Mozart; agora está com mania de Vila Lobos e Katchaturian. [...] Já trabalhou em mil lugares, como o Anuário de Pongetti, o Almanaque da Nestlé (levado por Marques Rebelo), ganha e gasta muito, é o pior homem de negócios do Brasil. Considera-se campeão de futebol de botão da Zona Sul, mas nunca jogou comigo. (BRAGA, 1954, p.55)

Nos perfis em que o laço de amizade é explícito, encontramos o aprofundamento emocional nas descrições sobre os acontecimentos. Além disso, é relevante destacar que há alguns textos em que o próprio cronista relata conversas ou situações as quais viveu com o entrevistado como nos perfis do editor José Olympio, publicado na edição n. 97, de 27 de fevereiro de 1954²¹, e do jornalista Carlos Castelo Branco, na edição 132, de 30 de outubro de 1954:

Uma vez cheguei à casa de Fernando Sabino, estavam lá umas oito pessoas que bem ou mal eu conhecia e sabia mineiras e um rapaz que eu nunca tinha visto. Perguntei a Fernando: “Quem é aquele piauiense ali?” Eu atravessara no ano anterior o sertão do Piauí, e pelo jeito do rapaz achei que era piauiense. Era. Era Carlos Castelo

²¹ Sobre o editor José Olympio e as amizades que mantinha: “Relações de amizade: todo mundo, incluindo esquerda, direita e centro, gerais e ‘book-makers’, o pobre do Braga, o folgado estancieiro Vargas” (BRAGA, 1954, p.53).

Branco, nascido em 1920, em Teresina, de pai desembargador; é primo de Sansão Castelo Branco, aquele que ganhou prêmio de viagem à Europa com suas artes decorativas. (BRAGA, 1954, p.58)

Ao ler os perfis, percebemos que muitos entrevistados mantinham laços de amizade uns com outros. A afetividade e intimidade não ficavam restritas apenas na esfera das afinidades construídas entre o cronista capixaba e o entrevistado da semana. Rubem Braga expôs algumas vezes em seus textos as relações existentes entre eles. Por exemplo, no excerto da edição n.80 de 31 de outubro de 1953, o perfilado é o escultor Alfredo Ceschiatti. Há um momento no texto em que o cronista narra uma passagem cômica ocorrida entre o perfilado e um amigo em comum, Paulo Mendes Campos. Vejamos, abaixo, a passagem narrada pelo escritor:

Há uma história contada como anedota por muitos cronistas (o primeiro foi Paulo Mendes Campos, que contou direito) acontecida com Ceschiatti. Ele estava em Paris e sua (nossa) encantadora amiga Isadora Falcão, filha do embaixador Falcão, telefonou de Londres para convidá-lo a ir com ela a uma festa dali a dois dias em Paris. No fim da conversa Isadora avisou: “black tie” – e Ceschiatti respondeu, antes de desligar – “‘black tie’ para você também” – e como apareceu na festa em traje de passeio não pôde entrar. (BRAGA, 1953, p.44)

Os textos e os protagonistas estabelecem diálogos; em alguns momentos a intertextualidade é explícita, como no perfil da dramaturga Maria Clara Machado, edição n. 137, de 4 de dezembro de 1954, que se inicia da seguinte maneira: “Maria Clara é gente da cidade, filha de gente da cidade (vide Aníbal Machado, n. 79 de MANCHETE) e nasceu em Belo Horizonte, mas veio logo para Ipanema [...]”. Tais estratégias reforçam a tese de que o escritor se preocupava e buscava construir determinadas imagens/conceitos aos seus leitores a partir da seleção dos produtos confeccionados e veiculados. Além disso, buscava promover a empatia (uma das principais atribuições do perfil)²² nos leitores, no intuito de fidelizar o público a seus textos.

Através dos perfis, Rubem Braga, além de evidenciar suas relações de amizade com diversas personalidades da sociedade brasileira da década de 1950, retratou também os locais que frequentava, conforme afirmamos páginas antes; o meio no qual o escritor estava vivendo o influenciava demasiadamente. A partir da leitura dos textos, interpretamos que, entre os anos de 1953 a 1956, o cronista passava noites na boêmia e frequentava assiduamente

²² “Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor” (VILAS BOAS, 2003, p.14).

algumas das principais casas de entretenimento cariocas, entre elas, *Vogue* e *Sacha's*. Tal asserção é possível de ser feita, pois o cronista publicou perfis de diversas personalidades da vida noturna carioca, cujo cenário de fundo se constituía em torno desses estabelecimentos destinados aos grupos sociais de maior poder financeiro.

A boate *Vogue* foi o primeiro *night club* carioca inaugurado em 1946 pelo barão austríaco Max Stukart, que viera inicialmente ao Brasil para operacionalizar o cassino do Copa que encerrou suas atividades após a proibição legal do jogo. O estabelecimento estava situado no luxuoso hotel que levava o mesmo nome, na Avenida Atlântica, e encerrou suas atividades em 1955 após um terrível incêndio que vitimou cinco pessoas:

Os elegantes do Brasil todo vinham ao Rio para ir à Vogue. Misturavam-se com os políticos, os diplomatas, os intelectuais e os boêmios. A música, dizem, era maravilhosa. Você podia escutar *crooners* como Elizeth Cardoso e Dolores Duran ou um Dick Farney cantando ao piano. (AMARAL, 2010, p.207).

A boate *Sacha's* foi criada pelo “Rei da Noite”, Carlos Machado, e pelo famoso pianista Sacha. O estabelecimento tornou-se centro de vivência da elite carioca após o fatídico incêndio na boate *Vogue*. Ambas eram semelhantes, porém a boate que levava o nome do pianista era mais formal. Este estabelecimento estava dividido da seguinte forma: “os personagens importantes ficavam à direita, junto à pista de dança; os aspirantes, à esquerda; e os desconhecidos, junto a um bar de serviço, sala conhecida como Sibéria” (AMARAL, 2010, p.208).

Sobre esse período vivido pelo escritor é interessante observarmos as considerações feitas por Carvalho (2007):

É o tempo das boates, como o Sacha's, onde Rubem Braga dormia, muitas vezes, à mesa, depois de comer uma fritada de camarão, onde ouvia música suave que permitia conversar e dançar, o mesmo ambiente que encontrava na Vogue, onde Moacyr Silva tocava seu sax em *hi-fi*, antes de se tornar conhecidíssimo em todo o Brasil como Bob Fleming. (CARVALHO, 2007, p.370).

Ao publicar os perfis do pianista Sacha, da boate Vogue, o *maître* Luís (exerceu o ofício em ambas as boates), a cantora Elizete Cardoso (cantou algumas vezes na Vogue), o *crooner* do Sacha's, Murilinho de Almeida, a *show-girl* Irene Hozko (Casablanca), Ruth, a modista (promoveu um desfile de lançamento de coleção na boate Vogue), entre outros. Nesse ponto, o escritor transmite implicitamente ao leitor de sua coluna o meio do qual fazia parte, sendo o seu estilo de vida valorizado, podendo ser identificado nos textos a partir do emprego

excessivo de adjetivos ao descrever as personagens e a narrativa de determinadas histórias (sucesso, talento, superação) vividas por eles.

Conforme dissemos acima, Rubem Braga adotou ao longo dos anos em “Gente da Cidade” um discurso ameno. Geralmente recheados de elogios, adjetivações positivas sobre os principais feitos realizados pelos entrevistados. No entanto, notamos que em alguns momentos o escritor se afasta da postural *la vie en rose* e se posiciona claramente frente a temas espinhosos aos brasileiros como o preconceito racial e os partidos de esquerda. Na edição n. 149, de 26 de fevereiro de 1955, o cronista denuncia o preconceito racial sofrido não apenas pela perfilada, Ruth de Souza, mas como algo enraizado nos inúmeros estratos da sociedade. Ao discorrer sobre as dificuldades enfrentadas pela atriz, aponta que ela “faz um papel muito pequeno. É raro haver papéis melhores para uma pessoa de cor nas peças dos brancos; o Teatro Negro acabou e Ruth tem de se conformar com sua falta de ‘chance’” (BRAGA, 1955).

“Gente da Cidade”, excepcionalmente, tornou-se “palanque político” uma semana antes das eleições gerais para governadores, senadores, deputados federais e estaduais, realizadas no país no dia 3 de outubro de 1954. Na edição n. 127, de 25 de setembro, ao trazer o escritor Homero Homem como o entrevistado da semana, além de apresentar uma breve biografia, em um momento da narrativa, o cronista declarou apoio ao perfilado, então candidato a deputado federal. Cabe transcrever um fragmento: “Candidato a deputado nas próximas eleições pelo Partido Socialista, merece todo o apoio porque tem valor e é um sujeito sério que sempre respeitou as próprias ideias” (BRAGA, 1954, p.50).

Nesse sentido, percebemos que o escritor, no decorrer de alguns perfis, ancora-se perante algumas questões que julga ser pertinentes. Assim, por um momento, coloca em segundo plano o perfilado da edição para discorrer sobre assuntos mais amplos, como aqueles evidenciados nos exemplos acima, o preconceito racial e o partidarismo político.

4.3 Concursos de traduções

A partir do *corpus* da pesquisa, notamos que as páginas de Rubem Braga não foram compostas apenas por crônicas, poemas, perfis, ilustrações e fotografias. Também marcaram presença, porém com menos periodicidade, se comparadas às modalidades textuais arroladas

acima, as traduções. Ao longo das edições da revista *Manchete* estudadas, desenvolveram-se dois concursos de poemas.

É válido ressaltar que os concursos de traduções na época não eram algo novo, pois se trata de uma tradição da imprensa brasileira desde meados do século XIX. Tais concursos eram promovidos pelos jornais e revistas.

Antes de evidenciarmos os poemas traduzidos para a coluna é interessante trazer à baila o mal afamado epigrama italiano “*traduttore, traditore*”, que se aplica aos tradutores. Tal ditado é verdadeiro, pois as traduções poéticas por mais “objetivas” e “fidedignas” que sejam, implicam em escolhas lexicais diferentes, signos verbais distintos daqueles evocados pelo poeta, promovendo a celeuma em uma seara que não pretendemos invadir. A esse respeito, observa Geir Campos:

De fato, se o leitor tiver a esperança de encontrar o texto original em qualquer tradução, por mais fiel que ela seja, verá frustrados os seus propósitos. Mesmo porque nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o original: é apenas uma tentativa de recriação dele. E sempre cabem outras tentativas. Pode-se dizer que, de um mesmo texto, poderão existir tantas traduções aceitáveis quantos forem os objetivos a que ele puder servir. (CAMPOS, 1987, p.12)

Nesse sentido, Jakobson (2010) elucida que a substituição do código de determinada mensagem por outra língua implica em recodificá-la e, desse modo, envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos distintos. Isso demonstra o quão difícil é traduzir²³. Rónai compara o ofício do tradutor àqueles exercidos pelos artistas, uma vez que o “poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível” (RÓNAI, 1986, p.14).

As traduções são segmentadas pelos teóricos em duas modalidades: a tradução literal, ou seja, a neutra, objetiva, *ipsis litteris*, centrada na forma; e a tradução livre, subjetiva, infiel, pautada no conteúdo. Ao lermos as traduções vencedoras dos concursos, percebemos que não se enquadram com o perfil de nenhuma delas, uma vez que recorrem a ambas.

²³ Paulo Henrique Britto (2012) ressalta a respeito dos desafios que envolvem a tradução, inclusive na contemporaneidade, uma vez que tal prática é vista como tarefa fácil: “Tradicionalmente, o trabalho de tradução tem pouca visibilidade. De modo geral, os leigos – inclusive as pessoas que leem regularmente, e que leem muitas traduções – não costumam pensar sobre a natureza da tarefa de traduzir uma obra. Assim, quando lhes perguntamos que ideia elas fazem desse ofício, constatamos que a visão de senso comum a respeito da tradução é profundamente equivocada. As pessoas tendem a pensar (I) que traduzir é, na verdade, uma tarefa relativamente fácil; (II) que o principal problema do tradutor consiste em saber que nomes têm as coisas num idioma estrangeiro; (III) que este problema se resolve com a consulta de dicionários bilíngues; e (IV) que, com os avanços da informática e o advento da internet, em pouco tempo a tradução será uma atividade inteiramente automatizada, feita sem a intervenção humana” (BRITTO, 2012, p.12).

O primeiro concurso teve início na edição n. 79 de 24 de outubro de 1953. O texto a ser traduzido era um soneto do norte-americano Edward Estlin Cummings (1894-1962), escritor que ao longo da vida passou por dificuldades financeiras, pois seus recursos eram oriundos da sua produção literária e artística (pinturas). Em seus poemas encontramos a adoção de uma estrutura formada por versos livres ou poemas em prosa. A temática adotada nos textos possui como pano de fundo a natureza e o amor. O poeta é irônico quando discorre sobre as relações do homem com as massas, tece críticas ao sistema econômico e político do mundo ocidental. O escritor pertence ao grupo dos precursores da poesia moderna, transformando a linguagem poética do tempo vivido, rompendo com as fronteiras entre a realidade e a ficcionalidade. Entre os seus livros publicados, podemos destacar algumas obras como *&(And)* (1925), *Is 5* (1926), *W (ViVa)* (1931) e *No Thanks* (1935). No texto abaixo, notamos um soneto de amor, no qual o eu-lírico sofre a angústia só de pensar em perder a amada:

It may not always be so; and i say²⁴

It may not always be so; and i say
that if your lips, which i have loved, should touch
another's. and your dear strong finger clutch
his heart, as mine in time not far away:

if on another's face your sweet hair lay
in such a silence as i know, or such
great writhing word as, uttering-overmuch.
stand helplessly before the spirit at bay:

if this should be, i say if the should be –
you of my heart, send me a little word;
that i may go unto him, and take his hands,

saying. Accept all happiness from me.
Then shall i turn my face, and hear one bird
sing terribly afar in the lost lands.(CUMMINGS, 1923 *apud* Braga, 1953, p.44).

Esse soneto foi publicado originalmente no livro *Tulips and Chimneys* (1923). A comissão julgadora foi formada pelos escritores Manuel Bandeira (1886-1968), Cecília Meireles (1901-1964) e Onestaldo de Pennafort (1902-1987). Rubem Braga ao escolher os três escritores remete a uma série de interpretações, entre elas, a questões afetivas e técnicas. Ao compor o júri com essas personalidades consagradas da literatura, o cronista transmite ao público (leitores e participantes do concurso) os laços de amizade que possui e o fato de

²⁴ O emprego do pronome pessoal *I* em minúsculo é uma das características estilísticas do escritor, pois é notoriamente conhecido por não seguir à risca as regras de pontuação e o uso de letras maiúsculas e minúsculas.

conviver com os integrantes da mais alta esfera da intelectualidade brasileira. Já os aspectos técnicos estão pautados na proficiência dos três escritores tradutores. Por exemplo, Manuel Bandeira traduziu *Macbeth*, de Shakespeare; Cecília Meireles, peças teatrais de Virginia Wolf, Rainer Rilke, Federico García Lorca, e Onestaldo de Pennafortt, poemas de Paul Verlaine e Stephane Mallarmé.

É interessante destacarmos o fato de o concurso estar inserido em uma revista que não tinha o *animus* de se firmar como uma publicação do ramo literário; pelo contrário, *Manchete* se impunha no mercado editorial brasileiro como um hebdomadário de variedades, recheado de imagens e uma boa produção gráfica. Acreditamos que por se tratar de um veículo multifacetado, que conquistava gradativamente espaço na sociedade brasileira, composto por uma gama variada de leitores, à *Manchete* era possível apresentar simultaneamente em suas páginas desde conteúdos extremamente superficiais, factuais e sociais a produtos da mais fina flor da intelectualidade brasileira e internacional, como, por exemplo, os artefatos literários publicados semanalmente na coluna do cronista capixaba.

Na edição n. 98, de 6 de março de 1954, a coluna de Rubem Braga publicou os nomes dos vencedores e um relatório do processo seletivo com a assinatura dos três avaliadores. De acordo com a publicação, a redação da *Manchete* recebeu mais de 70 traduções. No entanto, a comissão julgadora rejeitou inicialmente cerca de 40 textos por serem mal traduzidos ou sequer escritos no formato do soneto. É relevante destacarmos a escolha do poema pelo cronista capixaba, pois se trata de uma produção literária sofisticada, complexa, tecida a partir de combinações lexicais que remetem a interpretações e construções semânticas únicas. Tais asserções são ratificadas pelo próprio escritor: “É inegável que o soneto proposto pelo instituidor do concurso é de difícil, se não impossível, tradução para o português, como o é, de modo geral, todo poema inglês metrificado e rimado, dadas as diferenças que separam os dois idiomas” (BRAGA, 1954, p.58).

Os primeiros colocados foram Raymundo Magalhães Júnior (como forma portuguesa de um soneto traduzido) e Daniel Martins Júnior (como maior fidelidade ao texto). O segundo lugar foi para Nepomuceno de Araújo e o terceiro para Ivo Barroso. Segue, abaixo, a tradução dos primeiros colocados:

Tradução de Raymundo Magalhães Júnior

talvez não seja assim: direi, contudo,
que se teus lábios, que eu amei, tocarem
os de outro, e o coração dele apertarem
teus dedos fortes, se, como um veludo

outro rosto os cabelos teus roçarem,
docemente, no instante tenso e mudo
em que diz o silêncio mais que tudo
e as palavras não faltam, se faltarem;

se assim for, eu te digo, se assim for,
fala, querida, e eu próprio lhe direi:
“Aceita toda esta ventura”. E a mão

lhe estendo e parto. E muito longe, amor,
de ti, cantar um pássaro ouvirei
em perda e terrível solidão. (BRAGA, 1954, p.58)

Tradução de Daniel Martins Júnior

Se não for sempre assim; se porventura
Noutros lábios teus lábios repousares,
e com teus dedos fortes enlaçares
o coração de uma outra criatura;
se em outro teus cabelos, com ternura,
deixares repousar, e silenciare,
ou palavras candentes pronunciare
que adejam ante a mente, em vã procura:
se tal acontecer, minha querida.
dize-mo numa palavrinha suave,
que eu lhe possa almejar, mãos estendidas.
toda a felicidade desta vida.
E voltarei o rosto, ouvindo uma ave
cantar em terras longes e perdidas.(BRAGA, 1954, p.58)

Percebemos em ambas as traduções vencedoras o empenho dos participantes ao selecionar as palavras e criar rimas entre os versos. O primeiro colocado, o jornalista e escritor Raymundo Magalhães Júnior (1907-1981), foi eleito dois anos após esse concurso membro da Academia Brasileira de Letras. Além de ter escrito poemas, foi um tradutor de textos de escritores de vanguarda como Guillaume Apollinaire. O terceiro colocado do concurso, Ivo Barroso (1929-), também contribuiu no campo das letras, seja escrevendo poemas ou traduzindo inúmeras obras como os romances *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse, *Nadja*, de André Breton e *O pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco. Esse escritor também traduziu livros de poemas de William Shakespeare, Arthur Rimbaud e T.S. Eliot.

Entendemos que a criação do concurso nas páginas de Braga não ficou atrelada à identificação dos erros de tradução, mas buscou evidenciar a pluralidade e a riqueza das inúmeras possibilidades de traduzir um mesmo poema. Ao expor diversas traduções na coluna “[...] poderia estender-se ao exame de como a personalidade dos tradutores vem a colorir de matizes pessoais o trabalho de cada um” (RÓNAI, 1987, p.32).

Na edição de revista *Manchete*, n. 167, de 2 de julho 1955, o cronista publica um novo concurso de tradução. Tratava-se do soneto da chilena Gabriela Mistral intitulado “El niño solo”. Nesse período, o cronista morava no Chile, e conforme dissemos anteriormente, influenciado pelo meio em que vivia, além de prestigiar a poetisa, publicou poesias de outros escritores chilenos na seção “A poesia é necessária”. Rubem Braga teve a oportunidade de exercer um cargo diplomático a partir da relação de amizade que possuía com o então presidente Café Filho. O cronista foi indicado a um cargo diplomático, chefiou o Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil. Porém, no ano seguinte, solicitou o desligamento da função.

Gabriela Mistral (1889-1957) foi professora, diplomata e a primeira escritora de língua espanhola e da América Latina a receber o importante prêmio Nobel de Literatura em 1945. Em linhas gerais, a intelectual é marcada, em suas obras, assim como Cummings, por traços modernistas. Seus poemas são líricos, místicos, constituídos a partir de uma linguagem coloquial, simples e repleta de musicalidade. A temática recorrente foi a maternidade frustrada, questionamentos sobre a religião e a sociedade, que de certa forma refletiram suas ideologias cristã e socialista. Podemos destacar algumas publicações como *Sonetos de la muerte* (1914), *Desolación* (1922) e *Ternura* (1924).

Em meados da década de 1940, a escritora chilena viveu no Brasil. Atuou como consulesa do Chile em Petrópolis e, assim que chegou ao país, estabeleceu fortes laços de amizade com a escritora Cecília Meireles. Entre as cartas em que as duas escritoras trocaram ao longo da vida, a temática tradução de peças e poemas esteve presente diversas vezes. Além da amizade com a poetisa brasileira, Mistral também entrou em contato com poetas brasileiros e desenvolveu amizades literárias com Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Vinícius de Moraes.

O poema do concurso promovido por Rubem Braga está presente na antologia *Desolación*, publicada originalmente em 1922. Neste texto, percebemos a relação de afetividade do eu-lírico com a criança retratada.

El niño solo

Como escuchase un llanto, me paré en el repecho
y me acerqué a la puerta del rancho del camino.
Un niño de ojos dulces me miró desde el lecho,
y una ternura inmensa me embriagó como un vino!

La madre se tardó, curvada en el barbecho;
el niño al despertar, buscó el pezón de rosa
y rompió en llanto... Yo lo estreché contra el pecho,
y una canción de cuna me subió, temblorosa...

Por la ventana abierta la luna nos miraba.
El niño ya dormía, y la canción bañaba,
como otro resplandor, mi pecho enriquecido...

Y cuando la mujer, trémula, abrió la puerta,
me vería en el rostro tanta ventura cierta
que me dejó el infante en los brazos dormido! (BRAGA, 1955)

A comissão julgadora foi composta pelos mesmos integrantes do concurso anterior. De acordo com a coluna de Rubem Braga, ao todo foram 158 poemas enviados para a redação, sendo a maioria dos participantes do sexo feminino, provavelmente devido ao tema do soneto. Os prêmios para as melhores traduções foram garrafas de vinhos e livros de poesia chilena.

O resultado final foi publicado na edição n. 192, de 24 de dezembro de 1955, e trouxe na íntegra os dois primeiros colocados, Glaura Alvarenga e o poeta e tradutor brasileiro Agmar Murgel Dutra, respectivamente. Sobre os vencedores, a comissão julgadora exarou o seguinte parecer: “São parecidas e quase diríamos terem sido feitas sob o mesmo teto e inspirações aparentadas” (BRAGA, 1955, p.66):

Tradução de Glaura Alvarenga

Quedei-me, ouvindo um choro, em meio da subida
E na choupana entrei desse íngreme caminho.
Vi no leito, a fitar-me, um menino sozinho,
E o amor me embriagou como a um ébrio a bebida...

A mãe, lá na lavoura, atrasou-se na lida,
E o infante ao despertar buscou, em vão, o ninho
Do róseo seio... e pôs-se a chorar... Com carinho
Ao peito o aconcheguei, ninando-o enternecida.

Pela janela aberta a lua nos olhava.
A criança dormia, e de outra claridade
A canção de ninar o meu peito inundava...

E, a mulher, ao chegar, viu em meu rosto os traços
De tão grande ventura, a complexa verdade,
Que o filho ela deixou dormindo nos meus braços. (BRAGA, 1955, p.66)

Tradução de Agmar Murgel Dutra

Parei, ouvindo um choro, em meio da subida,
E então me aproximei da choça do caminho.
Com doçura do leito olhou-me um garotinho;
E a ternura me deu a ebriez da bebida.

Lá na lavoura a mãe se retardou na lida,
E o infante ao acordar procurou logo o ninho
Do róseo seio... e pôs-se a chorar... Com carinho
Ao peito o aconcheguei, ninando-o enternecida.

Pela janela aberta a lua nos fitava.
A criança dormia, e a canção me banhava
Como um outro luar, o peito enriquecido.

E, assim, quando a mulher a porta abriu aflita,
Em minha face viu tanta ventura escrita
Que em meus braços deixou o filho adormecido. (BRAGA, 1955, p.66)

Nas edições posteriores da revista *Manchete*, a coluna publicou em ordem de classificação os demais vencedores. Nesse sentido: terceiro e quarto colocados a Renato Bastos Vieira e o advogado, cronista e poeta paulista Altino Bondesan (edição n. 193); quinto e sexto a Marília de Sousa Martelli e J. Bastos (edição n. 194); e por fim, a edição n. 195 publicou o poema do sétimo colocado, Tisiana Marufo, e trouxe a tradução *hours concours* de D. Marcos Barbosa da Ordem de São Bento.

Acreditamos que a importância dos concursos de tradução promovidos na coluna de Rubem Braga reside no fato de estimular e fomentar o público a conhecer determinadas literaturas estrangeiras, principalmente a sua poesia. Percebemos que o escritor quis mostrar sua capacidade intelectual ao dispor aos leitores a possibilidade de exercer algo difícil: a tradução. Esta, por mais simples que seja, “exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que as variáveis são imprevisíveis” (ARROJO, 2013, p.78).

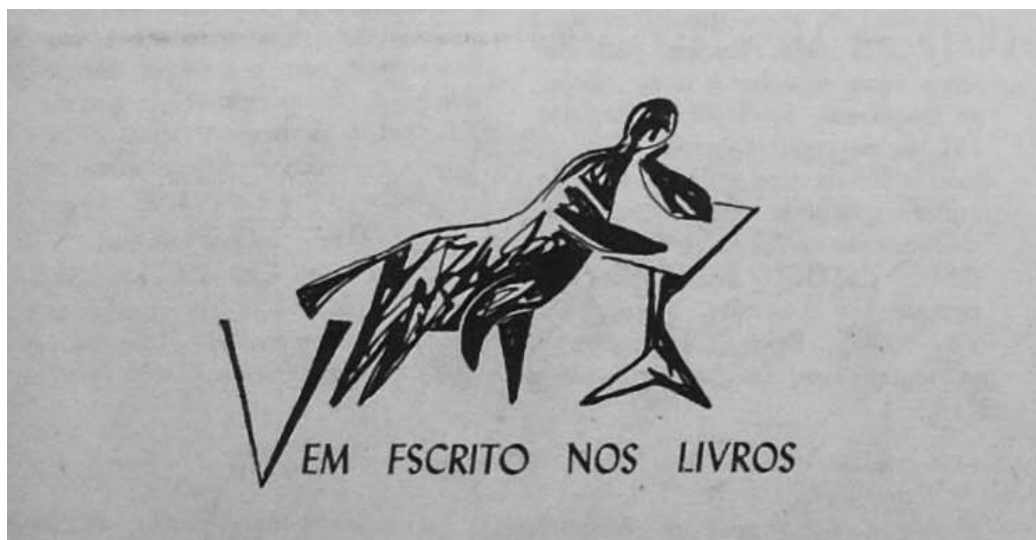
A partir da análise dos poemas e do concurso de tradução, é possível notar que a poesia, para Rubem Braga, é necessária e por isso possui presença constante em sua coluna. Ao lermos os poemas, pudemos deslindar a respeito de algumas preferências literárias do cronista. Percebemos que o poeta bissexto teve predileção pela forma poética clássica, o soneto; no entanto, ao mesmo tempo em que evoca a tradição também concede espaço às construções poéticas de vanguarda e experimentalistas. O aparente paradoxo é dirimido a partir do momento em que interpretamos e concebemos o escritor como um intelectual multifacetado, investido no papel de legitimador das artes, principalmente a poética e literária.

4.4 Vem escrito nos livros

Rubem Braga não focalizou a literatura apenas nos textos poéticos. Nas primeiras edições da sua coluna, apresentou uma seção que continha trechos de diversas obras literárias.

Notamos que o escritor selecionou alguns livros que haviam entrado recentemente no mercado editorial, seja como lançamentos, seja como reedições.

FIGURA 7 - Vem escrito nos livros



Fonte: Logotipo criado para a estreia da seção em agosto de 1953. Fotografia. Acervo Hemeroteca da biblioteca Mário de Andrade, São Paulo.

É interessante ressaltarmos o fato de ter o cronista selecionado escritores de diversas nacionalidades e não priorizado apenas brasileiros. Trouxe, por exemplo, excertos de *Mística*, do francês Paul Claudel, publicado inicialmente no *Le Figaro Littéraire*; *Actuelles*, do franco-argelino Albert Camus; *Androcles and the Lion*, do irlandês Bernard Shaw, e *Ed egli si nasce*, do italiano Ignazio Silone.

Os escritores brasileiros que ganharam espaço na coluna não foram apenas aqueles dedicados à ficção. O cronista trouxe para suas páginas trechos de livros voltados para a crítica e o ensaio como, por exemplo, *Reforma Agrária* (1953), do jurista Nestor Duarte, e *Nordeste Brasileiro* (1953), do professor Antônio da Silva Melo; e *Manet no Brasil* (1949), de Antônio Bento, que publicou correspondências trocadas pelo pintor impressionista em visita ao Brasil. Apresentou também uma pequena passagem da biografia de Lima Barreto, escrita por Francisco de Assis Barbosa, intitulada *A vida de Lima Barreto* (1952). O excerto descreve a felicidade do autor de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* ao presenciar a abolição da escravidão pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, na capital do país.

No campo da prosa literária brasileira, o cronista enriqueceu a coluna com trechos das seguintes obras; *Sagarana* (1946), o livro de contos de Guimarães Rosa, publicado na edição n. 69, 15 de agosto de 1953; *Lampião* (1953), drama de Raquel de Queiroz, que narra a

intimidade de Virgulino Ferreira e Maria Bonita juntamente com o seu bando, excerto veiculado na edição n. 70, 22 de agosto de 1953; e *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos na edição n. 86, 12 dezembro de 1953, fragmento que narra uma passagem do capítulo “Colônia Correccional”. Neste excerto, o escritor rememora com muita intensidade as péssimas refeições que os prisioneiros faziam na prisão, enquanto esteve detido em meados da década de 1930 por motivos políticos.

Rubem Braga, assim como Graciliano Ramos, sofreu perseguição política durante a ditadura de Getúlio Vargas. O cronista e sua família apoiaram em 1930 o então candidato eleito à presidência Júlio Prestes e se posicionaram contra o golpe do Estado, sofrendo inúmeras retaliações.

O escritor ao publicar excertos de *Sagarana* e *Lampião*, além de dar notoriedade às obras, apresenta figuras típicas do povo brasileiro, como o sertanejo e o cangaceiro situados às margens da sociedade cosmopolita, urbana e industrializada. Virgulino Ferreira, assassinado em 1938, tornou-se uma “figura mítica”, povoando o imaginário do povo brasileiro. Porém, é válido ressaltar que ele nunca deixou de ser visto como um indivíduo transgressor e criminoso pela sociedade.

Ao veicular nas páginas de Braga o excerto de *Sagarana*, texto denso, repleto de significações muito bem construídas por Guimarães Rosa, notamos uma aparente incongruência com o hebdomadário que a recebe. Sabemos que a revista *Manchete*, ao longo de sua existência no século XX, prezou pela boa qualidade gráfica de impressão, explorou demasiadamente imagens fotográficas e ilustrações e empregou um tom leve em seus textos. Tal discrepância é dirimida se pensarmos a partir da vertente adotada pelo redator da seção, pois Rubem Braga não queria ser apenas um colunista social e discorrer sobre amenidades de seu círculo de amizades recheadas por integrantes da *high society*. A todo instante, reforçava a construção da imagem de um escritor intelectualizado, podendo ser identificado implicitamente a partir das referências bibliográficas a que fez alusão em sua coluna inserida em um dos maiores e mais importantes periódicos da imprensa brasileira.

Ao lermos os trechos dos livros selecionados (nacionais e estrangeiros), percebemos que o escritor adotou um tom uníssono quanto à temática adotada. Neles há a crítica social, o desnudamento das mazelas da sociedade em diversos matizes como o preconceito racial, opressão política, o abuso de poder, agruras do pequeno produtor rural, a desigualdade de classes sociais e a difícil vida daqueles que vivem em condições precárias. Citamos como exemplo o fragmento do livro de poemas *Spetacle* (1953), traduzido em prosa, do poeta francês Jacques Prévert, publicado na edição n. 67, 1º de agosto de 1953:

É numa terça-feira, pelas quatro horas, de uma tardinha, no mês de fevereiro, dentro de uma cozinha; há uma criada que acaba de ser humilhada. No fundo de sua alma alguma coisa que ainda estava intacta acaba de ser saqueada, ferida. Alguma coisa que ainda vivia, e silenciosamente sorria. Mas alguém entrou, disse uma palavra cruel a propósito de um objeto quebrado; e aquela coisa que ainda era capaz de rir parou de rir para sempre.

E a criada fica ali parada, parada diante da pia e depois começa a tremer. Mas é preciso que ela não comece a chorar, porque se começar a chorar, a criada para todo o serviço sabe que não poderá mais parar de chorar. Ela traz dentro de si uma miséria tão grande, e há tanto tempo, como se fosse uma criança morta, e entretanto ainda um pouquinho viva que ela trouxesse dentro de si. E ela sabe muito bem que, a primeira lágrima derramada, todas as outras lágrimas viriam, e com isso faria tal barulheira que ninguém poderia suportar, e que a expulsariam, e aquela criança morreria. Então ela se cala. (PRÉVERT *apud* BRAGA, 1953, p.52)

Conforme vimos acima, tal recorrência temática, com a exceção de algumas crônicas e poemas, foge dos padrões editoriais da revista, pois *Manchete* não tinha o intuito de discutir celeumas políticas e sociais.

A maior parte das obras inseridas em “Vem escrito nos livros” foram publicações recém-lançadas ou reeditadas, contemporâneas, coetâneas ao tempo vivido do escritor. Esse fato também nos leva a pensar que cronista já observava e analisava o mercado editorial, ramo em que ingressaria anos depois ao fundar a Editora do Autor juntamente com Fernando Sabino.

É relevante destacarmos que durante a curta existência desta seção nas páginas de Braga, o escritor em quase todas as edições publicou ou fez referência a alguma obra editada e lançada pela editora de seu amigo José Olympio, como a terceira edição da obra *Sagarana* publicada em 1953, *Lampião*, *Memórias do cárcere*, *Nordeste brasileiro* e *A vida de Lima Barreto*.

A empresa do paulista José Olympio foi fundada em 1931 e tornou-se a mais importante editora brasileira das décadas de 1940 e 1950. De acordo com o cronista capixaba, em um perfil publicado em sua seção na edição n.97, de 27 de fevereiro de 1954, o editor já havia editado obras de pelo menos 90% dos escritores de algum valor no país. Nesse percentual encontrava-se Rubem Braga, que teve seus primeiros livros publicados pela editora de seu amigo como, por exemplo, *O conde e o passarinho* (1936), *O homem rouco* (1949), *Um pé de milho* (1948), *A borboleta amarela* (1953) e *A cidade e a roça* (1957).

A relação entre o editor e o cronista ia além da amizade e se enveredou para o ramo dos negócios. Ao longo dos anos, Rubem Braga diversas vezes solicitou trabalho e ajuda financeira ao amigo e a maneira de obter o dinheiro dele era traduzir obras literárias estrangeiras. José Olympio sempre socorreu o amigo, sendo que a primeira tradução teve

início no final de 1939, com a obra de Saint-Exupéry, *Terra dos homens*. Em setembro do ano seguinte o autor traduziu *O lago do amor*, da escritora austríaca Vicki Baum. Também traduziu o romance engajado nas causas sociais dos trabalhadores ingleses do início do século XX; tratava-se de *Sob a luz das estrelas*, do escritor escocês Archibald Joseph Cronin.

5 OS TEXTOS NÃO VERBAIS NA REVISTA *MANCHETE*

Este capítulo segmenta em dois eixos os textos não verbais inseridos nas páginas de Rubem Braga na revista *Manchete*: as inúmeras ilustrações artísticas e as fotografias que retratam as personalidades evocadas, principalmente na seção “Gente da Cidade”, *portraits* dos perfilados em preto e branco.

A partir do *corpus* eleito para a tese, é possível perceber a grande valorização que o escritor concedia às artes visuais, pois em muitas edições as imagens obtiveram mais espaço que os próprios textos. Sendo assim é imprescindível nos debruçarmos sobre esses artefatos no intuito de compreendermos de modo holístico as páginas de Braga bem como as preferências estéticas e artísticas do cronista que a todo instante buscava se firmar como um intelectual formador de opinião frente ao tempo vivido.

Para melhor entendermos as construções imagéticas é relevante observarmos os conceitos de Santaella (1998) que, ao estudar a evolução do processo de produção de imagens, as classifica a partir da tríade de paradigmas determinados como pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico²⁵. O primeiro deles versa sobre a confecção de imagens de modo artesanal, feitas à mão – técnica que requer exclusivamente a habilidade artística do homem em materializar as suas ideias ou concepções imaginárias em formas bi ou tridimensionais. Percebemos esse paradigma nas inúmeras ilustrações promovidas pelos diversos artistas que contribuíram para a coluna de Braga. O resultado dessas produções não acarretouem simples imagens, pois remete a algo único, de certo modo autêntico, investido de “sacralidade, fruto do privilégio da impressão primeira, originária, daquele instante santo e raro no qual o pintor pousou seu olhar sobre o mundo, dando forma a esse olhar num gesto irrepetível” (SANTAELLA, 1998, p.307). Conforme observaremos nas páginas seguintes, percebemos que boa parte da produção se coaduna com os textos literários presentes na coluna, e foi destinada exclusivamente às páginas do cronista.

O segundo paradigma faz remissão à produção de imagens que solicita máquinas específicas para captar e registrar fisicamente os fragmentos do tempo vivido do homem;

²⁵ A título de curiosidade é válido ressaltar que o terceiro paradigma consiste em produções imagéticas que derivam de matriz numérica elaborada a partir de técnicas computacionais. São imagens sintéticas as quais não requerem dispositivo fotossensível-químico para serem produzidas; pelo contrário, são geradas a partir de pixels visualizados sobre uma tela de computador. Nenhuma das produções artísticas presentes nas páginas de Braga referentes à década de 1950 enquadra-se nesse modelo, pois os meios de confecção de imagens sintéticas eram algo muito incipiente e sequer existente na prática do jornalismo.

sendo assim, entram nesse grupo as produções fotográficas, holográficas, cinematográficas, videográficas e televisivas. Neste rol estão diversas fotografias 3x4 e outras que integram as inúmeras edições selecionadas para este estudo.

As diferenças entre esses textos não verbais presentes na coluna estudada, além de suportes e linguagens diferentes, estão também relacionadas ao tempo e à possibilidade de reprodução dos artefatos confeccionados, porquanto o paradigma pré-fotográfico possui a tela como suporte vazio e passivo a ponto de receber gradativamente as manifestações de pensamento do artista no decorrer da elaboração da pintura, ao passo que as produções pertencentes ao paradigma fotográfico nascem em um átimo, uma vez que os elementos químicos presentes na captura das imagens reagem a partir do momento em que entram em contato com a luz. A produção, dessa forma, é instantânea, sujeita ao apertar o botão da câmera fotográfica. No entanto, para realizar um bom artefato em ambos os paradigmas, são imprescindíveis: o domínio do conteúdo e da técnica que essas linguagens exigem.

Sabemos que o talento estético e artístico de Rubem Braga foi concentrado no campo literário. Foi um pintor frustrado e como forma de compensação o autor conhecia bem as técnicas de produção de pintura e sempre nutriu grande apreço e interesse pelas artes visuais, tornando-se um severo crítico. Porém, não teve o hábito de escrever análises críticas, preferia que os pintores o procurassem para que ele emitisse a sua opinião, “colecionadores importantes e inseguros cultivam o hábito de procurar Rubem Braga antes de uma troca, ou uma aquisição. Torna-se um grande conselheiro de artes plásticas” (CASTELLO, 1996, p.126).

Sabe-se que ao longo da vida, o cronista capixaba manteve laços de amizade com inúmeros artistas plásticos entre eles, podemos citar, por exemplo, os pintores Carybé (1911-1997) e Cícero Dias (1907-2003).

Rubem Braga viveu em diversos lugares do mundo e por onde passou sempre recebeu e acolheu grandes pintores, principalmente brasileiros. Um exemplo foi o apartamento em que morou localizado na Rua St. Dominique em Paris. Este local silencioso e bem iluminado serviu como ateliê e cenário de inspiração para muitos artistas produzirem suas obras, como Cícero Dias, Candido Portinari (1903-1962) e Milton Dacosta (1915-1988). (Carvalho, 2007).

Tão importante quanto os textos expressos a partir das palavras, a modalidade textual não verbal pictórica explora signos investidos em cores, traços e formas. Tais representações constroem percepções únicas, comunicam e influenciam o receptor a partir da visão de mundo de quem constrói essas mensagens, ou seja, o emissor.

Uma das inúmeras diferenças entre o texto verbal e o não verbal está na simultaneidade (FIORIN; SALVIOLI, 2007). Ao lermos e compreendermos um texto, seja em verso, seja em prosa, é necessário adotarmos a linearidade uma vez que os seus signos e sons estão dispostos sucessivamente, sendo impossível a sua inteligibilidade caso estejam sobrepostos. O contrário ocorre com os textos não verbais, uma vez que, ao entrarmos em contato, por exemplo, com uma fotografia *portrait* inserida nas páginas de Braga, interpretamos em um primeiro momento a totalidade dos signos em conjunto e, secundariamente, realizamos a análise fragmentada.

Nesse mesmo sentido encontra-se o pensamento de Aguiar (2004) ao preconizar que estas modalidades são linguagens distintas. Uma é objetiva, analítica, definidora, centraliza-se na racionalidade, cientificidade, atua no campo da interpretação e explicação. Trata-se, nesse caso, dos textos verbais. A outra é muito mais difícil de ser definida, pois os textos não verbais voltam-se para a linguagem das imagens, cores, formas e dos símbolos, expressando-se de modo generalizado.

O fato de existirem linguagens de duas naturezas distintas leva-nos a pensar que a cada uma delas corresponde uma concepção de mundo diferente, porque sabemos que uma linguagem, mais do que refletir a realidade, cria uma realidade. Isso quer dizer que o real existe porque nós o construímos, e o mesmo fato pode ter sentidos diversos para pessoas diferentes. (AGUIAR, 2004, p.28-9)

A partir destas múltiplas realidades preconizadas na citação acima, acreditamos que o maior contraste entre ambas as modalidades textuais está no modo como as sociedades priorizam o ensino da alfabetização verbal (escrita e fala) desde a tenra idade, em detrimento dos textos não verbais, relegando-os à esfera da subjetividade e da intuição. Algo paradoxal, pois estamos imiscuídos em uma sociedade imagética, conceito preconizado por Guy Debord (1997), desde meados do século passado.

Para o estudioso francês, a composição da estrutura social está calcada no simulacro, na teatralização da realidade mediada por um conjunto de imagens no qual o indivíduo pretende transmitir, tornando o virtual em hiper-real, mais interessante e atraente que a existência concreta, levando-o à alienação e, assim, “quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 1997, p.18).

Rubem Braga, ao orquestrar a diagramação das páginas de sua coluna na revista *Manchete*, ultrapassava o papel de cronista e atuava, também, como crítico/jornalista/comunicólogo de grandes veículos de comunicação de massa. Desse ponto de

vista, o escritor possuía a clara percepção e o conhecimento do poder exercido através da imagem a fim de seduzir e conquistar o leitor. Tais estratégias são aplicadas e resultam em belas ilustrações inseridas nas diversas edições da sua seção.

Deste modo, ressaltamos a necessidade de estudos que possibilitem a propagação de uma educação visual mais sólida, a qual instrumentalize o receptor a ter maior senso crítico e, portanto, possa sair da esfera da passividade ao ler os textos não verbais inseridos nas páginas de Braga. Sobre esse assunto, Donis A. Dondis faz as seguintes considerações:

Por que herdamos, nas artes visuais, uma devoção tácita ao não-intelectualismo? O exame dos sistemas de educação revela que o desenvolvimento de métodos construtivos de aprendizagem visual são ignorados, a não ser no caso de alunos especialmente interessados e talentosos. Os juízos relativos ao que é factível, adequado e eficaz na comunicação visual foram deixados ao sabor das fantasias e de amorfas definições de gosto, quando não da avaliação subjetiva e autoreflexiva do emissor ou do receptor, sem que se tente ao menos compreender alguns dos níveis recomendados que esperamos encontrar naquilo que chamamos de alfabetismo no modo verbal. (DONDIS, 1991, p.17)

A linguagem visual, do mesmo modo que ocorre com a escrita e falada, sofre influências tanto materiais (caligrafia, luminosidade, meio ambiente em que vive) quanto imateriais (fatores culturais, religiosos, sociais, intelectuais) no tocante à interpretação. No entanto, mesmo com essas variações, Dondis (1991) aponta que nos textos não verbais há uma sintaxe visual complexa comum aos seres humanos.

No intuito de evidenciar esta sintaxe ordinária, recorrente nos indivíduos, o estudioso se debruça sobre os diversos matizes que envolvem a linguagem visual respaldado nos preceitos da Escola Gestalt.

Para construir a análise crítica dos textos não verbais inseridos na coluna de Rubem Braga na revista *Manchete*, adotamos os conceitos desta escola alemã, recorrendo aos ensinamentos de Dondis (1991) e de outros teóricos que seguem esta linha de entendimento e interpretação de objetos visuais, como Rudolf Arnheim (2014) e João Gomes Filho (2009).

O vocábulo *Gestalt* é um substantivo proveniente da língua alemã e significa forma ou configuração. Trata-se de um conceito veiculado desde o início do século XX, quando se busca a definição de um conjunto de princípios relacionados à percepção sensorial, visual. O teórico Arnheim (2014) afirma que boa parte da construção do conhecimento sobre a percepção visual na contemporaneidade foi calcada sobre os preceitos obtidos nos laboratórios dos psicólogos gestaltistas.

O precursor da Gestalt foi o filósofo austríaco Christian Von Ehrenfels, que apresentou os conceitos basilares em 1890. A fundação ocorreu efetivamente no início da

primeira década do século XX, a partir de três pesquisadores da Universidade de Frankfurt, a saber: Wolfgang Kohler (1887-1967), Max Wertheimer (1880-1943) e Kurt Kofka (1886-1941).

A arte para esta escola busca amparo no princípio da pregnância da forma (GOMES FILHO, 2009), ou seja, toda e qualquer manifestação visual (obras de arte, construções, produtos gráficos e industriais), ao ser confeccionada, recorre a alguns quesitos como o equilíbrio, harmonia visual e clareza, considerados indispensáveis e necessários para o homem. É interessante observarmos que as páginas de Braga levam em conta esse princípio, pois ao folhear as diversas edições percebemos que há o cuidado em elaborar páginas harmônicas que estabelecem o diálogo entre as imagens e os textos.

Para compreensão da teoria aplicada no *corpus*, é interessante observar que os gestaltistas, a partir de diversos estudos e pesquisas de campo, contribuíram para o desenvolvimento de teorias atinentes à linguagem, memória, percepção visual e atuaram profundamente no campo da teoria da forma.

A teoria da Gestalt, extraída de uma rigorosa experimentação, vai sugerir uma resposta ao porquê de umas formas agradarem mais e outras não. Essa maneira de abordar o assunto vem opor-se ao subjetivismo, pois a psicologia da forma se apoia na fisiologia do sistema nervoso, quando procura explicar a relação sujeito-objeto no campo da percepção. (GOMES FILHO, 2009, p.18)

Sendo assim, a teoria propõe que a imagem, ao atravessar a retina e chegar ao cérebro, atua de modo simultâneo e imediato. Não há um processo posterior ao qual se associam várias sensações. Ocorre a fusão entre aspectos psicológicos e físicos concomitantemente, sendo que o sistema nervoso central atua no intuito de estabilizar e organizar as formas de modo coerente e unificado (GOMES FILHO, 2009; DONDIS, 1991).

Acreditamos que a forma adequada para ler as imagens da coluna do cronista capixaba seja a partir dos ensinamentos de Dondis (1991) ao esclarecer que todas as comunicações visuais possuem elementos básicos que compõem todas as mensagens visuais, a saber: o ponto (unidade visual mínima, indica e marca o espaço); a linha; a forma (suas estruturas básicas são o quadrado, o círculo e o triângulo, além de todas as outras variações de dimensões e planos); a direção (impulso de movimento, entre elas, as perpendiculares, circulares e diagonais); o tom (perceptível a partir da ausência ou presença de luz); cor (elemento mais visível e emocional); a textura (tátil ou óptica); a proporção; a dimensão e o movimento (ambos expressos na mesma frequência). Esses elementos visuais são fundamentais para a percepção das imagens: “é a partir deles que se planejam e expressam

todas as variedades de manifestações visuais, objetos, ambientes e experiências” (DONDIS, 1991, p.23).

Deste modo, percebemos em todas as ilustrações da coluna de Rubem Braga a presença dos elementos básicos preconizados pelo teórico. Elas estabelecem relações com os demais textos, sejam eles verbais ou não verbais inseridos nas páginas muito bem diagramadas.

Além desses elementos basilares definidos acima, a interpretação das ilustrações da coluna de Rubem Braga deve ser promovida à luz das leis que norteiam a Gestalt (GOMES FILHO, 2009), definidas por: unidades (pode ser um ou vários objetos que compõem o elemento visual); segregação (é a possibilidade de individualizar e identificar as unidades que constituem o objeto visualizado); unificação (é identificada a partir da observação dos princípios do equilíbrio visual, harmonia e coerência do estilo formal das partes ou da totalidade do objeto); fechamento (a partir da disposição dos elementos visuais a figura pode tornar-se mais completa ou mais fechada); continuidade (é definida pela coerência da percepção da forma, sem interrupções, descontinuidades e quebras das imagens); proximidade (elementos visuais próximos uns dos outros podem ser vistos de modo imbricado e colimar em um todo ou em unidades dentro desta totalidade); semelhança (ao empregar formas e cores iguais, leva o receptor a enxergar agrupamentos de partes análogas, semelhantes); e, por fim, a pregnância da forma (lei básica da percepção visual gestaltiana). Elementos visuais altamente pregnantes geralmente são objetos estruturados de modo equilibrado, simples, homogêneos e regulares, claros e coesos com o mínimo de complicação visual na composição de suas unidades.

Gomes Filho (2009) ressalta que a análise dos textos não verbais também pode ser feita a partir de duas categorias que complementam as leis da Gestalt, são elas: as conceituais fundamentais e conceituais com técnicas visuais aplicadas. A primeira é composta pela harmonia (disposição formal e proporcional no todo ou entre as partes); equilíbrio (físico e visual, são forças que atuam sobre um objeto e se compensam de modo recíproco) e o contraste (perceptível a partir das variações de luz e tom, de cores, ritmo, horizontalidade e verticalidade, proporção, entre outros). A segunda é composta por muitos elementos, como a transparência física e a sensorial, a diluição, a sutileza, a distorção, a aleatoriedade, a sequencialidade, a sobreposição, a fragmentação. Alguns desses elementos estão em oposição semântica uns aos outros como, por exemplo, a coerência e a incoerência, a simplicidade e a complexidade, a profusão e a minimidade, a clareza e a opacidade, profundidade e superficialidade.

Por fim, somam-se para esta análise os ensinamentos do professor alemão Rudolph Arnheim (2014), o qual expõe que os trabalhos produzidos pelos artistas devem ser relacionados com outras atividades humanas e não serem compreendidos como frutos de poderes superiores e divinos, pois as obras geradas por eles constituem um modo sofisticado de entender onde estamos e quem somos nós. Ressalta, também, a necessidade de compreender um artefato artístico a partir do princípio básico da forma do objeto analisado.

Se alguém quiser entender uma obra de arte, deve antes de tudo encará-la como um todo. O que acontece? Qual é o clima das cores, a dinâmica das formas? Antes de identificarmos qualquer um dos elementos, a composição total faz uma afirmação que não podemos desprezar. Procuramos um assunto, uma chave com a qual tudo se relacione. Se houver um assunto instruímo-nos o mais que pudermos a seu respeito, porque nada que um artista põe em seu trabalho pode ser negligenciado impunemente pelo observador. Guiado com segurança pela estrutura total, tentamos então reconhecer as características principais e explorar seu domínio sobre detalhes dependentes. Gradativamente, toda a riqueza da obra se revela e toma forma, e, à medida que a percebemos corretamente, começa a engajar todas as forças da mente em sua mensagem. (ARNHEIM, 2014, p.19-20)

Uma vez demonstrados quais elementos foram considerados para analisar os artefatos artísticos presentes no *corpus* selecionado convém abordá-los de modo individualizado. No entanto, ressaltamos novamente o pensamento uníssono entre os teóricos da área: a complexidade em realizar análises de textos não verbais “traduzidos” para conceitos verbais.

5.1 Desenhos e grafismos

Conforme dissemos anteriormente, Rubem Braga foi um grande admirador e estudioso das artes plásticas e sempre esteve cercado por inúmeros artistas; porém, é válido ressaltar que o cronista tinha predileção por alguns deles. De acordo com José Castello (1996) podemos citar, como os preferidos pelo cronista, os pintores Di Cavalcanti (1897-1976) e Djanira da Motta e Silva (1914-1979) e o escultor Alfredo Ceschiatti (1918-1989).

É pertinente destacar que o escritor ao longo da vida comprou e vendeu muitos quadros e dificilmente se apegava a um deles; pelo contrário, havia em sua casa uma grande rotatividade de obras de arte. Frequentemente era visto em leilões, feiras, exposições, negociando obras de arte. Também gostava de conhecer e incentivar as produções artísticas de jovens talentos.

A partir do *corpus* estudado, podemos identificar a ligação do escritor capixaba com os artistas plásticos, além das imagens veiculadas, encontramos os diversos perfis inseridos ao longo dos anos em sua seção.

Todas as edições recolhidas e indexadas da revista *Manchete*, a qual esta tese propõe a analisar, contam com a presença de diversas ilustrações. São 201 edições catalogadas (*corpus*) trazendo às páginas inúmeros desenhos de diferentes artistas ao longo de cinco anos. No decorrer das análises, buscamos individualizar as imagens do restante dos elementos com os quais elas estabelecem diálogos, pois o principal intuito neste momento é o de conceder atenção e observação às inúmeras ilustrações.

Muitas destas obras foram confeccionadas exclusivamente para a coluna de Rubem Braga. Logo abaixo, encontra-se um texto não verbal de Eduardo Anahory produzido em preto e branco. Nele é possível identificar os elementos básicos da comunicação visual preconizados por Dondis (1991), pois encontramos o *ponto*, que, em conjunto, estrutura as *linhas*, as *formas* presentes são eminentemente quadradas e retangulares dispostas em dois planos. O primeiro é identificado a partir da figura humana vestindo casaco e chapéu; o segundo, mais ao fundo, remete aos cidadãos em meio à selva de pedra. A *direção* indica movimentos basicamente perpendiculares, verticais, efeito produzido a partir da construção dos prédios da imagem, o *tom* empregado é monocromático, a *textura* é óptica, a *proporção* e *dimensão* dos objetos estão dispostas a ponto de transmitir ao receptor a sensação de perspectiva e profundidade, auxiliando na *movimentação* da imagem artística.

FIGURA 8 - Eduardo Anahory



Ilustração de Eduardo Anahory, publicada na coluna 2 páginas de Braga, na revista *Manchete* edição nº80 de 31 de outubro de 1953. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

De modo geral, todas as ilustrações foram produzidas e impressas em preto e branco. A exceção está na edição de nº 160, veiculada em 14 de maio de 1955. Tal imagem, produzida por Carlos Thiré, emprega a cor rosa ao fundo, no intuito de realçar e estabelecer relações dialógicas com o texto “Uma festa”, presente na coluna. Tal crônica, recolhida hoje na obra *A borboleta amarela*, sob o título de “A grande festa”, apresenta ao leitor um elegante evento; o cronista inicia o texto da seguinte forma: “Não sei que tonalidade rósea descia dos imensos lustres suspensos no salão; ou era como se em alguma parte houvesse um crepúsculo em sangue irradiando uma luz fantástica e sutil [...]” (BRAGA, 1982, p.150). Assim, ao evidenciar essa cor no texto não verbal, demonstra-se que os elementos verbais e não verbais

da coluna de Braga muitas vezes atuam simbioticamente, despertando ao leitor o conforto visual (diagramação) ao ler.

FIGURA 9 - Carlos Thiré



Ilustração de Carlos Thiré, publicada na coluna Rubem Braga, na revista *Manchete* edição nº 160, 14 de maio de 1953. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

É importante ressaltar que a relação exercida entre imagem e texto é algo marcante nas colunas do escritor capixaba. Salvo raras exceções, a maior parte das ilustrações presentes é tradução intersemiótica dos poemas e das crônicas que também compõem as páginas de Braga. Notamos a presença de algumas pinturas, que não estabelecem relações com os textos verbais inseridas, principalmente, nas primeiras edições do ano de 1953, como aquela veiculada no lançamento da seção. A escolha do autor por esta imagem que ocupa quase toda a segunda página é muito significativa, pois atua como um cartão de visita, transmitindo ao leitor uma série de sentidos a respeito da linha editorial e o estilo que será adotado nas

próximas edições, ou seja, um espaço destinado a um público cosmopolita, sofisticado, citadino, focado principalmente nas personalidades inseridas na sociedade carioca, mescladas com textos literários que resulta em um projeto jornalístico-artístico singular muito bem engendrado por Rubem Braga.

FIGURA 10- Eduardo Anahory - cosmopolitismo

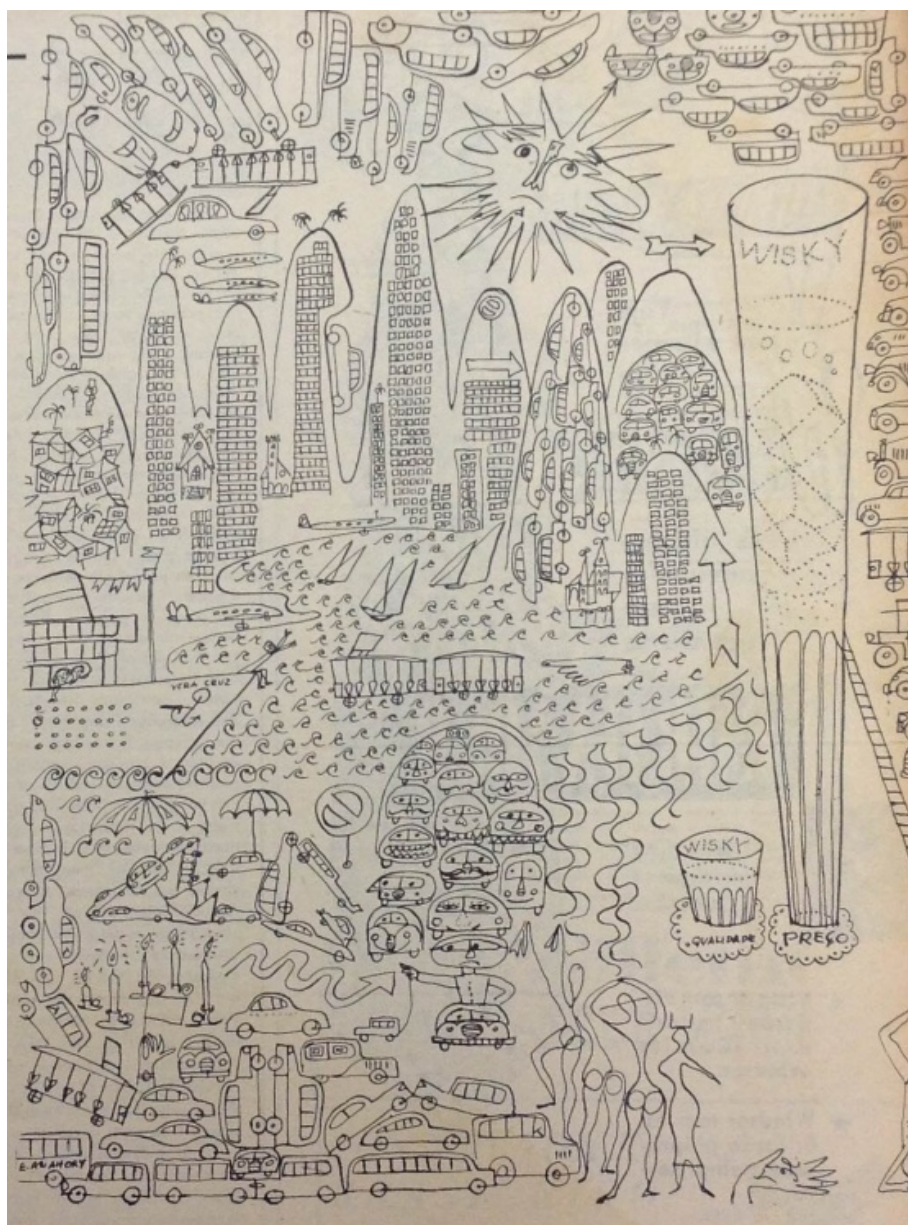


Ilustração de Eduardo Anahory, publicada na coluna 2 páginas de Braga, na revista *Manchete* edição nº 67, 1 de agosto de 1953. Fotografia. Acervo Hemeroteca da biblioteca Mário de Andrade, São Paulo.

É relevante expor o conceito de tradução intersemiótica, apresentado primeiramente pelo linguista russo Roman Jakobson (2010) e que pode ser definido como a transmutação que consiste na interpretação dos signos verbais a partir dos sistemas de signos não verbais; em

outras palavras, ocorre a transposição intersemiótica com a passagem “de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura”. (JAKOBSON, 2010, p.91). Vejamos um exemplo abaixo em que o poema de Emílio Moura intitulado “Encantamento” e a pintura de Eduardo Anahory estabelecem diálogos intersemióticos. Neste caso, ao interpretarmos o poema e a imagem, percebemos a intencionalidade do ilustrador em captar um flagrante das emoções do eu-lírico, pois estese sente importante e valorizado uma vez que busca ser comparado a um rajá, rei ou príncipe no momento em que compõe um par com a amada. Anahory, que, além de ilustrador, é considerado um grande arquiteto português, retrata duas modernas figuras humanas semelhantes a croquis feitos em nanquim, algo típico dos esboços confeccionados nos projetos arquitetônicos.

FIGURA 11 - Eduardo Anahory - tradução intersemiótica

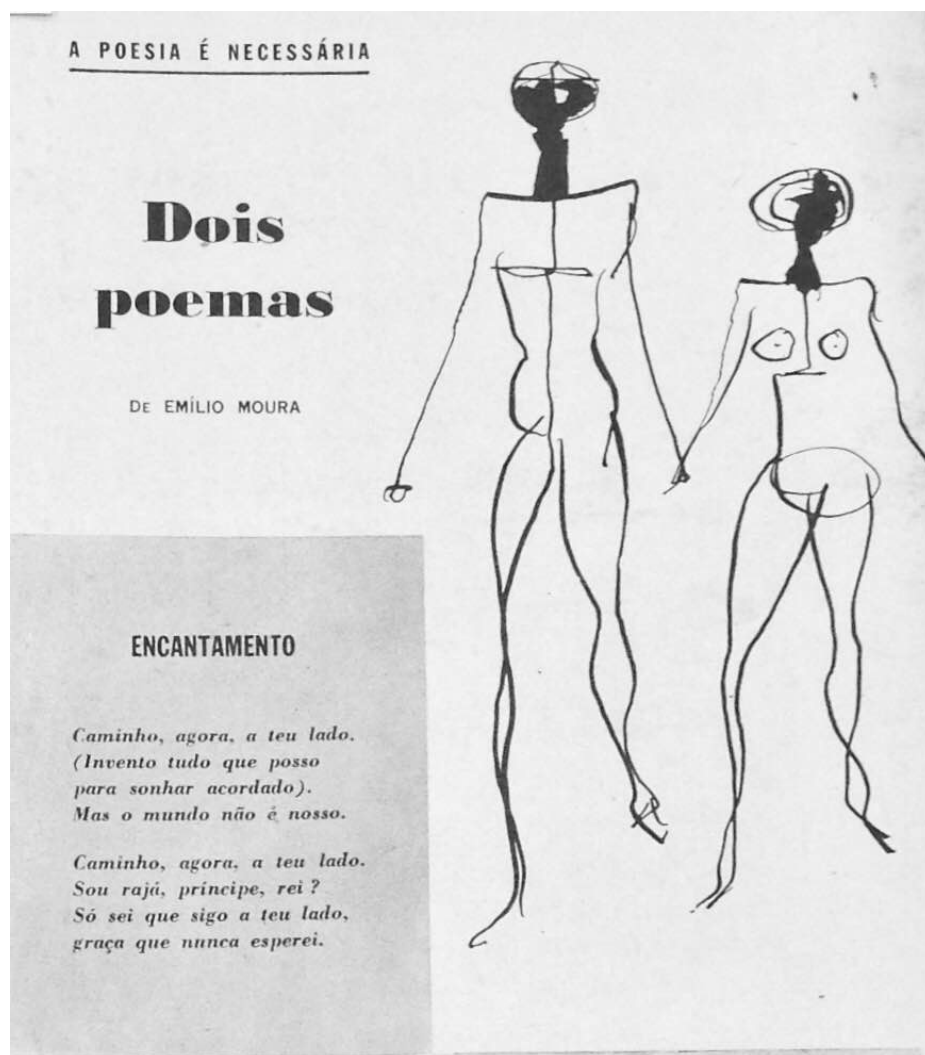


Ilustração de Eduardo Anahory, publicada na coluna 2 páginas de Braga, na revista *Manchete* edição nº 95, 15 de fevereiro de 1954. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

Porém, é importante ressaltar que essas transmutações intersemióticas são avessas à ideologia da fidelidade (PLAZA, 2013). Deste modo, não podemos exigir que os ilustradores da coluna de Rubem Braga desenvolvam imagens fidedignas aos textos verbais, pois são plataformas, um sistema de signos totalmente diferentes dos objetos veiculados nas páginas.

Além da “infidelidade” do artista na busca por referências para construir sua ilustração a partir da tradução intersemiótica sobre inúmeras crônicas e poemas do *corpus* selecionado, cabe ao leitor perceber que, ao visualizar essa imagem, estará perante um novo objeto e conteúdo. Não ficará refém da representação da realidade pré-existente, mas, sim, de algo novo tanto na construção de sua própria percepção de mundo quantocomoartefato artístico. Nesse sentido, esclarece Julio Plaza no tocante à função desta modalidade de tradução/transmutação:

Tradução como prática crítico-criativa na historicidade dos meios de produção e reprodução, como leitura, como metacriação, como ação sobre estruturas eventos, como diálogo de signos, como síntese e reescritura da história. Quer dizer: como pensamento em signos, como trânsito dos sentidos, como transcrição de formas na historicidade. (PLAZA, 2013, p.14)

Assim, percebemos ilustrações singulares ao longo das edições da coluna do escritor, pois, mesmo embasadas nos textos verbais, criam um artefato artístico único, mas repleto de sentidos e significações. Dessa forma, buscando o aprofundamento e inteligibilidade das imagens, convém levar em consideração a teoria da Gestalt, a partir das leis que a regem (GOMES FILHO, 2009), em determinado texto não verbal presente na coluna de Rubem Braga, de autoria de Eduardo Anahory, publicado na edição nº 103, de 10 de abril de 1954. Este apresenta uma legenda que contribui para o entendimento e análise crítica:

Nesta página Anahory juntou algumas imagens da rápida viagem que fez com o nosso redator ao Peru, reinaugurando a linha direta Rio-Lima, da Panair. Aí estão caricaturados o Lago Titicaca, a belíssima cerâmica pré-colombiana do Museu Arqueológico, o fotógrafo Carlos, o pianista Bené Nunes e o cronista Ibrahim Sued, todos de asinhas. Além disso as casas sem telhado da bela capital onde não chove jamais e uma sugestão para o aproveitamento dos guarda-chuvas dos turistas. (BRAGA, 1954, p.56)

A imagem, construída em preto e branco, promove maior contraste entre as unidades representadas, fazendo com que também seja possível estabelecer agrupamentos de partes

semelhantes, mas, ao mesmo tempo, distinguindo-as facilmente. Deste modo, aplicam-se as leis da Gestalt intituladas por semelhança e segregação.

Podemos segmentar a ilustração em três grandes unidades, cada uma composta por vários elementos²⁶. A primeira encontra-se no nível superior da página, composta pelas nuvens, montanha e lago. A segunda, mesclada pelos guarda-chuvas e pelas habitações “sem telhado”, promove a transição harmônica e unificada para o terceiro bloco, composto por diversas unidades icônicas esparsas. Deste modo, é possível notar a presença dos princípios da unificação e continuidade.

Os princípios do fechamento e da proximidade entram em cena quando o receptor identifica a perspectiva e a profundidade de campo em um sentido vertical, perpendicular e gradativo do menor para o maior, no qual tem início na parte superior da página e o término no rodapé. As imagens a cada nível de unidade parecem flutuar em um conceito próximo ao da estética surrealista. Estão inseridas em um fundo vazio, branco e o modo como estão diagramadas promove o fechamento da ilustração em sua totalidade.

Por fim, podemos identificar a lei mais importante: a da pregnância da forma, a qual se configura nesta imagem a partir de elementos monocromáticos aparentemente simples, no entanto, muito bem construídos, que remetem à leveza, à sensação estética confortável ao observar a ilustração.

²⁶A esse respeito, convém citar outro estudioso: “São muitos os pontos de vista a partir dos quais podemos analisar qualquer obra visual; um dos mais reveladores é decompô-la em seus elementos constitutivos, para melhor compreendemos o todo. Esse processo pode proporcionar uma profunda compreensão da natureza de qualquer meio visual, e também da obra individual e da pré-visualização e criação de uma manifestação visual, sem excluir a interpretação e a resposta que a ela se dê.” (DONDIS, 1991, p.52).

FIGURA 12 - Eduardo Anahory: Transpondo a cordilheira

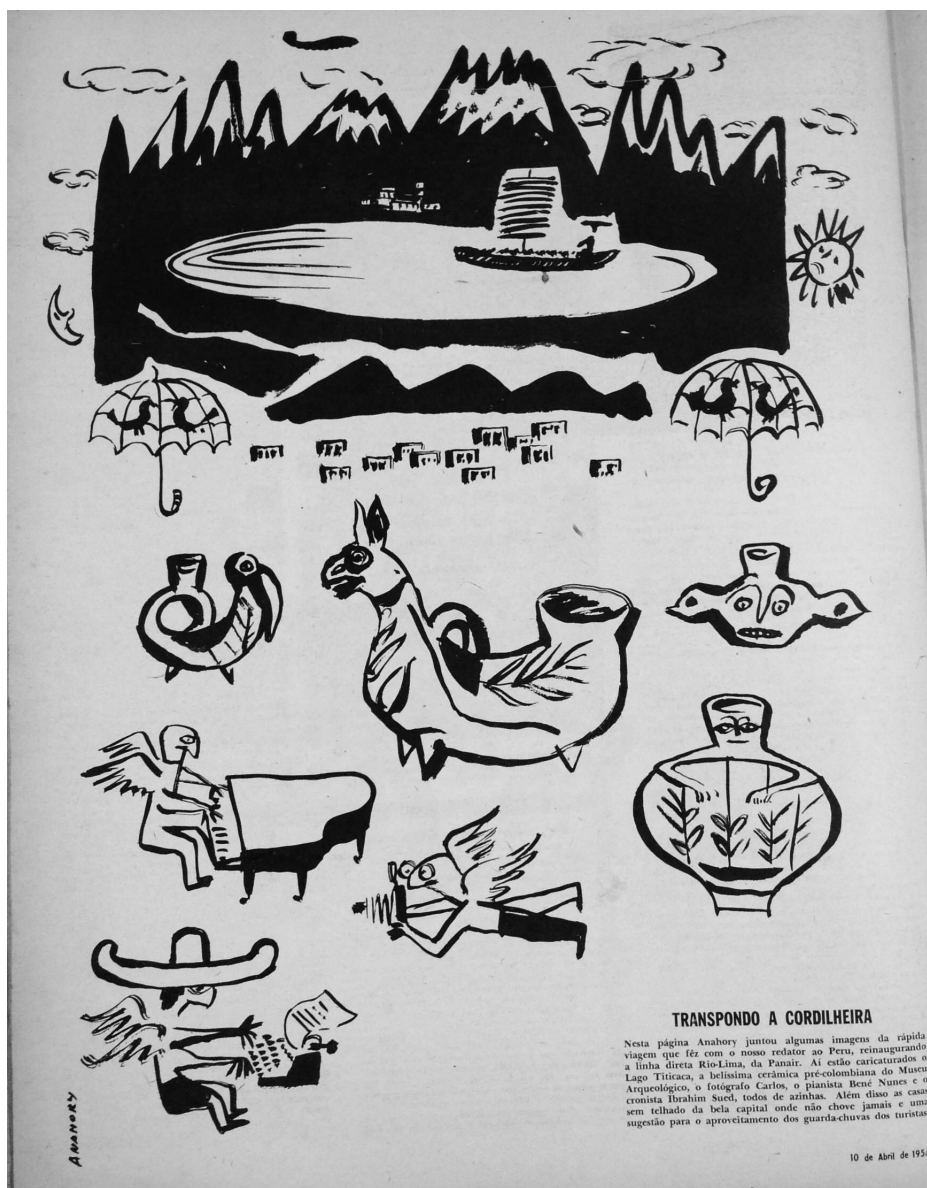


Ilustração de Eduardo Anahory, publicada na seção 2 páginas de Braga, na revista *Manchete* edição nº 103, 10 de abril de 1954, p.56. Fotografia. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Percebemos que as ilustrações inseridas na coluna do cronista são elaboradas e harmônicas, estabelecendo diálogos com outros elementos dos textos verbais. Promove, assim, unidade, a boa forma, ou seja, a Gestalt em uma composição holística da diagramação das páginas para os leitores.

O *corpus* selecionado engloba centenas de edições da revista *Manchete* que apresentou, ao longo dos anos, muitas ilustrações. No entanto, é importante ressaltar que, no decorrer da década de 1950, apenas sete artistas foram os responsáveis por compor a equipe de Rubem Braga em suas páginas.

Entre eles, figura com destaque o cartunista Carlos Arthur Thiré(1917-1963). A coluna atribuiu desenhos a sua autoria em 123 edições, ou seja, mais da metade das imagens estudadas pertencem a esse carioca. Durante a juventude, o ilustrador colaborou no “Suplemento Juvenil”, de coordenação de Adolfo Aizen, do jornal *A Noite*. Trabalhou para a revista *O Tico-Tico* para a qual desenvolveu muitas histórias em quadrinhos. Destaca-se ainda a série célebre *Os três legionários da sorte*, elaborada para a revista *Vamos Ler!* e *O Tico-Tico* (Molero, 2010). As diversas ilustrações confeccionadas para a revista *Manchete* adotam diversas temáticas, pois retratam figuras abstratas, paisagens, personagens e objetos geralmente em consonância com os textos verbais inseridos na coluna. Nas ilustrações empregam-se técnicas como a *assemblage*, a sobreposição e a *mise en abyme*. Também percebemos que a inspiração dessas produções remete à recorrência de diversas estéticas artísticas como o dadaísmo, o surrealismo e a arte *noir*. Porém, acreditamos que Thiré apresenta ao leitor de modo reiterado a predominância do movimento vanguardista do início do século XX, o cubismo analítico. Muitas imagens foram confeccionadas a partir de simples linhas retas, formando figuras com profundidade, que podem ser observadas a partir de diferentes pontos de vista. Há o rompimento da construção da perspectiva formal; as formas são geométricas, intercalando círculos, triângulos e retângulos. É interessante destacar que Braga e Thiré se conheciam de longa data; este último casou-se com Tonia Carrero em 1940, considerada uma das mulheres mais belas do Rio de Janeiro. Rubem Braga se apaixonou pela atriz e tiveram um tórrido e proibido romance iniciado no final da década de 1940 quando ambos estavam morando em Paris (CARVALHO, 2007). Tempos depois, com o término do relacionamento proibido, o escritor inicialmente teve grandes dificuldades em aceitar essa separação, porém, ao passar dos anos, contornou a situação e desenvolveu uma relação de amizade, carinho, admiração e uma eterna paixão pela atriz até o final da vida.

FIGURA 13 - Carlos Thiré: o vaso de flores



Ilustração de Carlos Thiré, publicada na coluna De Rubem Braga, na revista *Manchete* edição nº 198, 04 de fevereiro de 1956, p.62. Fotografia. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Eduardo Anahory (1917-1985) também foi um importante ilustrador na coluna do cronista e colaborou em 55 edições. Este arquiteto português residiu no Brasil no início da década de 1940 ao refugiar-se da Segunda Guerra Mundial. Neste período, estabeleceu laços de amizade com diversos intelectuais e artistas brasileiros como Rubem Braga, Vinícius de Moraes (1913-1980) e Jorge Amado (1912-2001). Contribuiu para a consolidação da Arquitetura Brasileira Moderna e desenvolveu projetos em parceria com dois importantes arquitetos brasileiros, Oscar Niemeyer e Sérgio Bernardes (BORGES, 2010). Em 1945 retorna à Europa e volta ao Brasil em 1952 para participar do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. No mesmo ano, participa de uma exposição nos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo com algumas pinturas²⁷.

²⁷ No catálogo da exposição, S.M (assinatura do texto no referido catálogo) descreve brevemente sobre as características das pinturas de Anahory: "Não é um abstraccionista, mas não se apega tão pouco a qualquer

Suas ilustrações inseridas nas páginas de Braga são múltiplas e, da mesma maneira que as de Carlos Thiré, trabalha com diversos temas. É interessante ressaltar que para a coluna em questão o arquiteto opera com desenhos de diversos tipos, desde composições simples asofisticadas, todos com muito contraste, pois foram construídos em preto e branco.

FIGURA 14 - Eduardo Anahory: abstrato

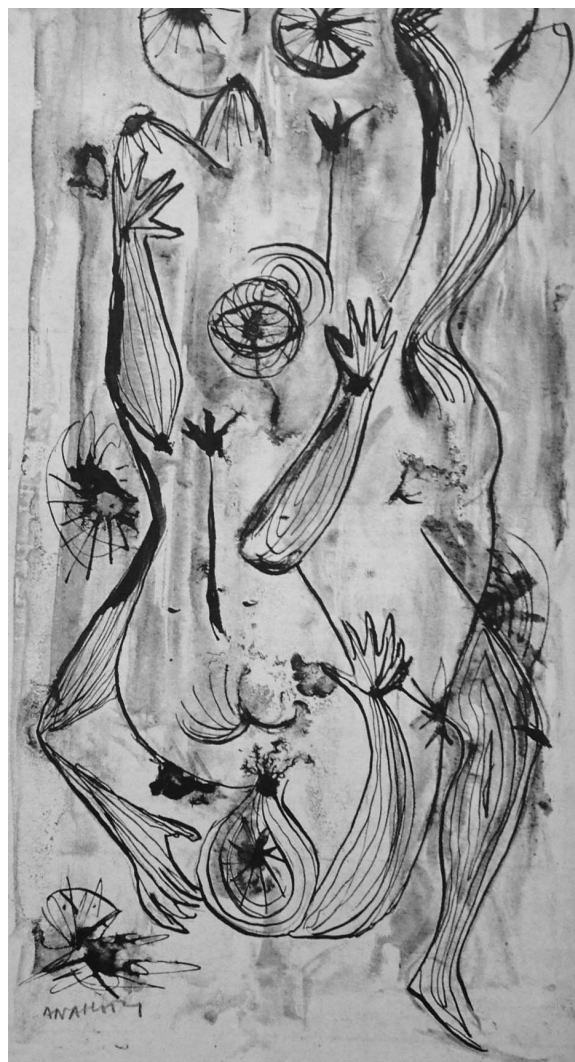


Ilustração de Eduardo Anahory, publicada na coluna “Duas páginas de Rubem Braga”, na revista *Manchete* edição nº 68, 8 de agosto de 1953, p.53. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

espécie de realismo. A figura, ele entende como ponto de partida, vaga sugestão que conduz a um desenvolvimento de linhas e cores, válidas em si e decorativas no seu entrosamento. Trabalha em estreita intimidade com o arquiteto, atento à harmonia necessária do material empregado com o seu suporte, isto é, a casa. Há, na sua maneira, inteligência, imaginação e gosto. É o que se exige do artista que se dedica à decoração, no sentido mais elevado da palavra.” Catálogo da Exposição de Eduardo Anahory e Fernando Lemos no Museu de Arte Moderna de S. Paulo, 1953.

Conforme foi evidenciado acima, Carlos Thiré e Eduardo Anahory foram os artistas que mais participaram das edições da coluna do escritor capixaba, com o qual também mantiveram laços de amizade. Além deles, colaboraram em poucas edições os seguintes ilustradores: Hector Julio Paride Bernabó (Carybé), Mário Borja Lopes (Borjalo), Maria Teresa Vieira, Fernando Lemos e Augusto Rodrigues.

O pintor argentino Carybé (1911-1997), conhecido internacionalmente, ilustrou a partir de murais aeroportos de Nova Iorque e Londres. Viveu durante décadas em Salvador, Bahia. Ao longo da vida, estabeleceu laços de amizade com o cronista que resultou em inúmeras parcerias. Entre elas, podemos destacar o livro publicado em 1981 sob o título de *Uma viagem capixaba*, no qual o cronista descreve a paisagem rural e urbana do Espírito Santo na década de 1950 com ilustrações de Carybé. Na revista *Manchete*, o artista colaborou para a coluna de Rubem Braga em apenas duas edições, nº 71 de 29 de agosto de 1953, retratando objetos e seres marinhos com terrestres, conforme ilustração abaixo, e nº 94 de 6 de fevereiro de 1954, momento em que ilustra vendedores de caranguejo em um rio capixaba.

FIGURA 15 - Carybé

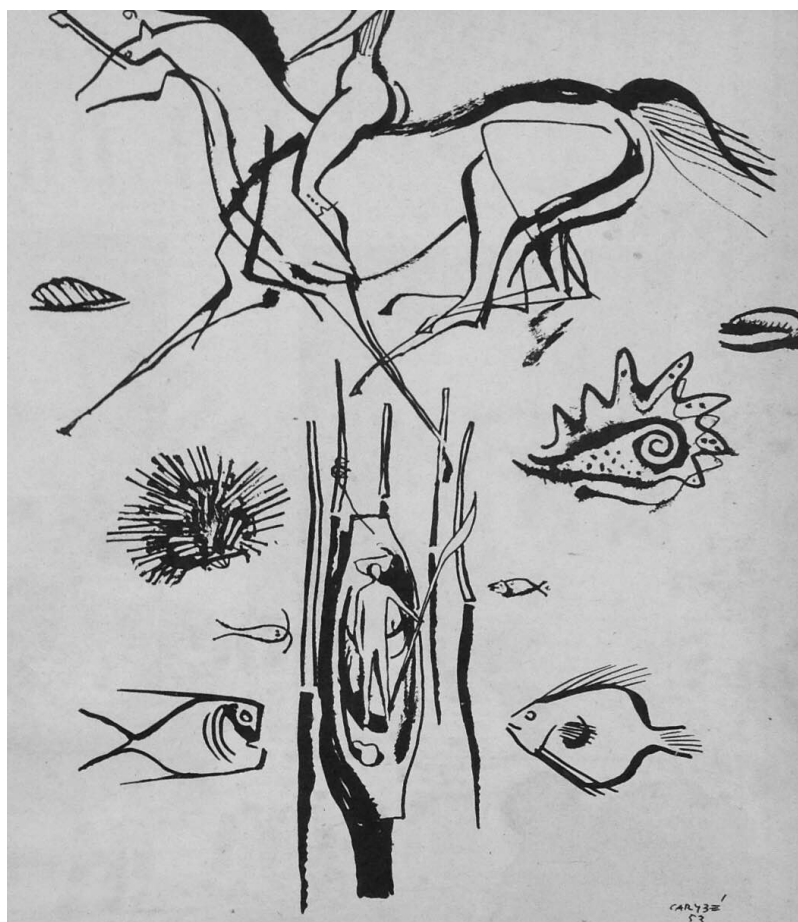


Ilustração de Carybé, publicada na coluna Duas páginas de Rubem Braga, na revista *Manchete* edição nº 71, 29 de agosto de 1953, p.53. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

O ano de 1954 foi o período em que a coluna de Rubem Braga contou com a colaboração de mais ilustradores. Nos demais anos, ilustraram a coluna basicamente as criações de Carlos Thiré e Eduardo Anahory. A artista plástica maceioense Maria Teresa Vieira (1932-1998) publicou ilustrações em três edições (n. 130, 131 e 132). Essas são marcadas por laivos da estética expressionista que transmitem ao receptor forte impacto emocional e dramático, no intuito de apreender os sentimentos mais profundos, marcados a partir da angústia existencial humana.

FIGURA 16 - Maria Teresa Vieira



Ilustração de Maria Teresa Vieira, publicada na coluna De Rubem Braga, revista *Manchete* edição nº 130, 16 de outubro de 1954, p.56. Fotografia. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O português Fernando Lemos (1926-), poeta e artista plástico modernista, considerado um importante participante da terceira fase deste movimento em Portugal, veio residir no Brasil em 1953 e se naturalizou anos mais tarde. No mesmo ano em que fixou residência no país expôs, juntamente com Eduardo Anahory, obras nos museus de arte moderna de São Paulo e Rio de Janeiro. É importante ressaltar que no final da década de 1940 o intelectual

desenvolveu inúmeros trabalhos fotográficos. Colaborou com a coluna de Rubem Braga em duas edições (n. 92 e 93). Em ambas, as ilustrações da coluna são compostas por construções abstratas, sofisticadas: são produções emanadas do inconsciente, que transmitem a sensação de imagens oníricas, lúdicas e repletas de movimento. Tais traços são semelhantes aos moldes da vanguarda Surrealista.

FIGURA 17 - Fernando Lemos

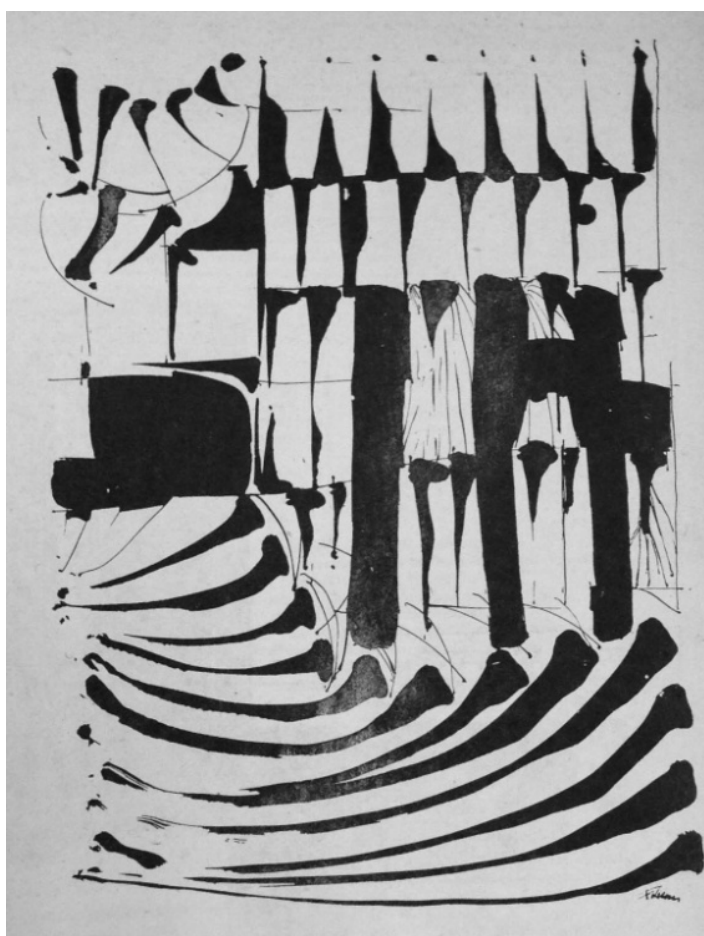


Ilustração de Fernando Lemos, publicada na coluna De Rubem Braga, revista *Manchete* edição nº 93, 30 de janeiro de 1954, p.57. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

O mineiro Mário Borja Lopes, o Borjalo (1925-2004), foi um importante caricaturista brasileiro reconhecido internacionalmente, tanto que foi considerado um dos cinco maiores cartunistas do mundo pelo mestre Saul Steinberg (PENA, 2010). Borjalo foi responsável por ilustrar durante muito tempo a última página da revista *Manchete*. No entanto, passou a trabalhar na revista *O Cruzeiro* no final da década de 1950 por questões salariais. Trabalhou durante décadas na Rede Globo como diretor de programas e de qualidade. Contribuiu para a

coluna de Rubem Braga em uma única edição (n. 133), na qual apresenta duas imagens e ambas estabelecem relações explícitas com os textos verbais – o poema intitulado “Bruma” e crônica veiculada na mesma página com o título de “Ao senhor corretor”.

FIGURA 18 - Borjalo



Ilustração de Borjalo, publicada na coluna “De Rubem Braga”, revista *Manchete* edição nº 133, 6 de novembro de 1954. Fotografia. Acervo Público do Estado de São Paulo.

Augusto Rodrigues (1913-1993), pintor e educador nascido em Recife, desenvolveu inúmeras atividades artísticas atento à pluralidade cultural em que estamos imersos. O artista colaborou para a coluna “Duas páginas de Braga” em apenas uma edição (n. 91), na qual retrata inúmeras personagens a partir de traços ligeiros muito semelhantes aos desenhos com *nanquim*.

FIGURA 19- Augusto Rodrigues

Ilustração de Augusto Rodrigues, publicada na coluna “Duas Páginas de Rubem Braga”, revista *Manchete* edição nº 91, 16 de janeiro de 1954. Acervo Público do Estado de São Paulo.

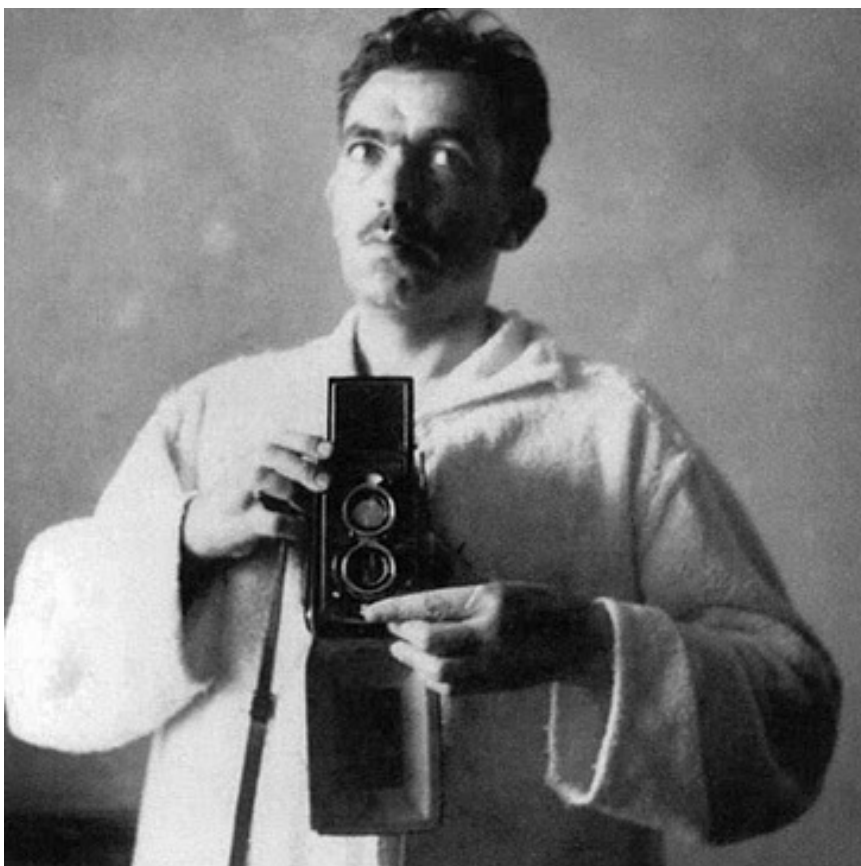
Além dos ilustradores citados, é interessante ressaltar o fato de que uma carta de Manuel Bandeira (1886-1968), publicada na coluna do escritor na edição n. 78 de 17 de outubro de 1953, contém uma ilustração. Nela, o poeta comunica ao cronista que mudou de apartamento e apresenta um simples desenho, um esboço, na intenção de retratar a paisagem que vê da janela de sua nova moradia, agora com vista para o mar.

A partir dos artistas que colaboraram na coluna estudada, percebemos que de modo direto ou indireto todos mantiveram algum tipo de proximidade e amizade com o cronista. Por exemplo, o poeta Manuel Bandeira, do qual Rubem Braga era um grande admirador e a respeito de quem afirmou certa vez ter buscado nele inspirações para o modo de escrever, e Carlos Thiré, amigo, assim como o poeta pernambucano, de longa data, ilustrou mais da metade das edições selecionadas nesta tese.

Além das ilustrações apresentadas, as páginas de Braga trouxeram inúmeros retratos, buscando ilustrar a seção intitulada “Gente da Cidade”.

5.2 Fotografias

FIGURA 20 - *Selfie* Rubem Braga



Fotografia pertencente ao acervo da família de Rubem Braga. A câmera usada pelo cronista é uma reflex de lente dupla, formato médio 6x6cm, trata-se provavelmente de uma câmera da marca Rolleiflex, muito utilizada pelos jornalistas na segunda metade do século XX. Fonte: Google Imagens.

As inúmeras fotografias inseridas nas edições do *corpus* estudado devem ser analisadas e interpretadas levando em consideração a importância que as imagens exercem no imaginário humano, pois esta modalidade artística, assim como as demais, é o resultado de um processo criativo, construído sob a égide de influências históricas, estéticas, culturais, técnicas e ideológicas. “Devemos, assim, admitir que existem usos sociais da fotografia e que a fotografia não se resume à impressão objetiva, mecânica, produzida por um fluxo de luz sobre uma placa sensível” (DARBON, 1998, p.105). Deste modo, percebemos que estes artefatos não são insípidos; pelo contrário, são repletos de intencionalidades que ultrapassam a simples função de meramente retratar e preservar a memória do homem, pois são *a priori* construções humanas e, portanto, complexas:

Existe um conhecimento implícito nas fontes não-verbais como a fotografia; descobrir os enigmas que guardam em seu silêncio é desvendar fatos que lhe são inerentes e que não se mostram, fatos de um passado desaparecido, nebuloso que tentamos imaginar, re-criar, a partir de nossas imagens mentais, em eterna tensão com a imagem presente que concretamente vemos, limitada à superfície do

documento: realidades superpostas. Toda fotografia é o frontispício de um livro sem páginas, elo que nos anuncia algo e que, ao mesmo tempo, nos despista. Resta-nos mergulharmos nesses fragmentos deslizantes de ambiguidade e evidência, para tentarmos desvendar os mistérios que se escondem sob olhares interessantes e paisagens perdidas. (KOSSOY, 2014, p.62)

Estudar os registros icnográficos (fotografias, ilustrações) da coluna do escritor capixaba auxilia a inteligibilidade sobre certos fatos e mentalidade de uma determinada época; neste caso, mais especificamente, a década de 1950. Ao analisar esses documentos, contribui-se com as informações já transmitidas nos textos escritos e, além disso, busca-se evidenciar dados que sequer são mencionados pela historiografia tradicional escrita.

Ao considerarmos como artefatos culturais tanto os textos verbais quanto os não verbais e promover a coleta destas produções imagéticas, utilizando-as como fontes de estudo, estaremos aprofundando-nos no universo das construções de grupos sociais e composições de identidades e mentalidades de determinados estratos da sociedade, além de contribuir para a história cultural.

FIGURA 21 - Vitória de Samotrácia

Ilustração sem autoria expressa; no entanto, acreditamos pertencer a Eduardo Anahory, publicada na coluna “Duas Páginas de Rubem Braga”, revista *Manchete* edição nº 72, 5 de setembro de 1953. Nesta obra há a fusão de pintura e fotografia a partir dos recortes dos olhares possivelmente femininos em torno de uma figura feminina que nos remete à escultura *Vitória de Samotrácia*. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

Os registros fotográficos surgem nas páginas de Rubem Braga na revista *Manchete*, em formato de *portraits*, ou seja, retratos, com o intuito principal de caracterizar o leitor a personagem entrevistada na seção “Gente da Cidade”. Este tipo de fotografia pode ser considerado como uma das categorias pertencentes ao fotojornalismo (SOUSA, 2004); (BUIIONI, 2011), área de difícil delimitação do campo de atuação, pois as suas atividades não possuem fronteiras claramente definidas. Contudo, pode ser conceituada a partir do seguinte pensamento:

O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.

Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação. (SOUSA, 2004, p.9)

A imagem fotográfica, mesmo que produzida com a função de testemunho jornalístico, é um processo de criação repleto de intencionalidade no qual também estão inseridas concepções técnicas e ideológicas (KOSSOY, 2014).

Nesse sentido, é interessante abordarmos o modo como essas produções fotojornalísticas estão segmentadas. Para tanto, adotamos o modelo classificatório de Sousa (2004), que define, a partir de determinados gêneros, as fotografias jornalísticas em: fotografias de notícias, segmentadas em *spot news* (fotos de acontecimentos imprevistos, há pouco tempo de planejamento para o fotógrafo; geralmente são as fotos confeccionadas para as *hard news*) e *general news* (são produções que foram pautadas anteriormente, o fotógrafo sabe em que local irá fotografar e prepara todo o equipamento necessário para realizar o trabalho de modo mais adequado); *features* (fotos que encontram o seu sentido em si mesmas, a legenda para a imagem torna-se algo complementar; são instantes, momentos únicos capturados pelo fotógrafo); desporto (fotografias esportivas); ilustrações fotográficas (fotomontagens, geralmente com produções voltadas ao campo da moda e da gastronomia); *picture stories* (as imagens produzidas fazem parte de um todo; como um fractal, as fotos devem evidenciar as diversas facetas do assunto reportado); retratos (segmentados em retratos individuais e coletivos) e, por fim, Outros Gêneros (outras modalidades fotográficas podem ser criadas em decorrência da intenção da produção fotográfica, por exemplo, fotografia de paisagens, de vida selvagem).

Os retratos fotojornalísticos exercem um papel importante para o leitor, uma vez que apreciam e tornam mais verossímil as personagens que aparecem nas produções jornalísticas (reportagens, notícias, perfis). Cabe ao fotojornalista retratar os entrevistados não apenas do ponto de vista físico, mas também abordar traços de sua personalidade, pois um dos primeiros elementos comunicativos que são estabelecidos entre os homens está centralizado nas expressões faciais, algo relevante aos ocidentais em relação aos orientais. Estes buscam estabelecer primeiramente a comunicação com o todo (rosto e corpo), já os ocidentais relegam a um segundo plano o corpo e o olhar foca primeiramente o rosto.

Buitoni (2011) preconiza que as formas fotojornalísticas são classificadas a partir da finalidade informativa associada a reportagens, notícias e entrevistas. Os retratos podem aparecer em matérias jornalísticas com o intuito de ilustrar e identificar as personagens citadas

ao longo do texto. Essa modalidade fotográfica também é utilizada com o objetivo de retratar autores de artigos, colunistas e entrevistados em perfis. Buitoni (2011) segmenta os retratos em dois tipos: os *retratos psicológicos*, confeccionados a partir da criatividade do profissional em captar, apreender traços da personalidade do indivíduo retratado, utilizando-se de planos mais fechados e os *retratos contextualizados*, que apresentam ao leitor planos maiores com detalhes da profissão ou da vida do entrevistado.

Na coluna de Rubem Braga, com exceção dos perfilados da seção “Gente da Cidade” das edições de números 186 e 187 que não estão retratados com imagem, todos os demais foram apresentados juntamente com os seus retratos. Entre eles, a maior parte são fotografias em planos mais fechados, os quais centralizam todo o enfoque no entrevistado, construindo-se assim retratos psicológicos. Há poucas exceções, cujos retratos centram-se em planos mais amplos e abertos; entre eles, a fotografia da primeira edição da coluna do escritor, que apresenta o perfil de Sacha, o pianista. É interessante observarmos o contexto que compõe a imagem abaixo, na qual os olhares se voltam para o músico perfilado. Rubem Braga ao descrever sobre essa personalidade demonstra certa intimidade tanto com o retratado, quanto com o ambiente em que ele trabalha, a boate Vogue. Desse modo o escritor se impõe como um indivíduo que além de conhecer o meio artístico, convive em ambientes frequentados na época pela elite carioca, transmitindo a ideia de sofisticação e *status* financeiro.

FIGURA 22 - Sacha, o pianista



Fotografia, publicada na coluna Duas Páginas de Rubem Braga, revista *Manchete* edição nº 67, 1 de agosto de 1953. Acervo da Hemeroteca da biblioteca Mário de Andrade, São Paulo.

Em todo o *corpus* estudado, é pertinente ressaltar que a coluna de Rubem Braga trouxe fotografias em 130 edições, das quais 125 contêm fotografias atinentes à seção “Gente da Cidade”. Na edição de n. 77 o cronista apresenta uma fotografia extraque retrata dois de seus amigos, o pintor Carybé e o escritor Newton (Zico) Freitas em Buenos Aires (ilustração abaixo). Na edição de n. 125 a coluna apresenta o “Poema de Auteil”, de Vinícius de Moraes, e publica juntamente uma fotografia do poeta, grande amigo de Braga. Na edição de n. 140 publica-se uma foto da cerimônia de colação da Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da qual Rubem Braga participou como paraninfo da turma. Nessa edição, o escritor publicou o discurso que proferiu durante este ato solene. Na edição de n. 192 o escritor publica uma foto dos três jurados do concurso de tradução de poesias, a saber: Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Onestaldo de Penafort. E, por fim, na edição de n. 197, o cronista publica a foto e um poema de Thiago de Mello intitulado “As dádivas guardadas”.

FIGURA 23 - Carybé e Newton Freitas



Fotografia, publicada na coluna Uma página de Rubem Braga, revista *Manchete* edição n. 77, 10 de outubro de 1953, p. 54. Na página, apresenta-se a seguinte legenda: “Nessa fotografia, tirada há anos em Buenos Aires, aparecem o sorriso de Carybé, o grande desenhista argentino que hoje vive na Bahia, e a gargalhada famosa do escritor Newton (Zico) Freitas, hoje funcionário de nossa embaixada em Bruxelas.” Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

FIGURA 24 - Discurso de paraninfo

Fotografia, publicada na coluna de Rubem Braga, revista *Manchete* edição.140, 25 de dezembro de 1954, p.58. A página apresenta a seguinte legenda: “Os diplomandos do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade (federal) do R. G. do Sul escolheram como paraninfo de sua colação de grau o cronista Rubem Braga (de MANCHETE). Foram dez os diplomados de 54, quase todos profissionais de imprensa, entre eles Antônio C. Ribeiro (de MANCHETE). Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

É importante ressaltar o equipamento utilizado pelos fotógrafos-jornalistas no decorrer das décadas de 1950 e 1960. Esses profissionais trabalhavam com dois tipos de câmeras: a Leica produzia o negativo retangular de 35 mm, lente única recambiável, e a Rolleiflex, constituída por negativo quadrado no formato de 6x6cm, com duas lentes fixas ou TLR (Twin Lens Reflex). Esses modelos de aparelhos manifestaram influências na produção das fotografias jornalísticas em dois aspectos (SILVA, 2004). O primeiro está relacionado ao formato das imagens (vertical, horizontal, quadrado), algo que poderia ser manipulado posteriormente em cortes realizados nos laboratórios. O segundo diz respeito à lente empregada, pois sabemos que as imagens capturadas pelas câmeras sofrem distorções a partir do tipo utilizado, – a teleobjetiva achata os planos, enquanto a grande-angular distorce as bordas. Sendo assim, a utilização de cada uma promove diferentes construções de sentidos e intencionalidades distintas na confecção das matérias fotojornalísticas.

É imprescindível destacar que todas as imagens fotográficas estudadas, presentes na coluna de Rubem Braga, não possuem referência sobre os seus autores. A revista *Manchete*, ao longo de sua existência, contou com uma equipe de grandes repórteres fotográficos, entre

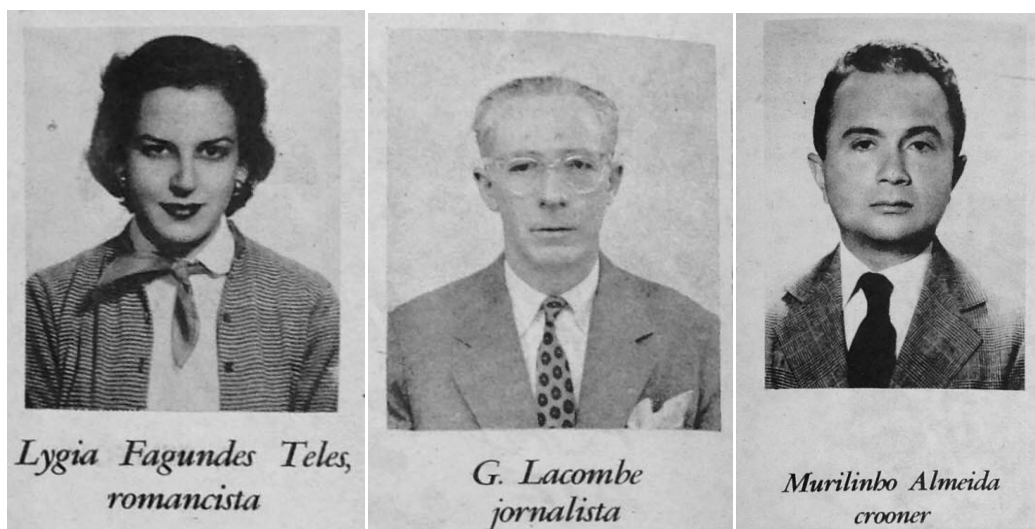
eles, o francês Jean Mazon²⁸ (1915-1990), que produziu uma série de longas reportagens fotográficas exclusivas para o veículo em 1952, e Gervásio Baptista (1922-). Este foi considerado o fotógrafo preferido de Adolpho Bloch, trabalhou do início ao fim da *Manchete*, ou seja, mais de 40 anos na mesma empresa (MONTENEGRO, 2008). Ao longo de sua carreira, fotografou dezenas de concursos de misses, copas do mundo, guerras, a ascensão e queda de políticos, capturou inúmeros flagrantes e passou por situações arriscadas a fim de conseguir fotos que considerava “perfeitas”. É um dos grandes fotógrafos brasileiros do século XX. Muitos fotógrafos trabalharam ao longo das décadas de existência da revista.

Convém ressaltar que, no momento da veiculação das fotografias na coluna de Rubem Braga, a legislação atinente aos Direitos Autorais era incipiente, sendo relegada a algumas convenções internacionais e artigos do Código Civil de 1916. Na área do fotojornalismo brasileiro, o desrespeito dos veículos de comunicação ao deixar de atribuir a autoria de imagens fotográficas é uma prática recorrente, mesmo na contemporaneidade com leis e sanções mais rígidas. Outro agravante é o lapso temporal existente entre as produções fotográficas das páginas de Braga e o estudo em questão, que é de mais de 60 anos. A maior parte dos profissionais que atuaram no veículo naquela época morreu. Ressalte-se, por fim, o fato da editora responsável pela publicação da revista ter decretado falência no início do século XXI, o que ocasiona uma série de entraves burocráticos e legais no tocante ao acesso à informação.

No entanto, mesmo sem identificar os autores das centenas de fotos veiculadas no espaço destinado ao cronista, acreditamos não se tratar de algo que desqualifique a análise e a qualidade do *corpus* fotográfico.

Poucos retratos da seção “Gente da Cidade” são fotografias semelhantes ao formato popularmente conhecido como 3x4, muito utilizado no momento da emissão de documentos públicos. Nas fotos da seção há o enquadramento de ombros e rosto, sub-modalidade fotojornalística do retrato intitulada por Sousa (2004) como *mug shot*. Esta modalidade, de acordo com o teórico, foi algo que proliferou na imprensa mundial, a qual associou essa técnica às estratégias pós-televisivas de jornais e revistas no intuito de vedetizar e popularizar determinados atores ou personagens.

²⁸Jean Mazon veio ao Brasil em 1939, após o início da Segunda Guerra Mundial. Na década de 1940 trabalhou com o jornalista David Nasser na revista *O Cruzeiro*. Juntos produziram mais de trezentas reportagens e o trabalho resultou em uma revolução no fotojornalismo brasileiro, a partir de uma nova diagramação e de novas perspectivas fotográficas.

FIGURA 25 - Retratos *mug-shot*

Retratos *mug-shot*, publicados na coluna Rubem Braga na seção “Gente da Cidade”, revista *Manchete*. Lygia Fagundes Teles ilustrou a edição n. 146, 5 de fevereiro de 1955, p.52 e Gabriel Lacombe ilustrou a edição n. 147, 12 de fevereiro 1955, p.50. Fotografia. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis. O crooner Murilinho Almeida ilustrou a edição n. 198, 4 de fevereiro de 1956, p.62. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

No entanto, mesmo com a presença de alguns retratos realizados de modo centralizado, enquadrado, formal, típicos de estúdio, em formato de *mug-shot*, conforme demonstrado acima, pode-se afirmar que essa prática não foi recorrente nas ilustrações fotográficas da coluna de Braga. Ao folhear as diversas edições da *Manchete*, percebemos que há a preocupação de ilustrar o perfilado da coluna de modo mais elaborado, com a intenção de captar traços característicos da personalidade do entrevistado, fugindo, portanto, deste arquétipo jornalístico 3x4, que, embora possa ser válido, é muito empobrecedor para o suporte no qual a coluna está ancorada, pois sabemos que o jornalismo de revista busca trazer ao leitor textos e imagens mais elaborados em relação aos jornais diários, uma vez que gozam de maior tempo para a produção e veiculação.

Na seleção acima, percebemos que os perfilados estabelecem relações de amizade, sociais ou profissionais com o cronista. O jornalista G. Lacombe era colega de profissão, pois atuava na imprensa; já Murilinho Almeida atuava nas casas noturnas que o escritor frequentava assiduamente. O crooner “sabia de tudo: quem dava para quem, qual a mesada de cada amante, tudo!” (AMARAL, 2010, p.208). A relação com Lygia Fagundes Teles estava ancorada em laços de amizade, porém um fato ocorrido anos antes, em maio de 1950, estremeceu a relação de ambos. O motivo foi o lançamento da revista *Colégio* pelo ex-líder integralista Roland Corbisier. A partir dessa publicação, Rubem Braga escreveu uma nota em que criticou Plínio Salgado e seus amigos. Lygia, muito amiga de Corbisier e casada com um

grande representante dos integralistas, Gofredo Telles, respondeu à crônica de Braga. O cronista logo em seguida contra-argumentou e escreveu uma longa carta à escritora justificando que ao longo da vida sofreu perseguições e ameaças por parte dos integralistas, concluindo-a dessa forma: “Estou cansado disso, Lygia, e acredite que esse meu defeito de ser áspero e talvez grosseiro ainda é uma das minhas poucas virtudes, no meio de tantas fraquezas de minha vida.” (CARVALHO, 2007, p.338).

FIGURA 26 - Gente da Cidade: *portraits*



Retratos publicados na coluna Rubem Braga na seção “Gente da Cidade”, revista *Manchete*. Da esquerda para direita: Elsie Lessa (edição n. 90, 9 de janeiro de 1954, p.54), Fernando Sabino (edição n. 91, 16 de janeiro de 1954, p.58), Elizete Cardoso (edição n. 115, 3 de julho de 1954, p.54). Fotografia. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Oscar Niemeyer (n. 71, 29 de agosto de 1953, p.52), acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

As personagens retratadas acima também estabeleceram relações sociais e de amizade com o escritor. Rubem Braga frequentava a casa de Elizete Cardoso, carioca de origem humilde, começou a trabalhar aos dez anos de idade em uma fábrica de tijolos e anos depois iniciou sua carreira de cantora nas rádios cariocas. No perfil, o escritor evidencia os dotes culinários da artista e ressalta a paixão que ela possui pela gastronomia e boa mesa, além disso, expõe um trecho de sua conversa com ela: “olha, Rubem, eu sou cantora porque isso

não dá mais, o pessoal não reconhece o valor de uma artista da cozinha, mas minha vocação mesmo era para doméstica...” (BRAGA, 1954, p.55).

Outro perfilado, o arquiteto Oscar Niemeyer também era colega do cronista capixaba, ambos frequentavam bares e casas de amigos em comum. Niemeyer é considerado um dos mais importantes arquitetos brasileiros, sendo reconhecido internacionalmente, com inúmeros projetos assinados ao redor do mundo. Na década de 1950 o arquiteto já era considerado um grande profissional e, Rubem Braga, conhecedor das artes, admirava o trabalho e a estética do amigo. No perfil sobre o arquiteto, veiculado na edição n.71 de 29 de agosto de 1953, o escritor discorre sobre o fato de seu amigo ser rotulado pela sociedade como muito “plástico”, artístico. Porém, ressalta que os técnicos da área da construção civil garantem que seus projetos partem da funcionalidade para a invenção plástica e afirma: “eu mesmo escrevi, anos atrás: se tivesse 2.000 contos para fazer uma casa, faria uma casa por 1.000 com algum arquiteto camarada, daria os outros 1.000 ao meu vizinho para fazer uma casa com desenho de Oscar” (BRAGA, 1953, p.52).

A jornalista e cronista Elsie Lessa, foi casada com Orígenes Lessa, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Rubem Braga publicou um longo e detalhado perfil sobre a cronista que ocupou quase toda a seção da edição n.90 de 9 de janeiro de 1954. A quantidade de informações e o modo como o texto está enredado nos leva a crer que o cronista mantinha fortes laços de amizade com a perfilada, como por exemplo, no trecho em que descreve a infância dela: “Lia, lia desesperadamente a Bíblia, versículo por versículo, lia também qualquer livro que lhe caía nas mãos. Seu ideal de mocinha era ser bailarina e médica, achava que seria lindo ser as duas coisas ao mesmo tempo” (BRAGA, 1954, p.55). Tal asserção é válida, pois Elsie, juntamente com Vinícius de Moraes, foram grandes companheiros das noites em bares e boates cariocas. No perfil o cronista, sempre galanteador e fascinado por belas mulheres, narra o dia em que a viu pela primeira vez: “jamais desconfiará que um pobre moço jornalista imigrado em São Paulo parou uma tarde no Viaduto do Chá fascinado por essa morena de olhos verdes que passava com um vestido claro e um andar elástico, e a seguiu de longe, pelo puro prazer de vê-la” (BRAGA, 1954, p.55). É válido ressaltar que esse primeiro encontro ocorreu em meados da década de 1930, quando o cronista viveu durante certo período em São Paulo e trabalhou como jornalista para o *Diário de São Paulo*, de Assis Chateaubriand. Por fim, outro aspecto relevante a ser destacado neste perfil é o diálogo que o escritor estabelece entre as suas páginas com a seção que Elsie Lessa possui na revista *Manchete*; interpretamos tal referência como um convite ao leitor das páginas de Braga para que se aventure no universo literário de sua amiga.

Na edição posterior, n.91 de 16 de janeiro de 1954, Rubem Braga ao apresentar o perfilado da semana, o escritor Fernando Sabino, também estabeleceu diálogos entre as seções na revista *Manchete*, pois fez referência e propaganda da coluna que o seu amigo mineiro possuía no mesmo impresso. A título de exemplificação, convém expor o excerto em que tal estratégia ocorre:

Hoje (30 anos) nada muito raramente e nunca monta, embora seja tenente de Reserva da Cavalaria, com estágio feito em Juiz de Fora, conforme suas últimas crônicas em MANCHETE que o leitor certamente recorda; não tem medo de cair do cavalo, mas confessa que um de seus grandes pavores é morrer afogado. (BRAGA, 1954, p.59)

No decorrer do perfil o cronista discorresobre diversos fatos da vida privada de seu amigo, como aqueles mencionados no trecho acima. É interessante pensarmos o modo como Rubem Braga dialoga com determinados escritores e intelectuais da revista *Manchete* em detrimento de outros. Trata-se de uma estratégia que envolva valorização do grupo intelectual do qual faz parte e, assim, nesse processo, atua em mão dupla, pois beneficia o perfilado e também se beneficia, no intuito de receber uma contrapartida, ou seja, uma devida valorização e proteção daqueles que são eleitos para ilustrar a sua coluna. Soma-se a isso o fato de transmitir a imagem de um homem que mantém sólidas relações sociais e de amizade com grandes personalidades da sociedade brasileira, principalmente a carioca.

Fernando Sabino foi um grande amigo de Rubem Braga. Compartilharam não apenas a amizade e a convivência, pois, como sócios, ingressaram no mercado editorialanos mais tarde, em setembro de 1960, ao criarem a Editora do Autor, que publicou obras de inúmeros escritores internacionais e nacionais, dos quais citamos alguns exemplos: Jean Paul Sartre, Otto Lara Resende, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos.

Ao observarmos as imagens dos perfilados expostos acima, é possível recorrermos aos preceitos de Walter Benjamin (1986) no tocante ao modo como uma obra de arte, no caso o *portrait*, pode ser acolhida em tempos de reprodutibilidade técnica. O teórico expõe que um objeto artístico pode ser inserido na humanidade a partir de diversos fatores; entre eles, há dois que estão diametralmente opostos: o valor da obra de arte como objeto de culto e o valor que ela recebe como realidade capaz de ser exposta. Cita como exemplo o fato de que, durante séculos, imagens sacras foram guardadas em catedrais onde apenas os clérigos as viam. Mesmo com essas restrições, as pessoas continuaram a cultuar essas imagens sem necessariamente vê-las. Tal fato concedia aos objetos artísticos valores de sacralidade e misticismo.

No entanto, com o aprimoramento das técnicas de reprodução artística, ao percorrermos desde a década de 1930 à contemporaneidade, percebemos que o valor expositivo do artefato artístico preponderou perante a sociedade em detrimento do culto e, afetou-o, inclusive qualitativamente, no tocante à própria natureza da arte. Na área da fotografia, o valor expositivo pôs em xeque o valor de culto em quase todas as suas áreas. Porém, tal imposição não foi conquistada gratuitamente, uma vez que este valor ainda vive nos retratos, “na expressão fugidia de um rosto humano, nas fotos antigas pela última vez emana a *aura*. É isto que lhes empresta aquela melancólica beleza, que não pode ser comparada a nada” (BENJAMIN, 1986, p.220).

Ao apreciarmos as faces desses inúmeros cidadãos da seção de Braga, notamos e concordamos com as considerações do teórico alemão ao atribuir-lhes a existência da *aura*²⁹. Os retratados pelo cronista, atualmente boa parte deles *in memoriam*, são cultuados, idolatrados pelos homens a partir das imagens do passado, inclusive pelas pessoas que sequer existiam durante esse período. Isso se torna possível, pois, além de expor rostos humanos, podemos perceber a intenção do fotógrafo, a partir da técnica, de transpor os aspectos físicos e imprimir algo que seja intrínseco à personalidade do sujeito fotografado.

Além do pensamento de Benjamin (1986), para auxiliar na interpretação das imagens fotográficas, convém recorrer aos preceitos do teórico francês Roland Barthes (1990), que segmenta a fotografia em duas estruturas básicas. A primeira seria denotativa, na qual a imagem, ao ser capturada, passa por um processo de redução (proporção, perspectiva e cor); no entanto, isso não implica em uma transformação a ponto de constituir unidades em signos totalmente distintos do objeto retratado. Sabemos que a imagem não é o real, mas transmite verossimilhança, um perfeito *analogon*. É uma mensagem sem código, estatuto particular da imagem fotográfica. A partir do momento em que *lemos* a imagem, respaldados por normas profissionais, ideológicas ou estéticas notamos que a fotografia não é simplesmente percebida, mas conotada por um conjunto de códigos classificados em seis processos de conotação. Essa relação imbricada constitui o paradoxo fotográfico (BARTHES, 1990): em uma mesma imagem coexistem duas mensagens, uma sem código (denotativo) e a outra com um sistema de códigos (conotativo).

Os seis processos de conotação barthesianos aplicados às imagens fotográficas são:

²⁹ O teórico define *aura*: “[...] ‘única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que ela possa estar’, não fizemos mais do que transpor em categorias de espaço e tempo a fórmula que designa o valor cultural da obra de arte. Longínquo se opõe a próximo. O que é essencialmente longínquo é inaproximável. De fato, a qualidade principal de uma imagem que ser ao culto é ser inaproximável. Por sua própria natureza, ela é sempre ‘longínqua, por mais próxima que possa estar’. Podemos nos aproximar de sua realidade material, mas sem alterar o caráter longínquo que ela conserva desde a sua aparição.” (BENJAMIN, 1986, p.216).

- a) *Truncagem*, que intervém diretamente no plano denotativo sem avisar, ou seja, utiliza imagens sobrepostas com efeitos e recortes, modificando a natureza da fotografia. Tal intervenção foi observada no *corpus* selecionado nesta pesquisa, notamos essa técnica em duas edições (nº 72, de 5 de setembro de 1953 e nº 210, de 28 de abril de 1956), que apresentam ilustrações mescladas com fotografia.

FIGURA 27 - Carlos Thiré - *assemblage*



Detalhe da ilustração em *assemblage* de Carlos Thiré publicada na coluna De Rubem Braga, revista *Manchete*, edição n.210, 28 de abril de 1956. Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

- b) *Pose* – ocorre quando o fotografado propositalmente encena gestos e expressões atribuindo sentidos específicos à imagem. Esta ação promove a construção de determinadas ideias sobre o indivíduo fotografado. Percebemos que muitos retratos das páginas de Braga foram confeccionados em consonância a esse processo conotativo, pois os perfilados utilizam-se das expressões corporais e faciais no intuito de buscar a melhor maneira nas quais desejam ser lembrados.
- c) *Objetos*, presentes nas fotografias, contribuem e influenciam na construção dos sentidos dela. Os objetos induzem à associação de ideias e a elementos de significação. Muitos perfilados da seção “Gente da Cidade” trazem nas fotografias os seus instrumentos de trabalho, como o microfone, a máquina de escrever, os livros, que contribuem para a leitura conotativa da imagem.

- d) *Fotogenia* – processo conotativo que consiste em embelezar a fotografia a partir de técnicas de iluminação e de impressão. Ao tornar a foto mais atraente e bonita, influencia na leitura feita pelo receptor. Percebemos essa característica presente em muitas fotos do *corpus* selecionado, pois há a preocupação em atrair o leitor para a coluna a partir de fotos bem elaboradas.
- e) *Estetismo* – consiste em explorar a estética da fotografia a ponto de ela tornar-se semelhante à pintura. Para tanto, o teórico cita como exemplo o pictorialismo, movimento fotográfico que perdurou principalmente a partir da última década do século XIX até o primeiro quartel do século XX; em linhas gerais, consistia em aplicar técnicas artísticas da pintura nas composições fotográficas. Os retratos presentes na coluna do cronista são uma clara referência estética aos preceitos das pinturas em óleo que retrataram e ainda retratam inúmeros rostos. Acreditamos que as fotografias selecionadas para o estudo estabelecem relações dialógicas com as pinturas barrocas realizadas pelos artistas italianos do século XVI como Michelangelo Merisi Caravaggio (1571-1610) e Annibale Carracci (1560-1609).
- f) *Sintaxe* – surge a partir do momento em que a revista publica uma série de fotografias que, ao serem visualizadas, formam uma sequência. No entanto, o editor pode dispor de imagens juntas (justapostas ou contínuas) as quais colimam em interpretações equivocadas. Nas páginas de Braga há poucas edições com a presença de duas ou mais fotografias que, no caso em questão, estão devidamente separadas, sem margens a interpretações errôneas ou indesejadas.

FIGURA 28 - Gente da cidade:portraitsII



Retratos publicados na coluna Rubem Braga na seção “Gente da Cidade”, revista *Manchete*. Da esquerda para direita: Maria Clara Machado (edição n. 137, 4 de dezembro de 1954), Burle Marx (edição n. 95, 13 de fevereiro de 1954, p.58), Nelson Rodrigues (edição n. 102, 3 de abril de 1954, p.56) e Tereza Austregésilo (n. 72, 22 de agosto de 1953, p.52). Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Professora. Dra. Anna Martinez Corrêa (Cedap), Assis.

Aplicar os preceitos de Barthes ao *corpus* é importante, pois contribui para o melhor entendimento da composição da estrutura fotográfica, tornando a análise mais técnica e menos subjetiva. Percebemos nas imagens acima a presença dos processos conotativos fotográficos especificados nos parágrafos anteriores como a pose, os objetos, a fotogenia e o estetismo.

Além dos conceitos de Barthes, convém ressaltar que os perfilados acima também são exemplos de pessoas que estabeleceram relações de amizade com o escritor. É interessante observarmos que no decorrer das narrativas há a reiteração de elementos que conferem intimidade e vínculo com esses perfilados.

A jovem e bela atriz Tereza Austregésilo, retratada na edição n.72 em 22 de agosto de 1953, é filha do médico Antônio Austregésilo, precursor da neurologia no Brasil. Em 1959 ela se casou com o humorista Jô Soares. No decorrer do perfil o cronista discorre sobre os primeiros passos da carreira da artista, expondo seus pensamentos a partir de citações diretas, técnica muito empregada nos textos jornalísticos no intuito de humanizar a narrativa e torná-la mais verossímil.

O arquiteto paisagista brasileiro Roberto Burle Marx possui projetos paisagísticos espalhados ao redor do mundo como a embaixada brasileira em Washington. No Brasil, parte de sua produção está concentrada no Rio de Janeiro. O artista foi o perfilado da edição n.95 de 13 de fevereiro de 1954. A relação de amizade entre ambos atravessou as décadas tanto que, anos mais tarde, em meados da década de 1960, quando o escritor passou a viver na cobertura do edifício Barão de Gravatá em Ipanema, o projeto paisagístico de seu jardim suspenso foi assinado por Burle Marx. No perfil, a relação de amizade é demonstrada a partir da exemplificação dos gostos e hábitos do artista com o seguinte fragmento: “detesta jogar, adora beber (vinho, conhaque, uísque), é ouvinte fanático de música clássica [...] é engraçadíssimo ao imitar pessoas, especialmente Segall e Moussia Pinto Alves” (BRAGA, 1954, p.59).

O dramaturgo Nelson Rodrigues foi o perfilado na edição n.102 de 3 de abril de 1954. No decorrer do texto Rubem Braga elenca as obras até então publicadas pelo célebre escritor e os veículos de comunicação por onde trabalhou. Nesse período Nelson Rodrigues já havia escrito peças como *Vestido de noiva*, *Álbum de família* e *O anjo negro*. É interessante ressaltar que o cronista capixaba faz menção em seu texto à seção do colega perfilado “A vida como ela é...”, publicada no jornal *Última Hora*, coluna esta que de acordo com Braga “já existia dentro dele desde os 8 anos, quando escreveu, na escola pública, para a professora dona Amália, uma composição que tinha por tema um adultério.” (BRAGA, 1954, p.57). Com tal diálogo, além de reforçar o vínculo de amizade, Braga reafirma o grupo intelectual ao qual pertence. Outro ponto interessante é a citação de uma frase com traços de oralidade, a partir do sotaque do dramaturgo: “não se abandona nem uma namorada, quanto mais uma espôôsa!” (BRAGA, 1954, p.57). O escritor, nesse sentido, evidencia seu grau de intimidade e amizade com o perfilado.

Maria Clara Machado, amiga de Rubem Braga, também ilustrou “Gente da Cidade”. Seu perfil foi publicado na edição n.137 em 4 de dezembro de 1954. A perfilada é filha do escritor e teatrólogo Aníbal Machado. É considerada a maior autora de teatro infantil do país, ressaltando que ao longo da vida, escreveu quase trinta peças infantis. Ela foi uma das principais fundadoras da escola amadora de teatro, o “Tablado”, criada em 28 de outubro de 1951. Neste perfil, o autor tece considerações a respeito da artista e, também, da escola que criara anos antes, mostrando a pluralidade de profissionais e pessoas que a frequentaram: “são médicos, advogados, engenheiros, há moças e senhoras casadas como duas filhas de Odilon Braga, Lúcia e Kalma, há também quem pense em se tornar profissional, e está no ‘Tablado’ como uma escola” (BRAGA, 1954). Um fato ocorrido anos antes foi quando Rubem Braga em 1949, residindo em Paris como correspondente do *Diário de Notícias*, se juntou ao grupo

formado por Maria Clara Machado e a cronista Eneida. O escritor as levava a cabarés para assistir a espetáculos; no entanto, Maria Clara escreveu uma carta ao seu pai Aníbal dizendo que o cronista aparecia muito pouco e estava sempre “meio bêbado” (CARVALHO, 2007).

Neste capítulo, a partir dos textos não verbais, promovemos análises críticas interpretativas embasadas em teorias pertinentes às artes visuais e à fotografia. Acreditamos que as inúmeras imagens inseridas ao longo das edições são repletas de intencionalidades e valor artístico que contribuem significativamente para a construção da identidade visual da coluna.

Nesses artefatos fotográficos é possível inferir que são construídos de modo bem elaborado, pois por trás de cada imagem e texto está o cronista que, mesmo indiretamente, insere e expõe à sociedade as suas ideologias, personalidades – principalmente aquelas da vida carioca, movimentos artísticos, contribuindo, dessa forma, para a divulgação da cultura em seus inúmeros matizes, principalmente aquela emanada do povo brasileiro.

CONCLUSÃO

Conforme foi exposto, os capítulos anteriores demonstraram que a tese foi engendrada a partir das páginas de Rubem Braga inseridas na revista *Manchete* entre os anos de 1953 a 1957. Acreditamos que este estudo possa contribuir para os pesquisadores e docentes do campo da Literatura e também nas áreas correlatas, como o Jornalismo e a História. Porém, o trabalho espera alcançar inclusive os leigos que tenham interesse em se aprofundarem nesse assunto.

É válido ressaltar o fato desta tese não ter a pretensão de esgotar e dirimir todos os assuntos aqui propostos e discutidos. Devemos lembrar que a Ciência é construída a partir da dinamicidade humana, esta necessidade que o homem tem de observar as coisas que o rodeiam. Portanto, espera-se que futuramente esta tese seja transformada, renovada e, assim, continue contribuindo para com o desenvolvimento da fortuna crítica de Rubem Braga.

Ao analisar os textos verbais e não-verbais publicados na coluna do cronista capixaba percebemos o zelo e o empenho do escritor em produzir um material de qualidade capaz de influenciar e conquistar os leitores de sua seção. Transcende o papel de cronista, uma vez que se impõe como mediador a outros artistas, dando-lhes voz e espaço através das publicações de seus artefatos artísticos (poemas, contos, pinturas, ilustrações, trechos de obras) em suas páginas.

Conforme explicitado nos capítulos anteriores, muitas dessas publicações pertencem a artistas que estabeleceram relações próximas de amizade e afeto com o escritor. De certo modo, é possível compreender a figura de Rubem Braga como um intelectual que avigorou e expôs nessas páginas os pensamentos e ideologias dos variados grupos dos quais fazia parte, principalmente modernistas. Os perfis publicados semanalmente reforçam essa ideia, uma vez que muitos foram amigos íntimos ou conhecidos pelas quais o cronista tinha muito apreço e consideração.

Através dos poemas que foram publicados, o cronista concede pistas sobre as suas preferências e gostos nesse campo literário. O repertório é vasto e demonstra a pluralidade e o grau de intelectualidade do poeta bissexto, pois abrange desde poetas das primeiras gerações românticas do século XIX, passando por autores modernistas, até chegar a pós-modernistas de inúmeras nacionalidades, principalmente os estrangeiros de língua hispânica oriundos da América Latina. Notamos também o empenho do escritor em trazer e apresentar escritores

que estavam iniciando a carreira literária, como o poeta Thiago Mello, que foi perfilado na edição n.188, de 24 de novembro de 1955, e posteriormente publicou o poema “Versos de um cônsul” na edição n.197, de 28 de janeiro de 1956.

Os textos não verbais inseridos na coluna do “velho Braga”, tão importantes quanto as crônicas nas páginas da revista, também foram analisados criticamente. Para tanto, recorreremos aos ensinamentos dos teóricos amparados nos estudos da Escola Gestalt, entre eles, Dondis (1991), Gomes Filho (2009) e Arnheim (2014). Notamos que muitas ilustrações fazem referência aos poemas e as crônicas que compõem a coluna estudada, estabelecendo, assim, um diálogo entre os artefatos escritos e ilustrativos. Nesse sentido, entendemos que tais composições gráficas (textos e imagens) das páginas de Rubem Braga são bem elaboradas e diagramadas e despertam no leitor a possibilidade de construir percepções sofisticadas, únicas. Em suma, a coluna, publicada semanalmente, exala e respira arte em seus diversos matizes.

Um aspecto relevante dessa tese foi ter ingressado em outras modalidades textuais produzidas pelo escritor. Rubem Braga, popularmente conhecido através de suas crônicas, também veiculou nas páginas da *Manchete* perfis, trechos de cartas e discursos. Aos futuros críticos literários, há um rico material a ser desvendado e catalogado, que contribuirá imensamente para a fortuna crítica e também para a compreensão deste importante escritor brasileiro.

É válido ressaltar que as crônicas nas páginas de Braga foram todas redigidas pelo escritor. Nelas encontramos uma grande variedade temática e, conforme vimos, muitas dialogam explicitamente com outros gêneros textuais, como o conto, a reportagem e a epístola. Tais diálogos nos levam a pensar na volatilidade e adaptação desse gênero vivo, eminentemente brasileiro, que sofre constantes transformações. Para fundamentar a nossa análise, recorreremos principalmente ao arcabouço de teóricos da área da literatura como, por exemplo, Candido (1992), Bosi (1973) e Moisés (1979). Porém, também nos atentamos aos estudos da crônica no campo da comunicação e recorreremos aos estudos de importantes comunicólogos como Beltrão (1980) e Melo (1994).

Nessas centenas de crônicas indexadas, percebemos que algumas já haviam sido publicadas em antologias e outras foram selecionadas, editadas e integraram antologias posteriores. Porém, ainda há muitos textos que não foram selecionados nas antologias, embora sejam resultado de um belo trabalho estético-literário. Estão “esquecidos” nessas páginas da revista. No intuito de promover o resgate dessas crônicas, buscamos abordar em

nossos comentários e descrições textos que possuem essa qualidade estético-literária, ou seja, são bem construídos e não foram contemplados em publicações editoriais posteriores.

Percebemos que houve o zelo do escritor em selecionar os poemas para compor a sua coluna, pois, além de ter a competência para tal ação, as suas páginas estavam inseridas em um dos mais importantes veículos de comunicação impresso do Brasil na época—anos 1950. Já as crônicas, acreditamos que muitas foram publicadas no calor do momento, a partir do contexto histórico-social no qual o cronista estava inserido.

Sendo assim, esta tese buscou evidenciar as contribuições estético-literárias e artísticas da coluna de Rubem Braga inseridas na revista *Manchete* entre os anos de 1953 a 1957. Mostramos que os textos foram devidamente planejados e entram em consonância com o *layout* e a diagramação da coluna de modo geral. Há na seção o dialogismo e a boa correlação entre os textos verbais e não verbais, que promovem a excelência no sentido artístico (estético) e provocam sentimentos únicos em quem lê.

A indexação das inúmeras páginas produzidas por Rubem Braga foi um trabalho árduo e minucioso, porém imprescindível para a composição e estruturação da tese. A catalogação atua em mão dupla, pois ao mesmo tempo em que forneceu, norteou e propiciou ao pesquisador a possibilidade de ter uma visão holística dos artefatos artísticos que foram objetos de escolha do cronista, serviu também como um valioso recurso para que futuros estudiosos na área possam se debruçar sobre as páginas do cronista na revista *Manchete*. As fontes primárias indexadas constituem uma parte importante e basilar desta tese, pois demonstraram quais foram os textos e as personalidades (intelectuais, profissionais liberais, artistas) que Rubem Braga admirava, prestigiava e deveria legitimar em sua coluna em meados da década de 1950.

FONTES PRIMÁRIAS

1953

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 67, p.52-3, 1 ag. 1953.

A poesia é necessária: “Do cigano que viu chegar o alferes”. Todos os versos terminam com a vogal o. Contém breve nota discorrendo sobre o livro no qual este poema está inserido, o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles.

Crônica: “A estrela”. Texto recolhido no livro *A traição das elegantes* com o nome de “A nenhuma chamarás Aldebarã”. O cronista acorda no meio da madrugada e, ao olhar pela janela, vê uma estrela que ele a nomeia por Aldebarã. A partir disso, inicia uma série de elucubrações a respeito deste “misterioso” vocábulo.

Gente da Cidade: “Sacha, o pianista”. Perfil biográfico com enfoque na profissão do músico e na extensa jornada de trabalho que possui. Na época, este profissional era um importante e famoso pianista do Vogue.

Ilustração: “Eduardo Anahory”. Desenhos em preto e branco elaborados para a coluna do cronista. Uma imagem faz referência à crônica. Outra apresenta uma legenda na qual o redator diz tratar-se de um retrato do Rio de Janeiro na atualidade.

Vem escrito nos livros: “Reforma Agrária”, de Nestor Duarte. “Spetacle”, de Jacques Prévert, versos traduzidos em prosa. “Mística”, de Paul Claudel, publicado em *Le Figaro Littéraire* em 10 de março 1951. *Nordeste Brasileiro*, de A. da Silva Melo. Esta seção apresenta alguns parágrafos das obras mencionadas.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 68, p.52-3, 8 ag. 1953.

A poesia é necessária: “Metamorfoses”, de Dante Milano. Soneto.

Crônica: “A geografia sincera”; a partir de tópicos o cronista aborda diversos assuntos; entre eles, critica a decisão do governo de mudar a capital do país para a região central do Brasil, no estado de Goiás.

Gente da Cidade: “Simeão Leal”. Perfil biográfico simples com enfoque eminentemente centrado na profissão de professor universitário na área das ciências humanas.

Ilustração: “Eduardo Anahory”. Desenhos em preto e branco elaborados para a coluna do cronista sem conexão com os textos verbais.

Vem escrito nos livros: *Sabor do Brasil*, de Gilberto Amado, *Revoluções estéreis*, de Pedro Rocha e *Actuelles*, de Albert Camus. Apresenta um pequeno parágrafo das obras citadas. Ao tratar da obra de Camus, apresentou a tradução de dois parágrafos.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 69, 15 ag. 1953.

A poesia é necessária: Parte final do poema VII do canto quinto de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima. Soneto.

Conversas: O redator apresenta três notas noticiando acontecimentos sobre algumas pessoas; entre elas, Carlos Lacerda, Sérgio Figueiredo e Joaquim Rôla.

Crônica: “É preciso libertar o rádio”. Crônica política na qual o cronista critica o fechamento da Rádio Clube e discorre sobre a importância deste veículo de comunicação na formação e persuasão da população.

Gente da Cidade: “Ruth, a modista”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. Trata-se de uma empresária do ramo da moda, que possuía naquela época duas manequins permanentes, Inalda e Danuza Leão. A coluna ainda informa que a modista perdeu pais, marido e filho muito jovem.

Ilustração: “Eduardo Anahory”. Desenhos em preto e branco. “Epidemia” (charge) e “Não entre à esquerda”, texto não verbal que acompanha uma legenda na qual se afirma que Anahory foi a São Paulo de carro e a todo instante era parado pelos guardas.

Vem escrito nos livros: *Androcles and the Lion*, de Bernard Shaw, *Ed egli si nascose*, de Ignazio Silone, *Sagarana*, de Guimarães Rosa (apresenta um pequeno parágrafo das obras citadas, as duas primeiras foram traduzidas).

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 70, p.48-9, 22 ag. 1953.

A poesia é necessária: “Quando a luz se estender”, de Mário Quintana. Soneto.

Conto: “Sara”, de Rubens Borba de Moraes. Texto publicado anteriormente na revista *Klaxon* na edição de 15 de junho de 1922. Resumidamente, o conto, dividido em capítulos, narra a história de amor de uma aluna com o professor de artes (pintura); no entanto, a distância geográfica e o tempo os separam.

Crônica: “Conversinha enjoada”. Diálogo entre a personagem Alvaro Moreira e uma senhora professora. Esta promove diversas perguntas e ele responde apenas com uma palavra, de modo bem seco e direto.

Gente da Cidade: “Rodrigo M. F. de Andrade”. Perfil biográfico com enfoque na vida profissional que oscilava entre as áreas do Direito e do Jornalismo. O perfil também deslinda a vida familiar do perfilado e sua genealogia.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Um recebe o nome de “Indiscrições” e o outro faz referências ao conto.

Vem escrito nos livros: *Manet no Brasil*, de Antônio Bento, e *Lampião*, de Raquel de Queiroz (apresenta um pequeno parágrafo das obras).

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 71, p.52-3, 29 ag. 1953.

A poesia é necessária: Dois trechos do poema “De uma noite de tempestade”, de Rainer Maria Rilke com tradução de Geir Campos. Versos brancos e livres.

Crônica: “A mulher branca”. O cronista leva uma moça para o seu apartamento. Muito embriagado ou talvez cansado, toma banho e esquece que a moça lhe está esperando. Quando sai do banheiro percebe que a mulher havia ido embora. “Mangue”. Texto recolhido no volume *A borboleta amarela*. Nesta crônica, o cronista discorre sobre uma moça muito rica, bonita e independente que anda a cavalo pela praia. O cronista tímido não consegue conversar corretamente com a *femme fatale* quando a encontra, pois acreditava que ela era muito bela e livre, algo que o intimidava e de certa forma o constrangia.

Gente da Cidade: “Oscar, o arquiteto”. Perfil biográfico com enfoque na vida acadêmica e profissional de Niemeyer, renomado arquiteto brasileiro.

Ilustração: “Carybé” ilustração em preto e branco para a crônica “Mangue”. Há outro desenho com o nome de “Não amole”.

Vem escrito nos livros: *A vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa (apresenta alguns parágrafos com ideias esparsas sobre a abolição da escravidão). *Brasil Errado*, de Francisco Martins de Almeida (pequeno trecho do prefácio do livro).

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 72, p.52-3, 5 set. 1953.

A poesia é necessária: “Discurso em louvor da aero-moça”, de Manuel Bandeira. Versos brancos e livres. Poema publicado anteriormente em *Opus 10*, edição limitada da extinta *Hipocampo*.

Crônica: “Um fim de semana com Chaplin”. Trata-se de uma crônica biográfica na qual o cronista discorre sobre inúmeros aspectos da vida de Chaplin. De acordo com a crônica, alguns dados foram obtidos por Sérgio Figueiredo, brasileiro, que encontrou ao acaso o ator e conversou com ele no hotel Savoy em Londres.

Gente da Cidade: “Tereza Austregésilo”. Perfil biográfico com enfoque na vida da jovem atriz. Discorre amenidades sobre a moça oriunda de família rica.

Ilustração: Não traz especificado o nome do ilustrador, no entanto, acreditamos tratar-se de Eduardo Anahory. Desenho em preto e branco com uso da técnica da *assemblage*. Não faz alusão aos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 73, p.44-5, 12 set. 1953.

A poesia é necessária: “O epitáfio que não foi gravado”, de Felipe d’Oliveira. Poema em versos brancos e livres.

Crônica: “A longamente amada”. O cronista discorre sobre um sonho em que se recorda de uma moça pela qual foi apaixonado cerca de duas décadas atrás. Na narrativa, há a mistura de sonho com fatos concretos de sua vida, como uma fotografia que recebeu da garota em um dia chuvoso. Recorda com carinho e saudade esses fatos. Texto recolhido na obra *O homem rouco*, com o título “Uma lembrança”.

Gente da Cidade: “José Lins do Rêgo”. Perfil biográfico com enfoque nos aspectos de sua infância e profissão. Apresenta *en passant* algumas obras que o escritor produziu.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco elaborados para a coluna do cronista. Um deles faz referência ao poema e o outro não estabelece relação com nenhum texto verbal.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 74, p.50-1, 19 set. 1953.

A poesia é necessária: “Sigo depressa”, fragmento retirado do poema *Cobra Norato* de Raul Bopp. Versos brancos e livres.

Crônica: “Suíte 200”. Crônica política. O cronista chega a um hotel no qual não tem mais quartos disponíveis, exceto a suíte presidencial. O gerente deixa Rubem Braga dormir na biblioteca da suíte em uma pequena cama montada. A partir deste ato, o escritor começa a discorrer a respeito do ambiente no qual está hospedado e sobre os políticos, principalmente o comandante do Estado Novo, ao qual tece críticas veladas.

Gente da Cidade: “Mario Cabral, o saudoso”. Perfil biográfico com enfoque na profissão de advogado e na carreira de pianista que seguiu paralelamente durante a juventude em uma emissora de rádio na qual acompanhou grandes cantoras brasileiras.

Ilustração: “Anahory”. Dois desenhos em preto e branco. Um deles faz referência à crônica e o outro recebe o nome de “Guia”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 75, p.54-5, 26 set. 1953.

A poesia é necessária: Foram publicados dois poemas, um de autoria de Josué de Castro, “Namoro”, composto por versos brancos e livres, e “Cantiga, partindo-se”, de João Ruiz de Castelo-Branco. Construído a partir de versos heptassílabos.

Conto: “Gaetaninho”, de Alcântara Machado. Conto com crítica social. Retrata, em linhas gerais, um menino pobre que vivia muito desatento ao caminhar pelas ruas. Um dia, jogando bola, foi atropelado por um bonde e faleceu.

Crônica: “Seria mutilado o projeto Niemeyer para a exposição do IV Centenário de São Paulo”. Discorre sobre a Arquitetura e os profissionais da área. Enaltece Niemeyer ao desenvolver um projeto em comemoração ao IV Centenário de São Paulo.

Gente da Cidade: “João Condé, o arquivista”. Perfil biográfico no *Jornal das Letras*, que o escritor dirigia em parceria com seus irmãos. Informa-se que Condé é amigo de escritores das mais diversas ideologias.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Uma ilustração faz referência à crônica e outra é uma charge intitulada “História em três atos”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 76, p.44-5, 3 out. 1953.

A poesia é necessária: “Dois poemas infantis de Vinícius de Moraes ‘O pato’ e ‘São Francisco’.”. O primeiro poema composto por assonâncias foi musicado anos depois. O segundo apresenta versos brancos e livres e foi musicado pelo cantor Ney Matogrosso.

Crônica: “Primavera chegou”. Inicia a crônica percorrendo a respeito de um conto escandinavo sobre a primavera. Logo depois questiona se há primavera no Rio de Janeiro. Afirma poeticamente que ela existe, no entanto, é muito sutil e nem todos a sentem chegar.

Gente da Cidade: “Antonio Maria”. Perfil biográfico e histórico com enfoque na profissão exercida como radialista em diversas emissoras do país. Aborda ainda sobre as composições do autor, criadas que englobam sambas, marchinhas e *shows* para a boate Vogue.

Ilustração: “Eduardo Anahory”. Desenhos em preto e branco. Há ilustrações específicas para a crônica e os poemas. Há outra que não estabelece conexão com os demais textos verbais intitulada “Treinando em casa”.

Braga, Rubem. Uma página de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 77, p.54-5, 10 out. 1953.

A poesia é necessária: “Chuva de Caju”, de Joaquim Cardozo. Versos brancos e livres.

Fotografia: A seção de Braga expõe uma fotografia datada de 1951, realizada em Buenos Aires. Nela está retratado o pintor argentino Carybé e Newton Freitas, diplomata.

Gente da Cidade: “Danuza Leão, modelo”. Perfil biográfico da então jovem e bela modelo. Há o enfoque nas viagens realizadas pela Europa e a sua atuação como modelo.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco sem relação com os textos verbais. No canto superior direito da página 55 está presente a seguinte descrição “E outra de Eduardo Anahory”, pois a página anterior tem, como de praxe, disposto o seguinte título “Uma página de Rubem Braga”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 78, p.34-5, 17 out. 1953.

A poesia é necessária: “Elegia n. 9”, de Mauro Mota. Poema em formato de soneto.

Gente da Cidade: “Gastão Cruls, o amazônico”. Perfil biográfico detalhado sobre a genealogia e o percurso acadêmico que realizou. Há o enfoque na profissão de médico e escritor (informa que o Cruls escreve seus livros fumando sempre com piteira deitado confortavelmente em uma rede).

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Um possui ligação com o poema e o outro não estabelece conexões com os textos verbais da coluna. “Manuel Bandeira”. Apresenta uma carta na qual contém um desenho feito para Rubem Braga, avisando-o que mudou de apartamento.

Nota: “O poeta mudou de apartamento e de nome”. Faz alusão ao desenho feito por Manuel Bandeira a Rubem Braga.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 79, p.44-5, 24 out. 1953.

A poesia é necessária: “Diálogos”, de Cangaceiros, de José Lins do Rego. Poema em prosa.

Concurso de tradução: Nota em que se apresenta o soneto de E. E. Cummings para tradução. Transcreve-se o poema na íntegra. Texto escrito em um tom coloquial e com muito humor e ironia no qual se convocam os tradutores a participarem do concurso.

Crônica: “Mormaço”. O cronista reclama do mormaço que faz no Rio de Janeiro, algo que o incomoda muito, em inúmeros aspectos, inclusive na beleza das mulheres.

Gente da Cidade: “Aníbal Machado, escritor”. Perfil biográfico com enfoque em sua juventude e nos livros publicados, entre eles, *ABC das catástrofes*, *Vila Feliz* e *Topografia da Insônia*.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco elaborados para a coluna do cronista que são independentes dos textos verbais. Recebem o nome de “3 desenhos sem legendas”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 80, p.44-5, 31 out. 1953.

A poesia é necessária: “O fantasma inconformado”, de Joel Silveira. Versos brancos e livres.

Crônica: “O aventureiro”. O cronista vai a São Paulo a trabalho. Nessa cidade encontra-se sozinho e “perdido” em meio à grande quantidade de prédios e à multidão de pessoas. Por fim, em meio a esse turbilhão, encontra um amigo ao acaso e se sente mais feliz e menos solitário.

Gente da Cidade: “Alfredo Ceschiatti, escultor”. Perfil biográfico com enfoque na profissão do artista. O perfil narra sobre uma passagem bem humorada na qual o escultor é barrado em uma festa por não estar trajado de modo adequado, pois não compreendeu o que significava a expressão *black tie*.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco. As ilustrações fazem referências aos textos verbais (crônica e poema).

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 81, p.54-5, 7 nov. 1953.

A poesia é necessária: “A catedral de São Paulo”, de Mário de Andrade. Poemas em tercetos.

Crônica: “Aquele tempo”. O cronista encontra ao acaso uma antiga namorada. Ambos sentam em um bar e conversam sobre amenidades e sequer tocam no período em que namoravam. O texto apresenta contornos melancólicos e saudosistas por parte do escritor, que se recorda do passado com um tom nostálgico.

Gente da Cidade: “Arízio de Viana, daspiano”. Perfil biográfico com enfoque nos antepassados e na infância de Viana, natural de Cachoeiro de Itapemirim.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco elaborado para a coluna do cronista. Há três ilustrações das quais duas fazem referência

ao poema de Mário de Andrade e a crônica de Braga e a outra não estabelece relação com os textos verbais das páginas.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 82, p.46-7, 14 nov. 1953.

A poesia é necessária: “Fernando Pessoa, ‘Foi num momento’.”. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Hábitos”. Nesta crônica, elaborada por tópicos, o cronista mostra que as mulheres de antigamente eram mais misteriosas e românticas que as de seu tempo. Para tanto, transcreve um trecho do romance *Diva*, de José de Alencar, no qual ele descreve a beleza de Mila.

Gente da Cidade: “Guimarães Rosa, vaqueiro”. Perfil biográfico no qual o redator deslinda o período em que Rosa trabalhou como médico. Inteligentíssimo desde tenra idade. Discorre ainda sobre a trajetória que o tornou um importante diplomata.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Todas as imagens não estabelecem conexões com os textos verbais. Dois deles recebem o título de “O econômico” e “A moça do circo na intimidade”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 83, 21 nov. 1953.

A poesia é necessária: textos de Juan Ramón Jiménez. “Pavilhão”, “O tesouro”, “A ausente”, “Grácil”, “Universo” e “Virtude”, poemas curtos, breves, traduzidos por Manuel Bandeira.

Crônicas: São três textos. Em “Recado” o cronista escreve um recado “poético” a uma mulher da qual está gostando e anseia para que esta leia e saiba que a crônica foi dedicada a ela. Em “O coração” o cronista discorre sobre um poeta que se submete a inúmeros exames médicos. Após construir ao longo da narrativa um mistério em torno de uma possível doença o médico dá o parecer de que o paciente está saudável. E por fim, em “Lavoura”, o cronista mostra uma oposição entre moradores da cidade e do campo, uma vez que os cidadãos sonham em viver no campo a procura de maior contato com a natureza. Por sua vez, os habitantes do campo vão para a cidade grande na expectativa de melhorar de vida.

Ilustração: “Eduardo Anahory”. Desenho em preto e branco elaborado para a coluna do cronista. Dois deles fazem alusão às crônicas “Lavoura” e “O coração”. O outro desenho é uma charge intitulada “Piadas neo-realistas”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 84, p.48-9, 28 nov. 1953.

A poesia é necessária: “O sol é grande, caem co’a calma as aves,”, de Francisco Sá de Miranda. Soneto.

Crônicas: “Anchieta”. Nesta crônica, Rubem Braga alude a polêmica gerada naquela época. Para comemorar o quarto centenário da fundação de São Paulo, os paulistas solicitaram que os ossos de José de Anchieta fossem retirados do Espírito Santo (estado em que

faleceu) e enviados para São Paulo. O cronista dá uma aula de história ao explicar que os restos mortais do religioso foram divididos e espalhados ao redor do Brasil e Europa. Texto recolhido com algumas modificações de vocábulos no livro *Crônicas do Espírito Santo*. “Velhas Cartas”. O cronista discorre neste texto sobre cartas antigas que recebeu e esqueceu de respondê-las. Mostra que em pouco tempo as pessoas tornam-se desconhecidas. Crônica recolhida no livro *A traição das elegantes*. “Um chute”. Nesta crônica o escritor discorre sobre o fato de estar feliz e, por um instante, todos os seus problemas serem esquecidos. O título do texto faz referência ao chute certo que deu em uma bola que foi em sua direção enquanto caminhava pela rua.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Dois deles fazem referências às crônicas. O terceiro não tem ligação com os textos verbais.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 85, p.54-5, 5 dez. 1953.

A poesia é necessária: “Fim”, de Di Cavalcanti. Soneto.

Concurso de traduções: Nota sobre o concurso de tradução do soneto de E. E. Cummings. O colunista solicita publicamente que seus amigos escritores, entre eles, Paulo Mendes Campos e Manuel Bandeira, participem do concurso.

Crônica: “Futebol de rua”. Nesta crônica, composta por certo engajamento social, o escritor discorre sobre uma carta que leu na seção de queixas e reclamações, na qual um leitor pede para que as autoridades proibam os operários de jogarem bola na rua em horário de almoço. O cronista critica o leitor e emprega a ironia para defender o seu ponto de vista.

Gente da Cidade: “Antonio Bandeira, pintor”; perfil biográfico com enfoque na profissão; discorre sobre as exposições do artista e o define como um pintor neorrealista.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Uma ilustração faz referência à crônica, a outra não faz alusões aos textos verbais presentes na coluna e recebe o nome de “Solução do tráfego”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 86, p.40-1, 12 dez. 1953.

A poesia é necessária: “Este perfume...”, de Ronald de Carvalho. Versos brancos e livres. Presença da figura de linguagem anáfora. A coluna apresenta uma pequena nota sobre o escritor.

Crônica: “A mudança”, crônica com crítica social. Mostra como pessoas de baixa renda vivem longe dos grandes centros, em subúrbios afastados.

Gente da Cidade: “Millor Fernandes, Vão Gogo”, perfil biográfico com enfoque na profissão. O colunista emprega o humor ao descrever fatos bem humorados da vida do famoso cartunista.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco fazem referências aos textos verbais presentes na coluna (poema e crônica). A ilustração feita para a crônica é uma aquarela.

Vem escrito nos livros: Apresenta um trecho de capítulo de “Colônia Correcional”, terceiro volume do livro *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Neste fragmento o narrador descreve com muita vivacidade os péssimos alimentos que os prisioneiros recebiam na prisão.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 87, p.62-3, 19 dez. 1953.

A poesia é necessária: “Solidão”, de Abgar Renault. Soneto. A coluna apresenta uma pequena nota sobre o escritor.

Crônicas: São duas crônicas publicadas nesta edição. “Sobre êste ofício”, crônica metalinguística e com crítica social. O escritor aponta que gostaria de responder a todas as cartas que recebe; no entanto, isso seria uma tarefa impossível. Em “Fazia Calor”, o cronista escuta pacientemente um homem discorrer sobre inúmeros assuntos, desde agiotas a leilões. No entanto, não presta atenção a uma palavra, pois a única coisa na qual consegue pensar é o excesso de calor que estava fazendo naquele dia.

Gente da Cidade: “Lúcio Rangel”, perfil biográfico com enfoque em fatos ocorridos na juventude e nos sambas os quais o bacharel em Direito aprecia.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Há duas ilustrações. Uma faz referência ao poema. A outra recebe o nome de “Domingo em Copacabana” e não está vinculada aos textos verbais.

Braga, Rubem. Duas páginas de Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 88, p.54-5, 26 dez. 1953.

A poesia é necessária: “Canção bicuda”, de Augusto Meyer. Poema composto por versos octassílabos.

Crônica: “O falso pescador”. O cronista inicia o texto descrevendo vários apetrechos que adquiriu para pescar. Vai à casa de um casal de amigos em um litoral distante no intuito de pescar. Entretanto, inicia elucubrações, discorre sobre ideias e não trata mais da pescaria, pois esta definitivamente não aconteceu.

Gente da Cidade: “Roberto Alvim Corrêa”, perfil biográfico com enfoque nas histórias sobre o período em que ele fundou em Paris a Editions Corrêa e, por dez anos, administrou essa editora. No entanto, ressalta o fato de que este professor de literatura francesa carrega a frustração de nunca ter editado traduções de escritores brasileiros.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. As ilustrações não fazem referências aos textos verbais. Uma delas recebe o nome de “Danço conforme a música”.

1954

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 89, p.54-5, 2 jan. 1954.

A poesia é necessária: poemas de Vinícius de Moraes “Soneto da Fidelidade” e “Soneto da Separação”.

Concurso de traduções: nota explicativa na qual anuncia o encerramento das inscrições para o concurso de tradução do soneto do poeta E. E. Cummings.

Crônicas: “Um natal que passou”, texto publicado em dezembro de 1951, data explicitada na própria coluna Rubem Braga no intuito de informar o leitor. Em linhas gerais, esse texto aborda a noite do dia 24 de dezembro. Sozinho, hospedado na casa de um casal de amigos, o escritor reflete sobre um caminhão de lixo que parou na frente da casa em que estava. Outro texto publicado foi “Partilha”, em que aborda a separação de bens dos pais que faleceram. Para o narrador nenhum bem era significativo quanto o porta-retrato com a fotografia de sua mãe. Ambos os textos foram recolhidos no livro *A borboleta amarela*.

Gente da Cidade: “Joel Silveira, repórter”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. A coluna discorre ainda sobre as relações profissionais de Silveira com Samuel Wainer e Assis Chateaubriand.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Uma ilustração faz referência ao texto “Partilha”; os outros dois são independentes em relação aos textos verbais; um deles recebe o nome de “Música”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 90, p.54-5, 9 jan. 1954.

Crônica: “Da Europa”. A partir de notas esparsas o escritor comenta acontecimentos ocorridos no continente europeu.

Gente da Cidade: “Elsie Lessa, cronista”. Perfil biográfico no qual se ressaltam aspectos familiares e privados, como o fato de seu avô materno ser Julio Ribeiro, autor de *A carne*, e a obrigatoriedade de aprender a tocar piano.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Não estabelecem relações com os textos verbais presentes na coluna.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 91, p.58-9, 16 jan. 1954.

A poesia é necessária: “Dois sonetos a Dante”, de Martins Napoleão. Na edição, os sonetos recebem os títulos de IV e VII, respectivamente, foram publicados na obra *Opus 7*.

Crônica: “História incoerente mas autêntica. De homem, cachorro, negócios e telegrama”. A crônica relata o cotidiano de um homem citadino e a sua relação com um animal abandonado que buscava refúgio todos os dias na sua varanda. Texto reeditado na revista *Manchete* na edição 23 de setembro de 1961 com o título de “Homem, cachorro, telegrama”.

Gente da Cidade: “Fernando Sabino, escritor”; perfil biográfico no qual o colunista Braga demonstra extrema intimidade e amizade ao desnudar peculiaridades a respeito da vida privada do perfilado.

Ilustração: Augusto Rodrigues. Desenhos em preto e branco.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 92, p.52-3, 23 jan. 1954.

A poesia é necessária: “E quando nós saímos era lua”, soneto de Rubem Braga.

Crônica: “Lua, vento”. Discorre sobre a mudança de tempo de modo metalinguístico. Nota-se a angústia frente aos compromissos do dia a dia e a obrigatoriedade de escrever para sobreviver.

Gente da Cidade: “Carlos Drummond de Andrade, poeta”. Perfil biográfico extenso se comparado aos demais. A temática do texto está centrada eminentemente na vida literária do escritor. O perfil cita diversas obras publicadas pelo poeta. Drummond é descrito como um homem tímido e recatado.

Ilustração: “Fernando Lemos”. Desenhos em preto e branco. Imagens abstratas.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 93, p.56-7, 30 jan. 1954.

A poesia é necessária: “O mar outrora...”, de Sérgio Millet. Presença da figura de construção por repetição chamada epífora.

Crônica: “Carta a um jovem autor que mandou seu livro e pede minha opinião”. O cronista demonstra a sua “suposta” incapacidade de ler tantos livros; por mais que quisesse, não conseguiria. Afirma ao autor que não leu e provavelmente não irá ler tão cedo o seu livro, que recebeu de presente.

Gente da Cidade: “Mario Pedrosa, crítico”. Longo perfil biográfico com enfoque em sua ideologia política. De acordo com o texto, Pedrosa era naquela época um dos homens mais inteligentes e cultos do Brasil. Era odiado tanto pelos comunistas quanto pelos fascistas. Acreditava que o país deveria sofrer uma grande reforma agrária.

Ilustração: “Fernando Lemos”. Desenhos em preto e branco. Imagens abstratas.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 94, p.58-9, 6 fev. 1954.

A poesia é necessária: “Ascensão”, de Reinaldo Moura, composto por versos brancos e livres.

Concurso de traduções: Constitui-se a banca julgadora das 71 traduções que receberam. Os julgadores são: Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Onestaldo de Pennafort.

Crônica: “O céu”. O cronista divaga brevemente sobre a beleza nas pequenas coisas da vida, como olhar para o céu e sobre os mistérios que o rodeiam.

Gente da Cidade: “Lourdes Lessa, arquivologista”. Perfil biográfico destaca os inúmeros cursos realizados pela perfilada (Enfermagem, Literatura, Filosofia, Línguas). Naquela época, Lessa era funcionária concursada do Itamarati.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco fazem alusão aos textos verbais (crônica e poema). “Carybé”. Desenho em preto e branco que irá compor um livro sobre a vida dos capixabas.

Nota: “Anahory volta”. “Eduardo Anahory foi passar as festas de fim de ano em Portugal, sua terra. Mas já voltou ao Brasil e reassume hoje seu trabalho nestas páginas.”.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 95, p.58-9, 13 fev. 1954.

A poesia é necessária: “Encantamento”, estrofes em quartetos rimadas, e “Noiva”, versos brancos e livres, ambos de Emílio Moura.

Crônica: “Morro”. Crônica com crítica social aborda a pobreza e as péssimas condições das habitações dos morros cariocas.

Gente da Cidade: “Burle Marx, jardineiro”. Perfil biográfico descreve aspectos familiares (descendência, membros da família). Porém, focaliza os aspectos profissionais na evolução da carreira do paisagista.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Duas ilustrações fazem referências à crônica e aos poemas. Outra ilustração não estabelece relações com os textos verbais presentes na coluna.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 96, p.58-9, 20 fev. 1954.

A poesia é necessária: “Berceuse”, de Rainer-Maria Rilke (trad. de Rubem Braga), composto por versos brancos e livres.

Crônica: “O poeta”. Responde a uma carta comentando o ofício que envolve as atividades exercidas pelos poetas. Relata que a poesia está presente nas pequenas coisas do cotidiano.

Gente da Cidade: “Silveira Sampaio, teatrólogo”. Perfil biográfico construído de modo cronológico sobre a vida do perfilado que antes de ingressar no campo da dramaturgia cursou a faculdade de Medicina e exerceu a profissão inicialmente em um sanatório de tuberculosos.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. A ilustração que faz referência à crônica adotou a técnica da *assemblage*. Outra imagem faz remissão ao poema. Há uma terceira imagem que recebe o título de “Racionamento”. Esta última é independente dos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 97, p.52-3, 27 fev. 1954.

A poesia é necessária: “Despede teu pudor” e “Rural”, de Paulo Mendes Campos. Sonetos.

Concurso de traduções: Anuncia que será publicado o nome dos vencedores na próxima edição.

Crônica: “Noitinha em Vila Isabel”. Crônica com crítica social aborda a pobreza e as diferenças de classes (patrões e empregados). Texto recolhido na obra “O conde e o Passarinho” com o título de “A empregada do Dr. Heitor”.

Gente da Cidade: “José Olympio, editor”. Perfil biográfico com enfoque profissional na carreira do comerciante. Longo perfil no qual narra a origem da editora de José Olympio.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco fazem referências aos poemas e à crônica.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 98, p.58-9, 6 mar. 1954.

A poesia é necessária: “Dois poemas de Geir Campos: “Viagem”, composto por versos bárbaros, e “Canção”, composto por versos octossílabos.

Concurso de traduções: Nessa edição Rubem Braga publicou o resultado do concurso de tradução anunciado em edições anteriores. Apresentou-se uma justificativa sobre a escolha dos textos. Trata-se de um poema de E. E Cummings (Rubem Braga apresenta o texto original). A comissão julgadora foi formada por Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Onestaldo de Pennafort. Os primeiros colocados foram R. Magalhães Júnior e Daniel Martins Júnior. O segundo lugar foi para Nepomuceno de Araújo e o terceiro foi para Ivo Barroso.

Crônica: “O vassoureiro”. O cronista discorre sobre cidadãos que moram ou transitam pelo bairro em que vive. Cita no texto um vassoureiro, uma pianista e um homem com um periquito. Recolhido no livro *O homem rouco*.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco ilustram o poema “Viagem” e a crônica.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 99, p.58-9, 13 mar. 1954.

A poesia é necessária: Dois poemas de Cassiano Ricardo: “Relógio” e “A orquídea”. Ambos os poemas são compostos por versos livres.

Crônica: “Visitação a S. Paulo”. Reminiscências sobre a cidade de São Paulo. Cita Pierina, personagem mencionada pelo escritor em diversas crônicas ao longo do tempo. Rubem Braga explica sobre essa personagem na crônica “A moça chamada Pierina”, presente no livro *A traição das elegantes*.

Gente da cidade: “Lúcio Costa, urbanista”. Perfil biográfico focado na vida profissional. Embora pudesse ganhar muito dinheiro por ser um profissional reconhecido mundialmente, o urbanista tem uma vida modesta.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos que remetem ao estilo surrealista e cubista.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 100, p.54-5, 20 mar. 1954.

A poesia é necessária: “Muito de ti”, de Edgard Braga. Poema composto por anáforas.

Crônica: Publica duas crônicas. Em “A tarde”, discorre brevemente sobre um passeio de barco pelo Rio de Janeiro e, em “A noite”, o cronista, ao desembarcar no aeroporto do Rio de Janeiro, entra em um táxi e conta ao motorista que acima do tempo nublado que reveste a cidade há um céu límpido e belo.

Gente da cidade: “Paulo Sampaio, da aviação”. Perfil biográfico com ênfase na vida profissional. Sampaio foi responsável por criar no Brasil a primeira companhia de táxi aero. Também atuou como um dos pilotos da empresa.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 101, p.58-9, 27 mar. 1954.

A poesia é necessária: “Soneto do Acontecido”, de Moacyr F. de Oliveira. Soneto.

Crônicas: Publica duas crônicas. “Odabeb” narra a história de um bêbado que virou do avesso um jacaré. Contém crítica social e discorre sobre o proletariado. Em “Essas coisas, os jornais não dão”, a crônica aborda que, por trás das tragédias e das más notícias, há sentimentos bons que o jornal não publica; como o relacionamento amoroso de um casal antes da traição. Ambos os textos foram recolhidos na obra *A borboleta amarela*; no entanto, o segundo sob o título de “Os jornais”.

Gente da cidade: “Augusto Frederico Schimidt”. Perfil biográfico com ênfase na vida profissional. Schimidt naquela época era diretor da Orquima e de mais onze indústrias. O perfilado também estabelecia relações no campo das letras, escrevendo artigos e poemas líricos.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais da coluna (crônicas e poema).

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 102, p.56-7, 3 abr. 1954.

A poesia é necessária: “Domingues da Silva”. “Soneto XVI” e “Soneto XXIV”, sonetos.

Crônica: “Quermesse”. Trata-se de um texto onírico composto por imagens surrealistas. Texto recolhido em *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Nelson Rodrigues, dramaturgo”. Perfil biográfico com ênfase na vida profissional deste importante e polêmico escritor brasileiro. A seção apresenta as obras do escritor e as sintetiza ao longo do texto.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 103, p.56-7, 10 abr. 1954.

A poesia é necessária: José Escobar Faria (“poema número 12”, impresso no livro *Poemas e elegias* de 1953) e Oswald de Andrade, “Cântico dos cânticos para flauta e violão” (fragmento).

Gente da cidade: “Jacinto de Thormes, mundanismo”. Perfil biográfico cronológico. O perfil destacou que o retratado escreveu crônicas mundanas em um formato inovador no *Diário Carioca*.

Ilustração: “Anahory”. Os desenhos fazem referência a uma viagem do ilustrador ao Peru. Com outro desenho, o poema de José Escobar Faria é ilustrado pelo desenhista.

Braga, Rubem. Duas páginas de Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 104, 17 abr. 1954.

A poesia é necessária: “Ilka Sanches, ‘O espantalho’.” Soneto.

Crônicas: “O manifesto”, contém crítica social, desnuda a função dos trabalhadores da construção civil e tece críticas ao governo Vargas. Texto recolhido no livro *A borboleta amarela* com o título de “Manifesto”. “Quinca Cigano”, narra a história da família Coelho, de Cachoeiro de Itapemirim, famosa por confeccionar apitos para caçar passarinhos. Texto recolhido no livro *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Marcelo Garcia, pediatra”, perfil com enfoque na profissão bem-sucedida de médico. Informa-se que o profissional cuida da saúde dos filhos de pessoas de destaque da sociedade carioca.
Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 105, p. 58-9, 24 abr. 1954.

A poesia é necessária: “Oswaldino Marques, ‘Os sonâmbulos’.” Estrofes em quartetos.

Crônicas: “Santa Teresa”, discorre sobre uma tarde de sábado da janela de seu apartamento, do qual vê diversas pessoas em situações cotidianas. Evoca o bairro de Santa Teresa e diz que gostaria de viver lá. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Silvio Caldas, seresteiro”, perfil com enfoque na profissão e infância. Nesta seção da coluna, o redator publica uma nota na qual aponta que na edição anterior a fotografia do perfil foi trocada pelo colunista da *Manchete*, Antônio Oliveira dos Santos. Assim, publicou-se a foto do médico pediatra nesta edição.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 106, p. 58-9, 1 maio. 1954.

A poesia é necessária: “João Francisco Ferreira, ‘Se deixares’.” Versos brancos e livres.

Crônicas: “No mar”, aborda a relação estabelecida entre o cronista e o mar. Ao entrar na água e banhar-se, pode refletir que estava distante do oceano e inicia divagações sobre inúmeros aspectos de seu passado. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Luiz Jatobá, locutor”. Perfil com enfoque na profissão do radialista. Informa-se que Jatobá formou-se em medicina; no entanto, não seguiu o ofício. Passou anos nos Estados Unidos trabalhando como locutor.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Um faz referência à crônica e o segundo é independente do texto verbal e recebe o título de “Hospício”.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 107, p. 58-9, 8 maio. 1954.

A poesia é necessária: “Salvyano Cavalcanti de Paiva, ‘O chão é liso’.” Estrofes em quartetos.

Crônicas: “Um sonho”, crônica metalinguística. O cronista dialoga com o leitor sobre um sonho no qual aparece uma antiga “namorada” que estava “esquecida” em seu inconsciente. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Clóvis Graciano, pintor”. Perfil com enfoque na profissão. Relata as dificuldades pelas quais o artista passou e depois o apresenta como um profissional muito requisitado para pintar painéis.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Um faz referência à crônica. O outro desenho não está associado a nenhum texto verbal.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 108, p. 58-9, 15 maio. 1954.
A poesia é necessária: “Mariza Pinto Coelho, ‘Vitória do ruído’.”. Versos brancos e livres.
Crônicas: “Cinelândia”. Neste texto o cronista relembra seu tempo de estudante e a pouca quantidade de dinheiro que recebia dos pais para passar o mês. Conta ainda sobre o *footing*, prática de paquera existente em diversas partes do país, inclusive no interior de São Paulo. Trata-se de uma crônica cultural. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.
Gente da cidade: “Vanja Orico, artista”. O perfil menciona os diversos lugares em que Vanja morou desde tenra idade, uma vez que seus pais eram diplomatas e, assim, pôde residir por muito tempo no exterior. Atua como concertista (apresentou recitais) e atriz de cinema.
Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco faz referência à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro. n. 109, p.58-9, 22 maio. 1954.
A poesia é necessária: “Ferreira Gullar, ‘O galo’.” Versos livres e brancos.
Crônicas: “Tecidos”. Ao discorrer sobre a escrita de um telegrama que trazia informações sobre o nylon, compara-o aos versos da obra *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.
Gente da cidade: “Dorival Caymmi, cantor”. Perfil com curiosidades sobre esse grande artista da música popular brasileira (o texto informa que o perfilado compõe suas músicas enquanto realiza simples ações como caminhar enquanto observa as vitrines das lojas ou ao entrar em um elevador).
Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais da coluna.
Nota: Nesta edição, na segunda página da coluna, Braga passa a dividir espaço com a coluna de Ibrahim Sued.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 110, p.58-9, 29 maio. 1954.
A poesia é necessária: “Luís Martins, ‘Ballade des dames du temps jadis’.” Título em francês, texto em português.
Crônica: “Mudança”. Narra a história de um novo morador no prédio em que vive o escritor. O apartamento no qual ele vai morar pertencia a amigos do cronista. Promove uma digressão melancólica e saudosista sobre os antigos proprietários do imóvel. Recolhido na obra *A borboleta amarela*.
Gente da cidade: “Zilco Ribeiro, empresário”, perfil dá ênfase a um determinado acontecimento ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial (alistou-se na Força Aérea Expedicionária Brasileira e, após um rigoroso processo seletivo, conquistou uma das 64 vagas disponíveis para fazer um curso promovido pela força aérea norte-americana).
Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco está conectado ao texto de Braga.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 111, p.56-7, 5 jun. 1954.

A poesia é necessária: “Rainer Maria Rilke, ‘A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke’.” (Trecho inicial, trad. de Cecília Meireles.) Poema em prosa.

Crônica: “A moça”. O cronista discorre sobre uma bela moça que tomava banho de piscina na Toscana totalmente alheia ao conflito bélico que ocorria no mesmo instante em seu país, a Segunda Guerra Mundial. Texto recolhido no livro *A borboleta amarela*. Crônica com título homônimo presente no livro *Ai de ti, Copacabana*.

Gente da cidade: “Antônio Callado, jornalista”. Perfil profissional com enfoque na cobertura em Londres da Segunda Guerra Mundial (o jornalista embarcou em um navio cargueiro da marinha real em 1941). Após a guerra, trabalhou como diretor brasileiro da *Seleções do Reader's Digest*.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 112, p.54-5, 12 jun. 1954.

A poesia é necessária: “Alphonsus de Guimaraens, ‘Ismália’.” Famoso poema reinterpretado e relido ao longo dos anos por diversos intelectuais.

Crônica: “A viajante”. O texto é direcionado a uma misteriosa mulher. Percebe-se a desilusão amorosa do cronista em decorrência de um amor não correspondido. Texto recolhido no livro *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Araulpho Alves, sambista”. Perfil biográfico com ênfase na profissão. O músico gravou sambas em parcerias com cantores consagrados como Carmem Miranda e Pixinguinha. No período em que foi redigido o perfil, o sambista era chefe e conselheiro do setor de finanças da União Brasileira de Compositores.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 113, p.58-9, 19 jun. 1954.

A poesia é necessária: “Manuel Gutiérrez Nájera, ‘Último instante’.” (Trad. de Manuel Bandeira). Estrofes composta por quartetos.

Crônica: “No bairro”. Discorre sobre o dia de domingo. O cronista, enquanto caminha pela cidade, faz considerações sobre as ações das pessoas durante este “preguiçoso” dia da semana. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “Mansueto Menezes, sambista”. Perfil biográfico com ênfase na profissão do músico em ascensão. O texto informa sobre as inúmeras profissões exercidas pelo sambista antes de ingressar, propriamente, no meio artístico.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco estão conectados aos textos verbais.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 114, 26 jun. 1954.

A poesia é necessária: Dois poemas: “Federico Garcia Lorca, ‘Toada de negros em Cuba’”. Versos com anáforas. “Victor Londono, ‘Natal’.” Soneto. (Ambos traduzidos por Manuel Bandeira).

Gente da cidade: “Edu-gaita”. Perfil biográfico com ênfase na profissão do músico que iniciou sua carreira tocando nas ruas de São Paulo (início da década de 1930) e, posteriormente na cidade do Rio de Janeiro. O texto informa que nos últimos quatro anos o músico estudou diariamente a “Quinta Sinfonia” de Beethoven.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco está conectado ao perfil.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 115, p.54-5, 3 jul. 1954.

A poesia é necessária: “Ribeiro Couto, ‘Elegia Civil’.”.

Crônica: “O jaboti”. Narra a história de uma tartaruga fujona que percorria sempre pela mesma trilha; no entanto, a fuga nunca teve êxito, pois sempre era capturada pelo dono. Recolhido no livro *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Elizete Cardoso, cantora.”. Perfil biográfico com ênfase na vida artística da cantora (estudou no rádio aos quinze anos de idade). O texto informa as emissoras de rádio em que a cantora trabalhou.

Ilustração: “Anahory”. Um dos desenhos em preto e branco faz remissão ao perfil.

Manchete. Rio de Janeiro. n. 116, 10 jul. 1954. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 117, p.58-9, 17 jul. 1954.

A poesia é necessária: “Paulo Gomide, ‘Promessa’.” Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “O motorista do 8-100”. Crônica com crítica à falta de preservação do meio ambiente. Um jornalista presencia a cena na qual um motorista de caminhão de lixo faz um enorme esforço para manter o veículo limpo. Faz um alerta para a produção excessiva de lixo. Recolhido no livro *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Paulo Mendes Campos, poeta”. Perfil biográfico no qual são expostas curiosidades da vida privada do escritor, principalmente projetos futuros (publicação de um livro de poemas e um estudo crítico sobre a literatura brasileira juntamente com Manuel Bandeira).

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco sem referências aos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 118, p.58-9, 24 jul. 1954.

A poesia é necessária: “Giacomo Leopardi, ‘O infinito’.”. (Trad. de A. Herculano de Carvalho). A coluna apresenta o texto em italiano e em português.

Crônica: “Dos brotos”. O cronista discorre sobre as moças de tenra idade. Através de sua janela admira as jovens na praia. Texto recolhido na obra *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Osório Borba, jornalista”. Perfil biográfico com enfoque profissional e político. Aos dezessete anos estreia como jornalista nos periódicos *Diário de Pernambuco*, *Jornal Pequeno* e *Jornal do Comércio*. Alguns anos mais tarde, em parceria com José Lins do Rego, cria um periódico com enfoque político, *Dom Casmurro*.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco faz referência ao texto de Braga.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 119, 31 jul. 1954.

A poesia é necessária: “Murilo Mendes, ‘Poema do fã’.” Poema com versos longos.

Crônica: “Sobre a morte”. O cronista é entrevistado por João Condé. A última pergunta era sobre a morte. A partir disso, discorre sobre os diversos matizes que a envolve, principalmente os gastos com a funerária. Texto recolhido na obra *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Marino Pinto, compositor”. Perfil biográfico com enfoque profissional; o perfilado compôs mais de quatrocentas letras de música, muitas em parceria com compositores famosos, entre eles, Paulo Soledade, Ataulfo Alves e Wilson Batista. Suas canções foram gravadas por diversas celebridades da época como Dalva de Oliveira e Elizete Cardoso.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco faz referência ao texto de Braga.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 120, p.58-9, 7 ag. 1954.

A poesia é necessária: “Comtesse de Noailles, ‘A imagem’.” Trad. De Guilherme de Almeida. Estrofes em quartetos. Contém o texto original em francês.

Gente da cidade: “Wilson Baptista, compositor”. Perfil biográfico com enfoque profissional. O texto apresenta alguns trechos de composições criadas pelo músico, entre elas, “A mulher que eu gosto” e “Meus vinte anos”.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco faz referência ao poema.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 121, p.58-9, 14 ag. 1954.

A poesia é necessária: “Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, ‘Feito de improviso junto à sepultura de D. Inês de Castro’.” Soneto.

Crônica: “A visita do casal”. O cronista recebe um casal de amigos em seu apartamento. Discorre sobre a árdua tarefa diária de manter um relacionamento amoroso. Crônica recolhida no livro *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Athos Bulcão, desenhista”. Perfil biográfico com enfoque nas influências estilísticas adotadas (foi aprendiz de Candido Portinari e estudou litografia no ateliê de Jean Pons, Paris), nas exposições em que participou e na vida profissional (atuava na época

da produção do perfil como um renomado decorador da *high society* carioca).

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco embasado na crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 122, p.54-5, 21 ag. 1954.

Crônicas: A coluna apresenta dois textos. “Biribuva”. O cronista narra docemente a história de sua gatinha, Biribuva. Crônica recolhida no livro *O homem rouco*. Em “Procura-se”, o cronista trata da perda de seu caderninho de anotações e, a partir disso, discorre sobre a necessidade ou não de encontrá-lo. Texto recolhido no livro *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Black-out, cantor”. Perfil biográfico com enfoque profissional e sobre as dificuldades que passou ao longo dos anos. O texto informa que o perfilado abandonou os estudos e, aos dozes anos, trabalhou como entregador de telegramas. Iniciou sua carreira como cantor após ficar conhecido por participar diversas vezes em programas de calouros, produzidos por emissoras de rádio da capital do país.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco embasados em ambas as crônicas.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 123, p.60-1, 28 ag. 1954.

A poesia é necessária: “Federico Garcia Lorca, ‘Um poema de Mariana Pineda’”. A coluna apresenta o texto original e a tradução de Paulo Mendes Campos. Poema com versos brancos e livres.

Crônica: “Aconteceu com Orestes”. Discorre em um tom jocoso sobre a coluna de horóscopo do senhor Mirakoff, do *Diário Carioca*. Entre os comentários faz críticas explícitas ao governo de Vargas. Crônica recolhida no livro *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Paulo Ronai, professor”. Perfil biográfico mostra como esse húngaro proveniente de família judia conseguiu vir ao Brasil, escapando dos horrores da Segunda Guerra Mundial.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. O primeiro é embasado na crônica. O segundo, sob o título de “Miopia”, não faz referência aos textos verbais da coluna.

Manchete. Rio de Janeiro. n. 124, 04 set. 1954. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição. Observação: nesta mesma data a editora lançou uma edição extra sobre a Proclamação da Independência na qual escritor também não publicou.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 125, p.48-9, 11 set. 1954.

A poesia é necessária: “Vinícius de Moraes, ‘Poema de Auteil’”. Poema extenso, construído especialmente para a coluna de Rubem Braga. “Almeida Garrett, ‘Bela barca’”. Estrofes em quartetos.

Crônica: “Havia um tom de opala”. Narra sobre os diversos matizes que a cor dos olhos da personagem Joaquina adquire ao longo do dia. Texto recolhido no livro *A cidade e a roça*, com o título de “Opala”.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco fazem alusão ao poema de Garrett e à crônica de Braga.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 126, p.48-9, 18 set. 1954.

A poesia é necessária: “Ismael Nery, ‘A virgem inútil’.” Poema composto por versos longos, brancos e livres.

Crônica: “Um homem”. Um homem observa uma moça na orla da praia. A partir dessa cena o cronista tece considerações sobre esse homem e a impossibilidade deste participar do contexto social e amoroso no qual a moça está inserida naquele momento.

Gente da cidade: “Magalhães Júnior, teatrólogo”. Perfil biográfico com enfoque profissional nas peças produzidas como as intituladas “Saci” e “Canção dentro do pão”. O texto também informa por quais artistas plásticos (Di Cavalcanti, Candido Portinari) e músicos (Villa Lobos, Caymmi e Ari Barroso) o dramaturgo tem predileção.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco fazem alusão ao poema e à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 127, p.50-1, 25 set. 1954.

A poesia é necessária: “João Alphonsus, ‘Toada à-toa’.” Poema composto por versos curtos e estrofes em quartetos.

Crônica: “Livros”. No decorrer da narrativa, apresenta-se ao leitor a relação que o cronista tem com os livros de uma livraria. Em síntese, evidencia que na época havia pouco dinheiro e muita vontade de adquirir diversos exemplares.

Gente da cidade: “Homero Homem, candidato”. Perfil biográfico com destaque aos feitos do perfilado e destaca os artistas plásticos (Di Cavalcanti, Goeldi) e escritores da então nova geração admirados por ele (Ferreira Gullar, Murilo Rubião, Clarice Lispector). O cronista informa e apoia explicitamente a candidatura de Homero pelo Partido Socialista ao cargo de deputado federal na próxima eleição.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco fazem alusão ao poema e a crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 128, p.56-7, 2 out. 1954.

A poesia é necessária: “Antero de Quental, ‘Idílio’.” Soneto.

Crônica: “O orador”. Na varanda de um apartamento em São Paulo o cronista se imagina proferindo um discurso aos paulistas que transitam pelas ruas. No entanto, tal ação se passa apenas em seus pensamentos, pois não profere uma palavra sequer. Texto recolhido no livro *Overão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Carlos Niemeyer, aviador”. Perfil biográfico com destaque à vida boêmia do aviador. Porém, o texto informa que o aviador em 1943 fez um curso nos Estados Unidos subsidiado pela Força Aérea Brasileira e, posteriormente foi nomeado segundo-tenente. Posteriormente ingressou e se estabeleceu como piloto e comandante na aviação comercial.

Ilustração: “Anahory”. Desenhos em preto e branco. Um deles faz alusão ao poema de Antero de Quental. O outro não estabelece conexões com os textos verbais.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 129, p.50-1, 9 out. 1954.

A poesia é necessária: “Onestaldo de Pennafort, ‘Romance do Menino no Jardim’.”. Há uma estrofe em francês composta em quarteto. As demais são compostas por tercetos.

Crônica: “Recado ao Sr. 903”. Célebre crônica na qual o escritor dirige-se ao seu vizinho, que reclamou para o zelador sobre o excesso de barulho produzido. Evidencia no texto a superficialidade das relações humanas nas quais as pessoas são identificadas a partir de números (telefone, casa, escritório). Texto recolhido na obra *A cidade e a Roça*.

Gente da cidade: “Bené Nunes, pianista”. Perfil biográfico com destaque à infância (oriundo de uma família composta por pianistas conhecidos na época). O texto informa que o pianista também trabalhou no Exército Brasileiro.

Ilustração: “Anahory”. Desenho em preto e branco sem referência aos textos verbais da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro. n. 130, p.56-7, 16 out. 1954.

A poesia é necessária: “Mário de Sá Carneiro, ‘Elegia’.” Versos rimados em quartetos.

Crônica: “Nota sobre ruas”. O cronista critica a rápida expansão de prédios na cidade do Rio de Janeiro. Clama por uma cidade mais acolhedora e menos verticalizada.

Gente da cidade: “Paulo Soledade, compositor”. Perfil biográfico com enfoque nas inúmeras composições realizadas, entre elas; “Zum-zum” em parceria com Fernando Lobo, “Um grão de areia” com Marino Pinto e “Poema dos olhos da amada” com Vinicius de Moraes.

Ilustração: “Maria Teresa”. Desenho em preto e branco faz referência ao poema.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro. n. 131, p.58, 23 out. 1954.

A poesia é necessária: “Camilo Pessanha, ‘Interrogação’.”. Versos rimados em quartetos.

Crônica: “Noite”. Crônica poética, o cronista narra liricamente a vinda da chuva e o modo como a enfrentou.

Gente da cidade: “Jean Manzon, fotógrafo”. Perfil biográfico sobre a evolução da carreira deste importante fotógrafo de veículos impressos. O texto informa inúmeras artimanhas em diversas coberturas jornalísticas realizadas pelo francês na busca de imagens exclusivas, entre elas, fotografias de uma execução na guilhotina (fez vigília por três dias em cima de um café em Versalhes para conseguir tal flagrante).

Ilustração: “Maria Teresa”. Desenho em preto e branco faz referência à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro. n. 132, p.56-7, 30 out. 1954.

A poesia é necessária: “Abelardo Romero, ‘Noturno n. 2’.” Pequenos versos rimados.

Crônica: “O mato”. O cronista sai de sua residência e caminha rumo a um morro coberto de capim. Lá, tenta desligar-se dos problemas urbanos e, por um átimo, se esquece de que está em um terreno baldio inserido na cidade. Crônica recolhida no livro *A traição das elegantes*.
Gente da cidade: “Carlos Castelo Branco, jornalista”. Perfil biográfico com ênfase na carreira (os jornais em que atua como colaborador) e na vida literária (obras publicadas). É importante ressaltar que o texto foi escrito na primeira pessoa do singular pelo cronista (conta sobre o dia em que conheceu o perfilado na casa de um amigo em comum; Fernando Sabino).

Ilustrações: “Maria Teresa” e “Anahory”. Desenhos em preto e branco. A ilustração de Maria Teresa faz referência ao poema “Noturno n. 2”. “Anahory” publica uma ilustração com o nome de “Ginástica matinal”.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 133, 6 nov. 1954.

A poesia é necessária: “Emanuel de Moraes, ‘Bruma’.” Versos brancos e livres.

Crônica: “Ao senhor corretor”. O cronista, com poucos recursos, vai mudar de residência e pede ao corretor que providencie um apartamento no qual possa ver pelo menos um pedaço do céu.

Gente da cidade: “Maurício Roberto, um dos MMM”. Perfil biográfico com ênfase na carreira e formação profissional (o texto informa acontecimentos que ocorreram durante a vida acadêmica do arquiteto na Escola de Belas Artes).

Ilustração: “Borjalo”. Desenhos em preto e branco estabelecem relações dialógicas com a crônica e poesia, respectivamente.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 134, p.56-7, 13 nov. 1954.

A poesia é necessária: “Paul Géraldy, ‘Meditação’.” Trad. de Guilherme de Almeida. A coluna disponibilizou o texto original. Estrofes em quartetos.

Crônica: “Sopa”. Crônica social, em que se narra a história de um garoto que pediu dinheiro para comprar um simples prato de sopa, causando comoção no cronista.

Gente da cidade: “Paulo Carneiro, cientista”. Perfil biográfico com ênfase na carreira do pesquisador (realizou pesquisas na Europa e obteve o título de doutor ao estudar a árvore do guaraná).

Ilustração: Há ilustração que faz referência à crônica; no entanto, a coluna não forneceu o nome do artista que a ilustrou.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 135, p.58-9, 20 nov. 1954.

A poesia é necessária: “Não se incomode” (autoria desconhecida), tradução do poema em inglês feita por Guilherme de Almeida. Versos longos.

Crônica: “A secretária”. O cronista queixa-se de sua secretária que, ao arrumar a bagunça do escritor, “desaparece” com os seus documentos. Texto recolhido na obra *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Afonso Arinos, um Mello Franco”. Perfil biográfico com ênfase na família (aponta que desde meados da

segunda metade do século XVIII há comprovação da existência de sua família no Brasil); a evolução da carreira (advogado e docente) e produção intelectual (obras relacionadas às diversas áreas do conhecimento – História, Literatura, Sociologia, entre outros).

Ilustração: Há ilustração, no entanto, não há referência à autoria. Ilustrações vinculadas aos textos verbais (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 136, p.54-5, 27 nov. 1954.

A poesia é necessária: “Poema”, de Dora Vasconcelos. Poema composto por estrofes em quartetos.

Crônica: “Encontro no bar”. O cronista reencontra uma antiga amiga chamada Mariana. A partir dessa conversa, promove diversas elucubrações sobre as antigas amizades.

Gente da cidade: “João Cabral, poeta”. Perfil biográfico com ênfase na família (aponta suas origens), carreira (diplomata no consulado de Barcelona) e vida literária (obras publicadas).

Ilustração: “Carlos Thiré”, desenhos em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 137, 4 dez. 1954.

A poesia é necessária: “O vidente”, de Castro Alves. Poema composto por versos longos e rimados.

Crônica: “Amor, aflição, morte”. Discorre sobre as belezas e os mistérios que envolvem todas as mulheres, algo que as torna tão atraentes e apaixonantes.

Gente da cidade: “Maria Clara Machado, teatro”. Perfil biográfico com ênfase na família e evolução da carreira (criação da companhia teatral amadora “O Tablado”, em parceria com Eros Gonçalves). O texto faz referência intertextual à edição n. 79 da revista *Manchete* (O pai da dramaturgia foi perfilado nessa edição).

Ilustração: Há ilustração, no entanto, não se faz menção à autoria. Desenhos em preto e branco fazem referências ao poema e a crônica da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 138, p. 58-9, 11 dez. 1954.

A poesia é necessária: “O infiel”, autor desconhecido, tradução de Guilherme de Almeida. Estrofes em quartetos.

Crônica: “A brisa terral”. Em tom de desabafo o cronista comenta fatos esparsos do cotidiano que o aflige. Busca uma pausa aos problemas do dia a dia.

Gente da cidade: “Alvaro Moreyra, poeta”. Perfil biográfico. O texto contém referência intertextual a partir da descrição feita por recolha de frases e pensamentos escritos pelo próprio poeta.

Ilustração: Há ilustração; no entanto, não se faz menção à autoria. Desenhos em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 139, 18 dez. 1954.

A poesia é necessária: “Tema e variações”, de Manuel Bandeira. Poema com versos metrificados de cinco sílabas poéticas. Nota-se a presença da figura de som paranomásia.

Crônica: “Joelho”. O cronista narra sobre uma moça que caiu e ralou os joelhos. Discorre de modo poético sobre a beleza dos joelhos da jovem.

Gente da cidade: “Irene Hozko, show-girl”. Perfil biográfico com destaque para a profissão da atriz e curiosidades da vida privada (teatro, bebidas, amores). Além disso, o texto ressalta reiteradamente a beleza encantadora da perfilada.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Desenhos em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 140, p. 58-9, 25 dez. 1954.

A poesia é necessária: “Cotovia”, de Manuel Bandeira. Poema com versos brancos e livres.

Crônica: “Sobre as moças em flor”. Crônica curta na qual o cronista discorre sobre as mulheres, principalmente aquelas que estão na flor da idade.

Texto Extra: Discurso feito à primeira turma de formandos em jornalismo da Universidade do Rio Grande do Sul. Texto na íntegra.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Desenhos em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica da coluna.

1955

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 141, 1 jan. 1955.

A poesia é necessária: “Elegia de Verão”, de Manuel Bandeira. Poema composto por versos livres e brancos. Presença da figura de som paranomásia.

Crônica: “Paz Arroz Pombas”. A partir das três palavras do título o escritor realiza comentários nos quais liga uma palavra à outra. O destino da pomba não é muito feliz, pois ela encontra a “paz” ao tornar-se alimento, sendo servida com arroz.

Gente da cidade: “Maria Della Costa, teatro”. Perfil biográfico com destaque à profissão da atriz (são informados os filmes e as peças teatrais que atuou).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 142, 8 jan. 1955.

A poesia é necessária: “O quarto em desordem”, de Carlos Drummond de Andrade. Soneto.

Crônica: “Maria Antonieta, Bilac, etc”. O cronista comenta uma carta que recebeu de um amigo que passeava em Paris. No decorrer da narrativa discorre sobre uma visita feita ao túmulo de Maria Antonieta (esse mesmo fato é apresentado algumas vezes em outras crônicas em anos esparsos).

Gente da cidade: “José Lewgoy, bandido”. Perfil biográfico com destaque à profissão do ator (informa em quais filmes o ator

trabalhou). O texto também informa algumas peculiaridades da vida privada do perfilado.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica inseridos na coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 143, p. 52-3 15 jan. 1955.

A poesia é necessária: “Boi morto”, de Manuel Bandeira. Poema veiculado na sexta edição da antologia intitulada *Poesias*.

Crônica: “Nuvem, Buda, Seringueiro”. O cronista discorre sobre uma viagem feita na floresta amazônica. Descreve como viviam os seringueiros naquela época.

Gente da cidade: “Ary Barroso, compositor”. Perfil biográfico com destaque à profissão e aspectos da vida privada (gostos musicais). O texto informa que a criação da composição “Aquarela do Brasil” possibilitou ao perfilado a construção de uma casa no Leme, Rio de Janeiro.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 144, 22 jan. 1955.

A poesia é necessária: “Infância”, de Sylvio da Cunha. Versos livres e brancos.

Crônicas: “Madrugada”. Descreve uma mulher sentada em uma poltrona e mostra um profundo desejo sexual e admiração por ela. “O homem dos burros”. O texto aborda uma viagem lucrativa de um comerciante de burros que se iniciava no nordeste e terminava no norte do país. Ambos os textos foram recolhidos na obra *A cidade e a roça*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Há duas ilustrações em preto e branco. Ambas fazem referências aos textos da coluna. Uma faz referência ao texto “Madrugada” e a outra ao poema.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 145, p. 52-3, 29 jan. 1955.

A poesia é necessária: “Anunciação”, de Maria da Silva Brito. Poema curto composto por três estrofes.

Crônica: “Menina, homens, domingos”. O cronista tece um melancólico comentário sobre a passagem inexorável do tempo. Texto recolhido na obra *A traição das elegantes* com o título de “A casa viaja no tempo”.

Gente da cidade: “Juca Chaves, do Juca’s”. Perfil biográfico enaltecedor. Descreve as origens e os bens do engenheiro. O perfil também aborda a criação do bar Juca’s.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 146, p. 52-3, 5 fev. 1955.

A poesia é necessária: “O telefone”, de Antônio Rangel Bandeira. Quatro estrofes em quartetos.

Crônica: “O temperamento dos canários”. Nesta extensa crônica são apresentadas ao leitor informações sobre o comportamento dos

canários; para tanto, retira excertos de um livro de autoria de um médico veterinário apresentado como Dr. J. W. Edrich. Tal estratégia pode ser interpretada como empenho do cronista em demonstrar profundo conhecimento na área. Texto recolhido na obra *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Lygia Fagundes Teles, romancista”. Perfil biográfico com destaque para a infância da escritora. No final do texto apresenta-se ao leitor o recém-lançado romance de Lygia, *Ciranda de Pedra*; fazem-se críticas positivas à obra.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 147, p. 50-1, 12 fev. 1955.

A poesia é necessária: “Nós”, de Maurício Goulart. Composto por versos rimados.

Crônica: “A cidade feia”. O cronista inicia o texto comentando a procura por Carybé, seu amigo, de dente de marfim esculpido. A narrativa ainda aborda uma determinada região da cidade do Rio de Janeiro na qual a pobreza assola a população. É uma crônica com crítica social. Texto recolhido no livro *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “G. Lacombe, jornalista”. Perfil discorre sobre a profissão e algumas curiosidades (atuou como pedreiro e construiu parte da própria casa).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 148, p. 54-5, 19 fev. 1955.

A poesia é necessária: “Soneto”, de Godofredo Filho.

Crônica: “A holandesa do terraço”. O cronista narra a história de uma mulher que aparecia no terraço de um apartamento para secar os cabelos e os jornalistas que trabalhavam em um prédio próximo sempre acenavam e buscavam chamar a atenção da moça; no entanto, nunca eram correspondidos.

Gente da cidade: “Lucas Lopes, técnico”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. Discorre sobre a relação de Lopes com os membros do alto escalão da política brasileira (foi membro do conselho consultivo do Banco de Desenvolvimento Econômico durante o governo de Getúlio Vargas e, posteriormente, ministro da aviação do presidente Café Filho).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 149, 26 fev. 1955.

A poesia é necessária: “Soneto”, de Gilberto Amado.

Crônica: “Um carteiro”. Narra a história de um carteiro da cidade do cronista, Cachoeiro do Itapemirim. Contém crítica social.

Gente da cidade: “Ruth de Souza, artista”. Perfil biográfico com enfoque na profissão (a atriz estudou durante alguns meses nos Estados Unidos). Desnuda o preconceito racial existente na época em inúmeras esferas da sociedade.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica.

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 150, p. 50-1, 5 mar. 1955.

A poesia é necessária: “O cacto”, de Cassiano Ricardo. Observação: o texto concede a autoria ao escritor T. S. Eliot; no entanto, em edição subsequente, afirma-se que a obra pertence ao escritor brasileiro. Poema longo composto por quartetos.

Crônica: “Notícia urgente”. O cronista escreve uma carta a uma amiga que está enferma. Divaga sobre a vida e solicita carinhosamente que ela tenha ânimo para contemplar as coisas simples da vida, como o mar, o vento e o sol.

Gente da cidade: “Maurício Goulart, usineiro”. Perfil biográfico com enfoque em episódios políticos nos quais o perfilado envolveu-se. Entre os aspectos narrados, está a relação de amizade com Luís Carlos Prestes.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências ao poema e à crônica.

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 151, p. 52-3, 12 mar. 1955.

Crônica: “Escrever”. Texto metalinguístico no qual o cronista discorre sobre as dificuldades de escrever crônicas constantemente.

Gente da cidade: “José Pedrosa, escultor”. Perfil biográfico com enfoque na profissão, que, de acordo com o texto, exige muita perícia e conhecimento para produzir as esculturas. Cronologicamente expõe os altos e baixos da carreira profissional do perfilado.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.

Publicidade: A coluna apresenta uma pequena nota na qual se anuncia o lançamento da revista *Módulo*, voltada ao mundo das artes plásticas e da arquitetura.

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 152, p. 58-9, 19 mar. 1955.

A poesia é necessária: “Flor escura”, de João Etienne Filho. Soneto.

Crônica: “Nuvens”. Em uma rede o cronista discorre sobre as nuvens que vê. No decorrer das descrições lança mão da religiosidade católica ao citar o Padre Antônio Vieira e o amor de Santa Teresa por Jesus Cristo. Texto recolhido no livro *Ai de ti, Copacabana* sob o título de “Na rede”.

Gente da cidade: “Pompeu de Sousa, jornalista”. Perfil biográfico com enfoque profissional. Evidencia um relato cronológico dos veículos nos quais ele trabalhou.

Ilustração: O pesquisador atribui as ilustrações em preto e branco a “Carlos Thiré”; no entanto, a coluna não cita o autor. Os textos não verbais fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 153, 26 mar. 1955.

A poesia é necessária: “Soneto”, de Campos de Figueiredo. Soneto.

Crônica: “Luzes”. Da sacada de seu apartamento o cronista narra algumas situações que presenciou, como por exemplo, no dia em que

viu uma moça correndo descalça entre os telhados das construções ao lado de seu prédio.

Gente da cidade: “Flávio Costa, técnico”. Perfil biográfico com descrição cronológica dos fatos. Há o enfoque no campo profissional e esportivo. Mostra que o perfilado trabalhou em grandes clubes esportivos como o Vasco e o Flamengo.

Ilustração: O pesquisador atribui as ilustrações em preto e branco a “Carlos Thiré”, no entanto a coluna não cita o autor. Os textos não verbais fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 154, p. 50-1, 2 abr. 1955.

A poesia é necessária: “A procissão”, de Antônio Botto. Versos brancos e livres.

Crônica: “A crônica triste”. O cronista tece alguns comentários sobre uma carta que recebeu de uma leitora denominada por “Maria” na qual, em tom de desabafo, discorre sobre atritos de seu relacionamento amoroso.

Gente da cidade: “Ledo Ivo, poeta”. Perfil biográfico com enfoque na produção literária do escritor. O perfil trata dos gostos literários do escritor, cita que naquela época Ledo lia muitos textos de Mallarmé. Também informa sobre a coluna que escreveu durante seis anos no *Correio da Manhã*, sendo um dos temas principais a mulher.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 155, 9 abr. 1955.

A poesia é necessária: “Teatro”, de Emílio Moura. Versos brancos e livres.

Crônica: “O apartamento 18”. O cronista volta a um hotel (não identifica o nome do estabelecimento e nem a cidade) em que ficou hospedado cinco anos atrás. Exige ficar no mesmo quarto e relembra um romance vivido com uma bela mulher naquele aposento.

Gente da cidade: “Iraci Doyle, psiquiatra”. Perfil biográfico com enfoque profissional na vida da médica. Relata que a perfilada teve uma infância e adolescência muito humilde e desde tenra idade trabalhou.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 156, p. 50-1, 16 abr. 1955.

A poesia é necessária: “Soneto”, de Manuel Maria Barbosa Du Bocage. Soneto.

Crônica: “Lembrança do coronel”. O narrador apresenta uma personagem única, o coronel. Discorre sobre seus atos, valores e princípios. Contém crítica social.

Gente da cidade: “Haroldo Barbosa, radialista”. Perfil biográfico com enfoque profissional (narra a evolução da carreira do radialista). Outro ponto que merece destaque são as características pessoais do perfilado (vida privada).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 157, p. 50-1, 23 abr. 1955.

A poesia é necessária: “Teatro de boneca”, de Carlos Queiroz. Versos brancos e livres.

Crônica: “Frases”, de Jacques Prévert. A crônica foi escrita por Prévert. O poeta francês elabora seu texto a partir de diversas frases dispostas de modo desconexo. Excepcionalmente a crônica não foi escrita por Rubem Braga.

Gente da cidade: “Fred Chateaubriand, pescador”. Sobrinho de Assis Chateaubriand, o perfil trata dos periódicos que esse bacharel em Direito comandou. Discorre também sobre sua grande paixão: a pesca.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 158, p. 48-9, 30 abr. 1955.

A poesia é necessária: “Tormento do Ideal”, de Antero de Quental. Soneto.

Crônica: “Madrugada”. Trata do ofício estafante de um secretário de jornal e os acontecimentos do dia a dia dentro da redação.

Gente da cidade: “Chico Wright, gastrônomo”. Perfil biográfico com enfoque na vida privada e no *hobby* do perfilado: a paixão pela gastronomia. Considerado na seção como o cozinheiro amador mais famoso do Brasil.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 159, p. 44-5, 7 maio. 1955.

A poesia é necessária: “Esporas”, de Vargas Neto. Estrofes em quintetos.

Crônica: “Versos de gente da praia”. Nesta crônica, Rubem Braga mostra alguns versos compostos pelos pescadores da praia de Maritaízes, no Espírito Santo, local em que sua família possuía uma casa de praia. Esses versos são letras (composições) do Divino e de jongo. Texto recolhido na obra *Crônicas do Espírito Santo*, com o nome de “Não me maltrate o mineiro”.

Gente da cidade: “Luís Paulistano, jornalista”. Perfil biográfico com o enfoque na vida profissional do comunicólogo. Discorre dos locais onde trabalhou. Na época da produção do perfil, Luís trabalhava no *Diário Carioca*, conhecido entre os colegas de trabalho por “adestrador de focas”, pois, orientava e supervisionava os jornalistas mais novos.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 160, 14 maio. 1955.

A poesia é necessária: “Fedra”, de Maria da Saudade Cortesão. Estrofes em quintetos.

Crônica: “Uma festa”. Nesta crônica, com crítica social, é apresentada ao leitor uma sofisticada festa repleta de importantes convidados. No entanto, em um átimo, como se o cronista despertasse de um sonho, narra outra realidade rodeada por pobreza e solidão. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela* sob o título de “A grande festa”.

Gente da cidade: “Antônio Cabral, public relations”. Perfil biográfico com o enfoque na vida profissional do jornalista. Discorre também sobre suas origens e o modo como foi evoluindo na área da comunicação social.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema). Observação: na ilustração que faz referência à crônica, há a presença da cor rosa (o texto faz alusão a essa tonalidade).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 161, p. 54-5, 21 maio. 1955.

A poesia é necessária: “Praiana”, de Guilherme de Almeida. Quatro estrofes em quartetos.

Crônica: “Macumbas”. O cronista faz apontamentos sobre as macumbas de modo muito positivo. Implicitamente defende essa modalidade religiosa mostrando que ela está amalgamada em boa parte do sincretismo religioso do povo brasileiro.

Gente da cidade: “Marco Aurélio Matos, procurador”. Perfil biográfico com o enfoque na infância e juventude do retratado. Evidencia os gostos literários do jurista e informa que ele publicou um pequeno livro de poemas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 162, p. 54-5, 28 maio. 1955.

A poesia é necessária: “Canto”, de Neni Salvini. Pequeno poema com versos brancos e livres. Presença da figura de linguagem anáfora.

Crônica: “Pára-quedistas”. Nesta crônica metalinguística, o escritor trata do difícil ato de escrever periodicamente crônicas. Ressalta que um médico ao ler o texto de Raquel de Queiroz pode achar simples a linguagem e pensar ser capaz de escrever algo idêntico. Ledo engano, pois de acordo com o cronista há em cada palavra escrita uma construção bem elaborada, algo possível apenas a partir do talento e de anos de prática da escritora. Mostra que algumas pessoas podem criar uma coluna em algum periódico; no entanto, se não tiver talento e prática na escrita os assuntos discutidos tornam-se desinteressantes em pouco tempo.

Gente da cidade: “Gigí, acordeonista”. Perfil biográfico com enfoque na Segunda Guerra Mundial, época em que o músico italiano sofreu represálias do regime fascista e viveu na clandestinidade por um longo período tocando acordeão com um grupo de músicos pelo interior da Itália.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 163, p. 58-9, 4 jun. 1955.

A poesia é necessária: “A queixa da moça arrependida”, de Ribeiro Couto. Pequeno poema com versos brancos e livres.

Crônica: “O tio”. Texto melancólico e angustiante, no qual o cronista narra o enterro de uma moça chamada Ana Maria, cujo tio Manoel Pedro chega atrasado à cerimônia e não consegue vê-la. Indignado com tal situação, vai embora sem dizer sequer uma palavra.

Gente da cidade: “Guima, cronista”. Perfil biográfico com enfoque na evolução da carreira deste engenheiro, que iniciou gradativamente a sua vida como escritor em colunas e suplementos de jornais.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 164, p. 48-9, 11 jun. 1955.

A poesia é necessária: “A estrela”, de Alphonsus de Guimaraens Filho. Pequeno poema com versos rimados.

Crônica: “O amor do escafandrista”. O cronista discorre sobre o amor e o desamor. Aponta como o ciúme pode corroer os relacionamentos amorosos e terminar em algo trágico, causando dor ao casal.

Gente da cidade: “Carlito Rocha, desportista”. Perfil biográfico com enfoque na carreira do esportista como técnico de diversos clubes de futebol brasileiros.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 165, p. 54-5, 18 jun. 1955.

A poesia é necessária: “Belo Horizonte”, de Hélios Santos. Versos brancos e livres. Presença da figura de linguagem anáfora.

Crônica: “Da praia”. O cronista aborda a relação do homem com o mar. Estabelece aproximações entre o oceano e a cidade. Esta repleta de inúmeros problemas, como a falta de água. Texto recolhido na obra *Um pé de milho*.

Gente da cidade: “Carlos Ribeiro, livreiro”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. Mostra que o perfilado era na época o proprietário do maior sebo do Rio de Janeiro. O perfil discorre sobre as amizades deste empresário com diversos intelectuais da época.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências ao texto da coluna (crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 166, p. 50-1, 25 jun. 1955.

A poesia é necessária: “Balada da noite funda”, de Heitor Saldanha. Pequeno poema com versos rimados.

Crônica: “De bicicleta”. O cronista passeia de bicicleta juntamente com um amigo pela orla carioca. Em certo momento, o seu colega, abatido em decorrência de uma desilusão amorosa, inicia um discurso apontando os benefícios de pedalar quando se está frágil emocionalmente. Texto recolhido na obra *Um pé de milho*.

Gente da cidade: “Guilherme Figueredo, teatrólogo”. Perfil biográfico com enfoque na carreira profissional. Destaca suas principais peças e as diversas traduções que teve ao redor do mundo. Aponta ainda para o lado romancista do teatrólogo.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 167, p. 50-1, 2 jul. 1955.

A poesia é necessária: “El niño solo”, de Gabriela Mistral. Soneto.

Concurso de traduções: O redator da coluna (Rubem Braga) propõe como poema a ser traduzido o soneto de Gabriela Mistral “El niño solo”.

Crônica: “Frases”. Trata-se de uma crônica intertextual, na qual o cronista lança mão de diversas citações (frases) de pessoas comuns a intelectuais consagrados. As frases, a partir de uma leitura superficial, aparentam estar desconexas. No entanto, após promover uma análise mais profunda, é possível estabelecer conexões entre elas. Uma crônica tipicamente confeccionada nos moldes da estética modernista.

Gente da cidade: “Chico Brito, pescador”. Perfil biográfico com enfoque nas histórias deste pescador amador. A coluna aponta que Brito é fazendeiro e mostra quais são os seus planos em relação às suas propriedades rurais.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Ilustração em preto e branco. Faz referência ao poema.

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 168, p. 42-3, 9 jul. 1955.

A poesia é necessária: “Soneto de infância”, de Edison Moreira.

Crônica: “Almoço mineiro”. O cronista narra com muito humor e ironia um almoço no qual o cardápio era composto por alimentos típicos do estado de Minas Gerais. Discorre também sobre o paladar e a textura da comida que degustou. Texto recolhido no livro *O Morro do Isolamento*.

Gente da cidade: “Flávio de Aquino, crítico de arte”. Perfil biográfico deste professor de História da Arte. A coluna arrola quem são os amigos deste professor, também responsável pela coluna de crítica de arte do *Diário de Notícias*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 169, p. 58-9, 16 jul. 1955.

A poesia é necessária: “Ghetto”, de Affonso Schmidt. Soneto.

Crônica: “Casas”. O cronista narra sobre seus amigos que constroem ou reformam suas casas. A crônica está revestida de crítica social, pois implicitamente retrata como é extremamente difícil para boa parcela da população brasileira ter um imóvel próprio. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Gente da cidade: “José Condé, novelista”. Perfil biográfico com enfoque nas novelas que escreveu ao longo da vida. Destaque para a infância do escritor em relação aos prêmios e poemas que recitou quando jovem.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 170, p. 52-3, 23 jul. 1955.

A poesia é necessária: “Em memória de um qualquer”, de João Alphonsus. Versos brancos e livres.

Crônica: “Jardim Fechado”. O cronista relata o fato de um diretor de jornal recusar textos de escritores novatos. Crônica metalinguística na qual Rubem Braga discorre sobre o ofício de escrever textos deste gênero e aponta que os leitores admiradores de suas primeiras obras, de certa forma, estariam resgatando as suas próprias lembranças da juventude.

Gente da cidade: “Luís Rigoni, jóquei”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. Rigoni ainda jovem se consagrou como o jóquei brasileiro mais famoso de todos os tempos. Ressalta-se o fato de que o jóquei havia meses se recuperava em um hospital de uma queda.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 171, p. 48-9, 30 jul. 1955.

A poesia é necessária: “Colheita”, de Júlio Barrenechea. Tradução de Rubem Braga. Poema composto por dísticos.

Crônica: “O suicida”. O cronista dirige-se diretamente a um suicida. Ao longo do texto aponta que o suicídio é algo torpe, uma vez que depois de pouco tempo as pessoas sequer se lembram do falecido. Texto recolhido na obra *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Bola Sete, violão”. Perfil biográfico com enfoque na carreira e no talento do artista. A coluna destaca que o músico estava em uma turnê pelo Chile.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 172, p. 54-5, 6 ag. 1955.

A poesia é necessária: “Amazonas”, de Pablo Neruda. Tradução de Rubem Braga. Versos brancos e livres.

Crônica: “Essas amendoeiras”. O cronista narra com humor sobre as amendoeiras no bairro em que mora. Faz o uso da prosopopeia e, assim, essas árvores ganham contornos únicos e um tanto quanto poéticos. Texto recolhido nas obras *O lavrador de Ipanema* e *O homem rouco*.

Gente da cidade: “Everardo Guilhon, humorista”. Perfil biográfico com ênfase na carreira do colunista esportivo-humorista. Narra cronologicamente o percurso profissional traçado por Guilhon.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Ilustrações em preto e branco. Fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 173, 13 ag. 1955.

A poesia é necessária: “El niño solo”, de Gabriela Mistral. Soneto.

Concurso de traduções: Especifica os prêmios para a melhor tradução: vinhos e livros de poesia chilena.

Crônica: “Os meninos e a praia”. Crônica com forte crítica social. Ao narrar sobre crianças e jovens brincando em uma praia carioca no mês de julho (período de férias escolar), o cronista se entristece ao relatar que simultaneamente havia outras crianças, menos favorecidas, então

obrigadas a trabalhar para não morrer de fome e, deste modo, acabam perdendo a infância, experiência única para o escritor.

Gente da cidade: “Fernando Lobo, radialista”. Perfil biográfico com enfoque profissional na carreira do comunicólogo. Destaque para as habilidades do perfilado em produzir programas e escrever crônicas para as emissoras de rádio.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poema).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 174, 20 ag. 1955.

A poesia é necessária: “O rei da ilha”, de Paulo Mendes Campos. Soneto.

Crônica: “Cidade”. O cronista discorre sobre a cidade na qual estava morando nesta época, Santiago do Chile. Trata com admiração dos chilenos e seus hábitos.

Gente da cidade: “José Auto, jornalista”. Perfil biográfico com enfoque nas relações de amizade. Destaca que, além de jornalista, José Auto é funcionário do alto escalão do Banco do Brasil.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências à crônica e ao poema.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 175, p. 38-9, 27 ag. 1955.

A poesia é necessária: “Lembrança de Cabo Frio”, de D. Milano. Versos brancos e livres.

Crônica: “Caçada de paca”. O cronista relata uma caçada de paca malsucedida. Um grupo de amigos embriagados resolve caçar pacas na alta madrugada; no entanto, toda a ação resultou apenas em muito cansaço e aborrecimento, principalmente para o cronista. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Ricardo Serran, cronista esportivo”. Perfil biográfico com enfoque na carreira do jornalista. Discorre sobre os furos jornalísticos que Serran conseguiu, como, por exemplo, uma entrevista exclusiva com o ditador argentino Perón.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 176, p. 50-1, 3 set. 1955.

A poesia é necessária: “A noite”, de Gabriela Mistral, tradução de Henriqueta Lisboa. Estrofes em quartetos.

Crônica: “Agradecimento”. Ao final de um dia atribulado, feio e abafado, ao descer do lotação no qual se encontrava, o cronista vislumbra um cacho de acácia dourado. Achou a flor perfeita de tal modo que o fez se esquecer de todos os problemas por um instante e agradeceu a natureza por ter feito algo tão belo.

Gente da cidade: “Alvarus, caricaturista”. Perfil biográfico com enfoque profissional. Ressalta que o caricaturista já desenhou para quase todos os jornais cariocas, exceto o *Jornal do Comércio* que não aceita publicar caricaturas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 177, p. 58-9, 10 set. 1955.

A poesia é necessária: “Epílogo à Sá Carneiro”, de Edgar Braga. Estrofes em quartetos.

Crônica: “A casa dos homens”. O cronista retrata uma residência que é composta apenas por homens. Aos poucos, os moradores que lá residem vão ficando cada vez mais fechados, casmurros, egoístas e sozinhos. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Adaucto Lúcio Cardoso, advogado”. Perfil biográfico com ênfase na infância (período escolar) e na evolução da carreira jurídica.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 178, p. 50-1, 17 set. 1955.

A poesia é necessária: “Receita de Mulher”, de Vinícius de Moraes. O colunista destaca que o texto é inédito, enviado diretamente de Paris para ser publicado em sua coluna. Longo poema composto por versos livres e brancos.

Gente da cidade: “Aloisio Chaves, televisão”. Perfil biográfico com enfoque na profissão do então diretor comercial da TV Tupi. Ressalta que o perfilado escreveu alguns contos e poemas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Ilustração em preto e branco faz referência ao poema.

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 179, 24 set. 1955.

A poesia é necessária: “Arte poética”, de Vicente Huidobro. Tradução de D. Milano. Poema metalinguístico, com versos brancos e livres.

Crônica: “Rita”. Pequeno no texto no qual o cronista sonha que possui uma filha e, a partir disto, passa a ter uma série de divagações de como seria a criação da criança. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Leônidas Autuori, violinista”. Perfil biográfico com enfoque no talento artístico do músico que desde criança destacou-se como um menino prodígio.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 180, p. 62-3, 1 out. 1955.

A poesia é necessária: “Horizonte Circular”, de Adelaide P. Lessa. Estrofes em quartetos com versos brancos com seis sílabas poéticas.

Crônica: “A casa das mulheres”. O cronista trata de uma casa na qual vivem seis mulheres. Ele estabelece um paralelo entre a aparência e a essência: por fora elas estão maquiadas e perfumadas, no entanto, por dentro afirma que são tristes e em algum momento choram escondidas em algum canto da casa. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Raimundo Nogueira, pintor”. Perfil biográfico com informações esparsas sobre a vida do perfilado. Além de pintor, destacou-se também por desenhar projetos arquitetônicos para residências.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 181, p. 50-1, 8 out. 1955.

A poesia é necessária: “O viajante”, de Ledo Ivo. Estrofes em quartetos com versos brancos de seis sílabas poéticas.

Crônica: “Caderno”. O cronista discorre sobre um caderno que contém o endereço e o número do telefone de seus contatos. Mostra que o tempo faz com que risquemos da agenda algumas pessoas com as quais, em algum pedaço do passado, conversávamos rotineiramente. O destino afasta pessoas e ao mesmo tempo apresenta outras. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça* com o título de “O novo caderno”.

Gente da cidade: “Milton Dacosta, pintor”. Perfil biográfico com destaque para profissão. Mostra que o artista plástico estava consagrado na época em que foi publicado o seu perfil. No entanto, Rubem Braga rememora o tempo em que o pintor passou por dificuldades financeiras e sequer tinha dinheiro para comprar tinta.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 182, 15 out. 1955.

A poesia é necessária: “Dois fantasmas”, de Atílio Milano. Versos com sete sílabas poéticas.

Crônica: “Floresta”. O cronista discorre sobre a beleza da natureza, suas florestas e ao mesmo tempo expõe o lado oculto dela, o poder de ao mesmo tempo rejeitar e aceitar o homem. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Luís, maître”. Perfil biográfico com enfoque nas habilidades profissionais de Luís, jovem e já consolidado nesta área do mercado da alta gastronomia.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 183, p. 58-9, 22 out. 1955.

A poesia é necessária: “Uma rosa suspensa”, de Darcy Damasceno. Soneto.

Crônica: “O gesso”. O cronista discorre sobre uma cabeça de gesso que possui com o formato de uma mulher que muito amou. Estabelece um paralelo entre a escultura e os aspectos da personalidade de sua antiga amada. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Oscar Ornstein, public-relation”. Perfil biográfico com enfoque no relações-públicas do então hotel Copacabana Palace.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 184, p. 64-5, 29 out. 1955.

A poesia é necessária: “Vida”, de Abgar Renault. Soneto.

Crônica: “Cajueiro”. O cronista trata de um pé de cajueiro que existia no quintal da antiga casa de seus pais, não resistiu ao tempo e acabou

morrendo. Discorre em um tom carinhoso, repleto de lembranças que possuía sobre a árvore. Texto recolhido nas obras *A cidade e a roça* e *O lavrador de Ipanema*.

Gente da cidade: “Vadico, sambista”. Perfil biográfico com enfoque na profissão do artista. O músico morou alguns anos nos Estados Unidos e lá integrou a banda de algumas cantoras renomadas. Já no Brasil, a coluna destaca que, em parceria com Noel Rosa, compôs e musicou sambas muito melodiosos e conhecidos na época.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 185, p. 56-7, 5 nov. 1955.

A poesia é necessária: “Cheiro de terra”, de Ronald de Carvalho. Versos brancos e livres.

Crônica: “Buchada de carneiro”. O cronista inicia o texto afirmando ser muito triste matar um carneirinho com a finalidade de alimentar os homens. Discorre toda a trajetória do carneirinho até se transformar em um prato que ele degustou e adorou. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Gente da cidade: “Eliezer Burlá, publicitário”. Perfil biográfico com enfoque profissional. Destaca que, além de trabalhar no ramo da publicidade, escreveu diversos livros em prosa (a coluna cita algumas de suas obras). Tecem-se elogios ao talento de Burlá.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 186, p. 58-9, 12 nov. 1955.

A poesia é necessária: “Soneto”, de Sylvio da Cunha.

Crônica: “Batismo”. O cronista trata de uma mãe que leva seu filho para o primeiro banho de mar. Estabelece uma relação uníssona entre a tríade formada pelo mar, a mãe e o filho. Texto recolhido na obra *Ai de ti, Copacabana*.

Gente da cidade: “Orígenes Lessa, escritor”. Perfil biográfico (sem fotografia) com enfoque na produção literária do escritor. Aponta que Lessa foi um péssimo aluno no ginásio, mas um leitor voraz de livros ficcionais.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 187, 19 nov. 1955.

A poesia é necessária: “Sinto que o mês presente me assassina”, de Mário Faustino. Composto por versos decassílabos.

Concurso de traduções: O colunista apresenta uma nota em que afirma ter recebido centenas de cartas com a tradução do soneto de Gabriela Mistral. A comissão julgadora seria composta por Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Onestaldo de Pennafort.

Crônica: “Fazenda”. Crônica com crítica social, na qual o cronista discorre sobre uma antiga fazenda que visitou. No decorrer da visita tratou da escravidão que existiu no Brasil e a condenou veementemente.

Gente da cidade: “Abraão Palatnick, pintor-inventor”. Perfil biográfico sem fotografia. Enfoque nas invenções de Palatnick, artista formado em engenharia que criou uma máquina que pintava sozinha, intitulada “crono-cromático”.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 188, p. 58-9, 24 nov. 1955.

A poesia é necessária: “Sonetinho”, de P. Dantas. Soneto.

Crônica: “A corretora”. O cronista narra o encontro com uma corretora de imóveis do Chile enquanto morava na capital daquele país. A vendedora o convence a adquirir um terreno. O motivo da compra foi mais em decorrência da beleza dos olhos azuis da mulher do que propriamente das vantagens que obteria com o terreno. Texto recolhido nas obras *Aventuras e Ai de ti, Copacabana*, com título de “A corretora de mar”.

Gente da cidade: “Thiago de Mello, poeta”. Perfil biográfico com enfoque na vida literária. A coluna apresenta o escritor e mostra quais livros escreveu e quem são os intelectuais que ele admira.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 189, p. 68-9, 3 dez. 1955.

A poesia é necessária: “Delírios”, de Francisco Karam. Versos brancos e livres.

Crônica: “Os mineiros no Rio”. O cronista narra sobre os mineiros que vivem na capital do país e que estão sempre recebendo contrerrelatários que os atualizam com as notícias dos moradores de Minas Gerais. Demonstra um carinho e amizade profunda por diversos mineiros, os quais faz questão de mencioná-los ao longo da crônica.

Gente da cidade: “Jubileu de Almeida, flautista”. Perfil biográfico no qual se mostra que Jubileu teve inúmeras profissões, exceto a de flautista, pois sequer sabe tocar esse instrumento. No entanto, pediu para ser classificado como tal pelo redator da coluna.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 190, p. 66-7, 10 dez. 1955.

A poesia é necessária: “Ai, Amor!”, de Edelweiss Barcellos Mello. Estrofes em quartetos, presença da figura de linguagem anáfora.

Crônica: “Árvore”. O cronista discorre sobre uma árvore que existia em frente a sua casa em Santiago do Chile. Descreve, além desta, outras espécies de árvores. Texto recolhido nas obras *Ai de ti, Copacabana e O lavrador de Ipanema*.

Gente da cidade: “Ricardo Galeno, radialista”. Perfil biográfico com enfoque na profissão e na juventude, momento em que integrou uma banda sem sequer saber tocar qualquer instrumento. A coluna narra como Galeno tornou-se um famoso radialista.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 191, p. 74-5, 17 dez. 1955.
A poesia é necessária: “Explicação”, de Yonne Stamato. Versos brancos e livres em quartetos.
Crônica: “Homem no mar”. O cronista a partir da janela de seu apartamento vê um homem nadando no mar e descreve detalhes sobre este momento. Crônica reflexiva. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.
Gente da cidade: “Ivan Serpa, pintor”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. Discorre sobre as premiações do artista e os eventos de que participou ao redor do mundo.
Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 192, p. 66-7, 24 dez. 1955.
A poesia é necessária: “El niño solo”, de Gabriela Mistral. Soneto.
Concurso de tradução: No concurso há uma nota explicativa sobre o critério de avaliação. Nesta edição foram publicados na íntegra a tradução dos dois primeiros colocados: 1º Glaura Alvarenga e 2º Agmar Murgel Dutra.
Fotografia: Há fotografias (*portraits*) dos três jurados.
Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência ao poema de Gabriela Mistral.
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 193, p. 58-9, 31 dez. 1955.
A poesia é necessária: “A jóia”, de Henriqueta Lisboa. Versos brancos e livres.
Concurso de tradução: Nesta edição foram publicados na íntegra a tradução do soneto de Gabriela Mistral, “El niño solo” do terceiro e quarto colocados: 3º Renato Bastos Vieira e o 4º Altino Bondesan.
Crônica: “Sonho”. Em uma madrugada o cronista marcha pelas ruas, fardado, e ao seu lado, uma misteriosa mulher que a intitula como sua namorada. Texto com trechos desconexos, com laivos surrealistas, típicos de pensamentos oníricos. Texto recolhido na obra *Recado de Primavera* com o título de “Era um sonho feliz”.
Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).
- 1956
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 194, p. 66-7, 7 jan. 1956.
A poesia é necessária: “Touro da morte”, de Rafael Alberti. Tradução de Manuel Bandeira. Soneto.
Concurso de tradução: Nesta edição publicou-se na íntegra a tradução do soneto de Gabriela Mistral, “El niño solo” do quinto e do sexto colocados: 5º Marília de Sousa Martelli e 6º J. Bastos.
Crônica: “Esquina”. O cronista despede-se de Santiago do Chile. Discorre em um tom saudosista sobre a cidade. Texto recolhido na obra “Ai de ti, Copacabana”.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 195, p. 66-7, 14 jan. 1956.

A poesia é necessária: “Imagens”, de Cecília Meireles. Estrofes em quintetos.

Concurso de tradução: Nesta edição publicou-se na íntegra a tradução do soneto de Gabriela Mistral, “El niño solo”, do sétimo colocado, autoria de Tisiana Marufo. Publicou-se uma tradução extra, “hours concours”, de D. Marcos Barbosa da Ordem de São Bento.

Crônica: “A feira”. Da janela do seu apartamento o cronista observa de longe a movimentação de uma feira de rua. Comenta que o barulho e o grande movimento de consumidores e feirantes devem atrapalhar o poeta Carlos Drummond de Andrade, uma vez que a feira acontece na rua em que mora. Aponta vicissitudes entre escrever uma crônica e um poema. Evidencia que é bom para Drummond ter uma feira em sua rua, pois serviria como forma de inspiração. Texto recolhido na obra *A cidade e a roça*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. Ilustração em preto e branco faz referência ao poema.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 196, p. 66-7, 21 jan. 1956.

A poesia é necessária: “Canto fúnebre a Federico Garcia Lorca”, de Edmir Domingues. Poema em versos hendecassílabos.

Crônica: “Lembranças”. O texto é endereçado ao seu amigo Zico. Nele o cronista rememora tempos de outrora, quando era jovem e tanto ele quanto Zico passavam por graves problemas devido à falta de dinheiro e à perseguição política. Texto recolhido na obra *“A cidade a roça”*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna, ao poema de Raul Bopp e à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 197, p. 70-1, 28 jan. 1956.

A poesia é necessária: “Versos de um cônsul”, de Raul Bopp. Poema em prosa nos moldes da estética modernista. “As dádivas guardadas” de Thiago de Mello. Poema longo com versos brancos e livres.

Crônica: “O morto”. Crônica com laivos de lirismo e crítica social. O cronista dirige-se à morte e descreve como gostaria que fosse o seu enterro. Texto recolhido na obra *A cidade a roça*.

Fotografia: *Portrait* do poeta Thiago de Mello.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna, ao poema de Raul Bopp e à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 198, p. 62-3, 4 fev. 1956.

A poesia é necessária: “Aparição da rosa”, de J. Cardozo. Soneto.

Crônica: “Lavoura”. Cronista aborda um diálogo promovido com um campesino no qual ele aponta as dificuldades e as benesses de se viver no campo. Crônica com crítica social. Texto recolhido nas obras *A cidade a roça* e *O lavrador de Ipanema*, em ambas com o título de “Um lavrador”.

Gente da cidade: “Murilinho Almeida, crooner”. Perfil biográfico com enfoque na profissão. Destaque para as preferências musicais do artista e para a habilidade de cantar em outras línguas (inglês e francês).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 199, p. 62-3, 11 fev. 1956.

A poesia é necessária: “Noite de chuva”, de Ed Guimarães. Versos brancos e livres.

Crônica: “A capa”. Crônica política. O cronista trata do dia em que Getúlio Vargas promoveu o golpe de Estado e assumiu ilegitimamente o poder na Revolução de 1930. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres* sob o título de “Revolução de 30”.

Gente da cidade: “D’Avila, artesão”. Perfil biográfico com enfoque na profissão e destaque aos anos de estudos realizados pelo perfilado em diversas escolas de arte pelo Brasil. Acredita que o trabalho artesanal deve ser mais valorizado no país.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Manchete. Rio de Janeiro. n. 200, 18 fev. 1956. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 201, p. 58-9, 25 fev. 1956.

A poesia é necessária: “O poeta e seu mestre”, de José Paulo Paes. Estrofes em quartetos.

Crônica: “Brasil”. O cronista relata o desejo de ter uma pequena embarcação e sair desbravando o litoral brasileiro e, a cada parada, desfrutar das coisas simples que o povo brasileiro oferece. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres* sob o título de “Outro Brasil”.

Gente da cidade: “Emil Farhat, escritor e publicitário”. Perfil biográfico com enfoque político. Relata que o perfilado, mineiro, bacharel em Direito, também exerceu por determinado tempo o ofício de jornalista em jornais impressos.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos verbais da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 202, 3 mar. 1956.

A poesia é necessária: “Rádio”, de Eugênio Gomes. Versos brancos e livres.

Crônica: “O jovem casal”. Crônica com crítica social na qual o cronista demonstra, a partir de dois casais presentes em uma mesma rua, o abismo social e econômico que os separa. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Fernando Tude de Sousa, educação”. Perfil biográfico com enfoque na carreira de jornalista. Discorre sobre curiosidades (manias) do perfilado.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 203, p. 56-7, 10 mar. 1956.

A poesia é necessária: “Geada”. Poema composto por quatro estrofes nas quais há a predominância de versos com sete sílabas poéticas. A obra apresenta figuras de construção (anáfora) e figuras de linguagem (metáforas e prosopopeias).

Crônica: “Encontro”. O cronista reencontra uma antiga paixão. Aponta que a mulher, agora madura, mantém os seus belos traços e mostra que mesmo com o passar do tempo há um elo entre eles marcado pelo carinho e ternura. Texto recolhido no livro *O verão e as mulheres*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 204, p. 58-9, 17 mar. 1956.

A poesia é necessária: “Romance”, de Mário Quintana. Versos brancos e livres.

Crônica: “O verão e as mulheres”. O cronista discorre de modo um tanto poético sobre as mulheres e a relação que elas mantêm com a estação mais quente do ano. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Irineu Garcia, discos”. Neste perfil biográfico trata-se da iniciativa de Irineu de gravar discos nos quais os poetas recitam seus poemas. Mostra que já produziu diversos discos do gênero com diversos artistas e que seu próximo produto será produzir LP’s com cronistas lendo os próprios textos, inclusive Rubem Braga.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 205, 24 mar. 1956.

A poesia é necessária: “Marcha distante”, de Manoel de Barros. Versos brancos e livres.

Crônica: “Blumenau”. O cronista discorre sobre uma visita que realizou na cidade de Blumenau. Descreve a população e o local de modo positivo e bem humorado. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Oswaldo Alves, escritor”. Perfil biográfico com enfoque na carreira de escritor e nos diversos ofícios que exerceu em vários lugares do país (escritor, jornalista, vendedor de gado, caixeiro de armazém, entre outros).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 206, p. 56-7, 31 mar. 1956.

A poesia é necessária: “Poema”, de Lúcio Cardoso. Versos brancos e livres.

Crônica: “Viagem”. O cronista relata uma viagem de avião entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Na crônica é possível distinguir a diferença

de tratamento dado aos passageiros intitulados por “black-tie” (serviço oferecido aos ricos que viajam em voos noturnos) dos passageiros comuns. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Caymmi, compositor”. Perfil biográfico com enfoque na carreira profissional do artista baiano tanto na área musical quanto nas artes visuais. O texto exalta os dons artísticos voltados à pintura de Caymmi.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 207, p. 56-7, 7 abr. 1956.

Crônica: “Neide”. Acreditamos que o título da crônica faz referência ao nome da garotinha que o cronista descreve ao longo do texto. Em uma viagem de avião, Rubem Braga conversa com uma garota que perguntara a ele se anjos existem e dissera que seu sonho era ser aeromoça. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Mário Filho, jornalista”. Perfil biográfico com enfoque na carreira do jornalista do ramo esportivo e sobre os livros que publicou ao longo da vida.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 208, 14 abr. 1956.

A poesia é necessária: “Brasão”, de Geir Campos. Poema em oitava composto por rimas toantes (vogal a).

Crônica: “Rifões”. O cronista constrói o texto a partir de inúmeros ditados populares de modo contínuo e aleatório.

Gente da cidade: “Panceti, pintor”. Perfil biográfico com enfoque na vida artística. A coluna destaca o profissional como um dos mais importantes pintores da América Latina.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 209, p. 66-7, 21 abr. 1956.

A poesia é necessária: “Soneto do tempo”, de Rui Costa Duarte. Versos brancos e livres. Apesar do título não é um soneto.

Crônica: “Galeria Cruzeiro”. O cronista narra como se fosse outro homem, mais velho, sem dinheiro e com uma família cheia de problemas. No entanto, quando retoma a consciência percebe-se mais novo e volta a ser o próprio cronista. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.

Gente da cidade: “Luís Vassalo, rádio”. Perfil biográfico com enfoque na profissão de radialista. Vassalo trabalhava como gerente de cinema e, ao conhecer artistas e produtores do rádio, mudou de profissão e durante décadas atuou como radialista. Na época da construção do perfil o perfilado comemorava 24 anos de existência do “Programa do Luís Vassalo”.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.

- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 210, 28 abr. 1956.
A poesia é necessária: “Copacabana”, de Vinícius de Moraes. Composta por versos brancos e livres.
Crônica: “Congo”. O cronista insere em seu texto excertos de uma música que ouviu na estrada. Estabelece-se uma relação dialógica, pois a composição aparenta ser uma cantiga de escravos. Texto recolhido na obra *O verão e as mulheres*.
Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco misturam recortes de jornais e fotografias, há o emprego da técnica chamada *assemblage*.
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 211, p. 50-1, 5 maio. 1956.
A poesia é necessária: “No dia das mães”, de José Carillo. Estrofes em quadras, com a presença de anáforas e epístofres.
Crônica: “Setembro”. O cronista realiza um passeio socrático com Joel Silveira pelas ruas do Rio de Janeiro em um dia do mês de setembro. Crônica lírica.
Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 212, p. 58-9, 12 maio. 1956.
A poesia é necessária: “Rito Severo”, de Laís Corrêa de Araújo. Estrofes em quadras. Texto extraído do livro *O signo*.
Crônica: “Tarde”. Crônica lírica na qual o cronista descreve detalhadamente o ocaso enquanto caminha tranquilamente pela orla da praia de Copacabana.
Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 213, 19 maio. 1956.
A poesia é necessária: “Soneto para minha irmã Teresinha”, de Bernardo Coelho de Almeida, texto publicado no livro *Agênese azul*.
Crônica: “A velha italiana”. O cronista de modo melancólico escreve sobre o dia das mães. Descreve sobre uma senhora que viu lavando roupa em uma pedra num vilarejo italiano destruído durante a Segunda Guerra Mundial. O aspecto físico da senhora era muito semelhante ao da mãe do cronista e isso o entristece e remete a muitas lembranças do passado.
Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).
- Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 214, 26 maio. 1956.
A poesia é necessária: “Busca”, de Macedo de Miranda. Texto recolhido no livro *Litoral dos medos*. Versos predominantemente heptassílabos.
Crônica: “O momento vazio”. Podemos nesse texto estabelecer conexões com o conceito das máscaras de Pirandello, pois a crônica discorre sobre um ser humano que procura sua verdadeira identidade, no entanto, as máscaras que ele usa estão amalgamadas ao seu próprio

“eu”, sendo assim impossível distinguir o real do virtual, de sua representação perante a sociedade.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 215, 2 jun. 1956.

A poesia é necessária: “Ausência”, de Octávio Mello Alvarenga. Texto publicado no livro *Fábula do Encontro*. Versos brancos e livres.

Crônica: “Momentos”. O cronista descreve diversos momentos em que coisas simples como uma rede, uma banheira com água quente e a visão de uma mulher lhe concedeu a paz e o descanso para o seu corpo e alma.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 216, 9 jun. 1956.

A poesia é necessária: “A hora íntima”, de Vinícius de Moraes. Versos brancos e livres.

Crônica: “O fiscal da noite”. Em uma noite, sozinho, deitado em uma rede na varanda de sua casa o cronista observa o céu. Discorre sobre as estrelas e o nascimento da lua durante a madrugada, agindo como um fiscal do céu.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poesia e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 217, 16 jun. 1956.

A poesia é necessária: “Pedido”, de Índia Rego, texto extraído do livro *Navio Fantasma*. Estrofes em quadras com rimas alternadas.

Crônica: “Bochorno”. O cronista discorre sobre um dia quente e quais são os seus planos para o final de semana (coisas simples e rotineiras).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 218, 23 jun. 1956.

A poesia é necessária: “Os loucos”, de Regina Simone. Versos brancos e livres.

Crônica: “O tédio da psicanálise”. O cronista discorre sobre os benefícios da psicanálise e faz analogias às conversas de bares regadas a muito álcool. Defende e incentiva o leitor a fazer sessões psicanalíticas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 219, 30 jun. 1956.

A poesia é necessária: “Ladeira noturna”, de Jorge Laclette. Versos brancos e livres.

Crônica: “Viagens”. O cronista opina que gostaria de viajar, ver pessoas e lugares diferentes, buscando esquecer por um momento os problemas do cotidiano. No entanto, o dólar alto o impede de realizar

esse desejo de passear por lugares distantes e se contenta em passear em Paquetá, Rio de Janeiro.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 220, 7 jul. 1956.

A poesia é necessária: “Soneto do olhar e da tarde”, de Carlos Moreira.

Crônica: “A língua do rádio”. O cronista discorre sobre o poder, que o rádio exerce de influenciar e manipular a população. Entre os inúmeros aspectos de persuasão está o de moldar e inserir palavras, algumas distantes do repertório do cotidiano de seus ouvintes.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 221, 14 jul. 1956.

A poesia é necessária: “Salomé”, de Edelweiss Barcellos Mello. Versos heptassílabos.

Crônica: “Histórias”. Crônica histórica na qual o cronista discorre sobre um comandante alemão durante a segunda guerra e um português, Afonso de Albuquerque, membro do conselho de El-Rei. Ao estabelecer essa relação entre ambos, buscou mostrar que eles reuniam seus inimigos em templos e igrejas e ateavam fogo no local matando todos queimados.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 222, p.54-5, 21 jul. 1956.

A poesia é necessária: “Liturgia”, de Almeida Cousin. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Opiniões”. O cronista discorre sobre uma mulher, assunto de uma roda de conversa na qual os participantes emitiam fatos depreciativos em relação a ela. No entanto, o escritor agiu ao contrário, elogiou e a defendeu, pouco se importando com a opinião dos demais.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna. O desenho da crônica remete a estrutura *mise en abyme*.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 223, p.60-1, 28 jul. 1956.

A poesia é necessária: “Rosa triunfal”, de João Mesquita Valença. Versos brancos e livres.

Crônica: “Praia de manhã”. O cronista opina que prefere ir à praia no período da manhã, momento em que não há muitos banhistas. Critica o hábito dos cariocas moradores de Copacabana e Ipanema, que vão dormir cedo e relutam ir à praia bem cedinho.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 224, p.66-7, 4 ag. 1956.

A poesia é necessária: “Que esperam as bocas que não maldizem”, de Yone de Sá Motta. Soneto.

Crônica: “Figuras”. O cronista em uma crônica surrealista discorre sobre inúmeras obras de arte presentes em sua casa e, como num passe de mágica, as pinturas ganham vida e começam a interagir umas com as outras, passeando e visitando diversos lugares.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 225, p. 66-7, 11 ag. 1956.

A poesia é necessária: “Onde paira a canção recomeçada”, de Mário Faustino. Estrofe bárbara composta por versos predominantemente decassílabos.

Crônica: “O crime não compensa”. Crônica com denúncia social. Um ônibus foge ao colidir com o carro de um amigo de Braga. Fruto da colisão, o pára-choque do coletivo escapa e cai na rua. O proprietário do veículo vai até a delegacia fazer um boletim de ocorrência. Ao informar o histórico do acidente o escrivão alega que não vai providenciar as devidas diligências, pois não houve morte envolvendo a ação. O cronista implicitamente denuncia o descaso da polícia em relação a certas ocorrências.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 226, p. 66-7, 18 ag. 1956.

A poesia é necessária: “Súplica”, de Geraldo Azevedo. O poema aparece tanto nesta seção quanto na ilustração de Carlos Thiré. Versos brancos e livres composto por estrofe bárbara.

Crônica: “Um cartão”. O cronista discorre sobre um fim de tarde e disserta a respeito de passarinhos. Além disso, relata ter ficado muito feliz ao receber um cartão de Paris de uma amiga muito querida.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 227, p. 66-7, 25 ag. 1956.

A poesia é necessária: “Poema”, de Pierre Santos. Estrofes em quadras.

Crônica: “O desaparecido”. O cronista discorre sobre um passarinho que fugiu de uma gaiola em seu apartamento. Um pássaro muito estimado por Braga, uma vez que ele descreve minuciosamente as características físicas da ave bem como a sua rotina.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 228, p. 60-1, 1 set. 1956.

A poesia é necessária: “Berimbau”, de Cassiano Ricardo. Texto publicado no livro *O arranha-céu de vidro*. Versos brancos e livres.

Crônica: “O sino de ouro”. O cronista relata a história de um pequeno e pobre vilarejo de Goiás. Nele existe uma igreja com um sino de ouro. Braga associa a religiosidade e a simplicidade da população ao

objeto de metal nobre. Destaca poeticamente que os sons produzidos pelo sino servem para amainar as dores deste desprovido e sofrido povoado. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 229, p.66-7, 8 set. 1956.

A poesia é necessária: “O sono”, de Eloy Silveira Reis. Composto por versos brancos e livres.

Crônica: “O caderno”. O cronista encontra um antigo caderno, datado de 1930, com anotações do tempo em que cursava a faculdade de Direito. Há, na crônica, diversos excertos (notas) sobre pensamentos de intelectuais da área jurídica. Ao final do texto, aponta que, ao recordar essas anotações, vai além do conteúdo das disciplinas jurídicas, pois rememora este período difícil, marcado por perdas políticas e familiares.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 230, p. 64-5, 15 set. 1956.

A poesia é necessária: “Saudações a Vinicius de Moraes”, de Manuel Bandeira. Poema em prosa publicado no *Jornal do Brasil*.

Crônica: “Onda de azar”. O cronista afirma que está vivendo um período no qual somente coisas ruins estão acontecendo. Afirma estar com alguma “urucubaca”, se compara a um *dalit* e procura de todas as formas acabar com essa onda de azar.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 231, p. 64-5, 22 set. 1956.

A poesia é necessária: “Eva matutina”, de Cassiano Ricardo. Soneto com rimas alternadas.

Crônica: “A bomba de hidrogênio”. Neste texto Rubem Braga imagina o que faria se soubesse que dentro de cinco minutos uma bomba atômica seria lançada sobre a cidade do Rio de Janeiro. Discorre sobre inúmeras hipóteses e, por fim, afirma que se juntaria à multidão presente nas ruas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 232, 29 set. 1956.

A poesia é necessária: “Um pai na Inglaterra à filha na América”, de George Baker. Tradução de Mozart Janot Júnior. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Cadernos de guerra”. O cronista discorre sobre fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. Primeiramente escreve sobre o caso de uma garotinha de seis anos que passeia com a mãe e um soldado. Após narrar sobre essa cena, há uma mudança drástica no texto e o escritor relata, em progressão histórica e cronológica, a partir

de pequenos enunciados, fragmentos de uma intervenção que provavelmente seria da Força Expedicionária Brasileira.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 233, p.68-9, 6 out. 1956.

A poesia é necessária: “XVIII”, de Shakespeare. Soneto.

Crônica: “A tua lembrança”. A partir de um tom poético e melancólico, o cronista relembra com saudade de uma mulher, alguém de quem tanto gostou e amou.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 234, p.16-7, 13 out. 1956.

Crônica: “Carrossel”. Nesta crônica, Rubem Braga estabelece relações dialógicas ao apresentar excertos do poema de Paul Verlaine “Tournez, tournez, bons chevaux de bois”. Também discorre liricamente sobre um carrossel que presenciou na infância na qual uma moça incorporou-se junto a um cavalo, tornando-se uma espécie de centauro. Crônica poética.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 235, 20 out. 1956.

Poesia é necessária: “Poema”, Neita Lex. Poema composto por estrofe em sextilha.

Crônica: “A chuva”. Crônica com crítica social. Neste texto o cronista discorre sobre um dia de chuva no qual todos ficam protegidos em suas casas. Aponta que uma mulher juntamente com seu filho foi pedir abrigo a sua casa, pois não tinha para onde ir e o que comer. Após esse incidente, Rubem Braga disserta sobre o mundo injusto socialmente no qual vive.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 236, 27 out. 1956.

Poesia é necessária: “Paráfrase dialogada de uma figura de Milton Dacosta”, de Lélia Coelho Frota. Poema em prosa.

Crônicas: Apresenta duas crônicas. “Sudoeste”. O cronista demonstra grande domínio e conhecimento sobre os ventos. Critica Jorge Amado, que em uma de suas obras narrou uma tempestade em alto mar de modo equivocado, pois os ventos presentes em sua narrativa eram descabidos. “Amor, Amor”. O cronista retira dados publicados nos jornais e constrói seu texto a partir de fatos insólitos, como um homem que, ao sofrer uma desilusão amorosa, atea fogo a seu próprio corpo e, também, uma mulher que empurra o marido e este morre ao bater a cabeça em uma pedra.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências às crônicas da coluna.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 237, p.68-9, 3 nov. 1956.

Poesia é necessária: “Animula”, de T. S. Eliot. Tradução de Geir Campos. Poema em prosa.

Crônica: “Mar, mulher, etc.”. Crônica poética na qual o escritor divaga em muitos pensamentos ao empregar ideias abstratas sobre a contemplação do mar e das mulheres, dois temas recorrentes presentes em diversas crônicas escritas por ele.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 238, 10 nov. 1956.

Poesia é necessária: “Rondó do tempo sem tempo”, de Hélio Pellegrino. Estrofe bárbara composta por versos brancos e livres.

Crônica: “Passeio no cemitério”. O escritor passeia por um cemitério francês. Assume um tom extremamente descritivo e discorre sobre alguns túmulos; entre eles, os do poeta Baudelaire e do casal Pigeon.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica de Rubem Braga.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 239, p. 68-9, 17 nov. 1956.

Poesia é necessária: “O pranto ao limiar”, de Clóvis Ramos. Poema estruturado por estrofes em oitavas.

Crônica: “Cultura de Almanaque”. O escritor discorre sobre diversas informações que leu nos almanaques. Aponta que se sente útil e feliz ao ler essas informações e, que, à noite, o ajudam a dormir e ter diversos sonhos.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica de Rubem Braga.

Manchete. Rio de Janeiro. n. 240, 24 nov. 1956. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 241, p. 68-9, 1 dez. 1956.

Poesia é necessária: “E daí”, de W. B. Yeats. Tradução de Oswaldino Marques. Poema composto por estrofes em quintetos.

Crônica: “O espanhol da Lapa”. Em um bar na Lapa, o cronista está juntamente com um colega. No local, as mulheres presentes e o garçom afirmam que o amigo de Braga era muito semelhante a um homem que frequentava o bar, apelidado por “espanhol”, que já havia falecido.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 242, p.50-1, 8 dez. 1956.

Poesia é necessária: Três Canções de Juan Ramón Jiménez: “Pavilhão”, poema em dísticos. “O tesouro”, poema em tercetos, “A viagem definitiva”, poema em versos brancos e livres.

Crônica: “A oferenda”. O cronista discorre sobre uma mulher negra que fez uma oferenda a Iemanjá atirando rosas brancas ao mar. Após a

religiosa ter jogado as flores, o cronista foi até o local onde elas estavam expostas e levou para casa dois botões de rosa.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 243, 15 dez. 1956.

Poesia é necessária: “Noite clara”, de Dora Vasconcellos. Poema composto por estrofes em quadras.

Crônica: “O apaixonado”. O cronista narra o encontro com um amigo perdidamente apaixonado em uma mesa de bar. O seu colega confessou a Braga que mandara muitos telegramas à amada. A partir disto, o escritor faz inúmeras elucubrações de que maneira a mulher poderia interpretar ao receber estas mensagens.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 244, p. 68-9, 22 dez. 1956.

Poesia é necessária: “Soneto IX”, de Campos Figueiredo. Versos brancos e livres.

Crônica: “A corrente de poesia”. Rubem Braga recebe uma carta anônima com uma “corrente”. Esta consistia em mandar a seis pessoas um poema de Pablo Neruda anonimamente. O escritor cita diversos versos de Neruda ao longo da crônica e afirma que tem a intenção de quebrar esta corrente e não enviar os textos.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 245, p. 68-9, 29 dez. 1956.

Poesia é necessária: “O poema do amigo”, de Mário Quintana. Composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Os novos”. O cronista discorre sobre a nova geração de escritores pós-45. Aponta que há espaço para todos e ressalta que o tempo vai, aos poucos, selecionando os bons escritores dos medíocres. Crônica metalinguística.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (crônica e poesia).

1957

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 246, 5 jan. 1957.

A poesia é necessária: “Ano Novo”, de Maria Teresa Wuillaume. Poema composto por versos brancos e livres. Texto publicado no livro “Colinas”.

Crônica: “Lembranças”. O cronista relembra fatos cívicos do passado quando criança. Ao discorrer sobre esses eventos, aponta que sempre haverá divergência de opinião política entre as pessoas, independente do local em que ela ocorra. Texto recolhido nos volumes *Crônicas do Espírito Santo* e *A traição das elegantes*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 247, 12 jan. 1957.

A poesia é necessária: “Soneto para Di Cavalcante”, de Augusto Frederico Schmidt.

Crônica: “Janela”. Através da janela de um apartamento, em uma noite de natal, o cronista observa no prédio ao lado uma família que provavelmente estava pronta para sair e celebrar a ceia natalina. Há a descrição minuciosa das ações desta família pelo apartamento. O cronista atua como um intruso, *voyeur*, algo que ele próprio reconhece.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 248, p.48, 19 jan. 1957.

A poesia é necessária: “Pobre menino rico”, de Stella Leonardos. Poema em prosa composto por estrofes em tercetos.

Crônica: “A fazenda do Frade”. Na crônica, Rubem Braga retorna a uma antiga propriedade rural que pertenceu a seu avô. Relembra pessoas e ações que lá ocorreram. O cronista emprega o tom saudosista e melancólico recheado de vozes do passado. Texto recolhido no volume *A traição das elegantes* com o título de “Na fazenda do Frade” (nessa edição foram suprimidos os dois primeiros parágrafos da crônica publicada na coluna de Rubem Braga).

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 249, p.22, 26 jan. 1957.

A poesia é necessária: “La figlia che piange”, de T. S. Eliot. Tradução de Paulo Mendes Campos. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “O dia ruim”. Neste texto o cronista reclama de inúmeras coisas e pessoas que encontra pela rua. Demonstra mau humor e irritação, reflexos da solidão, algo que exterioriza implicitamente no último parágrafo.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 250, p.31, 2 fev. 1957.

A poesia é necessária: “Febre Marinha”, de John Masefield. Tradução de Oswaldino Marques. Composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Pintura”. O cronista se investe como crítico de arte e faz considerações a respeito da análise de pinturas. Critica o artista que se prende a um movimento artístico e, muitas vezes, é “impedido” de percorrer e se aventurar em outras estéticas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 251, p.48, 9 fev. 1957.

A poesia é necessária: “A fonte”, de Flávia Maria. Texto publicado no livro *Tempo recomeçado*. Composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Um senhor”. Em um passeio pelo Jardim Botânico o cronista encontra um senhor de preto com semblante triste e carrancudo. Durante o passeio, o escritor estabelece o contraste entre a beleza e as cores do local com a figura taciturna do homem de preto que ficou no local por pouquíssimo tempo.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 252, 16 fev. 1957.

A poesia é necessária: “Fonte primitiva”, de Cyro Pimentel. Texto publicado no livro *Signo terrestre*. Composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Lembrança”. O cenário apresentado pelo cronista remete a um local composto por pessoas com poucos recursos financeiros. Há tristeza e irritabilidade por parte do enunciador, que descreve o ambiente e as pessoas em um estilo próximo aos escritores hiperrealistas.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 253, p.47, 23 fev. 1957.

A poesia é necessária: “Estrofes”, de Rainer Maria Rilke. Tradução de Geir Campos. Duas estrofes, a primeira com sete versos e a segunda com seis.

Crônica: “A praça”. O cronista se dirige a uma mulher e narra todo cenário caótico pelo qual estava composta a praça, Martim Afonso, em Niterói. Contextualiza o leitor a partir de uma descrição desordenada sobre o local. Texto recolhido na obra *A borboleta amarela*.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 254, p.29. 2 mar. 1957.

A poesia é necessária: “Uma alvorada nós seremos”, de Moniz Bandeira, composto por versos brancos e livres.

Crônica: “A árvore”. O texto descreve a árvore de uma amiga do cronista que está padecendo na Gávea. Sensibilizado, o escritor procura um botânico e, após ouvir os conselhos, sai à procura de sulfato de ferro pelas farmácias cariocas, mobilizando alguns farmacêuticos que também se solidarizaram com a doença do flamboyant e buscavam a todo custo salvá-lo.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Manchete. Rio de Janeiro. n. 255, 9 mar. 1957. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 256, p.48, p.29. 16 mar. 1957.

A poesia é necessária: “Fraga e sombra”, de Carlos Drummond de Andrade. Soneto.

Crônica: “Terça-feira gorda”. O cronista aborda uma terça-feira de carnaval. No texto é possível notar as características específicas dos carnavais daquela época a partir da descrição do escritor. Trata-se de uma atmosfera construída no texto com ingredientes como bebida alcoólica, lança-perfume, sambas e mulheres.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 257, p.60. 23 mar. 1957.

A poesia é necessária: “Encontro”, de Carlos Drummond de Andrade. Soneto.

Crônica: “Flores de papel”. O texto conta a história de uma socialite que viveu durante um tempo o ostracismo, afastada da mídia e dos altos círculos sociais. Quando voltou a ser requisitada e paparicada, soube separar as amizades entre aqueles que nunca a esqueceram dos novos ou “ressuscitados” amigos. Texto publicado novamente no jornal *Estado de São Paulo*, em 1989. O texto foi recolhido na obra *Um cartão de Paris*, com o título “Uma senhora de sorriso triste”.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 258, p.49. 30 mar. 1957.

A poesia é necessária: “Ars poética”, de Augusto Frederico Schmidt. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Amar de longe”. Nesta crônica o escritor não recomenda amar a distância, pois o amor deve ser vivido cotidianamente, intensamente e não ser relegado a papéis (cartas) que não conseguem transmitir de imediato os desejos e anseios dos amantes.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 259, 6 abr. 1957.

A poesia é necessária: “Uma canção de gueixa”, anônimo. Tradução de Guilherme de Almeida. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Despedida”. O cronista descreve de modo lírico e muito sensível a paisagem que vislumbra de seu apartamento juntamente com uma mulher que o torna feliz e apaixonado.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Manchete. Rio de Janeiro. n. 260, 13 abr. 1957. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 261, 20 abr. 1957.

A poesia é necessária: “O tocador de clarineta”, de Cassiano Ricardo. Texto publicado na obra *Poesias Completas*. Poema composto por estrofes em sextilhas.

Crônica: “Os amantes e a praça”. Em uma grande praça pública o cronista narra o movimento do local. Observa cenas repetidas, numa espécie de *déjà vu*, entre elas, o encontro de uma mulher casada com o seu amante.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Manchete. Rio de Janeiro. n. 262, 27 abr. 1957. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 263, 4 de maio 1957.

A poesia é necessária: “Segunda canção do peregrino”, de Guilherme de Almeida. Poema composto por estrofes em tercetos.

Crônica: “O potentado”. Em um tom de ironia o cronista escreve uma pequena crônica na qual concede enfoque para o fato de seu apartamento nunca ter água e, quando há, ironicamente sente-se muito rico. Implicitamente ressalta ao leitor que, se tal precariedade acontece em um bairro nobre da capital brasileira, nos leva a indagar sobre a pobreza e as dificuldades enfrentadas pela população das demais localidades do país.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 264, 11 de maio 1957.

A poesia é necessária: “Moringa”, de Stella Leonardos. Texto publicado no livro “Pedra no lago”.

Crônica: “As luvas pretas”. Neste texto o cronista relata o encontro casual que teve em seu apartamento com uma moça misteriosa. No dia do encontro, a mulher esqueceu suas luvas na casa do escritor que posteriormente as achou atrás de alguns livros. Texto recolhido nas obras *Crônicas para Jovens* e *Ai de ti, Copacabana* com o título de “As luvas”.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro. n. 265, 18 de maio 1957.

A poesia é necessária: “A companheira”, de Santos Moraes. Texto publicado no livro *Tempo e Espuma*. Soneto.

Crônica: “O canoeiro”. O cronista está a bordo de um navio e descreve as diversas classes sociais que estão inseridas na embarcação, esmiuçando a respeito das peculiaridades de cada uma. Texto recolhido na obra *O conde e o passarinho* com o título de “Noturno de bordo”; publicado na revista suprimiu um trecho da crônica publicada na coletânea.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 266, 25 de maio 1957.

A poesia é necessária: “Quem sou eu”, de Emílio Moura. Texto publicado no livro *O espelho e a musa*. Poema composto por versos brancos e livres.

Crônica: “Mar e amor”. Nesta crônica, o escritor responde a uma carta de um amigo que dizia estar triste. O cronista desdenha da tristeza do amigo e mostra que a dele é muito pior, pois construíram prédios em frente ao seu apartamento e, com isso, obstruíram a sua vista do mar, algo que tanto ama e admira.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 267, 1 de jun. 1957.

A poesia é necessária: “Dá surpresa de ser”, de Fernando Pessoa. Texto publicado no livro *Antologia*, da Agir Editora. Poema composto por estrofes em quartetos.

Crônica: “Há momentos”. O cronista, em primeira pessoa, demonstra-se melancólico e triste frente aos relacionamentos amorosos tanto seus quanto dos outros. Afirmar que muitos casais não são felizes, apenas estão juntos por puro comodismo.

Ilustração: “Carlos Thiré”. As ilustrações em preto e branco fazem referências aos textos da coluna (poema e crônica).

Manchete. Rio de Janeiro. n. 268, 8 jun. 1957. Rubem Braga não publicou sua coluna nessa edição.

Braga, Rubem. Leitor em manchete. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 269, 15 de jun. 1957.

Nota: O cronista não publicou nesta edição. No entanto, a revista apresenta uma nota na coluna “Leitor em manchete”, na qual um leitor afirma que um escritor como Rubem Braga não tem o direito de ter preguiça e deve ser assíduo em sua coluna. A nota apresenta uma fotografia, *portrait* em preto e branco, do escritor.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 270, 22 de jun. 1957.

A poesia é necessária: “Soneto”, de Macedo Miranda. Soneto.

Crônica: “Os literatos são assim”. Crônica metalinguística na qual o escritor expõe conversas que teve com outros escritores sobre o ato de escrever.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência à crônica.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 271, p.63, 29 de jun. 1957.

A poesia é necessária: “Na sacada barroca”, de Anibal Machado. Texto publicado na obra “Poemas em prosa”. Poema em prosa.

Crônica: “Lições de coisas, pequenas notas e moral: não se afobem”. A crônica é composta por ideias que não estabelecem uma relação coesiva e clara. São assuntos esparsos nos quais o escritor aponta o fato e tece comentários a respeito.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência ao poema.

Braga, Rubem. De Rubem Braga. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 272, 6 de jul. 1957.

A poesia é necessária: “Sim, amarei meus tormentos”, de Di Cavalcanti. Soneto.

Crônica: “A história maravilhosa”. O cronista afirma que gostaria muito de escrever a história mais engraçada do mundo. Assim, esse texto deveria espalhar-se ao redor do mundo, sendo recontado diversas vezes. O intuito desta crônica serviria para amainar as tristezas e infelicidades que surgem no decorrer da vida.

Ilustração: “Carlos Thiré”. A ilustração em preto e branco faz referência ao poema.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

-A-

ALBERTI, Rafael - 7 jan. 1956.

ALBUQUERQUE, Afonso de - 14 jul. 1956.

ALENCAR, José de - 14 nov. 1953.

ALMEIDA, Bernardo Coelho de - 19 maio. 1956.

ALMEIDA, Francisco Martins de - 29 ag. 1953.

ALMEIDA, Guilherme de - 7 ag. 1954; 13 nov. 1954; 20 nov. 1954; 11 dez. 1954; 21 maio. 1955; 6 abr. 1957; 4 de maio 1957.

ALMEIDA, Jubileu de - 3 dez. 1955.

ALMEIDA, Murilo - 4 fev. 1956.

ALPHONSUS, João - 25 set. 1954; 23 jul. 1955.

ALVARENGA, Glauro - 24 dez. 1955.

ALVARENGA, Octávio Mello - 2 jun. 1956.

ALVES, Ataulfo - 12 jun. 1954; 31 jul. 1954.

ALVES, Castro - 4 dez. 1954.

ALVES, Oswaldo - 24 mar. 1956.

AMADO, Gilberto - 8 ag. 1953; 26 fev. 1955.

AMADO, Jorge - 27 out. 1956.

ANAHORY, Eduardo - 1 ag. 1953; 8 ag. 1953; 15 ag. 1953; 22 ag. 1953; 5 set. 1953; 12 set. 1953; 19 set. 1953; 26 set. 1953; 3 out. 1953; 10 out. 1953; 17 out. 1953; 24 out. 1953; 31 out. 1953; 7 nov. 1953; 14 nov. 1953; 21 nov. 1953; 28 nov. 1953; 5 dez. 1953; 12 dez. 1953; 19 dez. 1953; 26 dez. 1953; 2 jan. 1954; 9 jan. 1954; 6 fev. 1954; 13 fev. 1954; 20 fev. 1954; 27 fev. 1954; 6 mar. 1954; 13 mar. 1954; 20 mar. 1954; 3 abr. 1954; 10 abr. 1954; 17 abr. 1954; 24 abr. 1954; 1 maio. 1954; 8 maio. 1954; 15 maio. 1954; 22 maio. 1954; 29 maio. 1954; 5 jun. 1954; 12 jun. 1954; 19 jun. 1954; 26 jun. 1954; 3 jul. 1954; 17 jul. 1954; 24 jul. 1954; 31 jul. 1954; 7 ag. 1954; 14 ag. 1954; 21 ag. 1954; 28 ag. 1954; 11 set. 1954; 18 set. 1954; 25 set. 1954; 2 out. 1954; 9 out. 1954; 30 out. 1954.

ANCHIETA, José de - 28 nov. 1953.

ANDRADE, Carlos Drummond de - 23 jan. 1954; 8 jan. 1955; 16 mar. 1957; 23 mar. 1957.

ANDRADE, Djalma - 30 jul. 1955.

ANDRADE, Mário de - 7 nov. 1953;
 ANDRADE, Oswald de - 10 abr. 1954.
 ANDRADE, Rodrigo M. F. de - 22 ag. 1953.
 ARAÚJO, Laís Corrêa de - 12 maio. 1956.
 ARAÚJO, Nepomuceno de - 6 mar. 1954.
 ARINOS, Afonso - 20 nov. 1954.
 AUSTREGÉSILO, Tereza - 5 set. 1953.
 AUTUORI, Leônidas - 24 set. 1955
 AZEVEDO, Geraldo - 18 ag. 1956.

-B-

BANDEIRA, Manuel - 5 set. 1953; 17 out. 1953; 21 nov. 1953; 5 dez. 1953; 6 fev. 1954; 6 mar. 1954; 19 jun. 1954; 26 jun. 1954; 17 jul. 1954; 18 dez. 1954; 25 dez. 1954; 1 jan. 1955; 15 jan. 1955; 19 nov. 1955; 7 jan. 1956; 15 set. 1956;
 BANDEIRA, Antônio Rangel - 5 fev. 1955.
 BANDEIRA, Antonio - 5 dez. 1953.
 BANDEIRA, Moniz - 2 mar. 1957.
 BAPTISTA, Wilson - 7 ag. 1954.
 BARBOSA, Francisco de Assis - 29 ag. 1953.
 BARBOSA, Haroldo - 16 abr. 1955.
 BARBOSA, Marcos D. - 14 jan. 1956.
 BARRENECHEA, Júlio - 30 jul. 1955.
 BARROS, Manoel de - 24 mar. 1956.
 BARROSO, Ari - 18 set. 1954.
 BARROSO, Ary - 15 jan. 1955.
 BARROSO, Ivo - 6 mar. 1954.
 BASTOS, J. - 7 jan. 1956.
 BATISTA, Wilson - 31 jul. 1954.
 BAKER, George - 29 set. 1956.
 BAUDELAIRE, Charles - 10 nov. 1956.
 BENTO, Antônio - 22 ag. 1953.
 BILAC, Olavo - 8 jan. 1955.
 BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du - 16 abr. 1955.

BONDESAN, Altino - 31 dez. 1955.

BOPP, Raul - 19 set. 1953; 21 jan. 1956; 28 jan. 1956.

BORBA, Osório - 24 jul. 1954.

BOTTO, Antônio - 2 abr. 1955.

BRAGA, Edgard - 20 mar. 1954; 10 set. 1955.

BRITO, Chico - 2 jul. 1955.

BRITO, Maria da Silva - 29 jan. 1955.

BULCÃO, Athos - 14 ag. 1954.

BURLÁ, Eliezer - 5 nov. 1955.

-C-

CABRAL, Antônio - 14 maio. 1955.

CABRAL, Mario - 19 set. 1953.

CALDAS, Antônio Pereira de Sousa - 14 ag. 1954.

CALDAS, Silvio - 24 abr. 1954.

CALLADO, Antônio - 5 jun. 1954.

CAMPOS, Geir - 29 ag. 1953; 6 mar. 1954; 14 abr. 1956; 3 nov. 1956; 23 fev. 1957.

CAMPOS, Paulo Mendes - 5 dez. 1953; 27 fev. 1954; 17 jul. 1954; 28 ag. 1954; 20 ag. 1955; 26 jan. 1957.

CAMUS, Albert - 8 ag. 1953.

CARDOSO, Adauto Lúcio - 10 set. 1955.

CARDOSO, Elizete - 3 jul. 1954; 31 jul. 1954.

CARDOSO, Lúcio - 31 mar. 1956.

CARDOZO, J. - 4 fev. 1956.

CARDOZO, Joaquim - 10 out. 1953.

CARILLO, José - 5 maio. 1956.

CARNEIRO, Mário de Sá - 16 out. 1954.

CARNEIRO, Paulo - 13 nov. 1954.

CARVALHO, Ronald de - 12 dez. 1953; 5 nov. 1955;

CARYBÉ, Hector Julio Paridé Bernabó - 29 ag. 1953; 10 out. 1953; 6 fev. 1954; 12 fev. 1955.

CARVALHO, A. Herculano de - 24 jul. 1954.

CASTRO, Josué de - 26 set. 1953.

CASTELO BRANCO, Carlos - 30 out. 1954.
 CASTELO-BRANCO, João Ruiz - 26 set. 1953.
 CAVALCANTI, Di - 5 dez. 1953; 18 set. 1954; 25 set. 1954; 12 jan. 1957; 6 de jul. 1957.
 CAVALCANTI, Homero Homem de Siqueira - 25 set. 1954.
 CAYMMI, Dorival - 22 maio. 1954; 18 set. 1954; 31 mar. 1956.
 CESCHIATTI, Alfredo - 31 out. 1953.
 CHAPLIN, Charles - 5 set. 1953.
 CHATEAUBRIAND, Assis - 2 jan. 1954; 23 abr. 1955.
 CHATEAUBRIAND, Fred - 23 abr. 1955.
 CHAVES, Aloisio - 17 set. 1955.
 CHAVES, Juca - 29 jan. 1955.
 CLAUDEL, Paul - 1 ag. 1953.
 COELHO, Mariza Pinto - 15 maio. 1954.
 CONDÉ, João - 26 set. 1953; 31 jul. 1954.
 CONDÉ, José - 16 jul. 1955.
 CORRÊA, Roberto Alvim - 26 dez. 1953.
 COSTA, Flávio - 26 mar. 1955.
 COSTA, Lúcio - 13 mar. 1954.
 COSTA, Maria Della - 1 jan. 1955.
 CORTESÃO, Maria da Saudade - 14 maio. 1955.
 COTRIN, Álvaro - 3 set. 1955.
 COUSIN, Almeida - 21 jul. 1956.
 COUTO, Ribeiro - 3 jul. 1954; 4 jun. 1955.
 CRULS, Gastão - 17 out. 1953.
 CUMMINGS, E. E.- 24 out. 1953; 5 dez. 1953; 2 jan. 1954; 6 mar. 1954.
 CUNHA, Sylvio da - 22 jan. 1955; 12 nov. 1955.

-D-

DACOSTA, Milton - 8 out. 1955; 27 out. 1956.
 D'AVILA, José Silveira - 11 fev. 1956.
 DAMASCENO, Darcy - 22 out. 1955.

DANTAS, P. - 24 nov. 1955.
 DOMINGUES, Edmir - 21 jan. 1956.
 DOYLE, Iracy - 9 abr. 1955.
 DUARTE, Nestor - 1 ag. 1953.
 DUARTE, Rui Costa - 21 abr. 1956.
 DUTRA, Agmar Murgel - 24 dez. 1955.

-E-

ELIOT, T. S - 5 mar. 1955; 3 nov. 1956; 26 jan. 1957.
 ETIENNE FILHO, João - 19 mar. 1955.

-F-

FARIA, José Escobar - 10 abr. 1954.
 FAUSTINO, Mário - 19 nov. 1955; 11 ag. 1956.
 FERREIRA, João Francisco - 1 maio. 1954.
 FERNANDES, Millor - 12 dez. 1953.
 FIGUEIREDO, Campos de - 26 mar. 1955; 22 dez. 1956.
 FIGUEREDO, Guilherme - 25 jun. 1955.
 FIGUEIREDO, Sérgio - 15 ag. 1953; 5 set. 1953
 FREITAS, Newton - 10 out. 1953.
 FROTA, Lélia Coelho - 27 out. 1956.

-G-

GALENO, Ricardo - 10 dez. 1955.
 GARCIA, Irineu - 17 mar. 1956.
 GARCIA, Marcelo - 17 abr. 1954.
 GARRETT, Almeida - 11 set. 1954.
 GARUTI, Luigi - 28 maio. 1955.
 GÉRALDY, Paul - 13 nov. 1954.
 GODOFREDO FILHO - 19 fev. 1955.
 GOELDI, Oswaldo - 25 set. 1954.

GOGLIANO, Oswaldo - 29 out. 1955.
GOMES, Eugênio - 3 mar. 1956.
GOMIDE, Paulo - 17 jul. 1954.
GONÇALVES, Eros - 4 dez. 1954.
GONZAGA, Tomás Antônio - 22 maio. 1954.
GOULART, Maurício - 12 fev. 1955; 5 mar. 1955.
GRACIANO, Clóvis - 8 maio. 1954.
GUILHON, Everardo - 6 ag. 1955.
GUIMARAENS, Alphonsus de - 12 jun. 1954; 11 jun. 1955.
GUIMARÃES, Ed - 11 fev. 1956.
GUIMARÃES, José Antônio Lima - 4 jun. 1955.
GULLAR, Ferreira - 22 maio. 1954; 25 set. 1954.

-H-

HOZKO, Irene - 18 dez. 1954.
HUIDOBRO, Vicente - 24 set. 1955.

-I-

IVO, Ledo - 2 abr. 1955; 8 out. 1955.

-J-

JANOT, Mozart Júnior - 29 set. 1956.
JATOBÁ, Luiz - 1 maio. 1954.
JIMÉNEZ, Juan Ramón - 21 nov. 1953; 8 dez. 1956.

-K-

KARAM, Francisco - 3 dez. 1955.

-L-

LACERDA, Carlos - 15 ag. 1953.

LACLETTE, Jorge - 30 jun. 1956.
 LACOMBE, G. - 12 fev. 1955.
 LEAL, Simeão - 8 ag. 1953.
 LEÃO, Danuza - 15 ag. 1953; 10 out. 1953.
 LEONARDOS, Stella - 19 jan. 1957; 11 de maio 1957.
 LEOPARDI, Giacomo - 24 jul. 1954.
 LEMOS, Fernando - 23 jan. 1954; 30 jan. 1954.
 LESSA, Adelaide P. - 1 out. 1955.
 LESSA, Elsie - 9 jan. 1954.
 LESSA, Lourdes - 6 fev. 1954.
 LESSA, Orígenes - 12 nov. 1955.
 LEX, Neita - 20 out. 1956.
 LEWGOY, José - 8 jan. 1955
 LIMA, Jorge de - 15 ag. 1953.
 LISBOA, Henriqueta - 3 set. 1955; 31 dez. 1955.
 LISPECTOR, Clarice - 25 set. 1954.
 LOBO, Fernando - 16 out. 1954; 13 ag. 1955
 LOPES, Lucas - 19 fev. 1955.
 LOPES, Mauro Borja (BORJALO) - 6 nov. 1954.
 LORCA, Federico Garcia - 26 jun. 1954; 28 ag. 1954; 21 jan. 1956;

-M-

MACHADO, Alcântara - 26 set. 1953.
 MACHADO, Aníbal - 24 out. 1953; 29 de jun. 1957.
 MACHADO, Maria Clara - 4 dez. 1954.
 MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo – 6 mar. 1954; 18 set. 1954.
 MALLARMÉ, Stéphane - 2 abr. 1955.
 MANZON, Jean - 23 out. 1954.
 MARIA, Antonio - 3 out. 1953
 MARIA, Flávia - 9 fev. 1957.
 MARQUES, Oswaldino - 24 abr. 1954; 1 dez. 1956; 2 fev. 1957.
 MARTELLI, Marília de Souza - 7 jan. 1956.
 MARTINS, Luís - 29 maio. 1954.

MARTINS JÚNIOR, Daniel - 6 mar. 1954.

MARUFO, Tisiana - 14 jan. 1956.

MARX, Burle - 13 fev. 1954.

MASEFIELD, John - 2 fev. 1957.

MATOS, Marco Aurélio - 21 maio. 1955.

MEIRELES, Cecília - 1 ag. 1953; 6 fev. 1954; 6 mar. 1954; 5 jun. 1954; 19 nov. 1955. 14 jan. 1956;

MELO. A da Silva - 1 ag. 1953.

MELLO, Edelweiss Barcellos - 10 dez. 1955; 14 jul. 1956.

MELLO, Thiago de - 24 nov. 1955; 28 jan. 1956.

MELO NETO, João Cabral de - 27 nov. 1954.

MENDES, Murilo - 31 jul. 1954.

MENEZES, Mansueto - 19 jun. 1954.

MEYER, Augusto - 26 dez. 1953.

MILANO, Atilio - 15 out. 1955.

MILANO, D - 27 ag. 1955; 24 set. 1955.

MILANO, Dante - 8 ag. 1953.

MILLET, Sérgio - 30 jan. 1954.

MIRANDA, Carmem - 12 jun. 1954.

MIRANDA, Francisco Sá de - 28 nov. 1953.

MIRANDA, Macedo de - 26 maio. 1956; 22 de jun. 1957.

MISTRAL, Gabriela - 2 jul. 1955; 13 ag. 1955; 3 set. 1955; 19 nov. 1955; 24 dez. 1955; 31 dez. 1955. 7 jan. 1956; 14 jan. 1956;

MORAES, Emanuel de - 6 nov. 1954.

MORAES, Santos - 18 de maio 1957.

MORAIS, Rubem Borba de - 22 ag. 1953.

MORAIS, Vinicius de - 3 out. 1953; 2 jan. 1954; 15 set. 1956; 11 set. 1954; 16 out. 1954; 17 set. 1955; 28 abr. 1956; 9 jun. 1956;

MOREIRA, Carlos - 7 jul. 1956.

MOREIRA, Edison - 9 jul. 1955.

MOREYRA, Alvaro - 11 dez. 1954.

MOTA, Mauro - 17 out. 1953.

MOTTA, Yone de Sá - 4 ag. 1956.

MOURA, Emílio - 13 fev. 1954; 9 abr. 1955; 25 de maio 1957.

MOURA, Reinaldo - 6 fev. 1954.

MÜLLER, Manuel Bernardes - 10 abr. 1954.

-N-

NADRUZ, Eduardo - 26 jun. 1954.

NÁJERA, Manuel Gutiérrez - 19 jun. 1954.

NAPOLEÃO, Martins - 16 jan. 1954.

NERUDA, Pablo - 6 ag. 1955; 22 dez. 1956.

NERY, Ismael - 18 set. 1954.

NIEMEYER, Oscar - 29 ag. 1953; 26 set. 1953;

NIEMEYER, Carlos - 2 out. 1954.

NOAILLES, Comtesse de - 7 ag. 1954.

NOGUEIRA, Raimundo - 1 out. 1955.

NUNES, Bené - 9 out. 1954.

-O-

OLIVEIRA, Antônio - 24 abr. 1954.

OLIVEIRA, Dalva - 31 jul. 1954.

OLIVEIRA, Felipe - 12 set. 1953.

OLIVEIRA, José Auto da Cruz - 20 ag. 1955.

OLIVEIRA, Moacyr F. de - 27 mar. 1954.

OLIVEIRA, Otávio Henrique de - 21 ag. 1954.

OLYMPPIO, José - 27 fev. 1954.

ORICO, Vanja - 15 maio. 1954.

ORNSTEIN, Oscar - 22 out. 1955.

-P-

PAES, José Paulo - 25 fev. 1956.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de - 8 maio. 1954.

PALATNICK, Abraão - 19 nov. 1955.

PANCETI, José - 14 abr. 1956.
 PAULISTANO, Luís D'Orléans - 7 maio. 1955.
 PEDROSA, José - 12 mar. 1955.
 PEDROSA, Mario - 30 jan. 1954.
 PENNAFORT, Onestaldo de - 6 fev. 1954; 6 mar. 1954; 9 out. 1954; 19 nov. 1955.
 PESSANHA, Camilo - 23 out. 1954.
 PESSOA, Fernando - 14 nov. 1953; 1 de jun. 1957.
 PIMENTEL, Cyro - 16 fev. 1957.
 PINTO, Luís Freitas - 15 out. 1955.
 PINTO, Marino - 31 jul. 1954; 16 out. 1954.
 PONS, Jean - 14 ag. 1954.
 PORTINARI, Candido - 14 ag. 1954; 18 set. 1954
 PRESTES, Luís Carlos - 5 mar. 1955.
 PRÉVERT, Jacques - 1 ag. 1953; 23 abr. 1955.

-Q-

QUINTANA, Mário - 22 ag. 1953; 17 mar. 1956; 29 dez. 1956;
 QUEIROZ, Carlos - 23 abr. 1955.
 QUEIROZ, Raquel de - 22 ag. 1953; 28 maio. 1955.
 QUENTAL, Antero de - 2 out. 1954; 30 abr. 1955.

-R-

RAMOS, Clóvis - 17 nov. 1956.
 RAMOS, Graciliano - 12 dez. 1953;
 RANGEL, Lúcio - 19 dez. 1953.
 REGO, Índia - 16 jun. 1956.
 REGO, José Lins do - 12 set. 1953; 24 out. 1953; 24 jul. 1954.
 REIS, Eloy Silveira - 8 set. 1956.
 RENAULT, Abgar - 19 dez. 1953; 29 out. 1955;
 RIBEIRO, Carlos - 18 jun. 1955.
 RIBEIRO, Julio - 9 jan. 1954.
 RIBEIRO, Zilco - 29 maio. 1954.

RICARDO, Cassiano - 13 mar. 1954; 5 mar. 1955; 1 set. 1956; 22 set. 1956; 20 abr. 1957.
 RIGONI, Luís - 23 jul. 1955.
 RILKE, Rainer Maria - 29 ag. 1953; 20 fev. 1954; 5 jun. 1954; 23 fev. 1957.
 ROBERTO, Maurício - 6 nov. 1954.
 ROCHA, Carlito - 11 jun. 1955.
 ROCHA, Pedro - 8 ag. 1953.
 RODRIGUES, Augusto - 16 jan. 1954.
 RODRIGUES, Nelson - 3 abr. 1954.
 RODRIGUES FILHO, Mário - 7 abr. 1956.
 RÔLA, Joaquim - 15 ag. 1953.
 ROMERO, Aberlardo - 30 out. 1954.
 RONAI, Paulo - 28 ag. 1954.
 ROSA, Guimarães - 15 ag. 1953; 14 nov. 1953;
 ROSA, Noel - 29 out. 1955.
 RUBIÃO, Murilo - 25 set. 1954.

-S-

SÁ-CARNEIRO, Mário de - 10 set. 1955.
 SABINO, Fernando - 16 jan. 1954; 30 out. 1954.
 SACHA, Rubim - 1 ag. 1953.
 SALDANHA, Heitor - 25 jun. 1955.
 SALVINI, Neni - 28 maio. 1955.
 SAMPAIO, Paulo - 20 mar. 1954.
 SAMPAIO, Silveira - 20 fev. 1954.
 SANCHES, Ilka - 17 abr. 1954.
 SANTOS, Hélio - 18 jun. 1955.
 SANTOS, Pierre - 25 ag. 1956.
 SCHIMIDT, Affonso - 16 jul. 1955.
 SCHIMIDT, Augusto Frederico - 27 mar. 1954; 12 jan. 1957; 30 mar. 1957.
 SERPA, Ivan - 17 dez. 1955.
 SERRAN, Ricardo - 27 ag. 1955.
 SHAKESPEARE, William - 6 out. 1956.
 SHAW, Bernard - 15 ag. 1953.

SILONE, Ignazio - 15 ag. 1953.
 SILVA, Domingues da - 3 abr. 1954.
 SILVEIRA, Joel - 31 out. 1953; 2 jan. 1954; 5 maio. 1956.
 SILVEIRA, Ruth - 15 ag. 1953.
 SIMONE, Regina - 23 jun. 1956.
 SOLEDADE, Paulo - 31 jul. 1954; 16 out. 1954.
 SOUSA, Fernando Tude de - 3 mar. 1956.b
 SOUSA, Pompeu de - 19 mar. 1955.
 SOUZA, Ruth de - 26 fev. 1955.
 STAMATO, Yonne - 17 dez. 1955.
 SUED, Ibrahim - 22 maio. 1954.

-T-

TELES, Lygia Fagundes - 5 fev. 1955.
 TERESA, Maria - 16 out. 1954; 23 out. 1954; 30 out. 1954.
 THIRÉ, Carlos - 27 mar. 1954; 27 nov. 1954; 18 dez. 1954; 25 dez. 1954; 1 jan. 1955; 8 jan. 1955; 15 jan. 1955; 22 jan. 1955; 29 jan. 1955; 5 fev. 1955; 12 fev. 1955; 19 fev. 1955; 26 fev. 1955; 5 mar. 1955; 12 mar. 1955; 19 mar. 1955; 26 mar. 1955; 2 abr. 1955; 9 abr. 1955; 16 abr. 1955; 23 abr. 1955; 30 abr. 1955; 7 maio. 1955; 14 maio. 1955; 21 maio. 1955; 28 maio. 1955; 4 jun. 1955; 11 jun. 1955; 18 jun. 1955; 25 jun. 1955; 2 jul. 1955; 9 jul. 1955; 16 jul. 1955; 23 jul. 1955; 30 jul. 1955; 6 ag. 1955; 13 ag. 1955; 20 ag. 1955; 27 ag. 1955; 3 set. 1955; 10 set. 1955; 17 set. 1955; 24 set. 1955; 1 out. 1955; 8 out. 1955; 15 out. 1955; 22 out. 1955; 29 out. 1955; 5 nov. 1955; 12 nov. 1955; 19 nov. 1955; 24 nov. 1955; 3 dez. 1955; 10 dez. 1955; 17 dez. 1955; 24 dez. 1955; 31 dez. 1955; 7 jan. 1956; 14 jan. 1956; 21 jan. 1956; 28 jan. 1956; 4 fev. 1956; 11 fev. 1956; 25 fev. 1956; 3 mar. 1956; 10 mar. 1956; 17 mar. 1956; 24 mar. 1956; 31 mar. 1956; 7 abr. 1956; 14 abr. 1956; 21 abr. 1956; 28 abr. 1956; 5 maio. 1956; 12 maio. 1956; 19 maio. 1956; 26 maio. 1956; 2 jun. 1956; 9 jun. 1956; 16 jun. 1956; 23 jun. 1956; 30 jun. 1956; 7 jul. 1956; 14 jul. 1956; 21 jul. 1956; 28 jul. 1956; 4 ag. 1956; 11 ag. 1956; 18 ag. 1956; 25 ag. 1956; 1 set. 1956; 8 set. 1956; 15 set. 1956; 22 set. 1956; 29 set. 1956; 6 out. 1956; 13 out. 1956; 20 out. 1956; 27 out. 1956; 3 nov. 1956; 10 nov. 1956; 17 nov. 1956; 1 dez. 1956; 8 dez. 1956; 15 dez. 1956; 22 dez. 1956; 29 dez. 1956; 5 jan. 1957; 12 jan. 1957; 19 jan. 1957; 26 jan. 1957; 2 fev. 1957; 9 fev. 1957; 16 fev. 1957; 23 fev. 1957; 2 mar. 1957; 16 mar. 1957; 23 mar. 1957; 30 mar. 1957; 6 abr. 1957; 20 abr.

1957; 4 de maio 1957; 11 de maio 1957; 18 de maio 1957; 25 de maio 1957; 1 de jun. 1957; 22 de jun. 1957; 29 de jun. 1957; 6 de jul. 1957.

TUDE, Fernando - 3 mar. 1956.

-V-

VALENÇA, João Mesquita - 28 jul. 1956.

VARGAS, Getúlio - 19 fev. 1955; 11 fev. 1956.

VARGAS NETO - 7 maio. 1955.

VASCONCELOS, Dora - 27 nov. 1954; 15 dez. 1956.

VASSALO, Luís - 21 abr. 1956.

VERLAINE, Paul - 13 out. 1956.

VIANA, Arízio de - 7 nov. 1953.

VIEIRA, Antônio - 19 mar. 1955.

VIEIRA, Renato Bastos - 31 dez. 1955.

VILLA LOBOS, Heitor - 18 set. 1954.

-W-

WAINER, Samuel - 2 jan. 1954.

WRIGHT, Chico - 30 abr. 1955.

WUILLAUME, Maria Teresa - 5 jan. 1957.

-Y-

YEATS, W. B. - 1 dez. 1956.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PERIÓDICAS

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1953-1957.

BIBLIOGRAFIA DE RUBEM BRAGA

BRAGA, RUBEM. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1977; 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953; 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *A cidade e a roça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957; 3. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1964.

_____. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967; 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960; 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *As boas coisas da vida*. Rio de Janeiro: Record, 1984; 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *Aventuras*. Seleção de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Record, 2000; 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Bilhete a um candidato & outras crônicas sobre política brasileira*. (org. Bernardo Buarque de Hollanda). Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. *Casa dos Braga: memória de infância*. Rio de Janeiro: Record, 1997; 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Crônicas do Espírito Santo*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1984; 3.ed. São Paulo: Global, 2013.

_____. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

_____. *Crônicas para jovens*. Seleção de Antonieta Cunha. São Paulo: Global, 2014.

_____. *Dois repórteres no Paraná*: Rubem Braga & Arnaldo Pedroso d'Horta. Imprensa Oficial do Paraná, 1953; 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

- _____. *Livro de versos*. Recife: Edições Pirata, 1980; 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. *O conde e o passarinho & Morro do Isolamento*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961; Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. *O homem rouco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949; Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- _____. *O lavrador de Ipanema: crônicas de amor à natureza*. Organização de Januária Cristina Alves e Leusa Araújo. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- _____. *O verão e as mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1986; 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. *Os melhores contos de Rubem Braga*. Seleção de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Global, 1985; 7. ed. São Paulo: Global, 1997.
- _____. *Os moços cantam & outras crônicas sobre música*. (org. Carlos Didier). Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. *Os segredos todos de Djanira & outras crônicas sobre arte e artistas*. (org. André Seffrin). Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. *Pequena Antologia do Braga*. Seleção de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Record, 1997; 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- _____. *Retratos parisienses*. Seleção de Augusto Massi. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- _____. *Recado de primavera*. Rio de Janeiro: Record, 1984; 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- _____. *Um pé de milho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948; 3. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.
- _____. *Uma fada no front*. Org. Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1994.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: Unesp, 2004.

ALI, Fatima. *A arte de editar revistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

AMARAL, Ricardo. *Ricardo Amaral apresenta: Vaudeville – Memórias*. São Paulo: Leya, 2010.

ANTONIO, Luciano. *A cidade de Rubem Braga: o espaço urbano nas crônicas*. Universidade Estadual de Londrina. 2010. 225 p. Dissertação (Mestrado) – Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, abril 2010.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção Visual: Uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ARRIGUCCI JR. Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Onde andaré o velho Braga? In: *Achados e Perdidos: ensaios de crítica*. São Paulo: Polis, 1979.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: teoria e prática*. 4.ed. São Paulo, Ática, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BATISTA, José Geraldo. *Casa dos Braga, de Rubem Braga: retratos de uma morte feliz*. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2006. 89 p. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Letras. Juiz de Fora, 2006.

_____. *Rubem Braga com a FEB na Itália: crônicas-reportagens, literatura da notícia*. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2012. 151 p. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Letras. Juiz de Fora, 2012.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENDER, Flora Christina. Teoria. In: BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (org.). *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BLOCH, Adolpho. *O pilão*. Rio de Janeiro: Bloch, 1978. v.1.

_____. *O pilão 2º*. Rio de Janeiro: Bloch, 1988. v.2.

BLOCH, Arnaldo. *Os irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BORGES, José António Brás. *Eduardo Anahory: percurso de um designer de arquitectura*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2010. 238 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto Superior Técnico. Lisboa, 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011. v.6.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1996.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 10.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e crítica*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Unicamp; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, Marco Antonio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Globo, 2007.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 1.

COUTINHO, Eduardo F. A crônica de Rubem Braga: os trópicos em palimpsesto. In: *Signótica*, v.18, 2006.

CUNHA, Edanne Madza de Almeida. *Rubem Braga: uma poética do cotidiano*. 2005. 118 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

DARBON, Sébastien. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne(org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Maria do Carmo Molina. *A crônica de Rubem Braga: exercício de sedução*. Universidade Estadual Paulista 1996. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 1996.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ECO, Umberto. Interpretação histórica. In: *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A poética da obra aberta. In: *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FABRINO, Ana Maria Junqueira. *Rubem Braga e a transfiguração do gênero: a crônica poética*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, out. 2001.

FELIZARDO, Alexandre Bonafim. *A graça poética do instante: poesia e memória na obra de Rubem Braga*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2006. 167 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

FIORIN, José Luiz; SALVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTA, Manoel Barros da (org.) *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2008.

FRANCHETTI, Paulo Elias Allane; PECORA, Antônio Alcir Bernardez. *Rubem Braga: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

GARGUREVICH, Juan. La cronica periodistica. In: *Nuevo Manual de Periodismo*. Lima: Causachum, 1987. p. 109-149.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. 9. ed. São Paulo: Escrituras, 2009.

GONÇALVES, José Esmeraldo; MUGGIATI, Roberto. A janela do Russel. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J.A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

GUIRADO, Maria Cecília. *Reportagem: a arte da investigação*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Um cético da política. In: BRAGA, Rubem. *Bilhete a um candidato & outras crônicas sobre política brasileira*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Rubem Braga*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 26, Cadernos de Literatura Brasileira, 2011.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix. 2010.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. 4. ed. São Paulo: Ática. 2004.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAURITO, Ilka Brunhilde. História. In: BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (org.) *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

LIMA, Aline Rezende de Almeida. *Uma poética da naturalidade: ecos de Manuel Bandeira nas crônicas de Rubem Braga*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. 107 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária, São Paulo, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

LOPES, Cícero Nicácio do Nascimento. *A grande dor das coisas que passaram: a recordação contemplativa na crônica de Rubem Braga*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. 216 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 2012.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A arte do conto*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MAIA, Marta Regina. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (orgs.), *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.), *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A, edição comemorativa do 25. Aniversário, 1977.

MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 1, 26 abr. 1952.

MANCHETE. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1952, ano 2, Segunda Seção, edição nº264, p.2.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARIA, Luiza de. *O que é conto*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MASSI, Augusto. *Chez Braga*. In: BRAGA, Rubem. *Retratos parisienses*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MELO, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MELO, José Marques. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.) *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 139-154.

MILANESI, Vera Márcia Paráboli Silva Vidigal. *Poética da crônica de Rubem Braga*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 1995. 347 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 1995.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 9.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MOLERO, Érico. *Carlos Thiré*. 2010. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/carlos-thire/7058>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

MONTENEGRO, Érica. *Gervásio Baptista: o primeiro-fotógrafo. Aventuras na História*. 2008. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/gervasio-baptista-primeiro-fotografo-436292.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

MORAES, Lygia Marina. *Conheça o escritor brasileiro Rubem Braga: textos para estudantes com exercícios de compreensão e debate*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura* (SBPC), São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan.-mar. 2007.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NISKIER, Arnaldo. *Memórias de um sobrevivente: a verdadeira história da ascensão e queda da Manchete*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OLIVEIRA, Joana Leopoldina de Melo. *Os espaços poéticos de um cronista contador*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009. 121 p. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós-graduação Estudos da Linguagem, Natal, 2009.

PATRINI, Maria de Lourdes. *Rubem Braga: um cronista de guerra e paz*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991. 236 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

PENA, Felipe. *Seu Adolpho: uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, fundador da TV e da Revista Manchete*. Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2010.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes, 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: *Dimensões I: o livro e a perspectiva crítica literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977; p. 81-87.

RIBEIRO, Carlos. *Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga*. Salvador: EDUFBA, 2001.

RODRIGUES, Tchiago Inague. *Rubem Braga: a simbiose jornalística e literária*. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2012. 120 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O poeta Rubem Braga. In: BRAGA, Rubem. *Livro de versos*. 3. ed. São Paulo: Record, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, Etienne(org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Ricardo Luis Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. 216 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SEFFRIN, André. (org.) *A poesia é necessária*. In: BRAGA, Rubem. *A poesia é necessária*. São Paulo: Global, 2015.

_____. A boa crítica de arte o que é, senão um ato de amor? In: BRAGA, Rubem. *Os segredos todos de Djanira & outras crônicas sobre arte e artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Ana Paula Ramão da. *Imagens do mar nas crônicas de Rubem Braga*. Universidade Estadual de Londrina. 2005. 168 p. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, jun. 2005.

SIMON, Luis Carlos Santos. *Duas ou três páginas desprentensiosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: Eduel, 2011.

SILVA, Silvana Louzada da. *Fotojornalismo em revista: O fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete nos governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart*. Niterói. Universidade Federal Fluminense, 2004, 196 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes e Comunicação Social. Niterói, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 7. ed. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Ana Maria. *No doce das crônicas de Rubem Braga, o testemunho de um narrador de alguns fatos de 1964 a 1967, nas páginas da revista Manchete*. Universidade de São Paulo 2012. 208 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das correspondências. In: *TERESA* Revista de Literatura Brasileira/área de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 8/9, p. 372-389, 2008.

VERGARA, Anelize. *Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939)*. Universidade Estadual Paulista. 2014. 164 p. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

VILAS BOAS, Sergio. *Perfis e como escrevê-los*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

VILLANUEVA CHANG, Julio. O crítico de pessoas. *Globo*, 2010. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/o-critico-de-pessoas-305126.html>>. Acesso em 21: abr. 2016.